

Pelos espíritos:
Joseph Gleber
Ishmael ben Gurion
Adolph Fritz
Frei Tomás
Pai Benedito
Pai João de Aruanda e Elza Fernandes

ESTUDANDO ANDRÉ LUIZ

Os detalhes da vida espiritual na coleção
psicografada por Chico Xavier

Elerson Gaetti Jardim Júnior

Elerson Gaetti Jardim Junior
Comentários de Espíritos Diversos

ESTUDANDO "ANDRÉ LUIZ"

Os detalhes da vida espiritual na coleção psicografada por Chico Xavier

1ª Edição

São Paulo

Digital Books Editora

© 2013 Digital Books Editora

1ª edição

Capa: Vinicius R. Ratieri dos Santos - (www.viniratieri.blogspot.com)

Versão Digital (ePub)

(2013)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma -, nem apropriada sem a expressa autorização de Digital Books Editora Ltda.

ISBN 978-85-65503-40-2

Editado por: Digital Books Editora Ltda.

CNPJ nº 15.015.278/0001-00

Tel. (11) 2768-2010

www.digitalbookseditora.com.br

contato@digitalbookseditora.com.br

Companheiros desencarnados que participaram da redação desse texto:

Joseph Gleber, meu grande irmão e amigo, exemplo de renúncia e trabalho em prol do conhecimento e da Doutrina dos Espíritos.

Ishmael ben Gurion, pai de inúmeras existências e eterno fiador de nosso crescimento espiritual.

Adolph Fritz, mestre que tanto nos cobra e auxilia; disciplina e responsabilidade nos trabalhos com as caravanas do Cristo.

Frei Tomás, espírito de coração nobre que aplaca nossas angústias e nos ensina o valor da paciência.

Pai Benedito, a bondade em pessoa, paciência na forma de pai velho.

Pai João de Aruanda, ou João Cobu, sempre carinhoso, disciplinado e amigo.

Elza Fernandes, mulher bendita. Tudo e mais um pouco em matéria de dedicação e amor.

O Autor Encarnado

Elerson Gaetti Jardim Júnior é pesquisador e palestrante espírita. Foi apresentado à Doutrina dos Espíritos pela sua mãe, Elza, enfermeira junto às Casas André Luiz, de onde surgiu o interesse do autor sobre a obra desse amigo espiritual.

Formado em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Araçatuba-UNESP (1990), fez mestrado (1994) e doutorado (1997) na área de Microbiologia, pelo Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo-USP, e, em 2001, defendeu o título de Livre-Docente na área de Microbiologia e Imunologia, pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, onde, a partir de 2010, passou a exercer o cargo de Professor Titular das Disciplinas de Microbiologia e Imunologia Básicas e Microbiologia Bucal.

É autor de cinco livros digitais (“Jesus: Homem e Espírito”, “A Mensagem do Cristo e o Espiritismo”, “Vida Além da Vida, volumes I e II” e “A Longa Jornada do Homem”), onde procura fazer uma ligação entra a ciência e a Doutrina dos Espíritos.

Dedicatória

Esse trabalho é dedicado ao Pai de todos nós, Criador de infinita bondade e misericórdia, que nos encaminha para a Sua luz, nos protege de nós mesmos até o momento em que temos condições de começar a aprender a gerir nossas existências. Amá-Lo de todo o coração e procurar fazer pelos Seus demais filhos o que queremos deles receber, eis o mandamento deixado pelo Cristo.

Dedicamos esse estudo aos amigos, nos diversos planos de vida, que iniciaram e mantiveram a transmissão da Doutrina dos Espíritos, baseada em responsabilidade pessoal, amor e educação. Aos nossos mentores e guias espirituais que, utilizando um instrumento tosco, ditaram, orientaram e intuíram a presente obra, escrita por diversos amigos de diferentes esferas e por pelas minhas mãos. Estar perto deles auxilia na compreensão dos desígnios dos Imortais, comandados por Jesus, na evolução desse pequeno ponto azul.

À Cecília e Elza, presentes do Grande Arquiteto do Universo. A senhora Elza atua como enfermeira em uma colônia espiritual no interior do Estado de São Paulo e integra equipes socorristas ligadas ao mundo dos dependentes químicos desencarnados. Que satisfação receber notícias dela. Desencarnou em 1999, aos 51 anos. À Maria, Maria Aparecida, Cisino e Evaristo, meus avós de fato e companheiros de jornada, que me acompanharam antes do meu reingresso ao corpo físico e se mantêm amorosamente próximos, mesmo depois de sua libertação da prisão física.

Esse texto é dedicado a irmãos de outras terras, Paulo, Sérgio, Bernadete, Val, Jean, Inalda, Lúcia, Raquel, Thais e Marinalva (Mana), que nos ensinaram o valor da amizade, comprometimento nas coisas do espírito e fraternidade. Pessoas cheias de um amor que transcende o mundo em que vivemos e fazem de um abraço ou de uma conversa um momento de aconchego e reflexão.

Para Alexia, Carolina, Vítor, Annie, Giulia e Lavínia, sempre crianças...

À Chris, esposa amorosa e companheira incrível.

A todos, um abraço cheio de amor e admiração.

Elerson Gaetti

Agradecimentos especiais

A Christiane Marie Schweitzer, minha amada esposa, Cleonice Coelho e Rodrigo Mendes Delgado, pela leitura crítica dos ensaios que compõem esse livro, dando orientações sobre diferentes aspectos da teologia cristã, em particular aqueles referentes à Doutrina Espírita, além de preciosas sugestões a respeito de sintaxe e questionamentos feitos aos companheiros desencarnados.

Agradecemos aos colaboradores invisíveis por todo o suporte que têm fornecido, pela paciência demonstrada diante de nossas limitações e pelo estímulo.

Gostaríamos de externar nossos agradecimentos aos Centros Espíritas “Casa do Caminho Luz e Esperança”, “Chico Xavier”, “Seara a Caminho do Mestre”, no Estado de São Paulo, e “Fundação Espírita-Cristã Adolpho Fritz”, no município de Teresina, Estado do Piauí, pelo ambiente fraterno que foi oferecido à espiritualidade durante as reuniões de psicografia e pelas sugestões sistematizadas que foram endereçadas ao autor encarnado e seus orientadores espirituais.

A André Luiz, um obrigado muito especial.

Nascer, morrer e renascer, aqui e nos diversos planos; eterno recomeço.

A vida além da vida é a sequência mais natural e lógica. Ela representa o outro lado da moeda, apenas isso. Emmanuel mostra, em poucas palavras, que a porta que nos conduz ao outro lado, erroneamente chamada de “morte”, é evento que merece todo o nosso respeito e é fruto de uma lei divina, que é aplicada ao complexo mundo dos homens:

Comprendemos, pois, que desencarnação tem o dia certo, segundo a Lei Divina, e o dia exato, conforme o comportamento do homem.

Entendemos, assim, que a morte na Terra age em conexão com a lei divina ou com as diretrizes errôneas das criaturas quando se tornam irresponsáveis.

Emmanuel

Mensagem psicografada, em Uberaba, no dia 12 de setembro de 1990, extraída do livro intitulado “**Assuntos da vida e da morte**”, de autoria de espíritos diversos, pela lavra de Francisco Cândido Xavier, compilação e discussão das mensagens por Paulo de Tarso Ramacciotti.

Prefácio

Acredito que um dos maiores problemas do mundo moderno, com suas inúmeras distrações, do consumismo desenfreado à ilusão do mundo virtual, seja ter transformado a leitura num ato mecânico, como muito bem apontado pelo médium Elerson Gaetti Jardim Junior.

Quando transformamos a “arte de ler” em mero ato mecânico não apreendemos a essência da mensagem que está sendo transmitida e aceitamos, pacificamente, a interpretação que outros dão às mensagens transmitidas pelos amigos do Mundo Espiritual. Ato lamentável, mas decorrente da preguiça mental que grassa em nossa iludida sociedade. Fruto inderrogável da “terceirização do ato de pensar”. Isso mesmo.

As pessoas delegaram a outros o sagrado ato de pensar. Por essa razão é o fanatismo a mais crônica das doenças religiosas, pois aceita-se pacificamente o que o líder religioso prega sem contestação. Os fiéis do Século XXI serão os fiéis da dúvida, da mentira, do obscurantismo, por terem perdido a capacidade de questionar, de investigar, de buscar a verdade.

Falacioso é o argumento de que pobreza impede o ato de pensar e de buscar, pois inúmeros gênios vieram da pobreza, pois a dor da fome os fazia buscar algo mais. Foram forçados no sofrimento que aguilhoava suas consciências e as lançava em busca de respostas.

Fácil é o expediente de se buscar desculpas e fugas para a inércia. A coragem reside justamente em se procurar fazer muito com o pouco que se tem. O ato de pensar foi dado de presente a todos. Não existem aqueles que possuem este dom em mais alto grau do que outros, mas, infelizmente, nem todos o usam com sabedoria.

Num dos trechos da obra que ora vem à lume, mais especificamente no Capítulo “A vida em colônias espirituais”, o autor diz: “Fico com Chico Xavier, Emmanuel e André Luiz, que nos pedem para seguir o Cristo com humildade”. Por isso a credibilidade da obra que ora se apresenta ao público, posto que calcada em espírito sério – Dr. André Luiz – e instrumento incorruptível – Chico Xavier – que nunca se deixou levar pela vaidade e pelo amor-próprio. O próprio Chico certa vez disse: “Se Allan Kardec tivesse escrito que “fora do Espiritismo não há salvação”, eu teria ido por outro caminho. Graças a Deus ele escreveu “Fora da Caridade”, ou seja, fora do Amor não há salvação”.

Tal postura denota o comprometimento com a verdadeira essência da mensagem do Cristo, o amor. Inúmeros espíritas têm vivido mais a aparência do que a essência, o formalismo do que o conteúdo da Doutrina Espírita que, diga-se de passagem, é apenas mais uma forma de entender a Deus, Nosso Pai e sua Criação. A Doutrina Espírita é o Consolador prometido pelo Cristo, pois o mesmo, em sua época, não disse tudo que havia a ser dito, pois o homem ainda não estava preparado para as reais verdades da vida.

Ninguém pode garantir que a religião do Mundo Regenerado será o Espiritismo, até porque, ao atingir os píncaros mais evoluídos de sua condição angélica, o Espírito prescinde da religião. A religião é o caminho para religar o homem a Deus, seu criador, sua fonte primeira. Logo, qual seria a utilidade de uma religião para Espíritos que, por sua própria condição já se encontram ligados ao Criador e à Criação? Aqueles que se unem uns aos outros pelos elos sagrados do amor não necessitam de religião, pois já a tem dentro de si.

A verdade é que ainda precisamos de religião para nos conscientizar de que somos parte da Criação, mas, um dia, teremos esta certeza e, quando a tivermos, a religião será apenas um capítulo da história evolutiva, porque cada Espírito, em união fraterna, dirá à si mesmo: “Eu sou Nós!”.

Às vezes temos que renunciar ao Céu para resgatar quem amamos, mas, ao fazer tal renúncia, ganhamos o Paraíso, pois passamos a entender que o que de fato importa é a felicidade de nossos semelhantes.

O livro busca, ademais, incitar os companheiros de caminhada evolutiva a estudarem, se aprimorarem, discutirem assuntos sérios e relevantes à compreensão da vida. O que se verifica, hodiernamente, são discussões infrutíferas e efêmeras. Buscas vãs, infantis, imbecilizadas, como, por exemplo, saber se Chico foi Kardec e vice-versa; ou ainda, se Emmanuel já reencarnou ou não; e, ainda, se quando Emmanuel reencarnar, Chico será seu mentor. Céus!

Qual a vantagem de tal discussão? Descobrir quem é Emmanuel reencarnado para que se possa erigir um santuário em seu nome e colocá-lo no centro de um altar, para que seja adorado e servido como um deus? Pasmem o nível abissal de

ignorância e letargia em que os amigos espíritas ainda se encontram. Ainda estamos correndo atrás do vento. Até quando?

As ideias aqui expostas poderão e, certamente serão combatidas, ridicularizadas, menosprezadas, mas jamais poderão ser ignoradas. E, tenho certeza, um dia serão aceitas, posto retratarem verdades irretorquíveis. Como todo processo de surgimento de uma nova Verdade, estas aqui expostas certamente passarão pelos três clássicos estágios da ignorância humana: primeiro, serão ridicularizadas; depois, serão violentamente combatidas e, finalmente, aceitas como se fossem auto-evidentes. Como de fato o são. Mas, fique tranquilo meu amigo Elerson Gaetti Jardim Junior, Albert Einstein já advertiu: “Existem duas coisas infinitas: o Universo e a tolice dos homens”.

Quando digo que o homem é tolo, não estou, por evidente, negando o direito da dúvida, pois como dizia René Descartes: “Só posso aceitar como critério de verdade tudo aquilo em que não possa incutir a dúvida”. Logo, temos o direito sagrado de duvidar. Não é pelas respostas certas que a humanidade evolui, mas sim, pelas sábias perguntas que aprende a fazer. Duvidar leva à certeza. A tolice humana se plasma na incapacidade da discussão séria e fecunda da ideia que é exposta. Rechaça-se uma ideia, mas sem qualquer fundamento. Até para duvidar é preciso talento e adestramento do intelecto.

Não é o duvidar que deve causar vergonha ao incrédulo, mas o duvidar mal, ou seja, a incapacidade de se fulcrar a dúvida em bases racionais e provas experimentais. Isso nos ensinou o desenvolvimento do método científico. A experimentação foi o método nos dado por Deus para duvidarmos, com qualidade, das informações que nos chegam. Mas, a preguiça mental que grassa entre os pseudo-intelectuais é uma ofensa ao princípio racional vindo do Criador. Mais desesperador ainda é ver amigos seareiros confundirem o estudo da Ciência do Espírito, que visa à ampliação da consciência, com mera disputa dogmática, como se fossem donos da verdade. E o que é a verdade? Eis a questão, que somente o estudo sério pode revelar.

Não nos esqueçamos de que as ideias aqui explanadas já são conhecidas dos povos orientais há muitos milênios. Os hindus são um exemplo de um povo que tem contato com estas verdades há milênios. Verdades estas esculpidas nos Vedas, seus livros sagrados. Como diria nosso dileto amigo Dr. Adolph Fritz: “Tem que estudar, Brasileiro”. Todas estas verdades estão à nossa disposição há muito tempo. Mas, há muito tempo a homem deixou de estudar. Pelo menos, uma parcela expressiva da humanidade. Contentamo-nos com o conhecimento raso, sintetizado, instantâneo e duvidoso que a internet, através de seus vários sites de busca nos oferecem. Tomamos este conhecimento, produzido a “toque de caixa”, fruto do acaso e de uma sociedade atabalhoada com as ilusões que criou para si, sem questioná-lo.

A obra será lida, conhecida, discutida, pensada e repensada e, certamente, combatida, mas, jamais, ignorada, como dito. Porque há coisas que não podem ser ignoradas, pelo menos não por muito tempo. Ainda que nosso egoísmo, vaidade e ignorância não nos permitam aceitar certos conceitos e verdades mostradas e provadas nesta obra, o que é decorrência de puro preciosismo de nossa parte e defesa da provalada e insana “pureza doutrinária”, tenho absoluta certeza de que acontecimentos cosmológicos futuros nos farão, pela razão, pensar nas informações que estão contidas nesta obra, dando às mesmas a devida seriedade que merecem.

É preciso cuidado com os excessos.

Todo excesso é prejudicial ao pleno desenvolvimento de algo. Seja uma ideia, um projeto, uma instituição.

O grande amigo Allan Kardec fez, inquestionavelmente, um exímio trabalho de codificação, ao compilar as ideias-matriz da Doutrina Espírita, que se apresenta em tríplice aspecto, ou seja: como religião, ciência e filosofia.

No entanto, Kardec não disse tudo. Nem poderia dizer. E isso, por três razões: a uma, porque ele não teve todo o tempo necessário; a duas, porque a humanidade, naquela época, ainda não estava pronta para ouvir tudo, como de fato, ainda não está e, a três, porque nenhum trabalho de codificação se finda perfeito, pois o conhecimento evolui e, quando a codificação está pronta, o conhecimento muito já ultrapassou o quanto foi codificado.

Ademais, tendo “em conta a natureza específica de uma codificação que não pode abranger as contínuas inovações sociais” (1) é evidente que a Codificação Kardequiana não poderia se apresentar perfeita e acabada.

Codificar algo é reunir de forma sistematizada e organizada o conhecimento disponível, ou seja, aquele que já é conhecido. No entanto, consoante já ressaltado, o conhecimento se amplia, evolui. Aliás, como tudo que surge e se desenvolve no mundo histórico.

Assim, no momento em que se finda uma codificação, o conhecimento que foi compilado e discutido para compô-la já se

encontra ampliado, evoluído. Logo, a codificação nunca conseguirá seguir emparelhada com o conhecimento, pois este sempre estará um passo à frente.

Diante disso, causa estranheza alguns estudiosos do Espiritismo exigirem que, nos Centros Espíritas, todos os fenômenos aconteçam nas estreitas fronteiras da Codificação Kardequiana.

Um exemplo disso é o preconceito que grassa nos Centros Espíritas, sob o pálio da suposta “pureza doutrinária”, relativamente à maneira dos espíritos se manifestarem, como os Preto-Velhos. Muitos estudiosos e frequentadores dos Centros Espíritas, até mesmo em posições de dirigentes ou diretores doutrinários, não admitem que estes nossos queridos e amados irmãos se manifestem com seus peculiares trejeitos, como estalando os dedos, por exemplo. Ou ainda, barram e censuram a forma com que nossos amigos indígenas se manifestam, com suas rezas e rituais.

Negar ao Espírito comunicante sua peculiar maneira de ser e se manifestar é negar-lhe a própria personalidade. Por essa razão, inúmeros trabalhos, como de reuniões de desobsessão, por exemplo, terminam infrutíferas e de forma não profícua e até desastrosa.

Estes nossos irmãos, se fossem respeitados em sua individualidade e personalidade, muito teriam a nos ensinar com suas valiosas experiências. Nem é preciso dizer que inúmeros trabalhos de magia negra (goécia) são desfeitos por esses nossos irmãos (índios, caboclos, preto-velhos), forjados pela dor e pelo sofrimento e que, por essa razão, têm uma proteção especial que lhes facilita a lida com essas práticas.

A pretensão de alguns Centros Espíritas de instruir seus médiuns a darem passividade apenas a entidades de alta evolução é um equívoco. Primeiro, porque muitas entidades espirituais que se apresentam como índios, caboclos e preto-velhos são de altíssima evolução e se apresentam nestas condições para testar a humildade dos encarnados, bem como, por ser, muitas vezes, a condição de vida terrena que mais lhes ensinou os valores do espírito. Por essa razão, preferem manter a imagem que lhes traga viva na consciência as marcas das lições que os fez atingir a verdadeira evolução espiritual. Veja, caro leitor, o tamanho de nossa ignorância. Ignorância tão cristalizada em nossas consciências, que nos tornou cegos diante da realidade. Quando cegos conduzem cegos, onde podem chegar?

Ademais, exigir manifestações apenas de seres de elevada grandeza consciencial é demonstrar orgulho, vaidade e falta de caridade. Além disso, quem garante que sejamos merecedores de tais comunicações, demonstrando este alto grau de mediocridade e orgulho?

Talvez não tarde o dia em que os médiuns apenas aceitem dar comunicação a Jesus!

Há notícias de Centros Espíritas que estão barrando a comunicação de irmãos desencarnados enfermos e em sofrimento. Pasmem o absurdo!

Qual a finalidade do Centro Espírita? Não seria fazer a caridade, por meio do atendimento dos aflitos, dos desesperançados, dos doentes? Jesus veio ao mundo pelos sãos, pelos honestos, ou, ao contrário, pelos aflitos, pelos doentes do corpo e do espírito e os estropiados (Marcos 2:17)?

Por esses comportamentos os Centros Espíritas estão sendo condenados a redutos de auto idolatria e perversão doutrinária.

As cinco obras da Codificação Kardequiana são o alicerce, os fundamentos e não a obra acabada. Aliás, já aqui se constata um equívoco de divulgação do Espiritismo e que se plasma no seguinte: a maioria das pessoas, que se diz espírita, acredita que a Codificação Kardequiana abrange apenas cinco obras, quais sejam: O Evangelho segundo o Espiritismo (1864), A Gênese (1868), O Livro dos Médiuns (1861), O Livro dos Espíritos (1857) e O Céu e o Inferno (1865). No entanto, o trabalho de Allan Kardec é mais amplo, abrangendo: Obras Póstumas (1890), O que é o espiritismo? (1859), além, evidentemente, da Revista Espírita (1858 a 1869), bem como Instrução prática sobre as manifestações espíritas (substituído pelo Livro dos Médiuns), O Espiritismo em sua expressão mais simples (1862), Viagem Espírita de 1862, O Principiante Espírita e A Obsessão, que formam a imensa bibliografia legada por Allan Kardec.

Todavia, certamente não faltarão os reducionistas extremados, que restringirão o Espiritismo apenas a duas obras, quais sejam: O Evangelho Segundo o Espiritismo (1864) e O Livro dos Espíritos (1857). Fruto do equívoco em que trabalham os atuais Centros Espíritas (não todos, pois sempre haverá as louváveis exceções) que não instruem suficientemente seus frequentadores quanto à verdadeira extensão do Espiritismo.

Portanto, Allan Kardec nos deu os alicerces. Todavia, depois de feito o alicerce, sobre os mesmos pode ser erigida qualquer forma arquitetônica que se queira. Quanto mais firmes e profundas as bases, maior poderá ser a construção.

É o que ocorre na Doutrina Espírita. Allan Kardec, através dos Espíritos, nos legou os alicerces. E alicerces muito fortes e profundos, todavia, nos outorgou a responsabilidade de construir os Edifícios da Espiritualidade Humana. Se os alicerces são bons, tem-se o terreno propício para se construir uma forte edificação.

Entretanto, de nada adianta uma fundação forte e bem feita se a mediocridade do construtor não a utiliza com sabedoria. Seria o mesmo que erigir tosca cabana em alicerces vigorosos de aço. Temos estes vigorosos alicerces de aço que são as obras básicas da Codificação (que não são apenas cinco), portanto, não permitamos que nossas medíocres limitações e nossa preguiça mental nos impeçam de construir nosso futuro, por meio da busca da ampliação de nossa consciência e do aperfeiçoamento de nossa conduta moral. Entendo que foi para isso que Deus permitiu a revelação da Doutrina Espírita em sua tríplice fundamentação.

Se continuarmos a manter a posição de que fora do Pentateuco Kardequiano não há conhecimento espiritual, então, infelizmente, teremos que lançar na fogueira da inquisição as mais de 400 obras psicografadas por Chico Xavier, pois faremos tal qual a Igreja Católica da Idade Média e nós, espíritas, criaremos nosso próprio Index Librorum Prohibitorum (Índice dos Livros Proibidos), ou seja, a lista dos livros amaldiçoados pela “Doutrina Pura do Espiritismo”.

Prefiro ser um amaldiçoado pensador, a um acéfalo pseudo-espírita que nega a realidade do Universo que habita.

Que a presente obra represente um convite às palavras lúcidas deixadas pelo próprio Allan Kardec: Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento; instrui-vos, este o segundo. O próprio codificador nos exortou a não deixar nunca de estudar, de nos instruir, de buscar e, certamente, complementar, *ad eternum*, a obra que nos revela Deus e a nós mesmos.

De forma honrosa, mas, imerecida, recebi o convite de dizer algumas palavras a título de prefácio. Isso só prova a misericórdia divina, que permite a instrumentos tão falhos e faltosos como este que ora vos escreve, participar de obras tão grandiosas como esta que ora você, caro leitor, tem em mãos.

Obra bendita e sagrada, que nos veio através do trabalho árduo e repleto de grandes renúncias, tanto de nossos irmãos espirituais, quanto do estimado amigo encarnado, que vara as madrugadas adentro, sempre ávido do conhecimento e em busca de respostas que, quando obtidas, são imediatamente compartilhadas com a humanidade. Caro amigo Elerson, bendito é o fruto do ventre de tua Santa Mãe Elza que o trouxe ao mundo. Bendita és tu, Irmã Elza, pela educação que destes ao teu filho Elerson. Tu, minha cara Irmã, vencestes com honra e mérito a sagrada missão da maternidade, dando ao mundo um homem íntegro, um amigo dileto, um cientista responsável e, acima de tudo, humano. Quem sabe um dia possamos nos encontrar, para que eu possa parabenizá-la pessoalmente.

Recomendamos a obra, a todos os que não renunciaram ao sagrado ato de pensar por si mesmos.

Do teu pequenino irmão, que espera ter se desincumbido da honrosa missão dentro do esperado.

Rodrigo Mendes Delgado

Advogado; Consultor Jurídico do Escritório Macedo e Delgado Advocacia; Especialista em Ciências Criminais pela UNAMA/LFG; Escritor; Palestrante; Autor das obras "O Valor do Dano Moral - como chegar até ele", 3.ed., Leme: Editora JH Mizuno, 2011 e "Lei de Drogas Comentada artigo por artigo - Tráfico e Porte", 2.ed., Leme: Editora Cronus, 2012; Consultor Empresarial da Telos Consultoria e Treinamentos; Coach certificado pela Sociedade Brasileira de Coaching (SBCoaching).

Notas dos autores:

1) Nota do autor do prefácio. REALE, Miguel, in O Código Civil e seus críticos.

http://pensadoresbrasileiros.home.comcast.net/~pensadoresbrasileiros/MiguelReale/o_codigo_civil_e_seus_criticos.htm

Introdução

A partir de meados da década de 1940, a seara espírita recebeu diversos livros que traziam a assinatura espiritual de um companheiro que se autodenominava André Luiz, um pseudônimo, criado para proteger o médium e a Doutrina dos Espíritos do interesse não confesso de muitos que pretendiam criar polêmicas sobre os temas retratados nos livros.

Nosso querido amigo Chico Xavier também teve problemas judiciais com os herdeiros de um dos autores espirituais que através dele se manifestava, Humberto de Campos, de forma que temos de compreender as muitas razões que envolveram a história dessa parceria de três irmãos muito amados, Chico, Emmanuel e André Luiz. A identidade de André Luiz e as características de sua vida terrena também foram modificados para poder ilustrar melhor o que acontece com o encarnado padrão, quando retorna à pátria maior, com seus muitos erros e acertos. Para tanto, é nítido que André Luiz precisa encolher para que o personagem dos textos se aproxime de nós. Isso fica claro na sequência de livros que compõem sua extensa obra.

Esses textos eram carregados de conhecimentos oriundos de alguém que embora se dissesse “apenas” médico, era um pesquisador nato. Além da vinculação científica que o autor transmitia, percebia-se que grande parte dos textos recebidos por intermédio do querido e saudoso amigo Francisco Cândido Xavier trazia muito mais informação nas entrelinhas do que se podia supor. Assim, ler a obra desse companheiro espiritual sem perguntar os “porquês” e suas implicações é um demérito à obra, constituindo apenas exercício automático de leitura.

Muitos aspectos extremamente novos na seara Espírita-Cristã são abordados, com muito cuidado, diga-se de passagem, como a lei do karma, o esquecimento do passado, a estrutura do orbe terreno, as reencarnações compulsórias, o parasitismo fluídico, a mediunidade, a importância do conhecimento e do estudo, os corpos espirituais superiores, a existência de colônias espirituais bastante estruturadas e o próprio processo de evolução planetário. Sua obra é um verdadeiro compêndio que dá cores vivas ao conhecimento trazido pelos espíritos codificadores a Kardec.

Em nosso modesto livro, fruto de sonho de minha amada progenitora e da equipe espiritual com a qual trabalhamos, procuramos, sem pretensões descabidas, discutir alguns aspectos abordados pelo querido André Luiz e suas implicações para a compreensão da Doutrina dos Espíritos. Em ocasiões diferentes, pude ter contato com companheiros espirituais que nos facultaram o contato com as realidades relatadas por André Luiz e estamos seguros das colocações feitas. De qualquer forma, assumo toda a responsabilidade pessoal por falhas na redação e no entendimento da mensagem transmitida pelos nossos mentores.

Posso lhes dizer, em função disso, que muito do que discutiremos aqui é parte de um planejamento já em curso há sete décadas e hoje estamos mais aptos para encarar a realidade. Pessoas com a mente brilhante, como aquela que ilumina o doutor humano e entusiasta do *Homo spiritualis*, o homem espiritual, André Luiz, são simples e singelas. Curvo-me em respeito ao seu esmero e dedicação.

Por motivos de similaridade fluídica, discuti as ideias de André Luiz com outros amigos já desencarnados e que fazem parte de nossa e de outras equipes de auxiliares do Cristo, como o Dr. Joseph Gleber, o Dr. Adolph Fritz, frei Tomás, Ishmael ben Gurion, Irmã Scheilla, pai Benedito, pai João de Aruanda e outros.

O trabalho ligado a esse livro se iniciou em função de diversas mensagens mediúnicas de cunho científico e evangelizante que foram recebidas, tendo principalmente Joseph Gleber e Ishmael como autores, falando sobre a vida espiritual e a transição planetária. O conteúdo desses textos parecia diferente de tudo o que tinha lido a respeito da Doutrina dos Espíritos, mas não podemos esquecer que a obra de Kardec não explorava detalhes da vida após a morte do veículo físico e coube a André Luiz dar muitos desses detalhes.

Contudo, na época em que os textos de Joseph e Ishmael eram psicografados, eu não tinha conhecimento aprofundado da obra de André Luiz. Tinha lido os livros todos, mas nunca havia parado para entender a extensão de seu conteúdo. Os maiores receios que tínhamos, na ocasião, deviam-se às discussões ásperas que tomavam conta do Espiritismo sobre o que era doutrinário e “não doutrinário”. A fogueira parecia estar acesa e o fogo devorava a tudo e a todos. Da minha parte, não me importava de ser considerado louco por ter psicografado linhas sobre reencarnação no plano espiritual, doenças neoplásicas e infecciosas no perispírito e transição planetária, mas admirava (e admiro) os mentores de nossas casas de oração e tinha receio que fossem objeto de críticas e ironias, mas me esqueci de que eles mesmos nada recebiam.

Na análise da obra de André Luiz, sugeriram que a leitura fosse submetida a análise comparativa e o senso crítico fosse exercitado. Tenho vergonha de admitir, mas me surpreendi com o que encontrei. Já tinha lido os textos de André várias vezes, mas não tinha percebido a quantidade de informações contidas em suas entrelinhas. Nunca gostei muito de livros romanceados e não pude perceber o quão profundos eram seus conceitos.

Assim, os textos foram parcialmente publicados na forma de e-books, livros digitais, e, com a finalidade de ganhar mais confiança nas potencialidades mediúnicas e no auxílio sempre presente da espiritualidade, nossos mentores pediram que os trabalhos psicográficos somente fossem retomados apenas depois de um estudo sistemático, metódico e sério, sem amarras de cunho pessoal ou filosóficas, sobre a obra de André Luiz, que para eles representa um arcabouço de um grande projeto em curso no plano espiritual, objetivando preparar o homem encarnado para a realidade da vida após a vida. Um projeto ligado ao crescimento espiritual do homem, o *Homo spiritualis*, no qual os Centros Espíritas deveriam trabalhar com maior entrosamento, cada um respeitando as características e peculiaridades dos demais...

Sei que muitas das colocações presentes nesse livro que agora apresento a vocês, parte psicografado e parte redigido pelas minhas mãos e consciência, irão incitar discussões e o objetivo é exatamente esse: vamos discutir, porque discutir é tirar a mente da inércia, mas esperamos que esse processo seja suave, embora profundo e duradouro. Fazer as pessoas pensar e questionar. Discutir André Luiz é sentir o fluxo de ideias e o desabrochar de uma nova visão do mundo espiritual, seguindo as numerosas recomendações do médico que nos levou a entender o umbral e as esferas superiores.

Perceberemos, pela análise crítica dos textos de André, que as trevas não são constituídas de irmãos sofredores ou simplesmente revoltados com a ordem natural das coisas. Esses são os habitantes do umbral. Abaixo desses planos, nas furnas e abismos, outro grupo de espíritos astutos e disciplinados, unidos na tarefa de fazer estancar o progresso da humanidade e estimular o parasitismo energético se reúne. Procuram manter em silêncio as relações de domínio que implantaram nas coletividades da crosta há milênios. Eles estimulam o sectarismo e o fanatismo religioso; o mundo das drogas tem ali o seu planejamento em escala global; a produção de aparelhamento artificial capaz de permitir a implantação de ideias e comportamentos no cérebro perispiritual é uma realidade que muitos irmãos de fé não são capazes de reconhecer e isso tem uma única razão: só vemos o que desejamos ver. Em um mundo globalizado, a tecnologia é assunto de suma importância, aqui e lá também.

Esses motivos nos levaram ao estudo da obra de André Luiz, síntese perfeita da parceria mediúnica com Chico Xavier e, em alguns textos, Waldo Vieira. Repleta de revelações equilibradas e de grande sensatez, ali podemos encontrar a verdadeira natureza do mundo espiritual. Sua leitura nos revela a programação da espiritualidade na difusão gradual, por etapas bastante nítidas e delimitadas, de uma Doutrina dos Espíritos mais viva do que nunca e que completa com perfeição a obra de Kardec, dando-lhe, inclusive, a profundidade e a exemplificação prática que o século XIX não permitira ao codificador.

Logo veremos que nossas próprias existências foram fruto de planejamento dos nossos guias e mentores, procurando potencializar as poucas virtudes que temos e, através delas, levar o mundo terreno a um novo patamar evolutivo. Nós fazemos o mundo e disso não podemos fugir. Veremos adiante que um mundo em regeneração, em franco processo de ascensão, não é formado por espíritos especiais, mas sim por espíritos imperfeitos que já despertaram para a realidade da vida nas diferentes esferas em que ela se manifesta.

André Luiz nos incita a olhar para o espelho, onde descobriremos quem realmente somos, refletindo o nosso passado reencarnatório.

Comentando os assuntos mais relevantes da obra de André Luiz, os colaboradores espirituais da presente obra nos mostram que a vida é um grande campo de batalha, onde o adversário é o orgulho e o egoísmo que carregamos dentro do peito. O amor ao “eu” e o apego excessivo ao mundo material sufocam a criatura e acabam contribuindo para sua falência na sua existência terrena. A falta de desempenho espiritual, em nossas atividades, acaba por exacerbar o remorso após o retorno para o mundo maior. André Luiz sentiu isso “na carne” e esse foi o motivo que o levou ao umbral. Ele precisava harmonizar a sua consciência antes de adentrar Nosso Lar. Espírito de grande envergadura intelectual, foi enviado à Terra pelos maiores das esferas superiores e nada concretizou. Seu remorso pungente o levou às esferas de dor e sofrimento.

Essa vida que hoje envergamos é a mais importante de todas as existências já vividas. Aqueles que foram nobres e atualmente manipulam instrumentos humildes de trabalho modesto podem se perguntar se isso é piada de mau gosto, mas é a realidade. A existência atual é a mais importante, não apenas por estarmos passando pelos momentos mais agudos da transição planetária, mas principalmente porque essa existência ainda está em nossas mãos e podemos trabalhar para melhorar a nossa

condição moral e espiritual.

Trabalho, sempre trabalho. Jesus nos mostrou o caminho que nos levará ao Pai. Vamos em frente. De mãos dadas com nossos adversários de ontem, que se converterão em futuros parceiros do amanhã, construiremos um mundo melhor, para nossos filhos e para nós mesmos.

O combustível dessa transformação será o aperfeiçoamento pessoal, a reforma íntima, mas uma reforma real e não apenas de aparências; uma reforma de essência e não cosmética.

Araçatuba, 23 de janeiro de 2013.

A Estrutura do Orbe Terreno

Se pudéssemos retornar ao período medieval, veríamos que as concepções do homem sobre a estrutura do mundo eram completamente diferentes de tudo que conhecemos hoje e mesmo os maiores pensadores chamariam de louco qualquer um que viesse a crer que a Terra não tinha uma estrutura plana ou fosse o centro do universo. O tempo passou, graças ao Grande Arquiteto do Universo, nosso Pai e Criador, enormes quantidades de dados foram se acumulando, evidenciando que o globo era uma esfera quase perfeita, com leve achatamento nos polos e inclinada no seu eixo, percorrendo uma parábola ao redor da estrela que nos dá luz. Uma estrela de menor importância em termos de grandeza e na periferia de uma galáxia comum.

Essa estrela, o Sol, é a mesma que ilumina as colônias espirituais ao redor da Terra, como o próprio André Luiz fez questão de transmitir com clareza em “**Nosso Lar**” (página 28):

– Estamos nas esferas espirituais vizinhas da Terra, e o Sol que nos ilumina neste momento é o mesmo que nos vivificava o corpo físico. Aqui, entretanto, nossa percepção visual é muito mais rica. A estrela que o Senhor acendeu para os nossos trabalhos terrestres é mais preciosa e bela do que a supomos quando no círculo carnal. Nosso Sol é a divina matriz da vida e a claridade que irradia e provém do Autor da Criação.

Acreditamos que as esferas vibratórias a que André Luiz sempre alude em seus textos se referem a dimensões espaço-temporais diferentes da nossa, ideia que é compartilhada com Djalma Argollo. Cada dimensão dessas apresenta vários níveis vibratórios diferentes, como faixas de um antigo “*long play*” ou volumes de uma enciclopédia. Para adentrarmos uma nova dimensão, de forma definitiva, precisamos de uma vestimenta apropriada, que, no caso do plano físico, é o corpo denso. A morte devolve o espírito ao reino no qual a sua mente se encontra ligada, conferindo-lhe peso específico.

O nosso universo é constituído, aparentemente, de 200 bilhões de galáxias como a nossa, a qual tem entre 100 e 400 bilhões de estrelas e podemos ter trilhões ou mais planetas como o nosso. O pior (ou melhor) nessa história é que toda essa matéria representa apenas 4% ou menos do que existe realmente no cosmo. Um tipo muito peculiar de matéria, que sofre a ação da força da gravidade, mas não interage de forma mais intensa com a matéria de nossos corpos físicos e estrelas teve sua existência recentemente cogitada, é a matéria escura. Não sabemos como ela é constituída, qual sua estrutura e propriedades, com exceção de que ela deforma o espaço-tempo de Einstein, ou seja, exerce atração gravitacional, tem massa.

Essa matéria escura se assemelha muito ao que André Luiz descreve como sendo a matéria astral que constitui o perispírito e as colônias espirituais nos planos próximos à Terra. Obviamente que isso se trata de especulação, mas está de acordo com tudo que temos lido e presenciado na vida espírita. A matéria escura mantém unida a estrutura da galáxia e, talvez, do universo, representando grande parte da matéria existente no cosmo, totalizando seis vezes mais massa do que a matéria ordinária que compõe nosso corpo.

A obra de André Luiz sugere veementemente que existem dois tipos básicos de planos espirituais. O primeiro se encontra em continuidade com o plano físico, como uma extensão do mesmo, onde a modificação da condição mental do espírito alteraria a densidade do seu perispírito e permitiria que ele se deslocasse para outras faixas vibratórias no interior desse mesmo plano espiritual. Um exemplo seria a transição entre o umbral leve, onde se encontra a colônia Nosso Lar, até as regiões mais densas, como as descritas no livro “**Libertação**”. A passagem para faixas mais distantes desse plano dimensional exigiria a utilização de portais dimensionais, denominados de “campos de saída” (“**Libertação**”, página 60), como observado no texto a seguir, extraído, integralmente, da referida obra. No texto, Matilde, espírito sublime que vive em esferas superiores, passa instruções ao instrutor de André Luiz:

– Ao terminares a fase essencial de tua missão, nos dias próximos, sobre o que serei notificada por nossos mensageiros, irei ao teu encontro nos “campos de saída”.

O próprio autor explica que a expressão “campos de saída” define lugares-limites entre as esferas inferiores e superiores, comportando-se como uma porta entre dois universos diferentes, vibrando em condições próprias, tão diferentes

entre si quanto o plano dos encarnados e a colônia Nosso Lar. A passagem entre esses planos necessita de modificações substanciais na estrutura do perispírito, de forma que os campos de saída podem facilitar o processo, de uma forma semelhante ao que os físicos atuais sonham em viagens espaciais envolvendo a criação de buracos no espaço-tempo, os chamados “buracos de minhoca”.

A segunda categoria de plano espiritual se encontra em dimensões superiores aos pontos abordados nas linhas e entrelinhas da rica obra de André Luiz. Nosso amigo cita sua existência, mas não a descreve, até porque não entenderíamos os quadros que seriam transmitidos. A única incursão de André até esses ambientes faz parte de uma visita em desdobramento em corpo mental que ele faz à sua mãe, deixando o perispírito repousando nas Câmaras de Retificação (câmaras para tratamento de irmãos retirados do umbral), como discutiremos posteriormente.

Para adentrar essas dimensões, a consciência precisa se revestir de um invólucro compatível. Aliás, cada universo necessita que seus habitantes tenham um corpo compatível com sua estrutura de espaço-tempo e, no nosso caso, é o corpo denso, físico, como diriam os mais tradicionalistas. Quando adentramos o universo espiritual que nos envolve, deixamos o corpo físico dormindo no plano “físico” ou inerte no túmulo e penetramos no invisível. A viagem acima dessa realidade é possível e a seguir discutiremos um bom exemplo disso, através dos corpos espirituais superiores.

Existem inúmeros planos vibratórios ou dimensionais acima e abaixo daqueles retratados por André Luiz e prova disso é a viagem astral que ele próprio, em espírito, faz até o plano de vida em que sua mãe se encontrava, muito superior ao mundo de nosso autor. Em função das limitações da matéria que constitui o corpo perispiritual, essa viagem teve que ser realizada através de desdobramento do sono, no corpo mental. Sim, isso mesmo, espírito dorme e o corpo mental, que seria uma vestimenta mais sutil, desprovido de massa, se desdobra do revestimento mais denso, o perispírito, e vai para o local para o qual foi chamado ou com o qual estabeleceu sintonia. Até nós, encarnados, podemos ter desdobramentos em corpo mental, com auxílio da espiritualidade. Algumas descrições de vida em outros orbes, saídas dos primeiros anos do Espiritismo-Cristão, também se originaram dessa ocorrência.

No caso narrado por André Luiz, toda a descrição se assemelha, em parte, a um sonho nítido, semelhante ao desdobramento que os encarnados sofrem durante o descanso do sono profundo, onde o perispírito é exteriorizado e ganha mais liberdade. Deixemos André Luiz relatar (“**Nosso Lar**”, página 237):

(...) O sonho não era propriamente qual se verifica na Terra. Eu sabia, perfeitamente, que deixara o veículo inferior no apartamento das Câmaras de Retificação, em "Nosso Lar", e tinha absoluta consciência daquela movimentação em plano diverso. Minhas noções de espaço e tempo eram exatas (...)

A existência desses planos fica clara no parágrafo abaixo, transcrito de “**Nosso Lar**” (página 52 e 53):

A morte do corpo não conduz o homem a situações miraculosas, dizia. Todo processo evolutivo implica gradação. Há regiões múltiplas para os desencarnados, como existem planos inúmeros e surpreendentes para as criaturas envolvidas de carne terrestre. Almas e sentimentos, formas e coisas, obedecem a princípios de desenvolvimento natural e hierarquia justa.

Tudo parece seguir o princípio da gradação, da escala entre extremos. Por isso não me surpreende que o umbral se apresente de forma tão semelhante à crosta terrena e suas mazelas. Quem ignora que nosso plano físico apresenta áreas umbralinas, onde o respeito aos valores do homem são ignorados e a servidão econômica, associada aos preconceitos e ignorância, grassam?

Muitos irmãos de fé se perguntam se toda a maldade, revolta e sofrimento se concentram no umbral e podemos dizer que não. Enquanto o ócio e o sofrimento movido pelo remorso e culpa são característicos do umbral, a cristalização do mal e o desejo consciente de manter a humanidade cativa de seus próprios erros é o que se esconde por detrás das zonas de sombra e abismo, também citadas e comentadas na obra de André Luiz. O próprio autor (como também Emmanuel) considera as atitudes morais reprováveis como frutos da ignorância e enfermidade, mas admitem, em diversos momentos, mesmo em “**Nosso Lar**” e “**Libertação**”, a existência de entidades que se congregam em associações criminosas nas regiões dos abismos, como

discutiremos nos capítulos seguintes, quando trataremos das regiões de escuridão.

A possibilidade de dimensões espaciais adicionais em nosso universo, além da existência de outros universos abre espaço para as considerações do amigo e mentor Joseph Gleber, no livro “**A Longa Jornada do Homem**” (e-book editado pela Digital Books Editora), tratando dessa intrincada estrutura do cosmo. Segue, abaixo, o texto transcrito daquela obra:

Como o nosso universo está se expandindo aceleradamente e como tudo que existe ou pode ser experimentalmente comprovado está contido na face interna dessa bolha peculiar, pouco podemos esperar da ciência materialista em termos de comprovação dessas realidades. Enquanto estivermos presos a corpos mais densos, como o corpo físico ou o nosso psicossoma, seremos regidos pelas leis ordinárias da matéria.

Entretanto, nosso universo está interligado a muitos outros, em planos vibratórios diferentes, da mesma forma que nosso corpo físico se relaciona com nossos corpos espirituais, do corpo etéreo ou vital aos corpos superiores, como o mental, búdico e átomico, essas associações são cada dia mais evidentes e claras. O nosso próprio mundo somente faz sentido quando a teoria geral da relatividade e a física quântica se associam, como ocorre nas diferentes teorias das cordas, que vibram em diferentes frequências e sintonias, criando uma infundável gama de partículas e fenômenos.

Os espíritos iluminados, muitos dos quais hoje estagiam como mestres, cientistas e missionários, já diziam que a vibração dos constituintes do Todo determinava a própria natureza desse último.

Podemos dizer que existem 3 tipos de universos, ou multiversos, como preferem muitos dos meus irmãos encarnados:

a) universos situados na mesma faixa vibratória, mas separados por distâncias impossíveis de serem transpostas ou vencidas por qualquer objeto material, uma vez que todos os seus constituintes estão presos na superfície interna do próprio universo-bolha;

b) universos situados em faixas vibratórias próximas e interligadas, como ocorre com o nosso próprio mundo, de consciências libertas do corpo físico, e o universo de vocês. Entre essas faixas vibratórias, muitos fenômenos são mutuamente influenciáveis de forma que podemos dizer que, ao invés de "outros universos", esses planos vibratórios constituem outras realidades do nosso próprio universo multidimensional;

c) universos paralelos não relacionados aos nossos planos vibratórios. Nesse caso estamos diante de outros universos de fato, numerosos por sinal, e não dimensões adicionais da nossa própria morada sideral.

Todas essas realidades não podem ser sondadas diretamente pela ciência cartesiana, mas a física moderna nos mostra que tudo está interconectado no universo, de forma que as condições acima poderão ser discutidas no campo teórico, em um futuro próximo. Além desse aspecto, a consciência livre das amarras da matéria irá ver o multiverso e seus diferentes condomínios de âmbito universal como um enorme campo de ensaios, onde todos os elementos estão ligados, direta ou indiretamente.

Ainda discorrendo sobre essas dimensões adicionais, Dr. Gleber mostra que...

Além das estruturas contidas em nossa bolha espaço-temporal, o tecido do cosmo guarda diversas outras, com características próprias e que interagem entre si. O que dá consistência, densidade, forma e função à tudo que podeis ver ou sentir no universo em que habitais é a maneira com que o fluido cósmico universal, as pequenas cordas, bilhões de vezes menores do que tudo que já foi descrito pela ciência, vibram e o mesmo ocorre em nosso mundo, tão ligado ao seu que podemos dizer que essas dimensões constituem verdadeiros espelhos umas das outras, o que daria um novo significado ao que os espíritos disseram a Kardec, quando colocaram que o universo de matéria densa, embora maravilhoso, representava apenas um pálido reflexo das esferas espirituais.

Por essa concepção, as dimensões que bordejam o universo físico estão a ele interligadas de forma íntima e, como ele próprio, fadadas ao desaparecimento, visto que tudo que é material é também perecível, como colocou André Luiz em seus livros sobre a vida no Plano Espiritual, de forma que a evolução parece seguir ou fluir em círculos concêntricos, onde os mais adiantados no processo se libertam da matéria e tracionam, em sua direção, os mais jovens e retardatários.

Acima desses planos espirituais, mais ou menos evoluídos, estão posicionadas as verdadeiras e incorruptíveis esferas do pensamento e sentimento angelicais, não ligadas diretamente ao nosso cosmo, a não ser como futuras moradas de atuais moradores imperfeitos dos planos inferiores. Não temos acesso a essas esferas, mas o pouco que nos é permitido saber de suas conformações evidencia que as potencialidades do espírito liberto lembram o que Jesus colocou sobre "ter um deus no interior de cada um de nós". Essas palavras não têm o objetivo de oprimir o coração daqueles irmãos que, como eu, já se fartaram da forma arrogante e pretensiosa com que o homem, encarnado ou não, olha para si mesmo, mas apenas mostrar para o nosso próprio espírito as potencialidades que "ele" abriga e o quanto poderá e deverá realizar quando se desvencilhar de suas amarras cármicas e materiais.

Em dimensões paralelas à vossa e à que hoje eu me encontro, nossa família cósmica viceja. Crianças nascem, corpos físicos desgastados dão lugar às novas formas através da morte-reencarnação e a simetria universal, quase perfeita, segue em ritmo peculiar. Lá, como aqui e aí, as pessoas se perguntam sobre o que existe além do véu dos sentidos convencionais.

Em diversos momentos discuti esse texto com minha esposa e sempre nos maravilhamos com a clareza do caro mentor e com a complexidade do assunto.

Por esse texto, o orbe terreno pode ser dividido em um plano verdadeiramente físico, o nosso, caracterizado pelo “nascido e morrer”, e uma série de versões mais ou menos perfeitas de nosso plano, cada uma representando um estado mental e condição espiritual, que se refletem na estrutura física do plano em questão e do orbe como um todo. Esses planos representariam dimensões diferentes da nossa, com leis físicas diferenciadas, das quais temos apenas uma noção ou talvez nem isso. Esses universos espirituais, aparentemente invisíveis, se comportam, em relação a nós, da mesma forma que um objeto tridimensional se comportaria perante seres com duas dimensões, em um universo plano.

Claro que se trata de uma analogia, uma vez que tudo que existe em nosso universo sensorial responde às três dimensões espaciais e uma temporal, que constituem o nosso lugar comum, o nosso dia-a-dia. Contudo, as imagens e linhas abaixo podem explicar essa comparação.

Uma vez que não sabemos como seriam universos ou multiversos com dimensões espaciais adicionais, precisamos imaginar como nos comportaríamos em um universo com menor número de dimensões espaciais, como Hernani Guimarães Andrade fez em sua memorável obra “**Espírito, Perispírito e Alma**” (editora Didier, 2006). Contudo, quem primeiro nos transportou a esse exemplo, utilizando-se de uma maçã para explicar as diferentes dimensões da matéria, foi o memorável astrônomo Carl Sagan, na época da apresentação da série televisiva “Cosmos”.

Obrigatoriamente, qualquer objeto real que venhamos a encontrar em nossa experiência diária tem três dimensões espaciais (comprimento, largura, altura). Para representar algo tridimensional em um universo com duas dimensões diferentes, como uma imagem sobre o papel, poderíamos utilizar a maçã da Figura 1, que receberia tinta preta na sua base. Ao colocá-la sobre um papel branco, produziríamos uma impressão “bidimensional”, representada por seis áreas de contato, com comprimento e largura. Um ser bidimensional, em um universo bidimensional, veria a maçã da Figura 1, nessa representação, como sendo seis organismos diferentes, os seres-mancha, mas, ao mesmo tempo, interligados.

Nesse caso, para onde um deles se deslocar, os outros cinco o seguirão e os demais seres bidimensionais daquele universo imaginário ficariam se perguntando a natureza da força que os manteria interligados daquela forma (Figura 2). Provavelmente os físicos daquele universo iriam discutir horas e horas pensando sobre o tema e os religiosos diriam que isso é coisa divina ou demoníaca, quando, em realidade, é a simples manifestação de um universo mais complexo do que eles estariam preparados para cogitar.

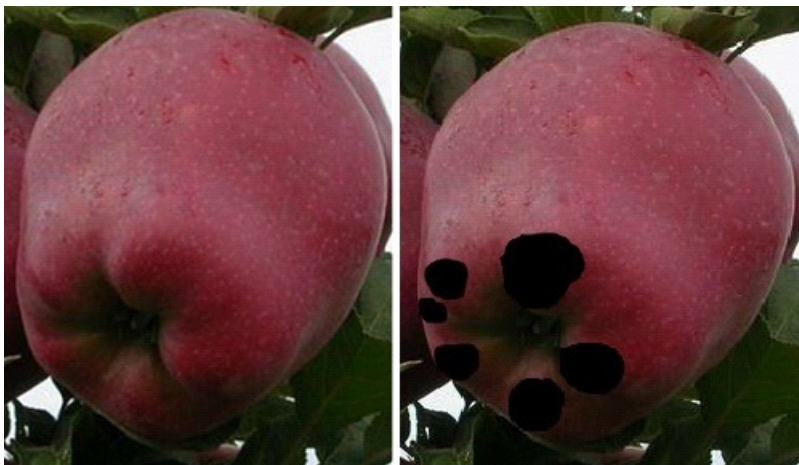


Figura 1. Uma maçã, objeto tridimensional, e as superfícies que ela tocava o papel, simbolizando algo que teria apenas duas dimensões.

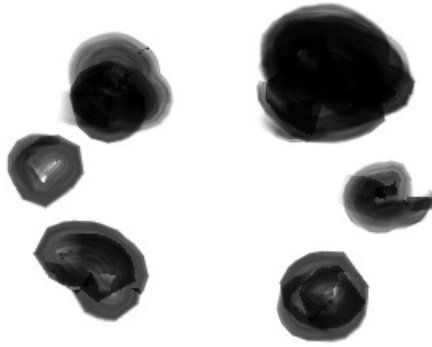


Figura 2. A imagem bidimensional da base da maçã da Figura 1. Um organismo bidimensional veria a maçã da figura anterior dessa maneira, pela impossibilidade de entender o que seria altura, estando ele em um universo de largura e comprimento.

Pelo que vemos na obra de André Luiz e na psicografia do amigo e mentor Joseph Gleber é a existência de planos espirituais com realidades que diferem da nossa por representarem universos com dimensões adicionais, que nos escapam aos sentidos e à compreensão. O orbe terreno seria representado pelo conjunto de planos dimensionais e faixas vibratórias que se inter-relacionam, desde os mais densos, abaixo do umbral, aos mais elevados, nas esferas superiores. Cada um deles guardaria grandes surpresas, como revela André Luiz ao visitar o plano vibratório ou dimensional onde mora sua mãe. Um esquema bastante simples e compreensível desse modelo pode ser observado no livro “**Cidade no Além**”, escrito por Heigorina Cunha e contando com a colaboração de Francisco Cândido Xavier, André Luiz e Lucius, cabendo à nobre companheira de ideal os desenhos que caracterizam as colônias espirituais e as esferas que nos envolvem e que se interligam.

Sabemos que esses conceitos todos podem escapar à compreensão de muitos, mas as próprias academias de ciências não mais ridicularizam aqueles que acreditam que o universo visível e palpável representa apenas uma nesga do que de fato existe. A teoria das supercordas, que une a física relativista de Einstein e a física quântica, também sugere que a matéria e energia podem conter muitas dimensões espaciais adicionais. Aliás, a existência dessas dimensões adicionais é imperativa, necessária, para associação dessas duas grandes correntes do conhecimento. Cabe ressaltar também que tais cordas parecem adquirir diferentes características de acordo com a sua condição vibratória e isso é algo que o meio espírita já se acostumou a falar. Contudo, se essa associação for real, o que precisa ser demonstrado e isso não ocorrerá nas próximas décadas, não temos a mínima noção de como a condição vibratória dessas cordas poderia ser modificada.

Posso parecer pessimista quanto à comprovação científica desses dados, mas Aniceto, instrutor de André Luiz, em “**Os Mensageiros**” (páginas 100 e 101), é da mesma opinião, conforme o texto abaixo, extraído integralmente do livro acima mencionado.

Este, André, é um domínio diferente. A percepção humana não consegue apreender senão determinado número de vibrações. Comparando as restritas possibilidades humanas com as grandezas do Universo Infinito, os sentidos físicos são muitíssimo limitados... Há, porém, André, outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros; maravilhosas esferas que se interpenetram o olho humano sofre várias limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para tornar perceptível. A eletricidade e o magnetismo são duas correntes poderosas que começam a descortinar aos nossos irmãos encarnados alguma coisa dos infinitos potenciais do invisível, mas ainda é cedo para cogitarmos de êxito completo Somente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos. A maioria das criaturas ligadas à Crosta não entende estas verdades, senão após perderem os laços físicos mais grosseiros. É da lei, que não devemos ver senão o que possamos observar com proveito.

A evidência de dimensões espaciais adicionais no universo também surge das experiências envolvendo os fenômenos de materialização e desmaterialização, como as observadas nas sessões de medicina espiritual, com cirurgias no perispírito de irmãos encarnados, levando ao desaparecimento de tumores e lesões. Embora controversas em algumas circunstâncias, esses fenômenos são numerosos e alguns já foram dramaticamente estudados e confirmados.

Como Kardec colocou, não existem fenômenos milagrosos no universo e se assim denominamos a cura pela fé é porque não temos o real conhecimento sobre muitas leis e fenômenos absolutamente naturais. Para que todos tenham uma ideia da nossa ignorância, no final do século XIX, alguns físicos de destacado valor acreditavam que a ciência logo chegaria aos limites da compreensão possível do cosmo, não existindo grandes saltos a serem dados. Pena que eles não conheceram a clonagem, reprodução assistida, física einsteiniana ou relativista, mecânica quântica, transplantes, cosmologia moderna, engenharia computacional... Quanto mais ignorante o ser, mais próximo da verdade “final” ele se sente. Assim, tentemos nos afastar da noção que tudo está sob controle e que temos o domínio do conhecimento (ou do que ignoramos).

As descrições da materialização de espíritos no plano físico terreno, como apresentado em “**Nos Domínios da Mediunidade**” ou nos planos espirituais, de companheiros que provinham de esferas superiores, como apresentado em “**Libertação**”, mostra que o processo não é de “materialização” de fato, que consumiria uma quantidade de energia impraticável, segundo a famosa equação de Einstein:

$$E=m.c^2$$

Onde E é a energia necessária ao processo, m se refere à massa do objeto a ser materializado e c é a velocidade da luz (300.000 Km/s).

Por essa equação vemos que a massa de uma pessoa seria capaz, se convertida em energia, de manter a totalidade de requerimentos de energia do país inteiro por algum tempo. É muita coisa. As descrições desses livros de André Luiz sustentam a ideia de que a energia dos médiuns (ectoplasma) e dos corpos espirituais dos desencarnados que trabalham em associação nesses fenômenos é utilizada para envolver o organismo a ser materializado e transportá-lo para outro plano, não existindo uma conversão de matéria em energia. Teríamos um transporte e não materialização. Como não vemos de onde vem e para onde vai o objeto, usamos uma terminologia equivocada. Zöllner já havia pensado nisso há um século.

Segundo o astrofísico alemão Johann Karl Friedrich Zöllner, fenômenos de desmaterialização e materialização seriam, em realidade, frutos do transporte de objetos físicos através de uma dimensão espacial adicional, inacessível aos nossos aparelhos e sentidos. O objeto não desapareceria de fato, mas sairia do universo dos nossos sentidos, mas continuaria existindo, imperceptível para nós, em outra dimensão física. No exemplo da maçã, se retirássemos a maçã da superfície do papel, os seis pontos de contato desapareceriam, o que faria com que os seres daquele universo de duas dimensões espaciais (largura e comprimento) deixassem de ver o objeto, como se eles tivessem evaporado, desaparecido no ar, o que não é real, uma vez que foram movidos por nós, seres de três dimensões, para uma realidade do nosso universo que eles não conseguem perceber ou entender. Os espíritos, “vivendo” em dimensões adicionais do nosso cosmo, podem levar e trazer coisas da nossa vizinhança sem que possamos avaliar claramente, como nesse exemplo. Precisam apenas de energias para envolver o artefato a ser transportado e isso é obtido com os médiuns de efeitos físicos vivendo no plano onde o fenômeno vai ocorrer, o que abre espaço para entendermos a materialização de objetos em planos espirituais, uma vez que espíritos podem ser médiuns de outros espíritos, como veremos no capítulo sobre mediunidade.

A materialização no plano físico terreno nada tem de diferente daquela que acontece em outras esferas, colaborando para nossa compreensão da estrutura do orbe terreno, onde essas dimensões parecem se completar. Por exemplo, em “**Libertação**”, a materialização de Matilde, vinda de planos elevados, dependeu das energias que um espírito desencarnado, instrutor de André Luiz, liberou em atitude de meditação. Como podemos ver, até os processos mais profundos da matéria são semelhantes e mostram correspondências entre as esferas onde a vida se mantém. O processo de materialização de um espírito em um plano que não é o seu é basicamente o mesmo que ocorre no plano físico, o que suscita um questionamento bastante pertinente... O que é estar encarnado? E o desencarne? O que é o plano físico? O que é o plano espiritual?

Certa feita, em pensamento, perguntei a um nobre amigo (Joseph Gleber), que tinha grandes vínculos de passado junto ao nosso grupo e estava ao meu lado, preparando-me para uma sessão psicográfica na Casa do Caminho Luz e Esperança, sobre o que são os planos espirituais e a resposta foi desconcertante. Sintam a simplicidade e a clareza da resposta:

forma que vocês aí.

Mas porque renascem aqui no plano terreno? Perguntei, desconcertado, logo em seguida...

– Por que deixamos coisas para trás, pendentes, mas o renascimento não ocorre apenas aí.

Renascemos aí, ou melhor, como vocês falam, reencarnamos, porque nosso coração está com aqueles que amamos e a maioria está no **plano físico de vocês** (grifo nosso, para mostrar que plano físico é o plano onde o indivíduo vive, seja ele qual for), na carne. Em outros planos, a vida também se completa com a maturação reprodutiva e o desenvolvimento de prole, como algumas filosofias orientais já atentaram para isso.

Se vocês estivessem menos preocupados com os formalismos já teriam inferido muito mais sobre essa realidade. Esse é um dos sentidos utilizados pelos espíritos nas inúmeras vezes que disseram que a natureza não dá saltos.

Sei que isso é bastante polêmico, embora eu esteja absolutamente seguro da seriedade das descrições e ponderações de nosso amigo espiritual, mas quando nos deparamos com as descrições de André Luiz sobre o mundo espiritual, onde fábricas, colheitas de frutas, celeiros e sistemas de transporte existem, nos perguntamos o que é de fato um plano espiritual e o plano físico.

O que realmente os diferencia? Será que existe uma diferença marcante entre eles ou é apenas uma questão de interação entre o veículo do espírito e o ambiente? Creio nisso.

Os autores do livro **“Por que adoecemos? Princípios para a Medicina da Alma”** (autores diversos, Editora AME, Belo Horizonte, 2012) advogam que os corpos espirituais são apenas vestimentas que se adaptam ao plano dimensional no qual o indivíduo ou consciência, por assim dizer, está vivendo e essa concepção de universo é bastante compatível com o que temos observado nas atividades da casa espírita e contatado através de psicografia com os mentores Gleber, Fritz e Ishmael, além das mensagens psicofônicas da irmã Scheilla, por meio de uma companheira do grupo. Assim, os corpos espirituais seriam apenas vestimentas de um espírito em rota de sublimação, mas geralmente muito distante disso ainda.

Para nós, habitantes do plano considerado “físico”, desencarnado tinha que ser “fantasma”, névoa ou fumaça. A espiritualidade, não apenas André Luiz, vem tentando mostrar, desde 1940, o que de fato ocorre com morte do corpo físico. O maior choque que temos ao ler **“Nosso Lar”**, **“No Mundo Maior”**, **“Ação e Reação”**, **“Os Mensageiros”**, **“Sexo e Destino”**, **“Libertação”**, **“Missionários da Luz”**, **“Nos Domínios da Mediunidade”** e **“Obreiros da Vida Eterna”** é que tudo isso está ali. Entendo agora o porquê de um estudo mais sistemático dessas obras antes de dar maior crédito ao que nossos próprios mentores mostravam. Sinto-me envergonhado por isso.

São textos sobre o dia a dia em um plano espiritual e sua interação com o nosso mundo; tudo está lá, nas entrelinhas. Nada disso seria novidade se tivéssemos ponderado um pouco. Contudo, apegados aos dogmas que não deveriam persistir na compreensão da Doutrina dos Espíritos, deixamos de seguir as recomendações de Kardec quanto à necessidade de estudo e discernimento, estamos nos tornando tão dogmáticos quanto as demais fileiras do Cristianismo. Devo ressaltar que, quando a codificação foi redigida, nada sabíamos sobre as leis físicas que regem o micro e o macrocosmo; a física de partículas, a cosmologia, e mesmo a astronomia eram embrionárias ou sequer existiam, sem mencionarmos os grandes avanços que a biologia e as ciências humanas experimentaram. Kardec foi até onde podia ir. Hoje podemos avançar e muito, sem descaracterizar ou corromper os maravilhosos textos da codificação.

Aqui, em nosso plano, que chamaremos de “físico” porque é onde temos nossos filhos e resolvemos nossos problemas, os espíritos, dotados de um corpo material (perispírito) de natureza diferente, podem atravessar as estruturas de matéria densa, mas, nos planos espirituais, eles não são capazes de interpenetrar as estruturas de matéria astral, que apresenta a mesma natureza do perispírito desses irmãos. As semelhanças e simetrias são enormes. Os espíritos mais sutis atravessam essas e outras barreiras em função de corpos espirituais diferentes, mais “leves” e “sublimes”. Toda essa realidade aponta para uma sequência natural, que pode ser lida até nos textos da codificação, onde Kardec, no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, ao falar de mundos evoluídos, deixa transparecer uma menor influência da densidade da matéria e uma grande similaridade entre o espírito encarnado e o desencarnado nesses planos felizes.

Nossos mentores utilizam-se da terminologia “planos de refazimento” e “planos de trabalho” para se referir aos ambientes espirituais nos quais adentramos pelo túmulo e pelo berço, respectivamente. Contudo, deixam claro que aquilo que é um plano de refazimento (preparação para uma nova existência “física”) para alguns é um plano de trabalho para outros

espíritos, onde o renascimento ocorre e a evolução segue seu curso, com exceção da base dessa pirâmide, constituído pelos vales de sombra e escuridão e pelo plano físico. Nos planos de grande densidade vibratória, como o umbral denso, as trevas e abismos, a entrada se dá pelo desencarne, enquanto no nosso plano, apenas pelo berço (com exceção dos breves momentos de materializações de companheiros). Discutiremos esse tema fascinante quando abordarmos a questão das crianças nos planos espirituais.

Se essas esferas e planos são tão semelhantes e encadeiam uma sequencia evolutiva, temos de procurar elementos que as diferenciem da nossa, como a existência de uma biosfera, como a que temos aqui, mas mesmo nesse ponto não podemos nos vangloriar, uma vez que André Luiz descreve aves, animais domésticos, como o cão e os muars, além de todos os demais elementos da biosfera terrena, como bosques, flores, rios, oceano, montanhas, campinas e outros, em um plano espiritual.

Passamos a entender o dito “plano físico” como a esfera em que vivemos, só isso. Seria o equivalente a dizer que a morte nos retira desse plano físico e nos transporta para outro, tão ou quase tão “físico” e palpável quanto o nosso, dependendo da evolução do irmão.

Entretanto, as percepções desses nossos companheiros são, nitidamente, muito superiores às nossas, respondendo à sua condição mental e espiritual. Essa influência da evolução na capacidade de dominar os atributos espirituais e da matéria ajuda a explicar porque muitos irmãos no umbral, a despeito de uma realidade muito mais rica em detalhes, não conseguem compreender o que se passa ao seu redor, relutando em aceitar a morte do corpo físico ou revoltando-se contra a realidade que encontraram após o desencarne (que reflete o que cada um é de fato). Contudo, mesmo em regiões subcrostais e abissais existem espíritos capazes de dominar o peso relativo de seus corpos perispirituais e volitam em baixa altitude, algo impensável para a maioria daqueles encarnados que seguem de forma mais dogmática as revelações da Doutrina dos Espíritos. Esses amigos confundem o mal com modesto desenvolvimento intelectual, o que não é real e a volitação é uma condição ligada ao intelecto e às condições vibratórias do ambiente, como apresentado em “**No Mundo Maior**” e “**Evolução em Dois Mundos**”.

Essas semelhanças entre os planos, a exemplo da história da maçã, descrita acima, e os fenômenos de materialização e desmaterialização, observados de diferentes formas nas casas espíritas (incluindo aí a desmaterialização de tumores em procedimentos de cirurgia espiritual, cujo pós-operatório deve ser seguido a contento e, não raro, é cheio de incômodos, como eu mesmo pude presenciar e sentir), nos fazem refletir quando a espiritualidade nos coloca que nosso mundo é uma versão empobrecida daquele que eles, nossos irmãos, têm contato e que as percepções e a consciência se dilatam, após a morte do corpo físico, principalmente naqueles que não desenvolvem quadros de revolta e remorso.

Muitas dessas palavras podem parecer estranhas e desconexas, mas Metelo, espírito de profundo conhecimento, em palestra narrada por André Luiz em “**Obreiros da Vida Eterna**”, já mostrava que, enquanto estivermos no plano físico, nossa compreensão sobre a realidade é muito fragmentada e pouco guardamos de nossas viagens astrais, em desdobramento do sono, no retorno ao corpo físico, quando visitamos as muitas comunidades e planos vibratórios terrenos. Assim, estudemos e nos preparemos para dilatar os horizontes de nossas percepções e discernimento. Sintam a profundidade e as implicações das palavras do amigo espiritual (“**Obreiros da Vida Eterna**”, páginas 19 e 20):

– De nossos amigos encarnados não podemos esperar, por enquanto, concurso maior e mais eficiente nesse sentido. Presos nas grades sensoriais, progredem lentamente na aprendizagem das leis que regem a matéria e a energia. Quando convidados a visitar nossos círculos de edificação, fora da instrumentalidade fisiológica, regressam ao corpo assombrados pelas visões rápidas que lhes foi possível arquivar e, em transmitindo suas lembranças aos contemporâneos, operam a coloração da água simples e pura da verdade com os seus “pontos de vista” e predileções pessoais no terreno da Ciência, da Filosofia e da Religião. Bernardin de Saint-Pierre, o romancista trazido por amigos a regiões vizinhas da Crosta Planetária, volta ao seu meio de ação e traça aspectos que asseverou pertencerem ao planeta Vênus. Huyghens, o astrônomo, recebe mentalmente algum noticiário de nossas esferas de luta e ensaia teorias referentes à vida em outros mundos, afirmando que os processos biológicos nos orbes distantes são absolutamente análogos aos da Crosta da Terra. Teresa d’Ávila, a religiosa santificada, transporta-se à paisagem de nosso plano, onde se lamentam almas sofredoras, e torna ao corpo carnal, descrevendo o inferno para os seus ouvintes e leitores. Swedenborg, o grande médium, percorre alguns trechos de nossas zonas de ação e pinta os costumes das “habitações astrais” como melhor lhe parece, imprimindo às narrações os fortes característicos de suas concepções individuais. Quase todos os que vieram momentaneamente ao nosso campo de trabalho voltam ao esforço humano, exibindo a experiência de que foram objeto, pincelando-a com a tinta de suas inclinações e estados psíquicos. Porque se encontram fundamente arraigados ao “chão inferior” do próprio “eu”, acreditam enxergar outros mundos em situações iguais à da Terra, nosso maravilhoso templo, cujas dependências não se restringem à Esfera da Crosta sobre a qual os homens de carne pousam os pés. A Terra é também nossa grande mãe, cujos braços acolhedores se estendem pelo espaço além, ofertando-nos outros campos de aprimoramento e redenção.

Então, de que maneira poderíamos entender o mundo espiritual?

Reunindo todas essas informações e suposições, acreditamos em um multiverso com dimensões físicas adicionais, paralelas, acima e abaixo do condomínio que habitamos na carne, cuja compreensão e acesso nos são parcialmente vedados em função de estarmos presos a três dimensões espaciais. Contudo, nosso corpo espiritual apresenta dimensões adicionais, como o corpo etéreo, também chamado de corpo bioplásmico e estudado pelos pesquisadores da antiga União Soviética, o perispírito propriamente dito ou psicossoma, o corpo mental inferior, o mental superior (corpo causal, segundo as tradições teosofistas e orientais), o corpo búdico e o corpo átmico, também denominado de essência divina ou espírito (existem controvérsias se o corpo átmico seria o espírito destituído de qualquer invólucro ou se refere à mais sutil de todas as vestimentas da consciência incorpórea). Como uma cebola, nossa estrutura corpórea multidimensional é complexa e se dispõe em camadas, que se manifestam na medida em que nos libertamos dos sentidos grosseiros e passamos interagir com outras realidades.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Joseph Gleber; data: 19 de dezembro de 2012).

Meus irmãos, dirijo essas palavras àqueles que enxergam, mas não veem; escutam, mas não ouvem; reconhecem mas não aceitam.

O Soberano Senhor do universo, Criador e Estruturador do princípio, se faz presente em todos os lugares e condições, mesmo que nossa pequenez não permita que venhamos a compreender Seus desígnios, tampouco a extensão de Suas obras.

No passado não tão distante, homens foram incriminados porque sugeriam que a estrutura do universo não refletia os horizontes estreitos dos religiosos de fachada. Séculos se passaram e o problema se mantém atual, com a diferença de que, no presente, as sugestões de novos modelos cosmológicos e as críticas a esses mesmos modelos se originam de mentes que se negam a ver a existência de qualquer organização inteligente no cosmo. Por outro lado, da mesma forma que no século XVI, todas as colocações são baseadas apenas nas abstrações teóricas, matemáticas, uma vez que a avaliação e experimentações práticas ainda não puderam ser realizadas, em função das limitações tecnológicas existentes.

Por muitos anos ponderei sobre o “espaço”, como entidade física. As distâncias que nos separavam de outras estrelas é tamanha que as possibilidades de contatos com nossos irmãos siderais seriam ínfimas, se o espaço fosse absoluto, algo que sabemos não ser verdadeiro, e temos diversos relatos de intercâmbios ocorrendo em esferas superiores e mesmo se utilizando de artefatos tecnológicos. A questão central dessa equação dizia respeito ao fator “massa”, uma vez que a velocidade da luz não poderia ser atingida, tampouco ultrapassada, como diversas vezes demonstrado experimentalmente. Qualquer objeto ou onda que se deslocasse acima dessa constante estaria infringindo uma lei natural, ou pelo menos assim parecia...

Em diversos experimentos em que partículas foram aceleradas e, aparentemente, atingiram seus alvos antes dos fótons, que foram direcionados simultaneamente para os mesmos objetivos, fizeram-no não por terem sido mais “velozes” do que a luz, mas porque percorreram caminhos diferentes, mais curtos, verdadeiros atalhos, atravessando os meandros de dimensões espaciais ocultas aos nossos sentidos naturais.

As ponderações sobre o fator “massa” continuaram nos intrigando e descobrimos que, em algumas condições experimentais que não encontram paralelo no seu plano, as partículas perdiam a capacidade de interagir umas com as outras e com o tecido do cosmo, perdendo os atributos dos objetos com massa. A perda dessa condição permitia que as partículas saltassem de uma posição para outra, independentemente do espaço físico ao redor. Essa situação era extremamente relevante nas equações que descreviam o deslocamento no espaço-tempo e, mesmo onde residimos, em uma colônia de estudos, muitas são as interpretações desse fenômeno. Alguns colocam que a perda da massa pode permitir que o tempo inverta seu sentido de fluxo, de forma a retornarmos ao passado, enquanto outros colocam que, na ausência de interações entre as partículas, esse fenômeno nos tornaria semelhantes a expectadores, uma vez que não seríamos capazes de modificar os eventos observados, tampouco interagir com eles.

De qualquer forma, não se preocupem, das esferas sublimes, os mestres siderais nos ensinaram que o tempo protege o homem frente a ele mesmos e sabemos que modificar o que se passou somente pode ser feito com novas existências e aprendizado. As possibilidades existem e devem ser estudadas como forma de enriquecer o conhecimento que temos e a maneira como entendemos o universo.

Sabemos que esses fenômenos podem ocorrer naturalmente, fruto da estrutura mais íntima da matéria e da energia, filhas do fluido cósmico universal. Dessa forma, alterando a condição das partículas envolvidas, podemos modular a quantidade de energia necessária para viagens no espaço-tempo, de forma que dispositivos tecnológicos podem vir a vencer barreiras até então intransponíveis para os padrões atuais da tecnologia dos encarnados, onde a estrela mais próxima, distando 4,4 anos-luz da Terra, somente seria atingida pelos foguetes terrenos após milhares de anos.

Desde que os contatos com outros seres humanos do cosmo ocorreram e ocorrem, algo tinha que estar errado! E estava!

Além dessa peculiaridade sobre a interação entre as unidades básicas da matéria, o espaço não foi feito para ser singrado como os mares. Não podemos pensar no mesmo com os olhos de Newton. A mecânica clássica fracassa nas distâncias infinitamente pequenas e extraordinariamente grandes. Por outro lado, conseguiremos modificar o espaço-tempo e sua interatividade com a matéria-energia.

Modificando a condição vibratória de uma estrutura, também reduzimos sua interação com o pano de fundo do cosmo e partículas do modelo padrão, reduzindo a quantidade de energia necessária para transportá-la em um universo tridimensional. Porém, o caminho mais curto entre dois pontos extremamente distantes no cosmo não é uma reta, mas uma parábola passando pelas dimensões espaciais adicionais que vocês olvidam. Sabemos que essas palavras podem parecer alucinações e provavelmente tudo isso possa ser considerado abstrato demais para ser real, mas o que é a realidade? Não é a realidade apenas uma percepção?

Vocês possuem numerosas evidências de que o universo não é limitado às dimensões espaço-temporais conhecidas, encontrando-se dobrado, curvado, sobre dimensões adicionais. Outros mundos se descortinam em diferentes condições vibratórias do fluido cósmico universal. A teoria unificada de campo, tão sonhada por Einstein, somente ganha sentido se considerarmos essas outras realidades, infinitas até onde pudemos inferir. Quando olhamos para as “bordas” dessa superestrutura, que de tão maravilhosa e ampla parece plana e homogênea, suas minúsculas e providenciais assimetrias foram responsáveis pelas condições para a organização da vida, segundo os desígnios do Pai. Por outro lado, é a simetria quase perfeita entre os diferentes planos vibratórios que permite que a evolução biológica e a ascensão espiritual se estabeleçam.

Por meio desses dispositivos tecnológicos astrais, os planos superiores e, em menor extensão, os planos intermediários mais avançados tecnologicamente entram em contato com outras sociedades, em níveis diferentes daqueles ocupados por vocês. Estamos apenas começando a entender que o universo se comporta como uma projeção holográfica da mente divina, produto perfeito do Criador e sustentado por Sua augusta vontade.

A existência desses planos tem o objetivo de permitir a individualização, estruturação e evolução do princípio inteligente, que passa a migrar por diversas experiências até sua sublimação plena, na forma de espíritos que atingiram a angelitude. Ao longo desse processo, cada um de nós se liga, por afinidade fluídico-magnética, a determinado plano dimensional, que reflete exatamente o que somos. No plano de vida em que me encontro, crianças nascem de pais que vocês chamariam de “desencarnados”, enquanto em outros, onde a dor e o sofrimento modificam a estrutura fisiológica do perispírito, os rebentos não podem renascer. Simetria quase perfeita.

De qualquer forma, precisamos ter em mente que esse processo de renascimento e morte é relativo; morremos em um plano para renascer em outro. A própria perda do corpo físico durante o desencarne não atende a esse imperativo?

Sim, de forma plena.

E nossa família espiritual se estrutura em diversas comunidades e planos vibratórios diferentes, como consequência de nossas existências pregressas.

Isso é impossível? Será mesmo?

Como comparação, não podemos esquecer que há pouco mais de um século, quase tudo que hoje constitui rotina na vida de vocês era considerado impossível ou impraticável, como a aviação, a engenharia aeroespacial, a telefonia, os transplantes de órgãos e a clonagem terapêutica. O tempo mostrou que os futurólogos estavam errados e os céticos eram, em realidade, pessoas que não viam além de seus desejos de estagnação.

Entre os religiosos falta vontade de buscar explicações e aceitar o novo, preferindo-se a rendição da mente ao dogma. Para a ciência falta parar e refletir sobre as antigas filosofias. A compreensão da realidade está a meio caminho desses companheiros.

Na medida em que evoluímos, a liberdade de nosso psicossoma aumenta significativamente, posto que a matéria sublimada que nos constituirá apresenta menor massa e menor interação com os componentes da matéria convencional, bariônica, e mesmo com a matéria astral, facilitando o processo de intercâmbio físico e espiritual entre os planos vibratórios e os diversos universos que constituem o nosso multiverso infinito.

Ao redor da Terra dos encarnados, ocupando suas vizinhanças e entranhas, dezenas de mundos espirituais existem, integrando-se psiquicamente com as mentes de todos nós, em correntes intensas e irrestritas, mas com pouco efeito sobre a constituição material do plano em que vocês habitam, uma vez que as diferentes condições da matéria astral nada mais são do que peculiaridades de momento, ou conformacionais, do fluido cósmico universal, da mesma forma que a matéria ordinária também o é.

Cada um desses planos vibratórios tem minúsculas variações das constantes físicas básicas, o que lhes confere diferenças significativas nas estruturas materiais e no arcabouço energético, que, por sua vez, interferem de forma pronunciada na constituição e composição dos corpos espirituais de seus habitantes e ajuda a entender os numerosos problemas de terminologia que enfrentamos quando essas mensagens são transmitidas à Terra. Por vezes colocamos que os problemas de comunicação esbarram em terminologias que vocês não conhecem, mas a realidade é mais grave: faltam referenciais para comparação.

Para os planos mais sutilizados, vocês são vistos como habitantes intraterrenos, da mesma forma que os habitantes dos abismos e das trevas profundas são chamados de seres subcrostais por vocês. Porém as palavras “intraterreno” e “subcrostal” são metafóricas, uma vez que não estão dentro ou abaixo de nada na sua frequência vibratória. Essa terminologia somente se impôs e hoje até prejudica a compreensão em função das imagens dantescas com que foram retratados os planos de dor e sofrimento na Idade Média. Esses habitantes não vivem no núcleo quente de Terra “física”, mas na superfície de esferas mais densas do que a vossa, apenas isso. Estrelas também enfeitam o céu noturno desses planos.

O peso que esses irmãos sofrem não é fruto da pressão das rochas sobre suas cabeças, mas o efeito das egrégoras e viciações mentais a que se entregaram ao longo de eras geológicas.

Essa realidade também se manifesta em termos evolutivos, biológicos, sendo praticamente impossível distinguir um plano dimensional ou vibratório de seus pares mais próximos, motivo que leva diversos irmãos desencarnados a ignorarem a própria condição; ignoram a morte porque o mundo que encontram após o desenlace é, em quase tudo, semelhante ao deixado para trás. Essa semelhança entre os planos não é apenas física, mas também biológica, como estudos anteriormente apresentados sugeriram.

A estruturação do orbe em moradas de densidade decrescente existe para guiar o espírito em direção à perfeição. Chegará o momento em que a sociedade, como a conhecemos, terá abandonado o plano físico de vocês e viverá nos planos mais sublimados, da consciência livre e imaterial, conforme a descrição do Evangelho Segundo o Espiritismo.

Quando isso ocorrer, caso outra civilização venha a fazer “uma visita” ao plano físico atual, veria um mundo desolado e diria que os grandes primatas teriam se extinguido... isso se a vida ainda existir na superfície do globo. Contudo, nas esferas mais sutis, nossas coletividades estariam no mais elevado e pleno vigor, com renascimentos e progresso.

A própria codificação narra essa transformação, que apresenta caráter inevitável, até porque tudo que apresenta natureza material é perecível e deve desaparecer com o tempo. Deus está em toda parte e a vida é ubíqua, ocupando cada meandro desse tortuoso rio chamado universo, com canais aferentes e eferentes, por onde a matéria e energia são recicladas. Fazemos parte desse contínuo e se fisicamente ainda estamos presos a nossas limitadas percepções, em espírito podemos sondar a intimidade da vida e do todo.

Tudo virá de forma paulatina e no tempo certo, sob a direção dos mestres Imortais e a liderança do Cristo planetário.

RESUMO DO CAPÍTULO: a obra de André Luiz deixa bastante claro que o orbe terreno é constituído por diversos planos vibratórios, com todas as características de mundos “materiais”, com rios, bosques, moradias, lavouras, fábricas e oficinas. Esses planos possuem características próprias, mas deixam mostrar que a vida, após a morte do corpo físico, é uma continuação mais rica, variada, daquela que o indivíduo apresentava na crosta terrena; a vida prossegue em uma realidade familiar, paralela à nossa. Os espíritos também sugerem que além desses planos vibratórios, em nosso orbe, o próprio universo teria suas contrapartes espirituais, como parte de uma grande simetria. A matéria que constitui esses planos é, para os espíritos, tão palpável quanto a matéria comum o é para nós. Envolvendo todas essas estruturas e conectando-as teríamos uma manifestação bastante sutil do fluído cósmico universal, a matéria mental, que sofre influência de nossos pensamentos e, por sua vez, influencia as condições do ambiente em que vivemos, tanto na crosta quanto nas esferas espirituais. As descrições de desdobramento em corpo mental, a presença do corpo vital ou duplo etéreo nos encarnados vai de encontro à literatura oriental que sugere que o homem também é constituído de vários corpos que vibram em frequências diferentes, da mesma forma que as esferas espirituais que se interconectam com o plano físico. A nossa dificuldade em entender as expressões que os espíritos da codificação utilizavam, como semi-material, semi-fluídico e outras, demonstra que a natureza do cosmo é mais ampla e variada do que os pesquisadores encarnados e os estudiosos espíritas podem imaginar. A comprovação dessas realidades paralelas ainda não é possível, mas certos físicos e cosmólogos consideram sua existência como “matematicamente plausível”. Nesse universo de André Luiz, a morte e o renascimento são as portas para adentrar essas outras realidades. Nada do que foi apresentado pelo amigo espiritual vai contra os postulados básicos da Codificação de Kardec.

Notas dos Autores

1) Tudo, no cosmo, pode ser considerado “físico”, uma vez que existe e pode vir a ser estudado pelas academias de ciências no futuro. O que seria algo “não físico”? Até energia pode ser considerada algo físico, uma vez que é objeto de estudos de diferentes modalidades da física e pode ser convertida em matéria.

2) Ela, Christiane Marie Schweitzer, é da área de ciências exatas e tem doutorado em engenharia elétrica pela Escola Politécnica da USP, além de ter iniciado o curso de graduação em Física pela Universidade Federal de Santa Catarina.

O Perispírito e sua Fisiologia

Antes das obras de André Luiz, de Emmanuel, dos numerosos jovens que escreviam a partir do “além”, em consonância com os textos da codificação de Kardec, os espíritas e os estudiosos dos fenômenos mediúnicos, espirituais e psíquicos tinham uma ideia muito vaga sobre o pretenso corpo espiritual que os espíritos de todas as condições hierárquicas envergavam.

Kardec, em sua obra maravilhosa, inspirada pelos prelados do Cristo, recebeu informações que descreviam o homem como constituído de três elementos básicos: o corpo físico, o espírito imortal e um corpo “semi-material”, estruturado em matéria em outra condição vibratória, capaz de funcionar como um elo entre o espírito propriamente dito e a matéria ordinária que constitui nosso plano de vida. André Luiz, como veremos a seguir, acrescentaria mais dois invólucros à estrutura corporal do homem, dividindo o perispírito em três corpos separados, mas profundamente interligados entre si e ao corpo físico, chamando-os de corpo etéreo ou vital, psicossoma (sinônimo de perispírito em um sentido mais estrito) e o corpo mental, deixando transparecer que corpos mais sutis existiriam.

Segundo André Luiz, o homem encarnado teria o corpo físico, o corpo vital ou bioplásmico (também chamado de duplo etéreo pelas tradições esotéricas e filosofias orientais) e o corpo mental. Para os hindus, o corpo mental poderia ser separado em duas estruturas diferentes, o corpo mental inferior e o corpo mental superior, além dos corpos búdico e átmico, sendo esse último considerado a maior expressão do espírito, mais próximo do Criador. A Figura 3, abaixo, ilustra essa subdivisão, evidenciando os sete corpos (ou invólucros) dos quais o homem é constituído (1).

O corpo físico é o veículo que permite nossas experiências na crosta terrena, com baixa frequência vibratória. Envolvendo-o e expandindo-se ao seu redor por alguns milímetros, temos o corpo vital, também chamado de corpo etéreo ou duplo etéreo, que funciona como um centro de captação de energias do universo e como elo de ligação entre o perispírito e o corpo físico (através do chamado cordão prateado e dos centros de força), assumindo um papel protetor e de nutrição desse último, constituindo a verdadeira porta de captação do fluido cósmico e transformação do fluido vital, fonte de ectoplasma, permitindo a transmissão de impulsos sensoriais em direção dos demais corpos espirituais, deles recebendo as emanações de natureza emocional e racional.

AGREGADO ANÍMICO ESPIRITUAL	
ÁTMA Centelha Divina	
BÚDICO Banco de Dados da Consciência	
MENTAL SUPERIOR Vontade - Imaginação	 ESTES TRÊS CORPOS, COM SEUS DESDOBRAMENTOS EM NÍVEIS E SUBNÍVEIS, CONSTITUEM O NOSSO MODELO DE INCONSCIENTE. É DAQUI QUE BROTAM OS DISTÚRBIOS QUE DESARTICULAM OU PERTURBAM O EQUILÍBRIO DA PERSONALIDADE.
MENTAL INFERIOR Cinco sentidos Inteligência	
CORPO ASTRAL (MOB) Sede das Emoções	
DUPLO ETÉRICO Automatismo Vital	
CORPO FÍSICO Soma	

Figura 03. Os “sete corpos” que compõem o homem: corpo físico, duplo etéreo, corpo mental inferior, corpo mental superior (corpo causal), corpo búdico e átmico. O corpo físico, o duplo etéreo e o corpo astral ou psicossoma constituem os “corpos inferiores”, enquanto os demais são denominados de corpos superiores.

A morte física conduz à perda do corpo físico e desse corpo etéreo, enquanto que o perispírito e os corpos superiores são preservados no processo, permanecendo pelo tempo necessário para que o espírito desenvolva todo o seu potencial evolutivo, que pode consumir eras geológicas. O papel desses invólucros do espírito não-corpóreo podem ser lidos com grande propriedade no texto abaixo, retirado do maravilhoso livro “**Por que adoecemos? Princípios para a Medicina da Alma**” (autores diversos, Editora AME, Belo Horizonte, 2012):

Sendo assim, optamos pelo entendimento de que a expressão kardecista de perispírito é compatível com a ideia de um conjunto de corpos que se entrelaçam e intermedeiam o Espírito (imaterial) e o corpo físico. Sendo que esses corpos são destruídos e seu constituinte fluídico devolvido ao fluido cósmico universal, quando do aprimoramento do Espírito, semelhante ao que ocorre com o corpo carnal após a desencarnação. O Espírito dispensaria-os, na medida que suas funções específicas não fossem mais necessárias, e o seu arsenal de recursos imprescindíveis ao ser imortal seriam incorporados, por um corpo mais aprimorado e rarefeito, estagiando então o Espírito numa faixa vibracional superior, onde aquele corpo não seria mais útil.

Creio que não poderíamos ter sido mais claros sobre o tema. O próprio André Luiz mostra a decomposição de parte da estrutura do duplo etéreo depois do desencarne. Sendo esse corpo a fonte de ectoplasma, também chamado de fluído vital de origem animal (também somos animais, por mais que o preconceito de alguns dificulte a aceitação disso), a morte do corpo físico acaba por desorganizar o corpo bioplásmico, que já não tem mais função e passa a se decompor nas horas e dias após o desencarne, existindo legiões de irmãos sofredores que procuram recuperar resíduos desses fluidos, que se tornam mercadoria nobre nas trevas e regiões de penumbra.

Em “**Obreiros da Vida Eterna**” (página 231), padre Hipólito, nobre amigo que muito conhece sobre o desencarne e a necessidade de evangelização nas lides da revolta, coloca:

(...) Nos cemitérios costuma congregar-se compacta fileira de malfeitores, atacando vísceras cadavéricas, para subtrair-lhes resíduos vitais.

Será que ele foi claro? Creio que foi esplêndido.

Entretanto, para o nosso momento evolutivo na Terra, com tantas celeumas pouco salutares ganhando a intimidade dos Centros Espíritas, a falta de estudo e discernimento, discussões mais aprofundadas sobre a estrutura dos corpos espirituais terão de esperar. Temos de nos ater ao que o nosso senso comum já solidificou como seguro, de forma que não iremos nos estender em discussões sobre os corpos superiores, ficando o estudo restrito ao psicossoma, ou perispírito propriamente dito. Para uma consulta mais pormenorizada sobre esse tema, também recomendamos o livro “**Vida além da Vida**” (volumes I e II, no formato e-book pela Digital Books Editora).

Para esclarecer e demarcar limites em nossa discussão, consideramos que o perispírito, como o nome sugere, é o revestimento que confere ao espírito imaterial a capacidade de atuar nos planos astrais, além de representar uma interface entre o espírito e o corpo físico, para os encarnados.

Do que é feito o perispírito?

Quais suas características básicas?

Ele é material? Se a resposta for “SIM”, como são seus órgãos e como modificações em sua estrutura afetariam o corpo físico?

Ele pode ser perdido? Se sim, em que condições?

Como coloca Emmanuel, no livro “**Roteiro**” (páginas 31 a 33), psicografado por Francisco Cândido Xavier (Editora da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 12ª edição, 2007):

O perispírito é, ainda, corpo organização que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste, além do sepulcro, de conformidade com o seu peso específico.

Formado por substâncias químicas que transcendem a série estequiogenética conhecida até agora pela ciência terrena, é aparelhagem de matéria rarefeita, alterando-se, de acordo com o padrão vibratório do campo interno.

Organismo delicado, extremo poder plástico, modifica-se sob o comando do pensamento. É necessário, porém, acentuar que o poder apenas existe onde prevaleçam a agilidade e a habilitação que só a experiência consegue conferir.

Nas mentes primitivas, ignorantes e ociosas, semelhante vestidura se caracteriza pela feição pastosa, verdadeira continuação do corpo físico, ainda animalizado ou enfermiço.

Algumas linhas abaixo, Emmanuel (“**Roteiro**”, página 33) deixa clara a natureza material do perispírito...

O perispírito, quanto à forma somática, obedece a leis de gravidade, no plano a que se afina (...)

Isso não muda o fato de que o mesmo é bastante maleável ao ambiente e, principalmente, condições mentais e espirituais das pessoas, apresentando “*em si mesmo a história completa das ações praticadas no mundo*” (“**Nosso Lar**”, página 34). Todas essas palavras de Emmanuel estão de acordo com as citações de André Luiz sobre o assunto, deixando claro que o perispírito é constituído, essencialmente, de matéria, uma vez que sofre o efeito da gravidade do plano que lhe é próprio, além de ser mais ou menos denso ou sublime em função da elevação espiritual de cada um.

Por mais que os pensamentos comandem a fisiologia do corpo perispiritual, não podemos esquecer que os órgãos perispirituais possuem metabolismo que se manifesta em todos os lugares, fazendo com que o irmão desencarnado sinta frio, calor, fome e sede, ou verifique o crescimento dos pelos e cabelos, além das necessidades “fisiológicas” básicas, como podemos nos deparar nas citações abaixo, extraídas de “**Nosso Lar**” (página 21):

Para quem apelar? Torturava-me a fome, a sede me escaldava. Comezinhos fenômenos da experiência material patenteavam-se-me aos olhos. Crescera-me a barba, a roupa começava a romper-se com os esforços da resistência, na região desconhecida (...)

Ou, logo a seguir, ainda no capítulo 2 (página 23):

(...) Persistiam as necessidades fisiológicas, sem modificação. Castigava-me a fome todas as fibras e, nada obstante, o abatimento progressivo não me fazia cair definitivamente em absoluta exaustão. De quando em quando, deparavam-se-me verduras que me pareciam agrestes, em torno de humildes filetes d'água a que me atirava sequioso. Devorava as folhas desconhecidas, colava os lábios à nascente turva, enquanto me permitiam as forças irresistíveis, a impelirem-me para frente (...)

Meus amigos, será que poderíamos ser mais claros e explícitos do que nosso querido autor, no texto acima? Não. André Luiz se superou.

Contudo, precisamos encarar um aspecto que o cinema não explorou: a morte separa duas etapas da nossa existência e, se temos um metabolismo aqui, teremos outro do outro lado da vida.

Mas o que é metabolismo?

É o conjunto de reações químicas que mantêm a vida. Ele é conjunto de reações que nos auxiliam na luta contra a desorganização de nossas células, contra a entropia do sistema (segundo as leis da termodinâmica). Do outro lado da vida, o corpo perispiritual também apresenta algumas peculiaridades fisiológicas, como veremos a seguir, denotando algum tipo de metabolismo.

O perispírito é “algo vivo”, muito vivo, aliás, dotado de órgãos e estruturas bem delimitadas, não se comportando como

uma fumaça que se esvai com o vento. Irmão Gotuzo, em “**Obreiros da Vida Eterna**” (página 67), coloca que:

(...) Os enfermos e os médicos são aqui em maior número. O corpo astral é organização viva, tão viva quanto o aparelho fisiológico em que vivíamos no plano carnal.

Amigos, amigos! Ele é bastante incisivo nessas palavras. Não deixa muitas dúvidas o que quer transmitir: o perispírito é vivo e como tal tem todos os elementos que compõem o corpo físico, com algumas diferenças e se mostra muito mais complexo e ricamente estruturado.

O corpo perispiritual também é constituído de células, que se adaptam e moldam o corpo físico, de forma que é o efeito das nossas existências pregressas sobre as células do perispírito que determinarão o corpo físico que irá abrigar o ser em futura reencarnação, direcionando os ditames da genética.

Em hipótese alguma desconhecemos ou desconsideramos o papel dos genes na determinação do corpo do reencarnante, mas apenas gostaríamos de lembrar que a genética do indivíduo é selecionada pela espiritualidade, da mesma forma que uma pessoa escolhe uma vestimenta para determinado evento social ou profissional. Escolhemos a roupa dentro de um conjunto de possibilidades dentro de um guarda-roupa, enquanto as possibilidades de expressão genética dos atributos do perispírito são avaliadas dentro do conjunto de genes dos pais e o caso de reencarnação de Segismundo é típico desse processo (“**Missionários da Luz**”). Em função das aptidões do irmão reencarnante e da genética disponível, os gametas são selecionados e a fecundação ocorre, fugindo totalmente do acaso, da sorte ou azar. Tudo é aprendido.

A estrutura celular do perispírito é amplamente abordada por André Luiz, destacando-se a conversa a seguir, entre Jerônimo, trabalhador de uma fundação socorrista e nosso amigo, sobre os efeitos de psicotrópicos e sedativos no organismo perispiritual de um recém-liberto do corpo denso. O texto em destaque é de “**Obreiros da Vida Eterna**” (páginas 282-283):

(...) Segundo sabemos, em plano algum a Natureza age aos saltos. O perispírito, formado à base de matéria rarefeita, mobiliza igualmente trilhões de unidades unicelulares da nossa esfera de ação, que abandonam o campo físico saturadas da vitalidade que lhe é peculiar. Daí os sofrimentos e angústias de determinadas criaturas, além do decesso. Os suicidas costumam sentir, durante longo tempo, a aflição das células violentamente aniquiladas, enquanto os viciados experimentam tremenda inquietação pelo desejo insatisfeito.

Em “**Evolução em Dois Mundos**”, um dos melhores livros espíritas de todos os tempos, que pela natureza científica do texto ainda é pouco estudado e compreendido pela maioria dos irmãos de fé, André Luiz mostra que a evolução biológica do organismo humano ocorreu em paralelo à evolução do seu veículo perispiritual, o que abre para o futuro a janela de estudos sobre a evolução da vida e da consciência humanas, frutos da busca pelo divino, de explicações mais satisfatórias sobre “o que fazemos aqui?” Verifiquem a clara menção de células perispirituais que se conectam ao corpo físico. O fragmento em questão foi retirado da página 79 da obra precitada, nestes termos:

(...) facilitando-se-lhe a mentalização e o desprendimento do corpo espiritual, cujas células em conexão com as células do corpo físico se automatizavam assim, na emancipação parcial, através do sono, para acesso da alma a ensinamentos de estrutura superior.

Essa evolução paralela vem ocorrendo ao longo de todo o processo de desenvolvimento do *Homo sapiens*, nós, por milhões de anos, de forma gradual e ininterrupta, através do dueto reencarnação – desencarnação. Da mesma forma que temos uma evolução filogenética e ontogenética do corpo físico, temos as suas equivalentes no corpo perispiritual. No desencarne, enquanto no corpo físico, no moribundo, os tecidos e células vão perdendo a ação coordenada que os mantinha em sintonia, no perispírito as alterações se processam principalmente no sistema digestório, respiratório e musculoesquelético, pouco alterando a estrutura do sistema neuroendócrino, como também apresentado em “**Evolução em Dois Mundos**” (página 173):

Assim também, após a transfiguração ocorrida na morte, a individualidade ressurgue com naturais alterações na massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral (...)

Nessa mesma linha e para dar base a essas afirmações, transcrevemos, a seguir, trecho do item “Histogênese Espiritual” (“**Evolução em Dois Mundos**” páginas 84 e 85):

No ciclo de cadaverização da forma somática, sob o governo dinâmico de seu corpo espiritual, padece extremas alterações que, na essência, correspondem à histólise das células físicas, ao mesmo tempo que elabora órgãos novos pelo fenômeno que podemos nomear, por falta de termo equivalente, como sendo histogênese espiritual, aproveitando os elementos vivos, desagregados do tecido citoplasmático, e que se mantinham até então, ligados à colméia fisiológica entregue ao desequilíbrio ou à decomposição.

A histólise ou processo destrutivo na desencarnação resulta da ação dos catalisadores químicos e de outros recursos do mundo orgânico que, alentados em níveis de degenerescência, operam a mortificação dos tecidos e, do ponto de vista do corpo espiritual, afetam principalmente a morfologia dos músculos e os aparelhos da nutrição, com escassa influência sobre os sistemas nervoso e circulatório.

Pela histogênese espiritual, os tecidos citoplasmáticos se desvencilham em definitivo de alguns dos característicos que lhes são próprios, voltando temporariamente, qual se atendessem a processo involutivo, à condição de células embrionárias multiformes que se dividem, através da cariocinese, plasmando, em novas condições, a forma do corpo espiritual, segundo o tipo imposto pela mente.

Essa natureza “tecidual” do perispírito levanta profundos questionamentos, como a existência de doenças do perispírito e sua “indestrutibilidade”. O que podemos dizer sobre isso?

A estrutura do perispírito é perecível, principalmente em função de sua natureza material e sua interdependência com as condições dos outros corpos espirituais, em particular os corpos mentais, superior e inferior, capaz de ditar modificações severas na estrutura perispirítica. Em “**Evolução em Dois Mundos**” (página 174), André Luiz faz a seguinte colocação:

– Em que condições o corpo espiritual de um desencarnado sofrerá compressões, escoriações ou ferimentos?

– Dentro do conceito de relatividade, isso se verifica nas mesmas condições em que o corpo físico é injuriado dessa ou daquela forma na Terra.

Não dispomos, entretanto, presentemente, de terminologia adequada na linguagem terrestre para mais amplas definições do assunto.

Além desse aspecto, o corpo perispiritual pode ser danificado a partir de artefatos bélicos astrais, como mencionado em “**Libertação**” (página 65), onde falanges das trevas têm armas para lutar e ferir. A respeito da fragilidade do corpo espiritual, o instrutor Gúbio declara (“**Libertação**”, páginas 105 e 106):

– Sabes, assim, que o vaso perispirítico é também transformável e perecível, embora estruturado em tipo de matéria mais rarefeita.”

– Sim... – acrescentei (André Luiz), reticencioso, em minha sede de saber.

– Viste companheiros – prosseguiu o orientador –, que se desfizeram dele, rumo a esferas sublimes, cuja grandeza por enquanto não nos é dado sondar, e observaste irmãos que se submeteram a operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos para renascerem na carne terrestre. Os primeiros são servidores enobrecidos e gloriosos, no dever bem cumprido, enquanto que os segundos são colegas nossos, que já merecem a reencarnação trabalhada por valores intercessores, mas, tanto quanto ocorre aos companheiros respeitáveis desses dois tipos, os ignorantes e os maus, os transviados e os criminosos também perdem, um dia, a forma perispiritual.

O fragmento acima deixa claro que o perispírito pode ser perdido pela ascensão evolutiva e veremos, posteriormente, na análise do mesmo livro, que o ódio e a mente enclausurada na vingança, o monoideísmo, também podem induzir a perda do vaso perispiritico por um processo de ovoidização. A formação de ovóides foi motivo de profundas discussões com os principais expoentes do Espiritismo brasileiro nas décadas que se seguiram a esse texto e muitos ainda relutam em aceitar sua existência, mesmo com centenas de descrições que estão disponíveis na literatura. Alguns dizem que essas descrições são viciadas pela influência que a obra de André Luiz exerce sobre os novos médiuns, mas esquecem-se de que a lógica mostra que o processo é natural e aquele que busca a morte, na impossibilidade de obtê-la, acaba criando profundas transformações no seu corpo perispiritual. Viver é condição que necessita de harmonia e, na ausência dessa, o corpo físico e os corpos espirituais padecem.

O texto relata também que o que sobra do perispírito após o processo de restringimento ou encolhimento para o reencarne é semelhante ao que resta do corpo físico humano no desencarne, uma estrutura inerte. Vejam, mais uma vez, a simetria: para adentrarmos o mundo espiritual, com mais liberdade, deixamos aqui o corpo físico inerte e desnecessário: é a morte; para retornarmos ao mundo físico, grande parte daquilo que chamamos de corpo espiritual sofre profundas alterações em sua estrutura e o que sobra está “morto”, em termos práticos. Similaridades que podem ser muito úteis no aprendizado.

Sobre isso, no livro “**Imagens do Além**”, de Heigorina Cunha e espírito Lucius (editora Instituto de Difusão Espírita, 1996), discutindo com Chico Xavier o processo de restringimento, o querido amigo mineiro se volta para os autores e completa (página 44):

Este despojo grosseiro (2) é enterrado em um lugar próprio, num cemitério.

Lembre-se que isso está ocorrendo em um plano espiritual. Inácio Ferreira, através de Carlos Baccelli, também discorre sobre esse assunto, mostrando a possibilidade desses restos serem cremados, uma vez que a compreensão lá é muito maior do que a nossa, de forma que ninguém vela o remanescente inerte do perispírito do companheiro que concluiu o restringimento para reencarnação. Ishmael, em “**Vida Além da Vida**”, mostra que isso é procedimento natural e o remanescente do perispírito do reencarnante, após restringimento, recebe o destino que as tradições culturais da comunidade pedem, mas geralmente conduzem à cremação.

O perispírito não apenas tem metabolismo, mas drogas capazes de afetar o sistema nervoso do corpo “físico”, permitindo maior descolamento do duplo etéreo, também podem interferir no organismo perispiritual. Ao distender as ligações com o corpo etéreo e corpo físico, os narcóticos e demais drogas psicotrópicas podem permitir a perda momentânea do controle dos corpos espirituais superiores sobre o organismo físico, o que muito colabora para o vampirismo associado às drogas, lícitas e ilícitas, como tantas vezes mencionado por André Luiz. A ação desses agentes também pode afetar a dissolução dos vínculos fluídicos que prendem o perispírito ao corpo físico, como descrito a seguir, para um doente terminal, Cavalcante, em “**Obreiros da Vida Eterna**” (página 281):

– A carga fulminante da medicação de descanso, por atuar diretamente em todo o sistema nervoso, interessa os centros do organismo perispiritual. Cavalcante permanece, agora, colado a trilhões de células neutralizadas, dormentes, invadido, ele mesmo, de estranho torpor que o impossibilita de dar qualquer resposta ao nosso esforço. Provavelmente, só poderemos libertá-lo depois de decorridas mais de doze horas.

E os efeitos das drogas não desaparecem de imediato, com o rompimento dos liames magnéticos que mantinham o perispírito ligado ao corpo físico. Vários dias, e mesmo semanas, podem ser necessárias para o pleno restabelecimento do desencarnado, como no caso em questão. No texto abaixo, o desencarnado ainda está sobre o efeito dos sedativos que lhe foram ministrados antes do desencarne (“**Obreiros da Vida Eterna**”, página 282):

(...) A injeção sedativa, veiculando anestésicos em dose alta, afetara-lhe o corpo perispiritico, como se fora choque elétrico. Devido a isso, ele permanecia quase inerte, ignorando-se a si mesmo. Inquirido por mim, vezes diversas, não sabia concatenar raciocínios para responder às questões mais rudimentares, alusivas à própria identidade pessoal.

A condição vibratória do corpo perispiritual depende da condição moral do espírito, mas podemos verificar que, após a conscientização da condição de “desencarnado”, as percepções se dilatam substancialmente. Esse fenômeno é natural, como relatado em “**Nosso Lar**”, mas pode ser induzido por intervenções no corpo espiritual, como descrito em belos detalhes em “**Os Mensageiros**”, junto ao Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções. André Luiz foi submetido a esse procedimento antes de participar das atividades de auxílio na crosta.

Esses sentidos profundamente dilatados após a morte física permitem, dentre outras coisas, a transmissão rudimentar do pensamento entre pessoas afins, como explicado por Aniceto, em “**Os Mensageiros**” (página 219), nestes termos:

— Aquele é o nosso irmão Fábio Aletto, que vai dar a interpretação espiritual do texto lido. Os que estiverem nas mesmas condições dele, poderão ouvir-lhe os pensamentos; mas, os que estiverem em zona mental inferior, receberão os valores interpretativos, como acontece entre os encarnados, isto é, teremos a luz espiritual do verbo de Fábio na tradução do verbo materializado de Isabel.

Nosso mentor não poderia ser mais explícito. Em poucas palavras fornecera-me a súpula da extensa lição.

Fenômeno semelhante é observado nas comunicações mediúnicas, onde o estabelecimento de uma sintonia fina entre o espírito e o médium é uma condição bastante imprescindível ao processo de intercâmbio e todos os cuidados seguidos objetivam exatamente minimizar os fatores ambientais interferentes no processo.

A expansão dos sentidos espirituais e da capacidade cognitiva após a morte está diretamente ligada à evolução espiritual e ao tempo em que o irmão se encontra no período de intermissão (entre as reencarnações) ou erraticidade, como nos mostra a superior capacidade sensorial dos mentores de André Luiz, em numerosas passagens de sua obra, como na página 306 de “**Os Mensageiros**”.

Alguns autores espíritas, como Djalma Argollo, em seu instigante “**Possibilidades Evolutivas**” (Editora Mnêmio Túlio, São Paulo, SP, 1994), sugerem que essas capacidades dilatadas de percepção (ver, escutar, emitir e captar os pensamentos, sentir e compreender), que tanto caracterizam o espírito livre do corpo físico, mesmo que apenas momentaneamente, como no caso de desdobramentos perispirituais, podem refletir a existência de dimensões espaciais adicionais nos planos espirituais, como já discutimos no capítulo anterior. Essas percepções nos são parcialmente vedadas (como encarnados) na matéria densa da qual somos constituídos, presa a um universo tridimensional. Da mesma forma que um peixe pouco vê fora da água, nós pouco entendemos o universo em que estamos inseridos durante o período de permanência no corpo físico. Libertos, nossa consciência se dilata e passa a contemplar o cosmo de forma mais completa.

No início do processo evolutivo, o espírito não consegue ter um domínio pleno dessas percepções e os rudimentos da telepatia apenas completam a linguagem articulada, estabelecendo-se, inicialmente, entre espíritos afins, geralmente membros das mesmas famílias espirituais, mas essa capacidade vai se dilatando a ponto de substituir a língua falada. O pensamento puro e límpido é capaz de saltar a distâncias incomensuráveis e, quanto mais elevado o intelecto do seu emissor e mais sublime o seu conteúdo, maior o salto, mais pronunciada e distância “percorrida”. Aliás, falar em transmissão do pensamento é um erro, posto que ele não viaja simplesmente, mas salta em direção ao seu receptor.

Essas percepções também são muito sujeitas à categoria evolutiva do companheiro desencarnado, que somente pode ver, sentir e compreender aqueles espíritos que possuem o seu grau evolutivo ou inferiores, como toda a obra de André Luiz demonstra de forma cabal, principalmente quando coloca que:

É muito provável estejamos sendo vistos e ouvidos, sem que tenhamos, até agora, despertado a faculdade precisa de escutar e enxergar neste plano (...)

Nesse caso, o autor se referia a espíritos de maior hierarquia espiritual que ele mesmo.

A existência de um metabolismo semelhante ao nosso, no perísprito dos irmãos situados próximos à crosta, é realçada pela necessidade de alimentos, líquidos, lazer, repouso, bem como a descrição de lágrimas, suor, necessidades fisiológicas

outras (seria uma alusão a fezes e urina?). Muitos companheiros das casas espíritas ficariam loucos com essa insinuação, mas é o que tudo indica, sendo que em “**Libertação**”, pela ausência de um trabalho de limpeza coerente, a presença de depósitos de detritos torna a vida em uma cidade das sombras bastante penosa.

Todas essas peculiaridades “brotam” do corpo espiritual de André Luiz, em numerosos momentos de suas descrições sobre a vida espiritual, isso sem falar da respiração e batimentos cardíacos e outras menções a órgãos no perispírito. Percebe-se, entretanto, que os espíritos que se encontram mais libertos do mundo material não possuem essas necessidades em grau tão elevado. Como uma espiral em ascensão, percorremos a evolução nos libertando da matéria mais grosseira, mas esse processo é lento e não é obtido unicamente com a morte do corpo físico... é uma jornada contínua.

Uma vez que a morfologia dos órgãos físicos apresenta grande dependência da estrutura perispiritual, de forma que alguns espíritas chamam o perispírito de “molde” do corpo físico, como Emmanuel e Hernani Guimarães Andrade, que o denominava de modelo organizador biológico, MOB, é possível, se não provável, que o perispírito também determine a função dos diferentes órgãos do corpo físico. Para tanto, cada órgão perispiritual teria de apresentar alguma semelhança funcional com o corpo físico, como de fato ocorre.

Em mensagem psicografada em dezembro de 2011, Ishmael, um amigo espiritual bem próximo, relata que a redução do sistema digestório e a transferência, para os pulmões, de parte da capacidade de absorver nutrientes são condições que se exacerbam nos planos superiores, onde a atmosfera fornece praticamente tudo que o perispírito necessita em seu metabolismo (“**Vida Além da Vida**”). Essa transformação é gradativa e dirige o próprio processo evolutivo que a humanidade vem apresentando, no plano físico, desde que os grandes primatas surgiram, há alguns milhões de anos. Nas esferas plenas e felizes, o corpo perispiritual perde completamente sua materialidade, como tudo que o envolve, mas o processo até lá é muito demorado e exige tempo e profunda dedicação, embora cada sociedade no universo possa trilhar caminhos diferentes, mas com resultados que se assemelham ou completam, algo que os biólogos chamam de **convergência evolutiva** ou **adaptativa**.

Dentre os exemplos citados acima, não podemos esquecer de que os pulmões, mesmo no nosso plano, podem absorver elementos indispensáveis à saúde física e essa possibilidade é a base dos procedimentos de inalação de medicamentos. Lá, como cá, as realidades se assemelham, embora a intensidade dos fenômenos seja diferente e somente agora despertamos para isso. Outras propriedades do corpo espiritual não encontram par no corpo físico, como a capacidade de luzir, como descrito em “**Os Mensageiros**”, ou de atravessar a matéria ordinária, o que somente seria possível se o corpo espiritual representasse uma projeção de nossa individualidade (o espírito) em um universo com outras dimensões espaciais que não nos é permitido, ainda, conhecer, ou se a matéria que o constitui apresentasse uma natureza diferente da nossa, como será discutido no capítulo sobre a vida nas colônias espirituais, a seguir. Acredito em uma associação dessas hipóteses.

A matéria escura, que não interage com a matéria ordinária, com exceção do fato de que ela sofre os efeitos da gravidade, mostrando que seus constituintes têm massa, apresenta algumas das principais características que Emmanuel e André Luiz atribuem aos elementos que constituem o perispírito: têm massa, sofrem efeito da força da gravidade e não fazem parte dos elementos conhecidos da tabela periódica, podendo, aparentemente, atravessar os objetos formados de matéria comum, bariônica. Acreditar que a matéria astral, que constitui o perispírito de todos nós, encarnados e desencarnados, pode ser relacionada à matéria escura é bastante atraente, posto que ela representa aproximadamente 25% de tudo que existe no universo, 6 vezes mais do que a matéria convencional, como mencionado no capítulo anterior.

É possível que a natureza da matéria astral somente seja desvendada em um universo com outras dimensões, como a teoria das supercordas vem sugerindo, mas esse é um problema que escapa à nossa capacidade de argumentação, no momento. Tudo é questão de tempo e para aqueles que dizem que somos parasitas do meio científico, gostaria de perguntar quais das bases da Doutrina Espírita foi derrubada pela ciência oficial? E olhem que os medianeiros que foram utilizados no processo de transmissão dessas informações eram pessoas simples e, na maioria dos casos, pouco letradas.

Será que alguém imaginaria que nosso querido Chico teria condições de escrever o carregado e rico texto de “**Evolução em Dois Mundos**” sem o auxílio de André Luiz, uma vez que o próprio espírito teve importante colaboração dos técnicos espirituais?

A condição vibratória do ambiente também afeta as funções dos órgãos do corpo espiritual, conforme a descrição a seguir, onde André Luiz, entre outros, se dirige para a crosta em companhia do instrutor espiritual, Aniceto (“**Os Mensageiros**”, página 206):

A paisagem tornou-se, então, muito fria e diferente. Não estávamos em caminho trevosos, mas muito escuro e nevoento. Tomara-se densa a atmosfera, alterando-nos a respiração.

Da mesma forma, no Posto de Socorro de Campo de Paz, sob efeito de orações divinizantes, o perispírito de amigos com alguma evolução passou a adquirir capacidade luminescente, o mesmo ocorrendo sob ação da vontade durante a jornada para as regiões pericrostais do umbral. Ao elevar o pensamento, alteramos a fisiologia do corpo perispiritual, produzindo eflúvios energéticos e luz não visível aos nossos olhos de encarnados. Aliás, não é isso que muitas vezes os clarividentes observam na fluidoterapia e no passe? Essas emanações constituem o campo áurico do perispírito, tanto encarnado quanto desencarnado, e reflete as aquisições e o estado de momento de cada um de nós, transmitindo simpatia ou antipatia, como Kardec já havia relatado na codificação.

Nos ambientes menos densos, o corpo espiritual, refletindo as influências mentais daquele que o enverga, acaba se moldando às condições ambientes, onde alguns remoçam e outros envelhecem, como fruto da ação contínua da mente sobre as estruturas que compõem o perispírito, como descrito em “**E a Vida Continua**”, onde dois espíritos desencarnados após períodos diferentes de permanência na crosta, com o convívio, passam a aparentar uma diferença de idade menor: o que desencarnara mais jovem adquiriu uma aparência mais madura e o que adentrara o mundo maior com mais idade remoçara significativamente. Essas modificações de morfologia perispiritual demoram certo tempo para serem implementadas pelo controle mental do espírito, como descrito em “**E a Vida Continua**” e isso se deve ao fato de que a atividade da mente é muito mais intensa sobre a matéria mental que envolve todas as dimensões do universo e só lentamente, dependendo do poder mental envolvido, é que o processo começa a imprimir alterações na fisiologia e morfologia do perispírito.

Por outro lado, nos ambientes de trevas profundas...

O perispírito de todos os que aí se enclausuravam, pacientes e expectadores, mostrava a mesma opacidade do corpo físico. Os estigmas da velhice, da moléstia e do desencanto, que perseguem a experiência humana, ali triunfavam, perfeitos (...) (“**Libertação**”, página 80).

Outras características ímpares do perispírito, em comparação ao corpo físico, se referem à sua capacidade de volitação e a possibilidade de se orientar através de campos eletromagnéticos, como os pássaros migratórios o fazem. No parágrafo a seguir, vê-se uma demonstração dessas habilidades (“**Os Mensageiros**”, página 209):

— Antes de tudo — respondeu o instrutor (Aniceto) — é preciso não esquecer que nossas colônias estão situadas no campo magnético da América do Sul. Qualquer bússola seria sensível, de agora em diante, mas, em nosso caso, é indispensável educar o pensamento e orientar-nos dentro da energia que lhe é peculiar.

Empregamos, de novo, a capacidade volitante e, dentro em pouco, as matas de Petrópolis estavam à vista. Mais alguns minutos e perlustrávamos as grandes artérias cariocas. Por sugestão do instrutor, abeiramo-nos do mar, em exercício respiratório de maior expressão.

A volitação é uma aquisição pessoal e não um atributo plenamente desenvolvido do perispírito, sendo que os instrutores desencarnados possuem a capacidade de exercê-la em quase todos os ambientes, enquanto André Luiz demonstrava tê-la de forma limitada e, em Nosso Lar, muitos não são capazes de voitar.

A literatura espírita coloca que a volitação evidencia o domínio, ou melhor, a interferência da mente sobre a estrutura do espaço-tempo, sobre o efeito da gravidade no psicossoma, o perispírito, não sendo resultado somente da natureza da matéria astral que o constitui. Caso fosse apenas uma propriedade da matéria, todos a teriam de forma plena, não apenas como algo embrionário a ser desenvolvido. Pode-se dizer que líderes das trevas também possuem o poder mental capaz de permitir a volitação, como descrito a seguir (“**No Mundo Maior**”, página 211):

Os grupos de infortunados agiam, ali, desconhecendo os padecimentos uns dos outros. Certos grupos volitavam a pequena altura, como bandos de corvos negrejantes, mais escuros que a própria sombra a envolver-nos, ao passo que vastos cardumes de desventurados jaziam chumbados ao solo, quais aves desditosas, de asas partidas... Como explicar tudo isso?

Logo depois dessas palavras, o instrutor Calderaro declarou (“**No Mundo Maior**”, páginas 211 e 212):

– Não te surpreendas. A volitação depende, fundamentalmente, da força mental armazenada pela inteligência; importa, contudo, considerar que os voos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascensões. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivemos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volitação, portanto, impende observar os ascendentes naturais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.

As considerações sobre a problemática da intelectualidade desvirtuada também são muito atuais nesse parágrafo.

Embora existam diferenças significativas nas condições vibratórias de nossos irmãos desencarnados, sendo que alguns volitam com extrema facilidade e muitos se arrastam pelo solo, com dificuldade de caminhar, quase todos os desencarnados com alguma evolução se sentem leves em seus corpos perispirituais, o que deriva da condição da matéria astral e da posição evolutiva individual. Porém, aqueles que não se sentem dignos de caminhar ou se arrastar se convertem em seres sem o perísprito plenamente estruturado, os ovóides, descritos por André Luiz em “**Libertação**”, que apresenta o primeiro exemplo de obsessão complexa descrito na literatura espírita, nesse caso, com a adição de parasita fluídico natural, capaz de atuar em sintonia com uma mente hipnotizadora e potente, situada em plano bastante diverso daquele em que a sua vítima encarnada ou desencarnada se encontra.

A existência de feridas na organização perispiritual de tantos irmãos que recebem socorro espiritual nas casas espíritas e em outras agremiações religiosas abre um campo para estudarmos as consequências da perda da homeostasia do corpo espiritual. Homeostase é o conjunto de mecanismos responsável pela manutenção do equilíbrio fisiológico; sem ela o corpo descamba para desenvolvimento de enfermidades de todos os tipos. Em outros livros psicografados pelo saudoso Chico Xavier, com destaque para “**Jovens no Além**”, “**Somos Seis**”, “**Assuntos da Vida e da Morte**” e muitos outros, mostram que essas enfermidades são reais, da mesma forma que os tratamentos médicos que são oferecidos, como o descrito a seguir, em um jovem cujo corpo físico pereceu em função da leucemia. Após o desencarne ele ainda se encontra doente e necessita concluir o tratamento. O texto impressiona:

Voltava a nossa casa, e por fim, reclamei em petição firme a presença de meu avô, e resolvi seguir com ele para um instituto de tratamento, nos arredores da cidade.

A enfermagem funcionou com precisão. Voltaram às agulhadas e as aplicações de sondas para observação.

A leucemia continua abalada e fazendo planos de me deixar, no entanto, persistia. Entreguei-me a um tratamento com o qual não contava.

Durante quatro meses passei por diálises bissemanais que me acabrunhavam. Meu sangue era retirado para ser retemperado em recipiente próprio e depois voltava ao meu sistema vascular, com uma dor para a qual era inútil que eu solicitasse sedativos.

Devia readaptar-me à minha própria natureza, diziam os mentores médicos mais experientes. Nada que me proporcionasse alívio imaginário, porque as células de meu novo corpo não retomariam a normalidade precisa. (“**Assuntos da Vida e da Morte**”, página 92, Editora GEEM).

Nada mais claro e límpido sobre o assunto “tratamento médico” e enfermidades da alma. A defesa de uma fisiologia perispiritual também pode ser inferida pela citação do uso de medicamentos como analgésicos e sedativos, bem como drogas para apagar (mesmo que momentaneamente) certas memórias, em diversas passagens da obra de André Luiz, principalmente em “**Sexo e Destino**” e “**E a Vida Continua**”. Nesses textos ainda são mencionadas diversas terapias para os convalescentes, como a hidroterapia, com o objetivo de prover o mais rápido restabelecimento para o irmão que reencontra a morada maior.

Muitos se perguntam se não existiria certo exagero nas descrições sobre doenças atingindo o perispírito, mas, pela própria descrição do papel do corpo espiritual contida no Livro dos Espíritos, de Kardec, fica claro que o perispírito, ao reter todos os fatos bons e não tão bons praticados pelo indivíduo em sua vida terrena e no período de intermissão ou erraticidade, acaba por desenvolver desarmonias mais ou menos pronunciadas que podem vir a se converter em moléstias no retorno ao corpo físico mais denso e com a morte necessitam de tratamento especializado. Por vezes, a doença do corpo mais denso representa a cura para a enfermidade que atingiu o psicossoma.

Adicionalmente, algumas doenças do corpo espiritual refletem as influências dos demais corpos espirituais, em particular o corpo mental inferior, sobre a estrutura plástica do psicossoma. Dessa forma, tratando a mente conseguimos equilibrar o “corpo”. De uma forma geral, as desarmonias psicóticas, as psicoses, refletem desarranjos no corpo mental inferior, enquanto as alterações de caráter emocional se originam principalmente a partir de moléstias no perispírito, embora a grande maioria das doenças possa ter origem em mais de um corpo espiritual. As crises de consciência são poderosos indutores das transformações enfermigas que assolam o perispírito e todo tratamento espiritual tem que procurar valorizar e restabelecer o auto-perdão em função desses quadros.

Em “**Vida Além da Vida**”, de autoria de Joseph Gleber e Ishmael ben Gurion, questionamos o espírito Ishmael, professor desencarnado de uma renomada escola de medicina europeia e que encontrou a “morte” nas mãos dos nazistas, sobre as doenças do espírito. A resposta é esclarecedora:

Pergunta: Há poucos momentos vocês falaram que trabalham com a saúde do perispírito. O espírito pode adoecer também? Existe necessidade de tratar doenças após a morte?

Ishmael. Vocês conhecem alguém que "morreu" sadio?

Para aqueles que morrem sem preparo para a morte física, o corpo perispiritual traz uma extensa gama de enfermidades, que são objeto do nosso trabalho reparador. Para aqueles que sofrem acidentes ou morrem de forma brusca, apenas os irmãos mais libertos do mundo terreno podem se recuperar sem muito auxílio externo.

Também atendemos aqueles que, em suas enfermidades psíquicas, criaram condições para a perpetuação do câncer e outras doenças após a morte. Apenas com o tratamento prolongado, muita oração e acompanhamento, eles podem recuperar o equilíbrio mínimo sobre suas faculdades e acabam por retornar ao mundo físico. Sem acompanhamento especializado, eles poderiam passar séculos para sanear as doenças que deveriam ter sido deixadas no corpo físico. Esse aspecto tem relação íntima com o “aprender e crescer com o sofrimento”.

Gostaria de alertar para a prática da eutanásia. Os pacientes cujo ciclo de vida carnal é interrompido pelos familiares acabam desenvolvendo problemas ainda piores após o desencarne, uma vez que o processo de desenvolvimento da enfermidade física é parte da expiação de débitos do companheiro ou é capítulo do livro da vida daquele irmão, constituindo lição que o indivíduo deveria passar. Para aquele que prefere a morte ao sofrimento dos últimos dias e, quase sempre, solicita passar.

Quando interrompemos a vida, eliminamos os breves momentos em que o moribundo teria, com todo o auxílio espiritual, de refazer antigas ideias que precisavam de nova abordagem. Momentos para perdoar e pedir perdão por exemplo.

Se o próprio paciente solicita a eutanásia, o que ocorre na maioria dos casos, suas condições tornam-se ainda piores após o desencarne, posto que, na condição de suicida, não mais dispõe do corpo físico para separá-lo de seus obsessores e tampouco terá tempo para se recuperar da morte. Aquele que sofre com resignação seus estertores, acaba se preparando melhor para o desencarne e sua recuperação é significativamente mais rápida após a morte física. Todo aquele que aprende com o sofrimento, tem auxílio na eliminação dos vínculos que mantinham o seu perispírito ligado ao corpo moribundo ou já destituído de vitalidade, o que impede a ação de espíritos trevosos e obsessores no processo.

Os familiares deveriam tornar os últimos momentos do portador de enfermidades graves mais proveitosos para ele mesmo, sem dor e envolto em amor familiar. Evitar as crises emotivas, geralmente associadas a sentimentos de culpa pela família. Eu sei o quanto isso pode ser difícil para a família, mas não raro o paciente passa a acusar seus entes queridos de assassinato após a prática da eutanásia.

Participamos da recomposição do corpo espiritual de irmãos que o perderam, convertendo-se em ovóides e realizamos muitas cirurgias espirituais para a remoção de aparelhos parasitas, como vocês os chamam, e demais estruturas, como os próprios ovóides, implantados junto ao perispírito de encarnados e desencarnados por forças que resistem ao progresso. Companheiros meus também trabalham em centros de auxílio à reencarnação, desenvolvendo moldes para estruturação de novos corpos físicos, para atender às necessidades da genética e do psicossoma do reencarnante.

Não raro, vemos irmãos que ainda manifestam uma extensa gama de doenças físicas que são reflexos de reencarnações há muito esquecidas, mas cujas personalidades desarmonicas, que se revoltam contra o passado do próprio indivíduo ou mesmo contra a nova maneira de agir do desencarnado. Como essas personalidades e sua maneira de agir ficam confinadas em arquivos mentais nos corpos espirituais superiores e mantém sua integridade, a desarmonia pode se manifestar novamente em uma futura reencarnação, gerando diversos problemas afetivos,

emocionais e mesmo físicos. Elas seriam fruto de conflitos entre as personalidades individuais que compõem o indivíduo. Até nessa linha, trabalhamos em associações com profissionais das mais diversas áreas.

Logo a seguir, o amigo espiritual foi questionado sobre a natureza das doenças que atingem o perispírito e transcrevemos aqui a resposta, nestes termos:

Pergunta: Esses casos de doenças de cunho mental, de natureza infecciosa, neoplásica, de desenvolvimento, entre outras, podem produzir a morte do corpo “perispiritual”? O que seria essa morte?

Ishmael. Claro que podem levar à “morte” do corpo perispiritual, mas não da forma como vocês encaram a morte do corpo físico. O espírito não está, em suas potencialidades, “contido” dentro de um corpo de matéria. Ele é livre e se apresenta no que chamamos de corpos superiores, como o corpo mental.

O que determina a propagação e danos ao perispírito é a mente que o controla, o corpo mental. O perispírito poderia sofrer profundas lesões e se recompor caso o corpo mental saudável venha a determinar esse destino. Nos irmãos que adentram a vida espiritual através da morte do corpo físico doente e ainda mantém essa condição, a força motriz da doença reside na mente do doente. Nas doenças infecciosas como mencionadas acima, o espírito se fragiliza a tal ponto, em função de suas desarmonias, que os agentes infecciosos se disseminam na estrutura delicada, mas resistente do perispírito. Quanto mais sutilizado, mais resistente se torna o invólucro espiritual.

Com a disseminação dessas doenças infecciosas, por exemplo, o corpo perispiritual vai obedecendo os desejos não declarados do próprio espírito, podendo conduzir ao processo de ovoidização ou perda da estrutura perispiritual. Nesses casos, o corpo mental terá de ser utilizado para a reconstituição do corpo perispiritual do irmão atingido pela doença. Obviamente, esses casos são muito raros nos planos espirituais, mesmo nos umbrais e zonas subcrostais, onde o desejo de viver é uma força importante que mantém a estrutura do perispírito a despeito dos efeitos do ambiente.

Não podemos nos esquecer de que o corpo perispiritual é constituído de matéria vibrando em frequência diferente da matéria ordinária que compõe o corpo físico. Assim, ele também sofre os efeitos de todos os fatores que, mais cedo ou mais tarde, acabam atingindo o corpo denso, como o envelhecimento e doenças de todas as naturezas. O pensamento elevado e o amor ao próximo são os principais antídotos para esse estado de coisas. Quem ama tem vida em abundância, bela consideração evangélica.

Para as entidades que vivem em planos mais densos, esse processo é tremendamente acelerado, de forma que, na ausência de reencarnações, o espírito passa a sofrer deformações cada vez mais pronunciadas, até que sua aparência vem a perder totalmente a relação com a que outrora envergara no mundo físico, podendo ser conduzido à perda de forma e função do perispírito, no processo de ovoidização citado acima. Para as entidades que permanecem por milênios em ambientes umbralinos, a transformação gradual gera imagens tenebrosas que povoaram as mentes de muitos povos durante os tempos antigos e na idade das trevas. Os dragões têm conseguido reduzir essas transformações físicas através da manutenção de vontade férrea de sobreviver e manter seu domínio sobre os espíritos e legiões que se mantêm distantes do amor divino.

Para os demais, quanto mais livre for o espírito, menos matéria no seu corpo espiritual e menor serão os efeitos da densidade da vida no planeta sobre ele. O corpo mental é plenamente capaz de retardar indefinidamente esse processo degenerativo e manter a estrutura perispiritual por milênios ou mais. Contudo, isso não se compara à eternidade que se coloca diante de um companheiro desencarnado e a reencarnação se torna um imperativo, até para os espíritos bons, mas que não se livraram de seu carma pessoal. Apenas com a condição de angelitude é que o espírito deixa de possuir um corpo mais ou menos material e se torna totalmente imune às influências deletérias do ambiente externo.

Nas esferas felizes, essas transformações não ocorrem porque seus moradores transcendem o fenômeno narrado e estão na condição de irmãos mais velhos que velam pela criação celestial em tempo integral. A simples presença de um desses espíritos em uma comunidade é capaz de mudar a carga energética do lugar, permitindo que muitos males da alma sejam instantaneamente sanados se o espírito doente estiver receptivo e merecedor dessas influências benditas.

Creio que essa mensagem mostra o quão seriamente deve ser encarada a vida e a morte, bem como as implicações que o viver na Terra pode ter sobre os irmãos que regressam à pátria espiritual. A seriedade com que devemos encarar esses desafios e problemas fica patente nas palavras do amigo Ishmael, discorrendo agora sobre tratamento desobsessivo. Reparem no tom sério e lúcido, que pede a nossa atenção a essa realidade.

Atendimento espiritual não é sessão de demonstração de conhecimento doutrinário, mas sim de educação, carinho e disciplina. Não podemos deixar que o médium sofra desnecessariamente os efeitos das vibrações das entidades comunicantes, mas o "dialogador" deverá mostrar, dentro do razoável e da disponibilidade de tempo, as origens do problema e suas consequências e isso será complementado pela equipe espiritual. Tanto quanto entre vocês, aqui a maior causa de enfermidades do espírito é a falta de noção sobre a vida após a morte. Nunca nos

Da mesma forma que o capítulo anterior, as numerosas citações de André Luiz e da literatura acessória sugerem que a vida após nossa retirada temporária do palco da vida encarnada é, em tudo, inclusive na maioria dos atributos do perispírito, semelhante ao mundo que tínhamos aqui e isso somente irá se modificar paulatinamente com a continuidade do processo evolutivo.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Ishmael ben Gurion; data: 21 de dezembro de 2012).

No início dormitávamos entre nossas existências materiais. O mundo em que nos encontrávamos era outro, mas, na sua essência, semelhante ao vosso.

A morte do corpo físico era um adentrar na letargia e nada parecia nos remover daquele estado de coisas. Queríamos voltar ao mundo denso porque na condição de espíritos envoltos por corpos mais sutis tínhamos medo de nossos pares. Tínhamos o medo do desconhecido e quase tudo era desconhecido após a morte do corpo físico. Nessa situação, a vida estancava quase por completo, como se sedativos poderosos embaçassem as nossas percepções mais íntimas.

As existência, dentro e fora do invólucro material mais palpável, se sucederam e a mente desenfaixada do corpo denso passou a buscar respostas para sua condição e a escuridão diminuiu, mas ainda não éramos seres verdadeiramente espirituais, mas apenas criaturas que estagiavam no mundo “físico”, para onde fugíamos sempre que alguma dificuldade nos assaltava. Como vocês mesmos falam, a carne era o refúgio derradeiro para todos nós. Falar dos mortos e encarar a morte passou a ser encarado como algo místico e repleto de deuses e forças que não compreendíamos.

Almas mais iluminadas mostraram que a morte não existia e acreditamos. Aquele a quem chamamos hoje de Jesus esteve entre esses eleitos. Contudo, depois vieram outros que nos escravizaram e transferiram o poder religioso para a esfera da irracionalidade, proibindo qualquer tipo de questionamento. Não entendíamos o porquê daquilo, mas tínhamos de render tributos aos novos senhores. Hoje reconheço que a indiferença se aliara à ignôncia e construiu importante império das trevas em nosso mundo. Tudo isso fazia parte do processo de aprendizado.

Em resposta à escravidão mental, as gerações caminham e a sociedade daquele mundo descobriu que a vida era maravilhosamente complexa e os dogmatismos foram sendo expurgados ao longo de milênios, inicialmente de forma lenta, mas o ritmo se acelerou exponencialmente. Extirpamos a imagem de um Pai amoroso e a guerra grassou entre nós. Domínio e destruição; genocídio e morte. A sociedade provocou dor e destruição e alguns voltaram a cultivar as antigas filosofias que prometiam paz. Era o agonizar do materialismo em nosso mundo. A transição planetária teve seu fim. Milênios foram consumidos no processo e todos os orbes do universo passam por esse ciclo de transformação, mas alguns sofrem mais e outros menos, segundo os sentimentos predominantes em sua população.

Deus se apresentou em toda a sua glória através de seus prelados mais dedicados e o resgate de nossos valores morais e espirituais se deu. As tempestades que varreram nosso mundo foram expurgadas e o ciclo se completou. Aqueles que apresentavam afinidade fluidica com mundos outros, menos evoluídos, foram para lá enviados, para a escola de novos desafios e hoje vocês, meus queridos amigos, estão passando pela situação que meu povo atravessou há milênios. Eu mesmo, um exilado.

Todos discutíamos a transição planetária, mas não nos demos conta que esse processo é uma espiral que se abate sobre cada plano vibratório que constitui o orbe e se aprofunda em direção às condições mais densas e sombrias, uma vez que tudo evolui e se renova. Os planos umbralinos do presente se converterão em moradas de luz e amor dentro de séculos de transformação, da mesma forma que as comunidades que hoje resplandecem, há tempos sofriam as mazelas da ignorância e da perversidade. Será que o Deus da transformação, da evolução e da adaptação condenaria áreas extensas de Sua sublime criação ao regime da ignorância e escuridão?

Certamente que não.

Cada um desses amplos processos de resgate, que tira o homem da selva e o elava às estrelas tem a sua contraparte na nossa estrutura espiritual, ou melhor, em nossos corpos espirituais.

Durante os anos de nossa infância espiritual, quando a letargia nos atingia, pensávamos que o espírito era um ser difuso e destituído de relação com o mundo natural. Depois descobrimos que ele se vestia para andar nas ruas e sua vestimenta era o que chamamos hoje de perispírito. A evolução nos mostrou que não tínhamos uma única camada de roupa e percebemos que cada uma delas se prestava a um determinado ambiente.

No início desse processo de descobertas, muito nos julgavam como loucos, afinal, espírito não é “fantasma”? Como um espírito pode ter vários corpos e nós não vemos? Essas discussões ocorreram até entre os espíritos, afinal, como explicar o que é a luz para um cego de nascença? Sem um referencial, tudo é colocado no mesmo nível de discussão e as divergências tornam-se insuperáveis.

Posteriormente descobrimos que a estrutura molecular do perispírito sofre alteração lenta, mas progressiva da mente e se transforma, de uma forma ou outra, gerando corpos perispirituais mais leves, quando o ser passa a compreender melhor o seu papel no mundo, ou gera doenças perispirituais e no corpo denso. Era o nascimento da medicina da alma, que inicialmente era interpretada como algo místico, mas que logo se mostrou ligada ao dia a dia das pessoas e ganhou as salas acadêmicas, mesmo que periféricamente.

O tempo passou e vislumbramos algo que era óbvio: ao mudarmos de plano vibratório ou dimensional, deixávamos para trás o invólucro que carregávamos e não deixávamos de ser o que éramos. A individualidade, a mente, estava em níveis mais elevados e a partir daí o crescimento era uma questão de tempo e de vontade, uma vez que o caminho já havia sido trilhado pelos nossos amigos. A mediunidade, como vocês chamam a capacidade de sintonizar com os universos que permeiam aquele em que vivemos, passou a ser vista como uma característica natural da criatura em evolução.

O tempo vem mostrando que palavras como “encarnado” ou “desencarnado” somente têm algum significado no momento inicial de nossa jornada evolutiva, mas tornam-se relativos na medida em que a senda se aprofunda. Na casa de meu pai existem muitas moradas, moradores, condomínios e escolas, cada uma ensinando diferentes vertentes da verdade divina.

O homem terreno irá desenvolver seu aparelho físico por muitos milênios ainda. Modificações intencionais na sua condição genética, sempre com o acompanhamento da espiritualidade e considerando-se a lei de causa e efeito, permitirão que as doenças hereditárias sejam eliminadas. A seguir, sob diferentes roupagens, o homem irá descobrir que faz parte de uma família cósmica e estudará os demais universos que se encontram dentro do seu horizonte.

Na mesma época, por forças profundas que o impelem ao progresso, as doenças originadas dos corpos espirituais serão objeto de estudo e tratamento preciso. Sem os dramas do remorso e da culpa, gerações de crianças maravilhosas nascerão em seus planos mais densos, saneando as condições espirituais locais. Logo aprenderemos que a evolução do corpo físico apresenta limites dos quais pouco podemos fugir e, com o tempo, os espíritos mais brilhantes de nossas coletividades passarão a renascer em planos mais sutis do orbe, ao mesmo tempo em que as últimas ilhas de uma sociedade egoísta se desfazem na Terra.

Nesses planos mais elevados, dotados de uma matéria que lhes oferece possibilidades cada vez maiores de crescimento e evolução, o novo “encarnado” passa a ver a sociedade tecnológica como uma etapa do desenvolvimento do espírito e do intelecto. Munido da mente vibrante e tecnologia pulsante, o homem reconhecerá seus pares nas proximidades vibratórias do seu mundo azul. A ascensão dos espíritos será acelerada e, nesse processo de sublimação, os corpos espirituais se tornarão mais sutis e serão perdidos paulatinamente.

Tudo isso nos mostra que cada um de nós, através de nossos múltiplos invólucros espirituais, passamos por transições pessoais, onde perdemos corpos grosseiros e reencarnamos em condições mais sutis de nosso mundo, desse pedacinho de céu que aprendi a chamar de casa.

Esse é processo natural e reconhecê-lo irá abrir as portas da compreensão para a superação dos muitos desafios que nos esperam. Como já lhes dissemos no passado, o berço é a maior escola e ele pode ser encontrado em diversos planos e condições.

Falta tanto ainda, mas o caminho está aberto e devemos percorre-lo com sorrisos nos lábios.

RESUMO DO CAPÍTULO: a obra de André Luiz evidencia que o perispírito, em sua visão clássica, é constituído de diversos corpos constituídos de matéria, mas de natureza diferente do nosso corpo físico. O autor descreve a existência de um corpo vital, do perispírito propriamente dito, ou psicossoma, e do corpo mental, deixando em aberto a possibilidade de existirem corpos espirituais mais sutis ou superiores. As amplas e aprofundadas abordagens sobre o tema mostram que o perispírito ou psicossoma é constituído de órgãos, tecidos e células, que se adaptam com perfeição às suas contrapartes físicas, guardando, inclusive, um histórico de nossos hábitos e doenças. Nesse particular, o corpo mental, a mente, seria a grande depositária de nossas existências pretéritas, que afetariam o perispírito e se manifestariam no corpo físico. O autor advoga que nos momentos que sucedem à morte, ao mesmo tempo em que ocorre a degradação dos órgãos do corpo físico inerte, o perispírito sofre transformações sutis que permitem seu ingresso pleno no mundo espiritual, é a histogênese espiritual. Em diversos momentos a fisiologia do perispírito é reafirmada, de forma que não podemos imaginá-lo como sendo uma fumaça ou energia destituída de organização. Isso é um contrassenso. Essa fisiologia do perispírito, pelo menos em algumas condições, se mostra completa e essa plenitude se manifesta como a necessidade de alguns espíritos em obter algum alimento líquido ou frugal, embora não venham a perder o psicossoma na ausência de alimentação, uma vez que recebem o quase tudo que necessitam a partir da atmosfera de seus planos de vida. Nas esferas superiores, não existe mais qualquer necessidade de suplementos alimentares. A possibilidade de capacidade reprodutiva, em alguns planos, não pode ser descartada, embora não seja claramente afirmada. O autor espiritual também mostra que o perispírito é perecível e pode ser perdido, citando dois casos em que isso ocorre, como também atesta toda a literatura hindu sobre o tema, sendo eles a ovoidização e a ascensão evolutiva. Nessa última, o espírito vai viver em esferas superiores e deixa para trás o invólucro espiritual que antes carregava. Na ovoidização, o ódio, remorso, a necessidade de posse e outros tipos de sentimentos deletérios acabam viciando a estrutura do perispírito que vai, pouco a pouco, perdendo seus atributos e se converte em um ser destituído de maior organização, resultando daí o termo “ovoide”, ou algo que lembra um “ovo”. A perda do perispírito também é chamada de segunda morte.

Notas dos Autores

1) A figura foi extraída do seguinte endereço eletrônico: <http://luzdosola> A figura foi extraída do seguinte endereço eletrônico: <http://luzdosolaoamanhecer.blogspot.com.br/2012/01/os-7-corpos-espirituais-na-apometria.html>
<Acessado em 29.12.2012>

2) O que sobra do perispírito após o restringimento ou encolhimento.

A vida em Colônias Espirituais

Desde a publicação de “**Nosso Lar**”, em 1944, a vida diária nas colônias espirituais vem atraindo a atenção de todos, principalmente por mostrar que muitos aspectos da rotina que ora possuímos enquanto encarnados ainda se encontram presentes após a morte do veículo físico. Contudo, não podemos esquecer que a maioria dos planos espirituais existe em dimensões físicas que são paralelas à nossa e que com ela interagem, mas que ainda não podem ser confirmadas por uma ciência que apenas faz conjecturas a respeito da existência de tais universos paralelos, como já apresentado.

Além desse aspecto, não temos maiores conhecimentos do que vem a ser a matéria que constitui esses planos, ou como a matéria e energia se apresentam em dimensões espaço-temporais diferentes da nossa. Nesse particular, sabemos apenas que as estruturas materiais são mais plásticas aos efeitos da mente e podem ser mais facilmente moldadas pela vontade e poder mental.

Nada nos impede de pensar que nosso universo de três dimensões espaciais e uma dimensão temporal, conforme abordado por Einstein, seja uma simplificação de um universo muito mais complexo e rico, conforme muitos cosmólogos acreditam. Se essa suposição estiver correta, todo o universo material seria envolvido por seu irmão ou irmãos espirituais, ocupando os mesmos espaços, em contato direto conosco, mas em condições vibratórias diferentes. A visão de André Luiz se assemelha a essa.

Quando lemos as descrições da obra desse nobre irmão, não podemos esquecer de que **Nosso Lar** e outras colônias se encontram na faixa vibratória mais próxima à Terra, são colônias umbralinas e não refletem as vidas dos desencarnados que habitam os planos intermediários e superiores, onde tudo o que conhecemos como parte de nossa rotina é subvertido por uma realidade física muito diferente (1).

O que podemos fazer para preencher as lacunas é discutir o que existe nas proximidades vibratórias da crosta terrena e nos preparar para encontrar o que possivelmente se esconde no “mais além”. Sei que a leitura de qualquer uma dessas linhas tiraria sorrisos daqueles que estão radicados nas academias de ciências da Terra, mas não temos intensões de convencer ninguém da realidade espiritual que tantos de nós já reconhecemos e sentimos. Essa outra realidade existe e não é fruto da loucura ou da falta de formação científica das pessoas. Precisamos apenas entendê-la melhor. Como disse o médico (e espírito desencarnado) Adolph Fritz, durante os trabalhos de cirurgia espiritual realizados no interior do Estado de São Paulo, em novembro de 2012:

(...) Brasileiros, aqui existem muito mais coisas do que vocês podem imaginar, mas temos que estudar e se não estudamos, não nos deixam avançar. Temos escolas e hospitais, universidades e vida, muita vida. Vocês não acreditariam se eu dissesse, então não vou dizer.

Deu um sorriso muito discreto, que poucos conseguiram perceber, e continuou o atendimento. Ele tem razão e toda literatura espírita de qualidade suporta a ideia de que a vida após a morte não representa um salto, mas se reveste de um contínuo. Vamos estudar.

Nas belas descrições de “**Nosso Lar**” vemos a presença de pôr-do-sol, nuvens, neblina, riachos, rios, lagos, pomares, bosques e animais, mostrando que existe todo um ciclo natural, com alternância de estações e de elementos da natureza, como a chuva. Existem descrições de um aparato burocrático de identificação das pessoas. Tudo isso reforça o conceito de que a vida após a vida é uma continuação daquela que hoje envergamos aqui.

Nada mais “pé-no-chão” do que a descrição de Dona Laura, mãe do personagem Lísias, a respeito da origem dos alimentos e roupas em **Nosso Lar**. Poder plasmador da mente? Nessa esfera ainda não. Vejamos o texto (“**Nosso Lar**”, páginas 143 e 144):

comum. Há serviços centrais de distribuição na Governadoria e departamentos do mesmo trabalho nos Ministérios. O celeiro fundamental é propriedade coletiva.

Ante meu gesto silencioso de espanto, acentuou:

– Todos cooperam no engrandecimento do patrimônio comum e dele vivem. Os que trabalham, porém, adquirem direitos justos. Cada habitante de "Nosso Lar" recebe provisões de pão e roupa, no que se refere ao estritamente necessário; mas os que se esforçam na obtenção do bônus-hora conseguem certas prerrogativas na comunidade social. O espírito que ainda não trabalha, poderá ser abrigado aqui; no entanto, os que cooperem podem ter casa própria. O ocioso vestirá, sem dúvida; mas o operário dedicado vestirá o que melhor lhe pareça; compreendeu? Os inativos podem permanecer nos campos de repouso, ou nos parques de tratamento, favorecidos pela intercessão de amigos; entretanto, as almas operosas conquistam o bônus-hora e podem gozar a companhia de irmãos queridos, nos lugares consagrados ao entretenimento, ou o contato de orientadores sábios, nas diversas escolas dos Ministérios em geral. Precisamos conhecer o preço de cada nota de melhoria e elevação (...)

Por mais politicamente correto e obedecendo à meritocracia, o bônus-hora é salário. Todo tratamento dessa natureza exige hierarquia e organização e tudo isso é profundamente estabelecido na obra de André Luiz. Esqueçam a imagem de um plano espiritual em que as liberdades se misturam com libertinagem e ociosidade. Essa mistura existe, mas fica no umbral. Lá somos realmente livres, desde que não venhamos a prejudicar a liberdade alheia.

Quando li sobre bônus-hora pela primeira vez, imaginei um relógio de ponto de matéria astral, controlando tudo, mas isso foi há 30 anos (tinha 13 anos na época) e espero que vocês possam me perdoar por essa licença de imaginação. Por outro lado, em todas as colônias, organizadas nos diversos planos espirituais, o trabalho e o estudo são o centro de toda a vida comunitária. Evangelização é adquirida na vida cotidiana e no estudo pormenorizado e individualizado da condição espiritual humana. Lá iremos aprender a sermos homens de bem e mostraremos o quanto aprendemos aqui, no plano mais denso que permite a humanos reencarnarem. Futuramente, para a maioria de nós, o renascimento (o mesmo que reencarnação, mas em corpos mais sutis) em outros planos se dará de forma maciça, como, aliás, já ocorre para algumas pessoas de maior desenvolvimento espiritual.

Embora na mente da grande maioria dos espíritas ainda exista a doce ideia de que as colônias espirituais concentram grande parte da população desencarnada da Terra, que segundo Emmanuel estaria na faixa de mais de vinte bilhões de seres (capítulo 9, o Grande Educandário, livro “**Roteiro**”, Emmanuel-autor espiritual, psicografia de Francisco Cândido Xavier, de 1952), sendo que, na época em que esse livro foi redigido, a população encarnada era de, aproximadamente, 2 bilhões de seres. Informações fornecidas pelo espírito Joseph Gleber (e-book “**A Longa Jornada do Homem**”, editora Digital Books Ltda.) mostram que a Terra estaria recebendo as últimas levas de espíritos sofredores e recalcitrantes antes da fase final da transição planetária e a população espiritual estimada seria da ordem de aproximadamente 30 bilhões de seres, com 7,5 bilhões de encarnados.

A transição entre a crosta e as regiões limítrofes não representa dificuldades para desencarnados e encarnados em desdobramento do sono. Dessa forma, se considerarmos o conjunto de desencarnados vivendo no meio dos encarnados e os espíritos nos umbrais, teríamos a maioria da população espiritual do “globo” terrestre habitando bem perto da crosta e distante das colônias espirituais. Em defesa dessa ideia, verificamos que, em diversos momentos das obras de Emmanuel e de André Luiz, podemos ler descrições que mostram que a letargia espiritual atinge grande parte dos espíritos terrenos, incluindo o plano físico. Textos mais recentes de Carlos Baccelli, por espíritos diversos, também confirmam essa posição.

Isso é facilmente comprovado através da pouca ênfase que a grande maioria das pessoas dá para a reforma pessoal, educação e comprometimento com o próprio aprimoramento. A apatia é quase geral. Poucas pessoas parecem estar realmente despertas do sono que inebria grande parte da população encarnada. Como sabemos que as comunidades do “Além” não diferem significativamente daquelas que aqui observamos, acreditamos que esse comportamento seja um dos principais responsáveis pelas áreas superpovoadas dos umbrais. Por esse motivo, a grande maioria dos desencarnados passa algum tempo nos campos de dor e remorso para rearmarização, como André Luiz, antes de adentrar a vida nas colônias espirituais.

A necessidade de entendermos a estrutura do orbe terreno é um imperativo para todo aquele que pretende estudar o espiritismo cristão. Segundo o próprio André Luiz, o conceito de orbe necessita de uma reavaliação em função de sua complexidade estrutural, onde mundos sutis se interconectam e interpenetram os mundos de matéria ordinária, grosseira (capítulo 15 de “**Os Mensageiros**”). Nessas dimensões adicionais, das mais próximas, às mais elevadas, a vida se manifesta de forma bastante variada, como no nosso próprio mundo (ou plano vibratório) e as colônias fazem parte disso, refletindo a condição moral e espiritual de seus habitantes.

Como tudo na Terra, independentemente da dimensão ou faixa vibratória, as colônias evoluem e seus habitantes caminham em direção à angelitude, do mais profundo abismo trevoso ao mais elevado altiplano espiritual. Contudo, pouco podemos falar das colônias espirituais mais elevadas, uma vez que apenas engatinhamos na compreensão desse universo que ainda nos é invisível e imponderável (2).

As colônias com as quais mais frequentemente temos contato se assentam nas regiões umbralinas de densidade média ou leve, uma região que apresenta certo toque de dor e sofrimento que muito se assemelham à crosta terrena. Alguns encarnados podem sintonizar com as esferas superiores, em função de sua própria evolução espiritual, mas, em função desse mesmo detalhe – sintonia –, muitos encarnados se associam com criaturas que estão em áreas mais densas e distantes da luz divina, como amplamente descrito na literatura espírita. Portanto, não podemos extrapolar o que André Luiz descreve, na sua obra maravilhosa, para os planos intermediários e superiores da vida espiritual, onde o ingresso cobra a substituição do nosso perispírito por um invólucro mais sutil, como descrito em “**Libertação**” (capítulo 6).

As diferenças entre nossos corpos e mentes e o dos espíritos superiores e suas sociedades podem ser claramente observadas no texto abaixo, retirado de “**Libertação**” (página 17):

Comparada à grandeza, inabordável para nós, de milhões de sóis que obedecem a leis soberanas e divinas, em pleno Universo, a nossa Terra, com todas as esferas de substância ultrafísica que a circundam, pode ser considerada qual laranja minúscula, perante o Himalaia, e nós outros, confrontados com a excelssitude dos Espíritos Superiores, que dominam na sabedoria e na santidade, não passamos, por enquanto, de bactérias, controladas pelo impulso da fome e pelo magnetismo do amor. Entretanto, guindados a singelas culminâncias da inteligência, somos micróbios que sonham com o crescimento próprio para a eternidade.

Para aqueles que vivem nas colônias, o desencarne não representa uma transformação real entre a vida encarnada e a desencarnada. A morte física não nos torna melhores ou mais sábios, tampouco irá nos presentear com o ingresso nos céus das crenças mais literalistas. Em síntese, ela é apenas uma transição de fase que dilata as nossas percepções, como revelado em “**Nosso Lar**” e, com particular acurácia e veemência, em “**Os Mensageiros**” e “**E a Vida Continua**”.

As comunidades espirituais em áreas de densidade vibratória moderada ou leve do umbral, como Nosso Lar, mostram sintonias com o comportamento de parcela muito significativa da população terrena, onde os aspectos da vida cotidiana evidenciam uma transição entre aquilo que existe nas colônias de planos intermediários, onde a língua falada se perde em função da universalidade da transmissão do pensamento, facilitando a conversação por telepatia, alimentação diferenciada, basicamente fluídica, onde os elementos indispensáveis à fisiologia do corpo espiritual são obtidos através da água e do ar, enquanto, nas esferas ainda mais elevadas, o fluido cósmico universal provê absolutamente tudo que os espíritos necessitam. Nesses planos sublimados, o pensamento é o que rege a organização da matéria, que se molda de acordo com a vontade e intensidade das ondas mentais que sobre ela atuam.

Nos planos próximos à crosta, levamos o conhecimento adquirido nas nossas vidas passadas (e que se mantém em estado de latência mais ou menos profunda) e somos facilmente reconhecidos por aqueles com quem travamos contato na Terra. Por lá, falaremos a línguas que hoje utilizamos aqui, no plano físico; usaremos vestimentas que foram produzidas em unidades fabris, que empregam muitos milhares de operários e serviçais. A alimentação, embora mais leve, ainda é necessária e tudo isso mostra que existe uma economia pulsando do outro lado da vida. Isso tudo pode ser observado em “**Nosso Lar**”, quando André Luiz recebe notícias da crosta durante os anos de guerra, lembrando que as colônias europeias chegaram a mandar intérpretes para Nosso Lar e outras colônias americanas, em função de problemas culturais e de idioma.

É muito estranho falar de alimentação para entidades aparentemente incorpóreas, mas isso é ledô engano. No capítulo anterior, abordamos o fato de que o corpo perispiritual é formado de matéria diferente da nossa, ou, pelo menos, em um estado diferente do que conhecemos, mas mesmo assim é matéria e como tal necessita ser sustentado; isso tudo é parte das leis da termodinâmica. Podemos dizer que aqueles trabalhadores desencarnados que são submetidos a maior dispêndio de energia, com maior interação com as esferas inferiores, como os socorristas e trabalhadores que entram em contato com os irmãos sofrendores do umbral e com o plano físico, acabam recebendo uma alimentação mais próxima daquela que hoje utilizamos. Até nesse quesito tudo se comporta como um contínuo da vida física deixada para trás.

A necessidade de alimentação, isso mesmo, “necessidade”, é mostrada de forma inequívoca por Aniceto (“**Os Mensageiros**”, página 263), que evidencia que:

(...) Mesmo em “Nosso Lar”, ainda estamos distantes da grande conquista do alimento espontâneo pelas forças atmosféricas, em caráter absoluto (...)

Dessa forma, embora o perispírito não pereça na ausência de alimentação mais apropriada à sua condição vibratória, ele padece e sofre muito. Isso faz com que as pessoas privadas temporariamente de alimentos desenvolvam quadros de profundo abatimento, obedecendo aos estímulos dos corpos superiores. A presença e as condições desses espíritos umbralinos em farrapos, famintos e sedentos, nas casas espíritas, é mostrada na página 268 de “**Os Mensageiros**”.

O problema de alimentação ganha destaque quando Lísias descreve a revolta que eclodiu em Nosso Lar quando a governadoria decidiu colocar um pouco de ordem na cidade, restringindo o acesso a alimentos mais densos e a comportamentos que transformavam a colônia em uma extensão imediata da crosta. Os moradores da cidade-colônia pensavam que aquela era uma continuação absolutamente natural da vida que tinham deixado na Terra, procurando banquetear-se com tudo que utilizavam aqui, incluindo bebidas excitantes. Será que ele se refere a elementos alcoólicos ou similares? Vejamos o texto (“**Nosso Lar**”, páginas, 63 a 65):

(...) Deliberou, porém, o atual Governador atenuar todas as expressões de vida que nos recordassem os fenômenos puramente materiais. As atividades de abastecimento ficaram, assim, reduzidas a simples serviço de distribuição, sob o controle direto da Governadoria. Aliás, a providência constitui medida das mais benéficas. Rezam os anais que a colônia, há um século, lutava com extremas dificuldades para adaptar os habitantes às leis da simplicidade. Muitos recém-chegados ao “Nosso Lar” duplicavam exigências. Queriam mesas lautas, bebidas excitantes, dilatando velhos vícios terrenos. Apenas o Ministério da União Divina ficou imune de tais abusos, pelas características que lhe são próprias; no entanto, os demais viviam sobrecarregados de angustiosos problemas dessa ordem. O Governador atual, todavia, não poupou esforços. Tão logo assumiu obrigações administrativas, adotou providências justas. Antigos missionários, daqui, puseram-me ao corrente de curiosos acontecimentos. Disseram-me que, a pedido da Governadoria, vieram duzentos instrutores de uma esfera muito elevada, a fim de espalharem novos conhecimentos, relativos à ciência da respiração e da absorção de princípios vitais da atmosfera. Realizaram-se assembleias numerosas. Alguns colaboradores técnicos de “Nosso Lar” manifestavam-se contrários, alegando que a cidade é de transição e que não seria justo, nem possível, desambiantar imediatamente os homens desencarnados, mediante exigências desse teor, sem grave perigo para suas organizações espirituais. O Governador, contudo, não desanimou. Prosseguiram as reuniões, providências e atividades, durante trinta anos consecutivos. Algumas entidades eminentes chegaram a formular protestos de caráter público, reclamando. Por mais de dez vezes, o Ministério do Auxílio esteve superlotado de enfermos, onde se confessavam vítimas do novo sistema de alimentação deficiente. Nesses períodos, os opositores da redução multiplicavam acusações. O Governador, porém, jamais castigou alguém. Convocava os adversários da medida a palácio e expunha-lhes, paternalmente, os projetos e finalidades do regime; destacava a superioridade dos métodos de espiritualização, facilitava aos mais rebeldes inimigos do novo processo variadas excursões de estudo, em planos mais elevados que o nosso, ganhando, assim, maior número de adeptos.

O texto acima deixa claro que a matéria que constitui o perispírito não está imune às leis de conservação de energia, mas o corpo espiritual pode obter todos ou quase todos os elementos que necessita da atmosfera e de suplementos inseridos na água e/ou sucos naturais. **Contudo, o apego ao mundo material faz com que muitos anseiem por uma dieta similar à que tinham aqui e, ao não obterem o que esperavam, passam a adoecer em função de desequilíbrios psíquicos que se alastram.** A revolta, que eclodiu em consequência desse estado de coisas, foi controlada com pulso firme, mas cheio de atenção e cuidados para com a população, vítima de sua própria ignorância, principalmente os técnicos do Ministério do Esclarecimento, que mesmo após vinte e tantos anos vendo o exemplo da Governadoria, ainda não haviam aderido às inovações alimentares.

Os “cientistas” foram os mais recalcitrantes adversários das mudanças na espiritualidade. Na Terra eles negam que existe espírito, como espíritos livres, formulam teorias que criam mais problemas do que auxiliam; são os verdadeiros fariseus. Que os fariseus, como Ishmael, me perdoem, por essa comparação profundamente pejorativa, mas real. O texto de André Luiz é tão explícito que merece ser transcrito integralmente (“**Nosso Lar**”, páginas 65 a 68):

– Depois de vinte e um anos de perseverantes demonstrações, por parte da Governadoria, aderiu o Ministério da Elevação, passando a abastecer-se apenas do indispensável. O mesmo não aconteceu com o Ministério do Esclarecimento, que demorou muito a assumir compromisso, em vista dos numerosos espíritos dedicados às ciências matemáticas, que ali trabalham. Eram eles os mais teimosos adversários. Mecanizados nos processos de proteínas e carboidratos, imprescindíveis aos veículos físicos, não cediam terreno nas concepções correspondentes daqui. Semanalmente, enviavam ao Governador longas observações e advertências, repletas de análises e numerações, atingindo, por vezes, a

imprudência. O velho governante, contudo, nunca agiu por si só. Requisitou assistência de nobres mentores, que nos orientam através do Ministério da União Divina, e jamais deixou o menor boletim de esclarecimento sem exame minucioso. Enquanto argumentavam os cientistas e a Governadoria contemporizava, formaram-se perigosos distúrbios no antigo Departamento de Regeneração, hoje transformado em Ministério. Encorajados pela rebeldia dos cooperadores do Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se recolhiam entregaram-se a condenáveis manifestações. Tudo isso provocou enormes cisões nos órgãos coletivos de "Nosso Lar", dando ensejo a perigoso assalto das multidões obscuras do umbral, que tentaram invadir a cidade, aproveitando brechas nos serviços de Regeneração, onde grande número de colaboradores entretinha certo intercâmbio clandestino, em virtude dos vícios de alimentação. Dado o alarme, o Governador não se perturbou. Terríveis ameaças pairavam sobre todos. Ele, porém, solicitou audiência ao Ministério da União Divina e, depois de ouvir o nosso mais alto Conselho, mandou fechar provisoriamente o Ministério da Comunicação, determinou funcionassem todos os calabouços da Regeneração, para isolamento dos recalcitrantes, advertiu o Ministério do Esclarecimento, cujas impertinências suportou mais de trinta anos consecutivos, proibiu temporariamente os auxílios às regiões inferiores e, pela primeira vez na sua administração, mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum. Não houve combate, nem ofensiva da colônia, mas resistência resoluta. Por mais de seis meses, os serviços de alimentação, em "Nosso Lar", foram reduzidos à inalação de princípios vitais da atmosfera, através da respiração, e água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos. A colônia ficou, então, sabendo o que vem a ser a indignação do espírito manso e justo. Findo o período mais agudo, a Governadoria estava vitoriosa. O próprio Ministério do Esclarecimento reconheceu o erro e cooperou nos trabalhos de reajustamento. Houve, nesse comenos, regozijo público e dizem que, em meio da alegria geral, o Governador chorou sensibilizado, declarando que a compreensão geral constituía o verdadeiro prêmio ao seu coração. A cidade voltou ao movimento normal. O antigo Departamento da Regeneração foi convertido em Ministério. Desde então, só existe maior suprimento de substâncias alimentícias que lembram a Terra, nos Ministérios da Regeneração e do Auxílio, onde há sempre grande número de necessitados. Nos demais há somente o indispensável, isto é, todo o serviço de alimentação obedece a inexcedível sobriedade. Presentemente, todos reconhecem que a suposta impertinência do Governador representou medida de elevado alcance para nossa libertação espiritual. Reduziu-se a expressão física e surgiu maravilhoso coeficiente de espiritualidade.

Essa descrição traz, inclusive, uma citação sobre o “intercâmbio clandestino” com o umbral, ou seja, **contrabando**. Vocês já pensaram na possibilidade de contrabandistas espirituais? Mas se eles existem aqui, no plano físico, o que garantiria a obsolescência dessa profissão após a morte? Nada. **Os criminosos não se aposentam com a morte do corpo mais denso.**

Além de alimentação material, existe uma segunda modalidade que merece especial atenção, uma vez que envolve a vida de quase todos os encarnados que passam por processos obsessivos, o que, creio eu, atinge algo ao redor de 90% dos indivíduos, com quadros mais ou menos intensos, dependendo da pessoa, de seu comprometimento em existências passadas e sua maneira de pensar: **é o parasitismo psíquico ou energético**. Vejamos o que coloca Gregório, um juiz das trevas vivendo em uma cidade em região das zonas subcrostais (“**Libertação**”, página 136):

– Tenho necessidade do alimento psíquico que só a mente de Margarida me pode proporcionar.

Perguntou Gúbio (instrutor de André Luiz), mais encorajado:

– E se reencontrasses o doce reconforto da ternura materna, sustentando-te a alma, até que Margarida te pudesse fornecer, redimida e feliz, o sublimado pão do espírito?

Na cidade comandada pelos juízes das trevas, as disparidades entre as lideranças e a parcela mais miserável da população fazem lembrar os lugares socialmente mais desiguais da crosta, no passado, onde a escravidão e servilismo são as marcas mais contundentes de tudo que pode ser encontrado nessas esferas. Vemos que a maioria da população ali concentrada nada faz para sobreviver ou galgar maior independência da tirania local. Eles sobrevivem de parasitismo psíquico, que produz alterações na matéria mental que envolve os encarnados e isso acaba por se converter em alimento para entidades embrutecidas no ódio ou petrificadas na indolência.

Em “**Evolução em Dois Mundos**” (página 77), o texto resume brevemente todas as explicações acima, sobre a alimentação, colocando que a criatura desencarnada...

(...) plenamente renovada em si mesma, abandona o veículo carnal a que se jungia; contudo, muitas vezes intimamente aprisionada ao casulo dos seus pensamentos dominantes, quando não trabalhou para renovar-se, nos recessos do espírito, passa a revelar-se em novo peso específico, segundo a densidade da vida mental em que se gradua, dispondo de novos elementos com que atender à própria alimentação, equivalentes às trompas fluídico-magnéticas de sucção, embora sem perder de modo algum o aparelho bucal que nos é característico, salientando-se, aliás, que semelhantes trompas ou antenas de matéria sutil estão patentes nas criaturas encarnadas, a se lhes expressarem na aura comum, como radículas

Podemos ver, como já mencionado, que mesmo o encarnado se nutre de elementos imponderáveis do cosmo, além dos alimentos que objetivam dar o suporte nutricional ao corpo físico, segundo a filosofia de que a matéria alimenta a matéria, mas, como não somos apenas “matéria ordinária”, também recebemos muito do fluido cósmico que nos envolve e isso se dá através dessas projeções do corpo etéreo e do psicossoma, além dos centros de força, que serão estudados a seguir.

Na colônia Nosso Lar, as atividades fabris, médicas, agrícolas, de transporte público e o lazer se mostram semelhantes às observadas nas sociedades mais desenvolvidas do mundo moderno. Não podemos nos esquecer de que o texto foi transmitido em meados da década de 1940, em plena Segunda Guerra Mundial, e traz temas de grande interesse no presente, como o uso de eletromagnetismo nos transportes e no tratamento das doenças graves.

Os trens-bala, que constituem um dos principais investimentos em transporte na Europa, América do Norte, Ásia e, agora, Brasil, são baseados no eletromagnetismo, embora eles não possuam a liberdade de locomoção que o Aerobus parece ter em “**Nosso Lar**” e “**E a Vida Continua**”. Essas diferenças são, apenas, questões menores de aperfeiçoamento de tecnologia, uma vez que o princípio já é utilizado. Numerosos aparelhos de ressonância magnética e diagnóstico por imagem ou utilizando os chamados campos L de Harold Saxton Burr (professor da faculdade de medicina da Universidade de Yale, nos Estados Unidos da América) estão disponíveis no presente e permeiam a obra de André Luiz.

Essa vida cotidiana de atividades e produção também é maravilhosamente retratada em “**Os Mensageiros**”, onde pomares, pequenas fábricas de medicamentos e cozinha industrial existem e fornecem os alimentos e medicamentos que os internos, em estado de profunda perda da consciência, recebem periodicamente.

A vida em sociedade, mesmo nas comunidades mais ordeiras, não dispensa a existência de um poder judiciário e de uma estrutura policial, mesmo que ela nada tenha a ver com truculência e agressividade daquela que encontramos nas cidades brasileiras. Em “**E a Vida Continua**” vemos a descrição de sentinelas e guardas que exercem as mesmas prerrogativas de seus congêneres encarnados, com maior capacidade de decisão e poder de execução de suas atividades, como transcrito abaixo (páginas 244 e 245):

Enquanto a conversa prosseguia, Fantini segurava Desidério, amistosamente, coadjuvado por outros tarefeiros desencarnados, em atividade no sanatório.

Um deles solicitava prisão para o agitado agressor, ao passo que os demais informavam que, desde a entrada de Elisa no estabelecimento, era ele um prestativo e pacato acompanhante da enferma, que encontrava nele um amparo e um amigo.

Ouvindo alusões a encarceramento provável, o pai de Evelina percebeu que se achava diante da possibilidade de perder-se da criatura querida, e asserenou-se.

(...) Dispersaram-se os guardas.

Em “**Obreiros da Vida Eterna**”, a irmã Zenóbia é informada que alguns espíritos resgatados do umbral mais denso fugiram das celas de contenção. Vejamos (página 62):

— Irmã Zenóbia, ambos os desequilibrados que deram entrada, anteontem, romperam as celas e tentam fugir.

Essas celas existem e têm utilidades variadas, como separar irmãos desencarnados de seus obsessores também desencarnados, como em “**Sexo e Destino**”, ou conter, provisoriamente, os indivíduos incapazes de viver em comunidade ou que podem gerar tumultos, como descrito em “**Nosso Lar**”. Sabemos também, através de nossos mentores, que a contenção de alguns espíritos recalcitrantes e perturbadores pode ser solicitada a juizes especialmente designados para esse fim. O livre-arbítrio é um direito, mas todo direito tem limites bastante nítidos. Muitos espíritos trevosos, como os chamados “magos-negros”, entidades que se especializaram em comandar falanges de espíritos parasitários e que possuem enorme capacidade

intelectual, já foram reunidos e encaminhados para degredo em diversos mundos primitivos. A maior diferença entre as prisões astrais, em relação às nossas, é que lá se reeduca o indivíduo, enquanto aqui, no nosso plano físico, os prisioneiros fazem pós-graduação em Criminalidade, Corrupção, Organização para o Crime e muitas outras áreas desse vasto submundo.

A existência de uma força policial e salas para detenção é acrescida de uma belíssima descrição de um corpo jurídico nas colônias e institutos que administram a vida cotidiana e o processo de reencarnação. Em “**Sexo e Destino**”, temos várias descrições das atividades desses irmãos habilitados a aplicar as leis maiores. O texto, a seguir, traz preciosas informações a esse respeito (página 356):

(...) Curioso foro do “Almas Irmãs”, onde dois juízes funcionam, atendendo aos petítórios formulados pelos integrantes da comunidade, com respeito aos irmãos reencarnados na esfera física.

A passagem, inclusive, menciona que queixas e declarações a respeito de espíritos que reencarnaram podem ser registradas e analisadas futuramente, quando do desencarne do amigo. Jesus disse que a lei seria cumprida até o último ceitel.

A estrutura do corpo jurídico fica mais clara logo a seguir, ainda no capítulo 10 de “**Sexo e Destino**”. Deixemos o texto falar (páginas 356 e 357):

(...) Renascimentos, berços torturados, acidentes da infância, delitos da juventude, dramas passionais, lares periclitantes, divórcios, deserções afetivas, certas modalidades de suicídio tanto quanto moléstias e obsessões resultantes de abusos sexuais e uma infinidade de temas conexos são aí examinados, segundo as rogativas e as queixas entregues aos pronunciamentos da justiça. A Casa da Providência apenas delibera em definitivo nos problemas que se limitem ao “Almas Irmãs”; contudo, os casos, em maioria, revelam derivações para outros setores. Nessa hipótese, as questões são aí discutidas, de começo, seguindo para instâncias superiores. Ainda assim, os dois magistrados amigos e ele mesmo, Félix, que é constrangido pela força do cargo a estudar e informar todas as peças, uma por uma, não decidem só por si. Um conselho constituído por dez orientadores, seis companheiros e quatro irmãs, com méritos suficientes perante a governadoria da cidade, opina, através de assembleias semanais, em todas as recomendações e diligências, aprovando-as ou contrariando-as, a fim de que as decisões não se comprometam em arbitrariedades (...)

Muitos podem alegar que a atividade da justiça é branda, nos planos espirituais, geralmente restrita à consciência individual, o que não é real, sendo que o julgamento formal pode implicar em detenção para reeducação, expulsão da colônia e internação em casas assistenciais para seres dementados. O rigor da avaliação a que todos são submetidos fica clara no parágrafo abaixo, também extraído de “**Sexo e Destino**”, onde a justiça é satisfeita em uma associação com a misericórdia e com a compreensão das limitações humanas (página 359):

Articulando novas inquirições, Amantino aclarou que, apesar da equidade nos julgamentos, prevalece o rigor no registro de todas as culpas e defecções dos reencarnados, para que não se afrouxe a disciplina; no entanto, os limites da tolerância, na Espiritualidade Superior, são mais amplos. Isso porque os árbitros e mentores não se valem exclusivamente dos textos, mas também dos princípios de compreensão humana que lhes palpitam nas consciências e, usando a própria consciência, o executor da lei não ignora as dificuldades que se antepõem às criaturas para que se conduzam em medidas de correção integral, no dédalo dos próprios sentimentos, quase sempre ainda tisonados pela eiva da animalidade primitiva.

Em “**Libertação**” (página 47), tem-se uma clara indicação de que existem diversas jurisdições e hierarquias de tribunais, que funcionam de acordo com o grau evolutivo do irmão faltoso e o papel que lhe cabia desempenhar na Terra ou demais esferas do orbe em que a vida viceja, conforme o texto a seguir:

(...) O homem terrestre, mormente nos dias tormentosos, costuma ver somente o “seu lado”, mas, acima da justiça comum, propriamente considerada, outros tribunais mais altos funcionam... Em razão disso, todos os casos de desarmonia espiritual na Terra movem aqui extensa rede

de servidores que passam a tratá-los, sem inclinações pessoais, em bases do amor que Jesus exemplificou (...)

Em “**Evolução em Dois Mundos**”, André Luiz dedica o capítulo VI, denominado “Justiça na Espiritualidade”, a esse tema e é bastante contundente em suas considerações (páginas 181 e 182):

– Como atua o mecanismo da Justiça no Plano Espiritual?

– No mundo espiritual, decerto, a autoridade da Justiça funciona com maior segurança, embora saibamos que o mecanismo da regeneração vige, antes de tudo, na consciência do próprio indivíduo.

Ainda assim, existem aqui, como é natural, santuários e tribunais, em que magistrados dignos e imparciais examinam as responsabilidades humanas, sopesando-lhes os méritos e deméritos.

Prosseguindo...

A organização do júri, em numerosos casos, é aqui observada, necessariamente, porém, constituída de Espíritos integrados no conhecimento do Direito, com dilatadas noções de culpa e resgate, erro e corrigenda, psicologia humana e ciências sociais, a fim de que as sentenças ou informações proferidas se atenham à precisa harmonia, perante a Divina Providência, consubstanciada no amor que ilumina e na sabedoria que sustenta.

Há delinquentes tanto no plano terrestre quanto no plano espiritual e, em razão disso, não apenas os homens recentemente desencarnados são entregues a julgamento específico, sempre que necessário, mas também as entidades desencarnadas que, no cumprimento de determinadas tarefas, se deixam, muitas vezes, arrastar a paixões e caprichos inconfessáveis.

É importante anotar, contudo, que quanto mais baixo é o grau evolutivo dos culpados, mais sumário é o julgamento pelas autoridades cabíveis e, quanto mais avançados os valores culturais e morais do indivíduo, mais complexo é o exame dos processos de criminalidade em que se emaranham, não só pela influência com que atuam nos destinos alheios, como também porque o Espírito, quando ajustado à consciência dos próprios erros, ansioso de reabilitar-se perante a vida e diante daqueles que mais ama, suplica por si mesmo a sentença punitiva que reconhece indispensável à própria restauração.

Para encerrar essa discussão sobre a justiça e ordem nas colônias espirituais ligadas às esferas do bem, nada melhor do que entender que toda construção humana, mesmo no campo das leis, é transitória e isso é uma realidade nas cidades terrenas e espirituais, como podemos ler em “**E a Vida Continua**” (página 168):

“– As leis humanas, tanto no plano terrestre quanto aqui, são princípios suscetíveis de alteração e, na essência, não afetam as Leis Divinas.

Essa transitoriedade da justiça nas esferas contíguas à Terra é de grande importância, posto que passamos a ver os planos espirituais acima do nosso como esferas em patamares mais evoluídos, mas não são ambientes em que leis perfeitas são discutidas diante de espíritos puros.

Esses planos refletem o que seremos amanhã ou depois de amanhã. Para se ter uma ideia do que significa isso, o plano intermediário onde Dr. Fritz, Joseph Gleber e Ishmael vivem está, em média, 300 anos na frente de nossas coletividades mais avançadas, na crosta. Aruanda, uma colônia que recebeu muitos pretos-velho e senhores de escravos redimidos, também apresenta grande adiantamento espiritual e técnico. Nosso Lar, pela descrição dos equipamentos (na década de 1940), deve estar uns 80-100 anos à frente de nossos esforços de crescimento. Para que tenhamos uma ideia, em média, os países

desenvolvidos, no plano físico, estão entre 50 a 70 anos na frente das sociedades materialmente mais precárias do nosso mundo.

A despeito desses últimos parágrafos sobre justiça nos planos espirituais e situações envolvendo essa palavra nunca são agradáveis, existe vida social e entretenimento no mais além.

O lazer existe nas colônias e é valorizado como forma de aprendizado, para aquisição de novos valores, estimulando-se o contato com a cultura, através da arte, como a música e a literatura. Devo, entretanto, mostrar que as semelhanças entre nossos dois planos ficam mais pronunciadas quando lemos o trecho referente a namorados que visitam o Bosque das Águas. Comenta Lísias, em “**Nosso Lar**” (página 71):

– Estamos no Bosque das Águas. Temos aqui uma das mais belas regiões de Nosso Lar. Trata-se de um dos locais prediletos para as excursões dos amantes, que aqui vêm tecer as mais lindas promessas de amor e fidelidade, para as experiências da Terra.

Podemos ver que a citação referente ao namoro é bastante clara e o amor entre os parceiros é algo que não deixa de ter as características que os “amantes” imprimem. Um dia poderemos discutir com mais propriedade a sexualidade nos planos espirituais, mas, por enquanto, essa tentativa não seria coroada de muito êxito, uma vez que nossa mente apresenta diversas opiniões de cunho pessoal e tabus referentes ao tema, que possivelmente poderiam dificultar a transmissão de informações enviadas pela espiritualidade. Porém, vale a pena frisar que, nas últimas páginas de “**E a Vida Continua**”, podemos ler uma narração de algo muito próximo a um casamento espírita entre espíritos desencarnados, enquanto que em “**Sexo e Destino**” a atração entre os espíritos guarda, nas proximidades da crosta, as mesmas características que existem entre nós.

Sabemos que a imaginação é um dos maiores tesouros do homem, mas no mundo espiritual visitado por André Luiz, o trabalho físico ainda predomina e a capacidade dos espíritos em imprimir sua vontade na matéria é muito pequena, o que fez nossos mentores, Ishmael e Joseph Gleber, descreverem, para os trabalhadores da Casa do Caminho, que a matéria adquire três conformações básicas diferentes, dependendo do seu arranjo mais íntimo. A matéria ordinária, bariônica, somente seria modificada pelas mentes mais brilhantes e habilitadas, como a de Jesus, o mesmo ocorrendo com a matéria astral, que seria a versão correspondente à matéria ordinária nos planos espirituais, que embora mais plástica do que a matéria densa, ainda não obedece facilmente aos estímulos mentais a ela endereçados pelos espíritos, de forma que apenas a atividade repetitiva de coletividades inteiras é capaz de modificar sua estrutura, bem como a ação de espíritos evoluídos. **Grande parte das características do umbral se deve aos efeitos crônicos dos pensamentos enfermícios de bilhões de espíritos infelizes ao longo de eras geológicas.**

A terceira conformação da matéria seria a matéria mental, manifestação material sutil, próxima do fluido cósmico universal. Em “**Nos Domínios da Mediunidade**”, instrutor espiritual se refere a essa matéria de forma bastante clara (página 13):

Da superestrutura dos astros à infra-estrutura subatômica, tudo está mergulhado na substância viva da Mente de Deus, como os peixes e as plantas da água estão contidos no oceano imenso.

Permeando os planos espirituais e o plano físico, a matéria mental seria uma das expressões do próprio espaço-tempo, do éter ou fluido cósmico universal da obra de Kardec. Ela é extremamente plástica e com o tempo pode adquirir formas e aparências que denotam a condição intelectual e moral de encarnados e desencarnados, originando as formas-pensamento e outras estruturas que podem ser mais perenes ou transitórias dependendo da vontade e do poder mental de quem a manipulou. Compreender sua natureza dá outro sentido à expressão evangélica que coloca que cada palavra e pensamento trazem um teor ou poder de modificar o ambiente.

A matéria mental também está subentendida nas palavras abaixo, retiradas de “**Nos Domínios da Mediunidade**” (páginas 14 e 15):

(...) através da energia mental em que nos renovamos constantemente, criando, alimentando e destruindo formas e situações, paisagens e

coisas, na estruturação dos nossos destinos.

Nossa mente é, dessarte, um núcleo de forças inteligentes, gerando plasma sutil que, a exteriorizar-se incessantemente de nós, oferece recursos de objetividade às figuras de nossa imaginação, sob o comando de nossos próprios desígnios.

A ideia é um “ser” organizado por nosso espírito, a que o pensamento dá forma e ao qual a vontade imprime movimento e direção.

Do conjunto de nossas ideias resulta a nossa própria existência.

Muitas vezes, quando os médiuns descrevem os espíritos com aparências que se mostram exóticas e facilmente modificáveis, plásticas mesmo, eles estão descrevendo o invólucro de matéria mental que os envolve e, obviamente, essas percepções também sofrem a influência da mediunidade peculiar a cada mediano. Por mais maleável que o perispírito venha a ser, ele não é o responsável maior pelo fenômeno, pela aparência adquirida pela entidade comunicante, uma vez que o processo parece depender da interação da mente do espírito e sua vontade sobre a matéria mental, como explicado por André Luiz em “**Evolução em Dois Mundos**” (páginas 179 e 180):

É importante considerar, todavia, que os Espíritos desencarnados, mesmo os de classe inferior, guardam a faculdade de exteriorizar os fluidos plasticizantes que lhes são peculiares, espécie de aglutininas mentais com que envolvem a mente mediúnica encarnada, recursos esses nos quais plasman, como lhes seja possível, as imagens que desejam expressar e que adquirem para as percepções do médium coloração e movimento, fazendo-o exprimir-se ou agir, em comportamento semelhante ao passivo comum na hipnose provocada. Tais fenômenos, porém, são isolados e apenas se verificam entre o médium e a entidade que o influencia, sem substância na realidade prática, qual ocorre no campo das sugestões, durante a interligação mento-psíquica, entre o hipnotizado e o hipnotizador.

Dessa forma, o médium não vê exatamente o perispírito da entidade comunicante, mas aquilo que ela lhe permite observar através de uma ligação fluídica que se estabelece. Além disso, o médium acaba “vendo” o efeito da mente do espírito sobre a matéria mental, muito mais plástica do que qualquer outra, mas que, com o tempo, afeta a própria intimidade dos constituintes do perispírito do desencarnado (e mesmo de encarnados com pensamentos viciados), constituindo a base dos fenômenos de animalização do psicossoma, a zoantropia. Assim, as alterações bruscas, rápidas, na aparência dos espíritos são o efeito da sua mente sobre a matéria mental, enquanto que o pensamento constante e poderoso pode, com o passar do tempo, modificar a própria matéria astral que constitui o perispírito, mas dias, semanas, meses, ou anos (quicá milênios) podem ser gastos nessa transformação.

Como vimos acima, essa matéria mental também apresenta íntima relação com a matéria astral ou dos planos espirituais. Essa é a base do fenômeno de zoantropia, quando o espírito, por vontade própria ou pela ação de terceiros, modifica sua aparência perispiritual, adquirindo feições animais, como descrito em “**Libertação**”, onde um juiz das trevas, na região subcrostral, determina que uma mulher, em função de suas faltas progressas, desenvolva um tipo especial de zoantropia, a licantropia, ou aquisição de aparência de lobo. A presença de criaturas animais ou que desenvolveram aparências ainda piores pontuam diversos livros de André Luiz, sendo difícil a separação entre esses seres e os verdadeiros animais que habitam outros planos de vida.

Quando essa matéria mental é manipulada através de pensamentos enfermícios, com baixo teor vibratório, os efeitos não se fazem esperar e os pensamentos ganham vida através de formas-pensamento deletérias, que fulminam aqueles que as geraram e reduzem a condição vibratória de todo o ambiente, criando verdadeiras egrégoras locais, densas e carregadas, que podem ser sentidas por todos, médiuns ou não. A existência dessas formas-pensamento é abordada em diversos pontos da obra de André Luiz, como nas páginas 235 e 250 de “**Os Mensageiros**”, quando fala da criação de larvas mentais por meio de pensamentos enfermícios, ou as inúmeras citações de larvas geradas por todo tipo de excesso comportamental em “**Missionários da Luz**” (página 47).

Nessa última obra, o instrutor Alexandre acrescenta:

(...) Você está observando o setor das larvas com justificável admiração. Não tenha dúvida. Nas moléstias da alma, como nas enfermidades do corpo físico, antes da afecção existe o ambiente. As ações produzem efeitos, os sentimentos geram criações, os pensamentos dão origem a formas e conseqüências de infinitas expressões. E, em virtude de cada Espírito representar um universo por si, cada um de nós é responsável pela emissão das forças que lançamos em circulação nas correntes da vida. A cólera, a desesperação, o ódio e o vício oferecem

O oposto também ocorre, ou seja, pensamentos elevados podem modificar a estrutura da matéria mental, moldando-a e criando formas que traduzem paz e harmonia, como as pétalas de luz que Ismália produz durante oração em “**Os Mensageiros**” e que tantas vezes foram observadas por diferentes médiuns, destacando-se sempre o amigo Chico Xavier. Nesse sentido, a espiritualidade orienta que venhamos a sintonizar as mentes de todos que participam da oração ou corrente magnética, repetindo (“**Os Mensageiros**”, página 152)...

(...), em pensamento, cada expressão, a fim de imprimir o máximo ritmo e harmonia ao verbo, ao som e à ideia, numa só vibração (...)

As estruturas harmônicas plasmadas sobre a matéria mental são as bases dos procedimentos de tratamento pela arte, os programas chamados de “arte e cura”, associando-se, não raro, a mediunidade de cura de alguns irmãos que são atraídos para essas reuniões. Enquanto o médium picto-psicográfico pinta ou esculpe, os trabalhadores espirituais manipulam energias que são utilizadas no tratamento dos encarnados e desencarnados presentes.

Toda hora escutamos falar que os espíritos plasmam tudo com a mente. Isso é real? O que existe de atividade mental e atividade física nesses planos?

A confirmação de que o trabalho físico é ponto importante nas atividades dos espíritos que vivem nas coletividades próximas à Terra, como as colônias descritas nas obras analisadas, pode ser obtida pelo texto a seguir, retirado de “**E a Vida Continua**” (páginas 82 e 83):

— Chame-se a este mundo em que existimos, neste momento, «outra vida», «outro lado», «região extrafísica» ou «esfera do Espírito», estamos num centro de atividade tão material quanto aquele em que se movimentam os homens, nossos irmãos ainda encarnados, condicionados ao tipo de impressões que ainda lhes governam, quase que de todo, os recursos sensoriais. O mundo terrestre é aquilo que o pensamento do homem faz dele. Aqui, é a mesma coisa. A matéria se resume a energia. Cá e lá, o que se vê é a projeção temporária de nossas criações mentais...

“**E a Vida Continua**” ainda traz uma bela pérola sobre esse tema (páginas 85 e 86):

Evelina, que não acreditava no que ouvia, objurgou, insatisfeita:

— Mas... se nos achamos num plano espiritual, que dizer das construções sólidas, vinculadas à arquitetura terrestre, com que somos defrontados?

— Nenhum espanto, quando ponderarmos que os edifícios no mundo dos homens nascem do pensamento que os esculpe e da matéria que obedece aos projetos elaborados. Aqui verificamos o mesmo processo, diferindo apenas nas condições da matéria, que se evidencia mais intensivamente maleável à influência da ideia dominante (...)

Descrição muito mais do que perfeita.

Pode-se inferir que Brasília, capital federal, é, em grande parte, criação mental de Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer e outros arquitetos e engenheiros, mesmo que construída através de milhares de mãos laboriosas. Lá e cá. Assim as colônias nascem e crescem. Estamos muito longe do universo do domínio mental absoluto. Como podemos esperar dominar a estrutura da matéria astral se nem conseguimos plasmar pequenas criações mais estruturadas utilizando-se de aparelhos capazes de potencializar o poder mental? Algo nesse sentido é descrito em “**Obreiros da Vida Eterna**”.

Como exigir de nossas mentes tamanho poder plasmador se não conseguimos ter disciplina de estudo? E a falta de comprometimento? Que Deus tenha piedade de nós e de nossa presunção.

As cidades espirituais representam agrupamentos que se formam e se desenvolvem em função das condições morais de seus inquilinos, os quais podem apresentar habilidades intelectuais bastante variadas, mas unidos por uma sintonia moral. Assim, capacidades que dependem da ação mental sobre o ambiente podem variar significativamente entre os seus habitantes, como a volitação, a qual normalmente não é praticada em Nosso Lar para não constranger aqueles que ainda não conseguem exercê-la.

A descrição de Lísias sobre a história de Nosso Lar, com os primeiros colonizadores portugueses vencendo a natureza rude do plano espiritual, lembra muito a história da própria colonização do Brasil e assim deve ser considerada. Para aqueles que imaginam a vida espiritual como uma projeção dos desejos de diretores de Hollywood, ela é um duro golpe. Vejamos o texto original (“**Nosso Lar**”, páginas 59 e 60):

(...) “Nosso Lar” é antiga fundação de portugueses distintos, desencarnados no Brasil, no século XVI. A princípio, enorme e exaustiva foi a luta, segundo consta em nossos arquivos no Ministério do Esclarecimento. Há substâncias ásperas nas zonas invisíveis à Terra, tal como nas regiões que se caracterizam pela matéria grosseira. Aqui também existem enormes extensões de potencial inferior, como há, no planeta, grandes tratos de natureza rude e incivilizada. Os trabalhos primordiais foram desanimadores, mesmo para os espíritos fortes. Onde se congregam hoje vibrações delicadas e nobres, edifícios de fino labor, misturavam-se as notas primitivas dos silvícolas do país e as construções infantis de suas mentes rudimentares. Os fundadores não desanimaram, porém. Prosseguiram na obra, copiando o esforço dos europeus que chegavam à esfera material, apenas com a diferença de que, por lá, se empregava a violência, a guerra, a escravidão, e, aqui, o serviço perseverante, a solidariedade fraterna, o amor espiritual.

A descrição fala por si mesma.

Nesse momento precisamos esclarecer que um dos motivos que nos levaram a considerar a obra de André Luiz como objeto de estudo, foi a sólida base moral do médium que lhe serviu de instrumento, nosso amado Chico Xavier. Embora Waldo Vieira também tenha participado do trabalho psicográfico de alguns livros, a participação de Chico Xavier impõe um padrão e não conseguimos verificar diferenças significativas nos textos dos dois medianeiros. Sabemos que mediunidade é sintonia e aquele que não persevera no bem se torna instrumento das forças que lutam contra o progresso e Chico sempre foi exemplo de superação e dedicação à Doutrina dos Espíritos.

Esse perfil certamente reduziu muito a ascendência das trevas sobre sua obra mediúnica e seus textos são enxutos e técnicos, ao contrário de outros médiuns **que incorporam tantos elementos de lendas medievais, histórias fantásticas e inverossímeis que chegam a ponto de descaracterizar o Espiritismo**. Uma característica desses irmãos é o enorme apreço pelos holofotes e temos que ter cuidado com todos aqueles que dão mais peso às revelações bombásticas ou curiosidades do que para as verdades evangélicas deixadas por Jesus. Fico com Chico Xavier, o humílimo, Emmanuel e André Luiz, que nos pedem para seguir o Cristo com humildade.

As comunicações que temos recebido de guias e mentores, nas atividades da Casa do Caminho Luz e Esperança, reforçam as palavras de André Luiz, onde as criações mentais fazem parte da vida espiritual, como aquela que hoje ostentamos no corpo denso (somos espíritos também e nossa mente modifica a matéria mental da mesma forma que fazíamos na erraticidade), mas, no geral, quem executa as diretrizes mentais são braços fortes que se lançam ao trabalho. Ou será que meus amigos espíritas não acreditam que os trabalhos de Oscar Niemeyer não refletem a mente brilhante de nosso grande arquiteto? As criações puramente mentais existem também e são transitórias, afetando quase exclusivamente a matéria mental, mas se tornam preponderantes nas esferas mais elevadas. É estranho, mas quanto mais liberto da matéria está o espírito, mais domínio sobre o universo físico ele possui.

Da mesma forma que as nossas cidades e nações evoluem com o tempo, as colônias espirituais também se desenvolvem e evoluem materialmente e espiritualmente. A descrição da fundação de Nosso Lar, bem como os eventos de sua história, narrada por Lísias, demonstra que o processo de evolução da coletividade segue um padrão semelhante ao que observamos em nosso plano de vida. Acredito e digo isso apenas como opinião pessoal, que a condição vibratória vai sendo modificada na medida em que uma colônia-cidade se aprimora, de forma que, no início, todas começam de forma simples e podem representar mais um posto umbralino do que um burgo que um dia será o coração de uma colônia de refazimento e reeducação. Obviamente que, nesse fenômeno, não são poucas as dores do crescimento, nos diversos planos, mas a evolução é contínua e

sempre nos leva para perto da luz divina.

Vocês acham que o título do livro “**Evolução em Dois Mundos**” foi fruto do acaso? Claro que não e o processo evolutivo atingindo os corpos espirituais é fato descrito por André Luiz, que diz que o psicossoma é transformável e perecível e, da mesma forma que Darwin lançou as bases do estudo do processo evolutivo e de seleção das espécies no plano terreno, a Doutrina dos Espíritos nos mostra que do outro lado do véu as coisas evoluem também, em ritmo bastante acelerado, atingindo não apenas as estruturas de matéria astral, mas também os próprios corpos espirituais, como o corpo mental.

Em “**Libertação**”, fica claro que esse processo de modificação pode ser bastante veloz e sobrevêm em qualquer plano ou esfera vibratória, começando com comunidades simples e ignorantes, que podem crescer e se converter em centros de exploração e dor, antes de caminhar definitivamente para o saneamento espiritual de seus moradores. Nosso Lar também caminha para a condição de colônia dos planos intermediários, onde a regeneração, pessoal e coletiva, é buscada com veemência. Vejamos o belo texto proferido pelo instrutor Gúbio (“**Libertação**”, página 100):

(...) Aqui mesmo, nesta cidade, tínhamos, a princípio, autêntico império de vidas primitivas que, pouco a pouco, se fez ocupado por extensas coletividades de almas vaidosas e cruéis (...)

Essa cidade irá, com o remédio do tempo, mudar suas condições espirituais. Esse fenômeno, em escala global, é chamado de “saneamento planetário”, ou de “transição planetária”, e ocorre em ritmos diferentes em cada plano ou esfera da vida, provocando ao longo de poucos séculos, uma reeducação da coletividade, sendo que os irmãos mais recalcitrantes às mudanças são convocados às novas escolas na carne, em nosso orbe ou outros, ou se mudarão para outras comunidades e o ciclo se reinicia antes que o planeta seja definitivamente alçado à condição de mundo de regeneração, cuja característica principal é a vontade e determinação de discutir os problemas gerais de sua humanidade, obter consensos, além do saneamento progressivo das regiões de sombra.

Na medida em que as colônias, trevas ou não, se desenvolvem, os aspectos da coletividade passam a interferir no ambiente ao redor, refletindo não apenas as marcas mentais de seus habitantes, mas também as suas necessidades fisiológicas. Não podemos nos esquecer de que Lísias comenta que o rio Azul, que abastece Nosso Lar é novamente reconstituído após deixar a cidade e se dirige para o oceano de matéria astral que nos envolve; ou seja, a água passa a correr no umbral e, antes disso, recebe o adequado tratamento.

No livro “**Libertação**”, tem-se a descrição da existência de acúmulo de detritos humanos em uma gigantesca colônia das trevas que sobrevive do parasitismo energético dos encarnados. Informações complementares sobre o tema podem ser lidas em “**Vida Além da Vida**”, volumes I e II, de autoria dos irmãos Joseph Gleber e Ishmael ben Gurion. Nos planos intermediários ou superiores, as atividades do espírito estão mais restritas ao produto de seu pensamento, o que colabora para reduzir o impacto que isso causa no ambiente. Vejam que, mais uma vez, a obra de André Luiz está em sintonia com praticamente tudo que é mostrado ao universo material, principalmente quando observa-se que não há um rompimento com a realidade terrena.

Como as colônias são locais de refazimento, as sintonias imperam e ditam os caminhos a seguir, de forma que a vida pessoal ganha novas cores e as ciências proliferam para todos os lados. A religiosidade é parte integrante, mas sutil, de tudo; os fanatismos são objeto de estudo e tratamento especializados. Nesse sentido, “**E a Vida Continua**” traz numerosos aspectos da vida religiosa após a morte, onde as diferentes crenças oferecem paz aos corações aflitos e existe ampla tolerância, onde não existem mais os sacerdotes profissionais e o destino de cada um é visto como fruto de escolhas pessoais. A própria igreja católica é descrita como uma entidade que passou por profunda renovação de conceitos e os padres não recebem mais a confissão das pessoas para o perdão dos pecados.

Os fanatismos e recalcitrância são exemplos de posições que somente têm lugar nas manifestações doentias de religiosidade transviada, nos Umbrais e nas trevas, onde muitos religiosos que fizeram mau uso do domínio mental que tinham sobre seus seguidores procuram harmonizar-se ao preço de muito sofrimento, como verdadeiros alienados que desconhecem o que se passa consigo mesmos, perambulando em grupo na esperança de encontrar os céus e atravessar o que muitos denominam de Juízo Final.

Alguns aspectos afetivos da vida espiritual foram paulatinamente revelados nas obras que hoje estudamos, como a

possibilidade do matrimônio se estender além da morte do corpo físico, como ocorria com Tobias, em “**Nosso Lar**”. Esse amigo mantém núpcias com sua primeira esposa, enquanto a segunda esposa, com a qual contraiu núpcias na Terra, após a viuvez, convivia no mesmo lar, na condição de uma quase irmã da primeira esposa, preparando-se para o retorno ao plano físico.

Em “**E a Vida Continua**”, fica claro que os relacionamentos afins, que se estabelecem em consequência da lei de afinidade, não se dissolvem com a morte física, pelo contrário, se fortalece e estreita nessas condições. Essa afinidade, quando profunda, também denota relacionamentos anteriores na mesma família espiritual, sendo que, geralmente, nos é vedado saber, em profundidade, esse passado reencarnatório, mesmo após a morte do veículo físico.

As últimas linhas desse lindo livro, “**E a Vida Continua**“, são dedicadas a um discurso de um instrutor espiritual que mais se assemelha a uma cerimônia de casamento. Belas palavras que fazem sentido em qualquer plano de vida (páginas 295 e 296):

– Senhor Jesus, abençoa os teus servos que se consagram hoje um ao outro em sublime união! (...)

Ilumina-lhes, cada vez mais, os anseios transfigurados para o teu reino, através da abnegação com que souberam esquecer dificuldades e agravos para se deterem tão-somente no auxílio aos companheiros de caminhada, ainda mesmo quando esses companheiros lhes apunhalassem os corações! (...)

Ensina-lhes, oh! Mestre, que a felicidade é uma obra de construção progressiva no tempo e que o matrimônio deve ser realizado, de novo, todos os dias, na intimidade do lar, de maneira que os nossos defeitos se extingam, nas fontes da tolerância recíproca, a fim de que as nossas almas encontrem a perfeita fusão, diante de ti, aos clarões do amor eterno! (...)

Pode não existir uma cerimônia de casamento espírita, mas palavras de paz e estímulo devem ser proferidas por todos que se encontram diante de parceiros afins, que se amam, independentemente da religião que professam.

Os relacionamentos que carecem de amor verdadeiro, caracterizados por expiações de faltas do passado podem ou não continuar a existir na vida espiritual, dependendo da vontade dos envolvidos. Uma vez que a morte verdadeiramente não existe, o “até que a morte os separe” é algo que não tem sentido e passa a ser objeto de escolhas pessoais, como entre nós encarnados.

Muitos espíritas logo terão de encarar que a atração e o amor continuam a florescer de forma natural após a morte. Em “**Os Mensageiros**”, André Luiz relata uma conversa com duas jovens desencarnadas que discorrem sobre um casamento no plano espiritual, onde o noivo (Antônio) leva a esposa (Isaura) para viver em Nosso Lar, embora ela morasse em uma colônia (Campo de Paz) situada em uma região mais próxima da crosta, com menor elevação espiritual. Para vencer a diferença, os superiores da jovem pediram para que ela se preparasse por 6 anos, para poder se adaptar à nova morada. O bem comum sempre recebendo uma atenção especial. Nesse mesmo livro (“**Os Mensageiros**”), o diretor do Posto de Socorro de Campo de Paz recebe a visita da esposa, que habita um plano superior, mas que por débitos do passado não pode se juntar a ela, mostrando que os casais ainda mantêm, quando desejam, os vínculos afetivos e de lealdade.

Como sexo ainda é considerado um tabu entre nós, percebe-se que existe todo o cuidado na abordagem desse assunto na obra de André Luiz e não nos cabe agora discutir esse ponto tão ligado ao relacionamento humano e parte da vida conjugal, mas não podemos nos furtar de fazê-lo no futuro próximo, nesse mesmo livro.

Outro aspecto que merece ser discutido e de suma importância para as coletividades espirituais diz respeito à administração pública, que no Brasil é vista com certa desconfiança em função dos problemas crônicos de corrupção e ineficiência. Pelo que depreendemos das obras estudadas, a meritocracia e o coletivo falam muito mais alto após a morte, pelo menos onde a luz da elevação espiritual já se faz sentir.

Essas coletividades são estruturadas em torno de uma liderança que se estabelece naturalmente, por meritocracia, vindas de planos mais elevados e com um currículo de serviço que se impõe. Obviamente que existem interesses que podem se opor, pelo menos em nível subconsciente, uma vez que a vaidade e o orgulho são características ainda marcantes, mas não vemos nos textos nada que possa sugerir a existência da politicagem tradicional. Qual o motivo para isso? Por que o sorriso hipócrita

dos caçadores de votos, que abundam no plano terreno, não é encontrado em Nosso Lar?

A resposta é simples. Uma vez que não podemos esconder o que somos e o que pensamos, os interesses são evidentes e a política não apresenta as características precárias que vemos em nosso mundo, mesmo nos países mais desenvolvidos. Pela obra de André Luiz, verificamos que dois tipos de organizações públicas estão presentes: as destinadas a prover os meios para o crescimento material e tecnológico da coletividade, nos planos espirituais, bem como aquelas que procuram reforçar os vínculos evangélicos e espirituais com as esferas superiores, ou seja, trabalham na reforma do lado espiritual da humanidade encarnada e desencarnada, como o Ministério da União Divina. A união dessas organizações, que se estendem de institutos de auxílio e reeducação, universidades, até ministérios, é a base de grande parte das atividades desenvolvidas pelas coletividades espirituais. Em um ambiente assim, os mais preparados e devotados assumem a responsabilidade pelo destino de comandar a comunidade em direção aos desígnios do Alto.

Tudo é fruto do trabalho, mesmo que séculos sejam gastos na implementação dos projetos. Por isso o ócio é algo que provoca espanto e, até certo ponto, indignação e quase todas as atividades são voltadas para o retorno ao corpo físico e para a educação para a vida. Se pensarmos com um pouco mais de cuidado veremos que, em vida, estudamos para aprender a morrer e “mortos” nos preparamos para “voltar à vida”.

As atividades assistenciais se estendem a diferentes planos vibratórios, tanto na esfera de saúde, quanto na área de educação e orientação dos encarnados. Numerosos detalhes de tratamentos médicos pontuam a obra de nosso amigo André, mas é de grande relevância as descrições dos atendimentos aos desencarnados convalescentes em “**E a Vida Continua**” e “**Sexo e Destino**”, dois dos melhores livros sobre as relações humanas após a morte e dos menos discutidos da complexa obra desse autor. Para maiores detalhes sobre as atividades assistenciais, que serão abordadas em mais detalhes em capítulo específico, gostaria de convidá-los a ler novamente os livros “**Os Mensageiros**”, onde o tratamento a espíritos dementados é abordado, e “**Sexo e Destino**”, onde narco-análise é utilizada em terapia para “apagar” aspectos desarmonicos de memória de um espírito desencarnado.

Em mensagem enviada pelo amigo Ishmael, um dos guias espirituais da “Casa do Caminho Luz e Esperança”, constando do livro “**Vida Além da Vida**”, volumes I e II, verifica-se que existe uma ampla gama de colônias espirituais que refletem todas as conquistas da humanidade, em todos os campos do conhecimento e da moral, de forma que a ascensão contínua faz parte da caminhada evolutiva, sem rupturas e dramas. As cidades se agrupam em faixas vibratórias e o conjunto de faixas constitui uma determinada dimensão do espaço-tempo.

Dentro de uma mesma dimensão, o contato com as diferentes comunidades depende da modificação da condição vibratória do perispírito, algo muitas vezes descrito por André Luiz durante suas jornadas de auxílio e estudo pelo umbral e na crosta. Para atingir planos situados em dimensões espaço-temporais diferentes, o espírito precisa modificar o seu veículo de manifestação, como a viagem em corpo mental descrita por André Luiz, em “**Nosso Lar**”, quando visita sua mãe, que vivia em planos superiores, através do desdobramento do sono. Da mesma forma, a manifestação prolongada de um espírito no nosso plano físico acaba por requerer que um novo invólucro de trabalho lhe seja fornecido, o corpo denso, adquirido através do processo de reencarnação.

Passagens interdimensionais, chamadas de “campos de saída” também são utilizadas nessas viagens e permitem que espíritos envergando veículos corporais adequados possam saltar para dimensões diferentes daqueles em que eles se encontram, o que ajuda a explicar a incapacidade dos espíritos ainda inferiorizados em subir aos planos mais esclarecidos. Alguns autores sugerem que a utilização de “barcas que cruzam o oceano astral”, como a utilizada por André Luiz em visita ao plano de vida materno, citado acima, pode constituir outra estratégia de conexão com outras dimensões, mas discordamos.

A descrição que o querido amigo faz da viagem, sugere que a barcaça e o timoneiro que a guia constituem figuras de linguagem ou, mais provável, uma imagem criada no seu cérebro espiritual para ambientá-lo ou informá-lo do que estava ocorrendo, uma vez que essa descrição é bastante comum em pessoas que sofrem desdobramento do sono no nosso plano. Seria uma simbologia ligada ao nosso passado cultural, representando mudança e deslocamento para o desconhecido.

Segundo esse guia espiritual, nos planos superiores, os espíritos não comportam a noção de nacionalidade e o intercâmbio com os diversos orbes e planos vibratórios é muito mais amplo, dando um sentido real ao conceito popularizado por Jesus de que “a casa de meu Pai” apresenta muitas moradas. Ao longo desse processo evolutivo, que se faz presente através da reencarnação, os espíritos vão adquirindo conhecimento e autocontrole, ampliando a sua visão do universo e reforçando as características que os unem como irmãos e suavizando os aspectos que nos separam.

Para finalizar esse ponto da discussão, para onde iremos após o desencarne?

Iremos para onde a nossa mente e o nosso coração nos mandarem. Ninguém nos envia para o céu, inferno ou purgatório, tampouco escolhe o plano vibratório que nos receberá. **Somos nós mesmos os artífices do destino que nos aguarda quando nossos olhos se fecharem para o plano físico.** Onde nossos sentimentos e pensamentos estiverem, seremos enviados automaticamente e nisso reside a perfeição da justiça divina. Disse Jesus:

Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração. (Mateus 6:19-21)

Onde estiver o coração de um homem, ali estará ele também.

Nossas condições mais íntimas serão as responsáveis por essa seleção e encaminhamento. Por sintonia iremos para onde nossos parceiros estiverem reunidos.

Dessa forma, quem cultiva o amor e a tolerância deverá recebê-los de quem possui esse mesmo perfil, ao mesmo tempo em que os amigos que plantaram a calúnia e a depravação estarão envolvidos em desarmonias no meio de seus iguais e somente ascenderão aos planos de refazimento depois de terem adquirido o mínimo de equilíbrio e consciência de sua própria indigência moral. Equipes socorristas espalham a luz da misericórdia divina nas esferas de dor e sofrimento. Sabendo dessa realidade, temos de mudar a nossa maneira de agir e pensar; procurando aprender a superar as nossas limitações, lembrando que, uma vez que a morte não existe, o último dia na vida terrena simplesmente será sucedido por outro dia em um mundo em que não mais podemos nos esconder, nem de nós mesmos. Nada é mais claro do que isso na obra de André Luiz.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: pai João de Aruanda, conhecido como João Cobu; data: 24 de dezembro de 2012):

Salve filhos do Verdadeiro Pai, que está acima de todos nós.

Pai velho veio conversar com meus queridos filhos. Felicidade, alegria é o que sentimos ao ver os sorrisos e abraços nessa época tão emocionante. Velho chora quando lembra de Jesus e até mesmo o umbral se sensibiliza na noite de Natal.

Vocês têm discutido muitas questões importantes e pai velho está escutando tudo com muito interesse e tem intuito os filhos do coração sobre as coisas que vocês vão encontrar aqui.

Bom, tudo tem começo e ele sempre é árduo. As colônias não são diferentes dessa realidade. Aprendemos muito com isso também. Como o doutorzinho Joseph coloca sempre, existem amplas esferas de matéria astral acima e abaixo de vocês e, em cada esfera, peculiaridades dessa matéria podem ser observadas, de forma que cada uma delas é diferente das outras e pai velho pôde visitar algumas. As do Alto, fui levado por misericórdia do Pai Divino, as moradas de baixo, tomei por casa durante muito tempo e aprendi a desejar e buscar a luz.

Quando o corpo falha e somos devolvidos ao plano espiritual, somos levados aos ambientes que já estavam preparados em nossos corações e, em todos eles, a “humanidade do homem” se apresenta de acordo com a evolução de meus filhos, por isso dizemos que a justiça de Deus é perfeita, uma vez que não nos impõe nada. São meus filhos que pedem para ir a determinados destinos pouco agradáveis e quando a morte do corpo físico se torna inevitável, acabam sendo atendidos. Mas não pensem que vocês são deixados lá, porque sempre passamos perto, questionando-os se não desejam mudar de moradia e procurar a luz de nosso Pai Verdadeiro.

Se as atitudes do filhinho são boas, ele vai para onde estão os bons, que criaram com seu trabalho, casas de amor e paz e estão sempre se envolvendo com as atividades do bem. Se meus queridos insistem em prejudicar a si mesmos e criam todo tipo de desarmonia, precisam aprender melhor o valor da união e do respeito, de forma que o mal educa o homem mau, empurrando-o para bem.

As colônias dos homens de bem, digo isso porque existem outras, são lindas. A dor e o sofrimento não encontram guarida aqui. Mesmo aquelas situadas nas proximidades do plano físico, o trabalho e o crescimento espiritual transformam cada um de seus moradores e mesmo quando a saudade da família terrena bate forte no peito, ou lembranças tristes surgem, sempre temos um ombro fraterno para nossas lágrimas ou um amigo que precisa de nós.

Foi aí que pai velho passou a dar mais valor à vida e à simplicidade.

Um abraço vale uma existência e fala mais que mil discursos. Os amigos verão que tudo é moldado pela boa vontade e, nessas circunstâncias, todos os erros são perdoados. Aqui os “erros” são entendidos como tentativas de acertos. Temos família e, para surpresa de meus queridos, crianças nascem aqui também, como entre vocês. Quando crescemos em espírito, descobrimos que a vida está em toda parte e também somos parte dela.

A felicidade é o fruto de pequenas ou grandes realizações do cotidiano. Aprendemos que o fogo na palha seca só faz fumaça, da mesma forma que a reforma íntima tem que arder por dentro de meus filhos, que decidem buscar uma existência melhor, mais justa e feliz. Trocar a pele não muda a serpente.

Vocês querem felicidade após a vinda para cá?

Querem viver em local bom? Bonito? Cheio de luz?

Todos nós queremos, não é?

Hum, hum...pai velho sabe disso tudo, mas para chegar aqui o filho querido tem que ter o cartão de passagem certo. Pai velho vai ensinar o caminho. Prestem muita atenção:

Peguem a estrada da tolerância e do amor. Amem com ternura e dedicação;

Se importem com seus irmãos. Todos são filhos Dele e Ele se importa com todos nós, aí e aqui;

Sorriam e trabalhem muito, sabendo que o trabalho educa e o objetivo da vida é a nossa reeducação, deixando o que não vale a pena no passado e abraçando o que é bom e útil;

Ponderem sobre as palavras e doem ao próximo o que de mais nobre seus lábios puderem proferir;

Vivam o sorriso do “bom dia” e o acalanto e afago do “boa noite”;

Não se isolem. Solidão é exílio auto-infringido; sempre tem um filho precisando das nossas palavras e muita coisa boa existe guardada nesses corações que o tempo tenta endurecer;

Estendam as mãos sem esperar retribuição e sejam tolerantes com as críticas. Nossos críticos nem sempre estão errados e quase sempre são nossos maiores parceiros e incentivadores, mesmo que não saibam disso. Eles são os únicos que nunca fingem os sentimentos;

Por fim, lembrem-se que toda encarnação é presente de Deus e, como tal, deve ser encarada. Chega de remorso ou sofrimento inútil!

Perdoemos a nós mesmos e vamos trabalhar para nos reeducar em Jesus.

Que as lágrimas de meus filhos rolem na face de pessoas felizes, que abrem os braços para cada novo dia.

Quando vocês estiverem nesse estado, pai velho irá ao encontro de vocês e, com lágrimas de amor nos olhos, lhes darei um apertado abraço de reencontro, chamando-os para conhecer aqui a mesma felicidade que vocês já experimentaram e fizeram por merecer aí.

Como o doutorzinho Joseph fala, a morte do corpo é só uma metamorfose e através dela adquirimos a nossa verdadeira forma, aparência e conteúdo. Por isso insisto no perdão e na aquisição de paz de consciência.

Nosso mestre Jesus disse que o Reino de Deus estava ao alcance de nossas mãos.

Então filhinhos queridos, agarrem essa oportunidade com todo o amor. Segurem com as mãos de crianças amáveis esse presente divino. Pai velho vai trabalhar em outras paragens agora, mas deixa um abraço a todos os muitos amigos, encarnados e desencarnados, que encontra na casinha cheia de luz e esperança que vocês estão erguendo com seus corações e mentes.

RESUMO DO CAPÍTULO: poucos aspectos levantaram mais controvérsias na comunidade espírita do que a descrição das colônias espirituais, definitivamente colocando de lado a visão romântica dos Céus ou do Inferno dos cristãos mais literalistas. Parte dessa resistência deriva do fato de que as primeiras fileiras espíritas eram saídas dessas mesmas religiões irmãs e, mesmo aqueles que nasceram em lares espíritas, vinham de um passado reencarnatório mais tradicional no tocante à compreensão da vida após a morte. As colônias espirituais refletem a condição evolutiva de seus habitantes, existindo colônias associadas ao progresso, em diferentes níveis, da mesma forma que existem as comunidades organizadas nas trevas, que sobrevivem do parasitismo energético junto aos encarnados. As colônias associadas ao progresso possuem uma organização administrativa e todos os departamentos que temos em nossas grandes cidades podem ser ali observados, embora o caráter de sua administração seja diferente. Vemos menções, nas obras de André Luiz, a escolas, fundações, universidades, policiamento, poder judiciário, hospitais, áreas de reclusão (com celas), governadoria e ministérios, sistema de transportes para a crosta e entre as colônias, sistema de distribuição de mantimentos e materiais de uso pessoal, departamentos e instituições ligadas à reencarnação, entre muitas outras facetas. A vida familiar prossegue e os relacionamentos amorosos se mantêm pela vontade daqueles que se amam. Podemos ver, nesse último item, que a expressão “até que a morte os separe” pode não ser verdadeira.

Notas dos Autores

1) Para maiores detalhes sobre a vida em colônias de diferentes graus de desenvolvimento espiritual e tecnológico, consultar “**Vida além da Vida**”, de autoria dos companheiros Ishmael ben Gurion e Joseph Gleber, editado no formato de livro digital, e-book, pela Digital Books Editora. A obra possui dois volumes

2) Os detalhes da vida nas colônias superiores, conforme Ishmael e Joseph Gleber nos mostraram, não são facilmente compreendidos. Uma sociedade simples e de mente aberta, com profunda interconexão entre todos os seus moradores. O espírito livre analisando o cosmos e construções moldadas pela mente que se expande de forma quase incomensurável.

Adolph Fritz, o notável médico alemão que trabalha com cirurgias espirituais no Brasil há décadas, mostrou, através do médium e amigo Paulo James, que a vida se manifesta de forma diferente em cada esfera vibratória e que a reencarnação nos planos espirituais superiores é uma realidade que ainda foge ao senso natural dos médiuns e da maioria dos espíritas. As explicações sobre a fisiologia do perispírito suportam a ideia de uma vida espiritual que não representa uma ruptura com a vida encarnada. O Evangelho Segundo o Espiritismo, quando aborda a evolução natural dos mundos habitados, também permite uma interpretação semelhante à apresentada por esse amigo espiritual.

Evolução, Tecnologia e Defesas contra as Forças das Trevas

Muitas vezes nos deparamos com pessoas que se dizem espíritas, mas que carregam dogmas dos mais variados tipos sobre a vida espiritual, quase sempre caracterizando os espíritos de uma forma muito semelhante aos “gênios da lâmpada”. “ou fantasmas de fumaça”. Eles, os espíritos, são imaginados como seres completamente desprovidos de “humanidade” ou interpretados como seres imateriais capazes de proezas e conhecedores de todos os mistérios do universo. Kardec trabalhou incansavelmente para desfazer essas interpretações e prevenir muitas outras. A receita para atribuirmos valor às comunicações mediúnicas dependia, em sua essência, da natureza da mensagem e de sua coerência.

A incoerência dessas crendices que se desenvolveram no seio do Espiritismo-cristão e o despreparo que demonstramos para a morte do corpo físico constituem os maiores obstáculos à divulgação da Doutrina dos Espíritos, uma vez que fornecem munição para todos aqueles que, por desconhecerem esses assuntos, retratam-nos como impossíveis ou mesmo demoníacos, como, aliás, os espíritas são frequentemente chamados por seus irmãos evangélicos ou de outras vertentes do cristianismo. Outra dificuldade adicional para a popularização da Doutrina Espírita reside na própria natureza da mesma, que, de forma clara e racional, atribui ao homem, ao próprio indivíduo, as origens de suas dificuldades e mazelas.

Uma vez que responsabilidade incomoda, acaba sendo mais fácil acreditar em assédio demoníaco como origem de todos os males que o irmão semeou com suas atitudes. Isso não é lei do carma, de ação e reação, mas falta de educação mesmo. Se tratarmos alguém com rispidez na segunda-feira, como poderemos esperar um tratamento cordial dessa pessoa na terça-feira?

Desde os tempos dos profetas bíblicos, o mundo espiritual é fonte de sublimes informações a respeito da vida além da vida, trazendo conhecimento a respeito da natureza do homem, explicando a expressão “imagem e semelhança de Deus”, tão empregada para caracterizar a origem maravilhosa dos humanos e da vida como um todo. Pelos espíritos sabemos que o que nos aproxima de Deus é o produto da evolução constante do espírito, que não morre e está em contínua transformação.

A evolução se faz em diferentes frentes de trabalho, principalmente na união da razão, que se amplia, com os sentimentos, que se harmonizam. Dessa interação nasce o amor consciente e a paz, que sabemos que representa nosso Pai em nossa vida diária. Toda emanção de plenitude provém Dele. Imponderável e irrestrito; atemporal e incomensurável.

Como advoga a literatura espírita que ganhou o nosso plano através da lavra de Chico Xavier, principalmente os livros de André Luiz, o homem não muda com a morte, apenas vemos a troca de uma vestimenta de inverno, densa e pesada, por outra mais leve e que permite uma maior consciência do “eu”. Por meio dessa literatura, vemos que diversos institutos, universidades e casas de pesquisa existem nos diferentes planos espirituais, coletando e aprimorando o conhecimento técnico. Dependendo do plano vibratório, os amigos espirituais podem estar séculos na frente de nossa tecnologia ou já terem se libertado completamente da necessidade de equipamentos para atingir a plenitude do conhecimento e da vida, como em espíritos sublimados.

Por que não recebemos maiores informações desses amigos? Essa é uma pergunta frequente, mas parte de um conceito incorreto. Os espíritos nos enviam muita coisa e as vias de transmissão do conhecimento seguem dois caminhos diferentes: **a reencarnação dos mestres do conhecimento e as vias mediúnicas, através da inspiração e da intuição.**

Mas por que não recebemos algo mais estruturado, algo que possamos atribuir aos espíritos superiores?

Jesus colocou que a cada um será dado segundo suas obras e sabemos que a espiritualidade maior espera que façamos a nossa parte nas descobertas científicas e no crescimento moral e espiritual.

Embora os planos superiores enviem irmãos para espalhar orientações científicas para os grupos menos avançados, o crescimento técnico-científico de suas coletividades depende, essencialmente, do esforço próprio, como também observamos em nosso mundo denso. Os enviados da espiritualidade não são, em sua maioria, espíritos libertos da necessidade de educação, mas entidades que necessitam aprimorar sua humanidade na caminhada em direção aos “céus”, ou planos superiores. Muitos cometem erros grosseiros no trato com a criatura humana e serão responsabilizados quando o retorno inevitável para o outro lado se impor.

A ligação entre mérito e evolução se traduz em todos os planos espirituais, qual escola em que as turmas mais

adiantadas na senda evolutiva auxiliam os mais atrasados, mas não podem fazer o trabalho que não lhes cabe, o nosso trabalho. Daí a necessidade de estudo e dedicação pessoal e coletiva.

A evolução e o crescimento das coletividades espirituais ficam bastante evidentes nas descrições sobre a origem da colônia Nosso Lar, ligada ao desencarne de portugueses no Brasil, no século XVI. Desbravando a natureza selvagem, no plano espiritual, e profundamente ligados ao que ocorria com seus familiares no ambiente terreno, esses homens se uniram a espíritos autóctones e deram os primeiros passos na edificação da cidade. Isso reflete uma vida que, como a nossa, é um crescer contínuo, com momentos de aceleração do ritmo evolutivo e outras em que as dificuldades se exacerbam, como as crises de alimentação descritas pelo autor de “**Nosso Lar**”.

Esses ensaios nos mostram que a espiritualidade espera que façamos o estudo e a compreensão dos textos enviados por meios de comparações com a vida que nós mesmos trilhamos em nossas coletividades, no plano terreno. Em uma sociedade ainda pouco afeita à leitura e com dogmas religiosos profundos, mesmo no seio do Espiritismo-cristão, muito mais é dito nas entrelinhas do que no texto propriamente dito. **Não podemos nos esquecer de médiuns que foram objeto de execração dos seus pares porque transmitiram informações que estavam muito à frente de seu tempo.** No mundo acadêmico o mesmo acontece, com poucas diferenças, como a vaidade exacerbada e o egocentrismo agudo que atinge parcela nada desprezível dos pares.

O homem terreno demorou milênios para universalizar a educação e hoje muito valorizamos o saber. Uma grande nação terrena é aquela que produz e distribui conhecimento de qualidade e do outro lado da vida a ênfase na educação e no aprimoramento não é menor, pelo contrário, são os espíritos que desde a codificação nos pedem para que estudemos a fundo e busquemos novas respostas. Eles, até pela visão dilatada de seu intelecto, independentemente de sua condição moral, já se deram conta da importância da tecnologia nas atividades de toda natureza.

Por que seriam diferentes disso? Seria um contrassenso.

A importância de estudos e desenvolvimento científico é marca tão relevante do mundo espiritual que logo na descrição da malha administrativa de “**Nosso Lar**” destaca-se a existência de um ministério com a função de criar o ambiente e as condições para a pesquisa, o Ministério do Esclarecimento, que é acusado de ter se colocado contra uma alimentação espiritual mais fluídica. No texto, os comentários de Lísias sobre o tema mostram que os técnicos do ministério assumiram uma postura de “doutores da lei”, que procuravam evidenciar que o corpo espiritual não sobreviveria sem o mínimo de calorias e nutrientes típicos da vida física, o que sugere, além disso, que o corpo espiritual comunga de muitos aspectos fisiológicos com o corpo físico (isso para não dizer que ambos comungam toda uma teia fisiológica, com adaptações aos planos em que o irmão se encontra).

Podemos ver no texto a seguir que os doutores da lei no plano físico se transformam em doutores da lei no plano espiritual. Alguma novidade? Creio que não.

Em “**Nosso Lar**” lê-se (páginas 65 e 66):

(...) Ministério do Esclarecimento, que demorou muito a assumir compromisso, em vista dos numerosos espíritos dedicados às ciências matemáticas, que ali trabalham. Eram eles os mais teimosos adversários. Mecanizados nos processos de proteínas e carboidratos, imprescindíveis aos veículos físicos, não cediam terreno nas concepções correspondentes daqui. Semanalmente, enviavam ao Governador longas observações e advertências, repletas de análises e numerações, atingindo, por vezes, a imprudência. O velho governante, contudo, nunca agiu por si só. Requisito assistência de nobres mentores, que nos orientam através do Ministério da União Divina, e jamais deixou o menor boletim de esclarecimento sem exame minucioso. Enquanto argumentavam os cientistas e a Governadoria contemporizava, formaram-se perigosos distúrbios no antigo Departamento de Regeneração, hoje transformado em Ministério. Encorajados pela rebeldia dos cooperadores do Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se recolhiam entregaram-se a condenáveis manifestações (...)

Com isso podemos dizer, seguramente, da existência de grupos de pesquisadores e cientistas em colônias espirituais, os quais, como citado acima, podem estar certos ou errados a respeito de seus conceitos e ideias, como ocorre conosco. A ciência é uma infinita teia de descobertas e teorias, que podem estar equivocadas ou apontarem para a realidade. Lá e cá, as simetrias se impõem. Por fim, sobre o papel do progresso científico na vida humana, utilizamos as próprias palavras de Emmanuel sobre o tema (“**Nos Domínios da Mediunidade**”, páginas 8 e 9):

Os laboratórios são templos em que a inteligência é concitada ao serviço de Deus, e, ainda mesmo quando a cerebração se perverte, transitoriamente subornada pela hegemonia política, geradora de guerras, o progresso da Ciência, como conquista divina, permanece na exaltação do bem, rumo a glorioso porvir.

A pesquisa acadêmica fica mais evidente nesse pequeno parágrafo do livro “**Nos Domínios da Mediunidade**” (página 28):

(...) Assim como a Ciência na Terra consegue catalogar os elementos químicos que entram nas formações de matéria densa, em nosso campo de matéria rarefeita é possível analisar o tipo de forças sutis que dimanam de cada ser.

Os tipos de pesquisas realizadas são bastante vastos, abordando até a estrutura íntima da matéria e energia, como coloca o autor espiritual no livro “**Libertação**”, de 1949, o que chega a ser surpreendente, pela extensão das pesquisas e pela época em que o livro foi redigido. Assuntos profundos como esse são objetos de estudos disponíveis aos recém-chegados na colônia descrita em “**E a Vida Continua**”. Imaginem o que eles discutem hoje!?

As universidades terrenas modernas baseiam-se no tripé “ensino, pesquisa e extensão”, e o mesmo parece tomar corpo nas instituições espirituais, como o próprio Ministério do Esclarecimento, além dos muitos centros de estudo e ensino sobre a vida espiritual, mediunidade e a reencarnação, como o “Centro de Mensageiros”, citado no livro “**Os Mensageiros**”, de 1944, particularmente quando relata a existência de uma estrutura administrativa tipicamente acadêmica e a existência de centros destinados ao aprimoramento de médiuns e pesquisas, como o “Gabinete de Auxílio Magnético às Percepções”.

No maravilhoso texto de “**Missionários da Luz**”, de 1945, além de “**Entre a Terra e o Céu**”, de 1954, André Luiz mostra claramente o papel desempenhado pelos técnicos espirituais na manipulação do mapa genético dos reencarnantes, com vistas a produzir corpos físicos capazes de fazer jus à programação reencarnatória de cada um dos assistidos pela instituição, bem como de espelhar as características mais marcantes do psicossoma dos reencarnantes. Nesses procedimentos, predisposição a doenças, características físicas e peculiaridades do processo reencarnatório são planejadas e executadas, sendo que esse é o sonho de todo geneticista terreno, ou seja, saber, em detalhes, como o genoma se comporta em diferentes condições e o que cada gene ou sequências codificantes traz ou influencia o desenvolvimento embriológico. Tudo isso se baseia em estudos de sequenciamento gênico e estudos de expressão gênica (para maiores informações sobre a existência e detalhes de laboratórios nos planos espirituais consultar o texto “**A Longa Jornada do homem**”, de autoria de Joseph Gleber, editado pela Digital Books Editora).

A existência de centros espirituais que estudam o processo reencarnatório pode ser verificada em “**Sexo e Destino**”, onde o autor espiritual faz diversas menções ao Instituto Almas Gêmeas, que acompanha diversos reencarnantes ao longo de grandes espaços temporais. Nessa casa, por longos períodos de tempo, procede-se a reeducação da mente através da psicologia espiritual. Outras instituições semelhantes, como o “Serviço para a Reencarnação” (“**E a Vida Continua**”), têm funções semelhantes e alia a pesquisa ao auxílio aos irmãos necessitados do retorno ao corpo físico em nosso plano de trabalho. As atividades de auxílio e reeducação que as colônias e institutos prestam têm um formato semelhante às atividades de extensão em nossas universidades do plano físico. As semelhanças são gritantes.

De forma didática, página a página, André Luiz nos dá uma visão do atendimento médico através de energias, medicamentos tradicionais (como sedativos e analgésicos) e mesmo por meio de medicina natural e até acupuntura, começando pelo uso de bioplasma de plantas, em “**Nosso Lar**”, sob coordenação da enfermeira Narcisa e trabalho de espíritos da natureza. Nas muitas citações envolvendo a área médica, faz-se uso de “acupuntura magnética do plano espiritual”, sonoterapia, narco-análise (“**Sexo e Destino**”) e medicamentos alopáticos, como analgésicos, calmantes e outros (“**E a Vida Continua**”). Obviamente que tal ênfase no tratamento médico-hospitalar é reflexo dos estudos e do aprimoramento técnico-científico das escolas médicas na espiritualidade, bem como da predileção do espírito comunicante pelo tema.

O que mais me impressiona nessas descrições é a semelhança que elas apresentam com a vida diária de um hospital ou clínica terrenos. Em uma primeira vista, poderíamos até pensar em uma tentativa de reproduzir as realidades de nosso plano,

realizadas por um médium inescrupuloso, mas muitas outras comunicações se sucederam, confirmando essas descrições. Além disso, a favor de veracidade desses textos, temos a total ignorância dos médiuns a respeito do assunto e sua postura de ao longo de décadas de exercício mediúnico. Por tudo que Chico Xavier demonstrou ao longo de décadas de mediunidade direcionada ao bem comum, além das comunicações que nós mesmos fomos os destinatários ou instrumentos, ficamos com Chico e André Luiz.

Ligado ao segmento médico, o próprio André Luiz nos mostra a necessidade de estudo por parte dos companheiros desencarnados e durante os atendimentos mediúnicos de cura pela fé e fluidoterapia. **Sem preparo, como podem esperar ter o desempenho adequado?**

Em atendimentos realizados pela equipe do Dr. Fritz, em diversos Centros Espíritas no oeste paulista, fizemos questionamentos sobre como eram formadas as equipes de trabalhos médicos envolvidas nessas atividades de cirurgia espiritual e demais tratamentos que modificam a condição de saúde do indivíduo e a resposta do mentor espiritual, que se autodenomina Dr. Fritz, foi:

— Por mérito, brasileiro. Pelo estudo e conhecimento adquiridos, associados com a vontade de trabalhar e auxiliar. Trabalho sempre tem pra todos, han!?

Ele completou dizendo que médium que quer trabalhar com cura e saúde precisa ter muito mais do que boa vontade, **tem que ter conhecimento de sistemas orgânicos**, mesmo que de forma modesta, **conhecimento profundo sobre a localização e papel dos centros de força ou chakras, meridianos e obsessão**. Nesse momento ele, através da passividade do médium Paulo James, apontou para um dos integrantes paulistas do grupo e disse:

— Por isso você, brasileiro, e outros estão sendo reeducados para mostrar o que existe em curso para a criação do *Homo spiritualis*, o homem espiritual. Consciente de suas necessidades e da transição do planeta para uma nova condição; ele trabalha, estuda sempre e olha para o próximo como se fizesse parte dele, da sua família... o que, aliás, deveria ser feito sempre. Se alguém chora, a felicidade de nós outros não pode ser completa, han?!!

O restante dessa história vai ficar para outro livro, mas vi e escutei 567 histórias, ao longo de três dias, nas quais as dores físicas, doenças de todos os matizes, crises de consciência, obsessões foram tratadas e pacientes foram encaminhados para exames médicos. Em numerosas situações, o espírito comunicante, através da psicofonia de Paulo James, nos dava lições de fisiologia do perispírito e informava ao paciente de suas reais condições clínicas, **dizendo-nos que a cura era consequência das condições espirituais do amigo encarnado e de sua disposição em mudar**. Somente o Cristo deveria ser responsabilizado pelas curas ocorridas. Muito bonito e instrutivo. Casos tivemos em que o espírito comunicante pedia que a pessoa fosse submetida a determinados exames de diagnóstico por imagem e que procurasse um especialista na área X ou Y para confirmar o diagnóstico. Tudo isso ao longo de mais de 13-14 horas de atividade mediúnica e espiritual contínua, mas sem demonstrar nenhum cansaço ou perda da condição vibratória do ambiente. **Devo ressaltar que nenhuma intervenção cruenta ou prescrição de medicamentos de qualquer natureza foi feita, respeitando-se os limites que separam a fé/religião do exercício da medicina**. Todas as intervenções foram realizadas em nível dos centros de força e do corpo perispiritual.

André Luiz cita a existência de “*colégios de estudos preparatórios de mais altas ciências do Espírito*”, trabalhando variados aspectos ligados ao reencarne, como evangelização, reforma íntima, sintonia mental, afeição, agressividade, autocontrole, obsessão, sempre do ponto de vista acadêmico e de auxílio. Reencarne e personalidade sendo tratados e reeducados.

O livro “**A Longa Jornada do Homem**”, de autoria do físico e médico alemão Joseph Gleber (um dos companheiros desencarnados que trabalha com medicina espiritual e as chamadas “obsessões complexas”, nas quais dispositivos tecnológicos são inseridos no corpo perispiritual de encarnados e desencarnados com a intenção de afetar, de alguma maneira, seu comportamento ou permitir a seus adversários localizá-los com facilidade), cita a existência de clínicas e hospitais

modernos capazes de redefinir tendências orgânicas em função do passado reencarnatório do irmão que retorna ao plano físico e dá a entender que, nas esferas superiores, outros laboratórios existiriam, preparando aqueles amigos que deveriam renascer em outros planos vibratórios do orbe. Exatamente isso, renascimento em outras esferas do orbe terreno, como eles vêm insistindo continuamente.

Precisamos de muito cuidado para colocar essas palavras no papel, ao mesmo tempo em que tínhamos absoluta certeza das mesmas. Eram lógicas e se encaixavam com o conhecimento que hoje temos do perispírito e da vida após a vida, seguindo as orientações de Kardec, a respeito do bom senso e do conteúdo das mensagens. Nos últimos dois anos, temos participado de debates sobre o tema da reencarnação em outros planos, ou melhor, o renascimento em outras esferas, e somente depois de muita discussão publicamos **“A Longa Jornada do Homem”** e os dois volumes de **“Vida Além da Vida”**. Antes da publicação dessas obras, muitas dúvidas se faziam presentes e elas foram resolvidas exatamente quando os nossos guias espirituais, em particular Ishmael e Joseph, me pediram para estudar André Luiz, como relatado no início desse livro.

Vi, pelas descrições minuciosas a respeito da fisiologia do corpo perispiritual, pelas diversas menções à tecnologia astral, além da consciência de que a vida não dá saltos, que a ideia de muitos mestres yogas a respeito do renascimento em outros planos, que não a esfera física, era plenamente factível e até a descrição do **Evangelho Segundo o Espiritismo**, sobre a vida nos mundos superiores, corroborava com essas palavras. O médium Carlos Baccelli e seus mentores, que trouxeram à discussão o referido tema, agora podem colocar novos elementos para mostrar o que vários de seus livros sugeriram ou descreveram deliberadamente.

A tecnologia astral se manifesta de forma bastante diversa, existindo dezenas de citações de André Luiz a respeito de aparelhos médicos, de transporte e de comunicação em suas obras. A tecnologia envolvida em alguns desses dispositivos hoje já pode ser comentada, uma vez que temos algum domínio sobre a mesma, como o Aeróbus, um veículo capaz de transportar número variado de pessoas pelas colônias espirituais, como descrito em **“Nosso Lar”**, além de transportes voadores de uso pessoal em **“Os Mensageiros”**, ou os veículos capazes de transportar pessoas para diversos planos vibratórios, como apresentado em **“A vida continua”**, onde constituem verdadeira rede de vias aeroespaciais ligando as colônias espirituais e as cidades terrenas. A tecnologia desses veículos se baseia no eletromagnetismo, como os trens-bala e alguns meios de transporte público nas principais cidades do mundo desenvolvido, como Tóquio, Paris, Madri, Pequim e Frankfurt.

O uso do eletromagnetismo no transporte de desencarnados também é citado em **“Os Mensageiros”**, onde veículos são empregados para levar espíritos de evolução mediana até a crosta, atravessando as áreas mais densas da psicofera terrena (os instrutores não precisavam desse tipo de transporte). Poderosos motores também são utilizados no transporte da Casa Transitória de Fabiano, que trabalha na assistência a sofredores, como descrito em **“Obreiros da Vida Eterna”**, sendo que nesse veículo, o poder mental dos trabalhadores da casa de socorro colabora com a potência dos motores no início do processo ascensional.

Aparelhos capazes de avaliar as condições perispirituais e mentais dos encarnados e desencarnados são descritos em diversos pontos da obra de André Luiz, destacando-se, em nossa modesta opinião, o “psicoscópio”, apresentado em **“Nos Domínios da Mediunidade”** (página 18 e subsequentes), bem como um dispositivo capaz de avaliar o teor vibratório das entidades que eram julgadas pelos mandatários das trevas, no livro **“Libertação”** (páginas 83 a 95). Esse último aparelho mostra definitivamente que as forças da escuridão são capazes de produzir aparelhos de tecnologia sofisticada e ainda totalmente desconhecidos de nossos pesquisadores encarnados. Esses dispositivos aceleravam a avaliação vibratória e psicológica das pessoas, principalmente quando a avaliação não era realizada por espíritos mais sublimados.

A descrição do psicoscópio lembra os voltímetros utilizados pelo professor Harold Saxton Burr, da Yale University School of Medicine, para avaliação dos campos eletromagnéticos que se desenvolvem ao redor de todas as células vivas e parecem estruturar a vida orgânica em nosso mundo. Contudo, em comparação com o que dispomos, o psicoscópio é tremendamente mais sensível e sofisticado (pondere-se que a descrição de André Luiz é de um aparelho da década de 1940 e certamente esta tecnologia muito já evoluiu, nos outros planos).

Alguns dispositivos tecnológicos são utilizados para gravar as conversas e as imagens atuais e do passado das pessoas, como os descritos no livro **“E a vida continua”**, ou o “condensador ectoplásmico”, uma tela capaz de registrar o passado reencarnatório e permitir a avaliação de seus problemas por médiuns em desdobramento e orientadores espirituais, muito utilizado em reuniões de desobsessão. Outros, como o globo de cristal presente na casa da família de Lísias (**“Nosso Lar”**), permite que o intercâmbio mediúnico inverta o sentido da comunicação, normalmente da espiritualidade para a Terra, para um caminho da Terra para os planos espirituais, sem a necessidade de desdobramento dos encarnados envolvidos. Nesse último caso, o patriarca da família de Lísias, reencarnado há cinco anos, se comunica com todos os seus parentes desencarnados de

forma a conservar, pela emancipação parcial do perispírito, o conhecimento da existência anterior, sendo que o aparelho parece potencializar o domínio que o espírito reencarnado tem de suas memórias do plano espiritual e da última existência.

As comunicações entre as coletividades espirituais são amplamente abordadas em toda a obra de André Luiz, destacando-se uma rádio espiritual que solicitava auxílio para as vítimas de flagelações de guerra na Europa, transmitindo apelos em favor da paz e concórdia entre as nações que se preparavam para o conflito, ou o receptor de rádio de Tobias, em “**Nosso Lar**”. Em outros momentos, espíritos mais elevados fazem uso do pensamento para transmissão de informações, solicitações e apelos, enquanto outros, menos libertos das amarras de vida física, ainda têm de fazer uso de dispositivos de comunicação desenvolvidos para esse fim. Isso está de pleno acordo com o que a espiritualidade nos informa sobre o progresso dos fenômenos telepáticos no atual momento evolutivo dos espíritos que habitam as diferentes esferas do orbe terreno.

A existência de dispositivos capazes de detectar a presença de espíritos com determinados padrões vibratórios é narrada na Casa Transitória de Fabiano, onde a irmã responsável pelo atendimento fraterno é alertada da presença de entidades monstruosas, conforme diálogo abaixo (“**Obreiros da vida Eterna**”, página 58):

— Irmã Zenóbia, aproximam-se entidades cruéis. A agulha de aviso indicou direção norte. Devem estar a três quilômetros, aproximadamente.

Outro aparelho capaz de potencializar a capacidade plasmadora de mente de desencarnados é descrito em “**Obreiros da Vida Eterna**”, onde vários espíritos transmitem, para uma grande câmara transparente, imagens de paisagens e plantas, procurando criar algo de mais permanente a partir da matéria mental. Por esse texto, também podemos verificar que a capacidade de nossos irmãos desencarnados em modificar a estrutura da matéria mental é bastante restrita nas proximidades da crosta, onde se encontra Nosso Lar, o que contrasta com o imaginário popular e espírita, no geral.

Além de aparelhos capazes de dilatar a capacidade mental de construção e modificação da matéria, existem outros que podem afetar, ampliando no caso, a capacidade de emissão e recepção de pensamentos de médiuns, modificando, também, a faixa de frequências que eles são capazes de sintonizar. Tais aparelhos são inseridos no perispírito, como o descritos em “**Nos Domínios da Mediunidade**”. Acompanhem (páginas 133 e 134):

Na cabeça, dentre os cabelos grisalhos, salientava-se pequeno funil de luz, à maneira de delicado adorno.

Intrigados, consultamos a experiência de nosso orientador e o esclarecimento não se fez esperar:

— É um aparelho magnético ultrasensível com que a médium vive em constante contato com o responsável pela obra espiritual que por ela se realiza. Pelo tempo de atividade na Causa do Bem e pelos sacrifícios a que se consagrou, Ambrosina recebeu do Plano Superior um mandato de serviço mediúnico, merecendo, por isso, a responsabilidade de mais íntima associação com o instrutor que lhe preside às tarefas. Havendo crescido em influência, viu-se assoberbada por solicitações de múltiplos matizes. Inspirando fé e esperança a quantos se lhe aproximam do sacerdócio de fraternidade e compreensão, é, naturalmente, assediada pelos mais desconcertantes apelos.

Como discutiremos posteriormente, quando falarmos sobre as regiões umbralinas, a mesma tecnologia pode ser utilizada para os mais diferentes fins. Alguns médiuns têm declarado, de forma consistente, que existem aparelhos capazes de modificar comportamentos e afetar a sensibilidade mediúnica de medianeiros que se sintonizam com as trevas. Outros artefatos capazes de modificar a saúde física e perispírita podem ser utilizados em pessoas comuns ou representantes de grandes corporações e nações do mundo, sendo que esses últimos recebem uma atenção maior dos espíritos responsáveis pela manutenção do equilíbrio e da ordem nos planos astrais.

Por diversos motivos, os grupos espíritas mais ortodoxos negam que essas artimanhas existam. É uma postura comodista, a meu ver, porque elimina a necessidade de estudar aspectos da vida espiritual que o encarnado reluta em aceitar, como o efeito da tecnologia nesses planos. Creio que o destaque desse texto tem a intenção de discutir as obsessões complexas em algum momento futuro, uma vez que elas existem de fato, através de toda uma extensa gama de aparelhos que são implantados no perispírito de encarnados e desencarnados que não primam pelo autocontrole e pelas amizades espirituais

nobres.

Ainda no começo do agradável texto de “**Obreiros da Vida Eterna**”, lê-se que a espiritualidade mandou instalar aparelhos capazes de prover registros vibratórios do pensamento daqueles que entram em templo destinado à materialização e comunicação de entidades espirituais sublimes evitando-se, assim, as quedas do potencial energético e as barganhas com o Criador, na forma de promessas vazias do tipo “farei isso se receber aquilo”. Com tais aparelhos instalados, a vigilância podia verificar a natureza dos pensamentos emanados no recinto e manter possíveis infratores afastados, para o bem comum.

Contudo, de todos os dispositivos tecnológicos descritos pela espiritualidade, através de André Luiz, nada chama mais a atenção do que o aparelhamento de defesa pessoal, das colônias e das casas de atendimento e socorro. Muitas são as citações de armas eletromagnéticas que dão ao agressor, quando atingido pelo disparo, a sensação de morte, uma vez que seu corpo inerte terá de ser lentamente reparado a partir das linhas de força e energias que são emitidas pelos corpos espirituais superiores, que guardam a sua individualidade. Em todas as instituições que compõem o mundo espiritual descrito pelo amigo André Luiz verifica-se a presença de baterias de defesa e uma força de contenção de guardiães especializados nas mais variadas atividades.

Os espíritas e os cristãos, em geral, se acostumaram com uma visão romântica da vida espiritual, onde o bem e o mal disputam os corações e mentes. Cada fé com suas particularidades, mas sempre vemos o protagonista “bonzinho” como herói e o vilão de características tacanhas e primitivas terminando seus dias em ambiente de sofrimento inenarrável. Entretanto, quando analisamos a obra de André Luiz e de muitos outros autores espirituais, fica claro que cada um de nós tem suas trevas interiores e suas virtudes, o que nos obriga a fugir dos estereótipos, mas poucas coisas parecem destoar mais dessas visões romanceadas da vida do outro lado do véu que a menção sobre a existência de sistemas defensivos nas colônias e instituições socorristas.

Entretanto, como são esses sistemas defensivos e quais seus propósitos? Muitos espíritas se perguntam as razões para esses dispositivos de defesa, sendo que resposta é clara e transparente, como esclarece Alfredo, o administrador de uma instituição de amparo no umbral (“**Os Mensageiros**”, página 128):

— Enquanto não imperar a lei universal do amor, é indispensável perseverar o reinado da justiça. Nosso Posto está colocado, aqui, igualmente, como “ovelha em meio de lobos”, e, embora não nos caiba efetuar o extermínio das feras, necessitamos defender a obra do bem contra os assaltos indébitos. As organizações dos nossos irmãos consagrados ao mal são vastíssimas. Não admitam a hipótese de serem, todos eles, ignorantes ou inconscientes. A maioria se constitui de perversos e criminosos. São entidades verdadeiramente diabólicas. Não tenham disso qualquer dúvida.

Em “**Os Mensageiros**” (páginas 130 e 131), Alfredo mantém o seguinte diálogo com André Luiz, que transcrevo a seguir:

— Mas... e as armas? — perguntei (André Luiz) — acaso são utilizadas?

— Como não? — disse Alfredo, pressuroso — não temos balas de aço, mas temos projéteis elétricos. Naturalmente, a ninguém atacaremos. Nossa tarefa é de socorro e não de extermínio.

— No entanto — aduzi, sob forte impressão —, qual o efeito desses projéteis?

— Assustam terrivelmente — respondeu ele, sorrindo — e, sobretudo, demonstram as possibilidades de uma defesa que ultrapassa a ofensiva.

— Mas apenas assustam? — tornei a interrogar.

Alfredo sorriu mais significativamente e acrescentou:

— Poderiam causar a impressão de morte.

— Que diz! — exclamei com insofreável espanto.

O administrador meditou alguns instantes, e, ponderando, talvez, a gravidade dos esclarecimentos, obtemperou:

— Meu amigo! meu amigo! se já não estamos na carne, busquemos desencarnar também os nossos pensamentos. As criaturas que se agarram, aqui, às impressões físicas, estão sempre criando densidade para os seus veículos de manifestação, da mesma forma que os Espíritos dedicados à região superior estão sempre purificando e elevando esses mesmos veículos. Nossos projéteis, portanto, expulsam os inimigos do bem através de vibrações do medo, mas poderiam causar a ilusão da morte, atuando sobre o corpo denso dos nossos semelhantes menos adiantados no caminho da vida. A morte física, na Terra, não é igualmente pura impressão e ninguém desaparece. O fenômeno é apenas de invisibilidade ou, por vezes, de ausência. Quanto à responsabilidade dos que matam, isto é outra coisa. E além desta observação, que é da alçada da Justiça Divina, temos a considerar, igualmente que, nesta esfera, o corpo denso modificado pode ressurgir todos os dias, pela matéria mental destinada à produção dele, enquanto que para obter o corpo físico, almas há que trabalham, por vezes, durante séculos (...)

Vê-se que os danos causados no corpo perispiritual são transitórios e objetivam preservar a integridade dos trabalhos de assistência desenvolvidos pelos samaritanos e demais grupos socorristas nas regiões de dor e aflição. O irmão atingido pelas descargas dessas armas acaba por perder, aparentemente, os sinais vitais e, com o tempo, a ação de sua mente sobre a matéria mental que o envolve leva a uma cicatrização dos possíveis ferimentos abertos no corpo de matéria astral. É uma passagem muito elucidativa, que compara a perda dos sentidos dos espíritos desencarnados com a morte do nosso veículo físico, uma vez que, mesmo para nós, a morte é uma ilusão que convence cada vez menos.

Fortificações de todos os tipos podem ser encontradas, sempre encimadas por bandeiras de paz e respeito mútuos, que devem ser obedecidos. Deixemos André Luiz descrever as estruturas defensivas (“**Os Mensageiros**”, página 103):

(...) a construção magnífica não se mantinha sem defesa. Cercavam-na pesados muros em uma extensão que meus olhos não conseguia abranger (“**Os Mensageiros**”, página __).

Sobre o papel da ciência e da tecnologia nesses anos de transição planetária, Telésforo, antigo lidador dos serviços de comunicação, coloca (“**Os Mensageiros**”, páginas 38 e 39):

Não podemos, porém, perder tempo no exame da teimosia alheia. Temos serviços complexos e dilatados. E, como dizíamos, a Humanidade terrena aproxima-se, dia a dia, da esfera de vibrações dos invisíveis de condição inferior, que a rodeia em todos os sentidos. Mas, segundo reconhecemos, esmagadora percentagem de habitantes da Terra não se preparou para os atuais acontecimentos evolutivos... A Ciência progride vertiginosamente no planeta, e, no entanto, à medida que se suprimem sofrimentos do corpo, multiplicam-se aflições das almas. Os jornais do mundo estão cheios de notícias maravilhosas, quanto ao progresso material. Segredos sublimes da Natureza são surpreendidos nos domínios do mar, da terra e do ar; mas a estatística dos crimes humanos é espantosa. Os assassinios da guerra apresentam requintes de perversidade muito além dos que foram conhecidos em épocas anteriores... Não existe em país algum preparo espiritual bastante para o conforto físico. Entretanto, esse conforto tende a aumentar naturalmente. O homem dominará, cada vez mais, a paisagem exterior que lhe constitui moradia, embora não se conheça a si mesmo. Atendido, porém, o corpo revelará as necessidades de cima e vemos agora a criatura terrestre assoberbada de problemas graves, não só pelas deficiências de si própria, senão também pela espontânea aproximação psíquica com a esfera vibratória de milhões de desencarnados, que se agarram à Crosta planetária, sequiosos de renovar a existência que menosprezaram, sem maior consideração aos desígnios do Eterno.

Nessa bela descrição de 60 anos estamos vendo um quadro nítido do que encontramos em nossas grandes, médias e pequenas cidades, refletindo a natureza do próprio homem que ocupa o planeta. A ciência é instrumento que se molda de acordo com os interesses de seus senhores, independente de suas inclinações morais e espirituais. Quando colocamos as condições “morais”, estamos nos referindo ao conjunto de ideias e conceitos que cada um carrega e não ao moralismo, a doença que torna párias todos aqueles que possuem padrões diferentes de pensamento e ação.

As trevas também possuem entidades que se prepararam cientificamente e passam a desenvolver métodos de obsessão e tecnologias várias. Todo esse preparo e planejamento são realizados em núcleos de pesquisa e desenvolvimento de artefatos. A irmã Zenóbia, diretora da Casa de Transição de Fabiano (“**Obreiros da vida Eterna**”), bastante preocupada com a segurança dos socorristas em visitas ao umbral mais denso, descreve a constituição das legiões das trevas (páginas 59 e 60):

A tragédia bíblica da queda dos anjos luminosos, em abismos de trevas, repete-se todos os dias, sem que o percebamos em sentido direto. Quantos gênios da Filosofia e da Ciência dedicados à opressão e à tirania! quantas almas de profundo valor intelectual se precipitam no despenhadeiro de forças cegas e fatais! Lançados ao precipício pelo desvio voluntário, esses infelizes raramente se penitenciam e tentam recuo benéfico... Na maioria das vezes, dentro da terrível insatisfação do egoísmo e da vaidade, insurgem-se contra o próprio Criador, aviltando-se na guerra prolongada às suas divinas obras. Agrupam-se em sombrias e devastadoras legiões, operando movimentos perturbadores que desafiam a mais astuta imaginação humana e confirmam as velhas descrições mitológicas do inferno.

Logo depois ela discorre sobre a antiguidade desses grupos trevosos e altamente hierarquizados (páginas 61 e 62):

– Esses bandos, porém – observou a diretora, sensatamente –, são antigos. Entre as narrações evangélicas, ao tempo da passagem de Nosso Senhor pelas estradas humanas, lemos o noticiário alusivo às legiões dos gênios diabólicos.

Sobre a importância das baterias de defesa, Lísias, em “**Nosso Lar**”, declara que elas constituem poderoso instrumento de contenção frente ao mal, onde a governadoria (página 67):

(...) mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum. Não houve combate, nem ofensiva da colônia, mas resistência resoluta (...)

Talvez sem as defesas, Nosso Lar tivesse sido alvo de ataques intensos durante alguns momentos de sua história em que ocorreu a perda geral do equilíbrio e coesão social, gerando profunda desordem. O livro “**Guerra no Além**”, de Abel Glaser, pelo espírito de Caibar Schutel, descreve a ação de agremiações espirituais das trevas sobre os encarnados, criando condições para que as grandes guerras mundiais tivessem início e interferindo com os destinos dos povos, ao mesmo tempo em que atacam os seus adversários no plano espiritual contíguo à crosta e mesmo os postos de socorro das colônias espirituais, como os postos da colônia-cidade Alvorada Nova, a mesma citada por André Luiz em “**Nosso Lar**”. A necessidade de defesas é bastante clara com a leitura desse agradável texto.

Outras descrições de André Luiz ou de espíritos citados em suas obras, a respeito de tecnologias defensivas, são ainda mais contundentes. O capítulo 20 de “**Os Mensageiros**” é integralmente dedicado ao setor defensivo de uma instituição de auxílio que também atua como um pronto-socorro para espíritos sofredores e como um ponto de pouso seguro para mensageiros das colônias que se dirigem à crosta terrena. André Luiz faz uma breve descrição das defesas da instituição (página 127):

Impressionavam-me, sobretudo, as fortificações. Via a torre de mensagem, consagrada, por certo, ao serviço de resistência; o baluarte agudo, elevando-se acima dos fossos que deixavam transbordar a água corrente; a torre de vigia, esbelta e alterosa. Observei o caminho da ronda, a cisterna, as seteiras e, em seguida, as paliçadas e barbacãs, refletindo na complexidade de todo aquele aparelhamento defensivo. E as armas? Identificava-lhes a presença na maquinaria instalada ao longo dos muros, copiando os pequenos canhões conhecidos na Terra. Entretanto, vi com emoção, no cume da torre de vigia, a enorme bandeira de paz, muito alva, tremulando ao vento como largo penacho de neve (...)

Além das baterias de raios eletromagnéticos utilizados nas defesas das colônias-cidades, nos planos mais próximos à Terra, o querido amigo ainda descreve a existência de faixas magnéticas (“**Os Mensageiros**”) e dispositivos luminosos que são utilizados para isolar áreas onde estão ocorrendo ou ocorrerão reuniões mediúnicas que possuem a necessidade de grande controle fluídico, vibratório, como as reuniões de cura e demais efeitos físicos, mas tais dispositivos podem ser úteis até nas reuniões de atendimento fraterno e fluidoterapia. Em “**E a Vida Continua**”, o ator espiritual descreve a existência de salas capazes de produzir um relativo isolamento fluídico-vibratório dos seus ocupantes, impedindo que eles estabeleçam sintonia com antigos companheiros das zonas de penumbra durante o preparo reencarnatório, atuando como um local de relativa separação, para impedir danos maiores ao reencarnante.

Por essas linhas e com o auxílio da imaginação, temos a impressão de que apenas as falanges de espíritos socorristas ou

ligados às defesas das colônias ou casas de auxílio possuem e empregam tais dispositivos de defesa, uma vez que as falanges umbralinas parecem formadas de seres dementados e em andrajos. Os irmãos que perambulam pelos umbrais trevosos são descritos quase sempre como entidades ignorantes e sofredoras, o que não deixa de ser verdade, mas unidades das trevas preparadas com armas tecnologicamente avançadas também ocupam as zonas escuras na tentativa de manter o domínio sobre os seres comuns que ali se encontram. Aqueles amigos que André Luiz descreve em “**Nosso Lar**”, no umbral que ele vivenciou, são pobres coitados que não tinham papel algum a ser explorado pelas forças da perversidade. O mal instituído é capaz de manter extensas regiões vibratórias em estado de constante agitação, como veremos a seguir.

Logo se percebe que as forças trevosas também possuem dispositivos capazes de produzir potentes descargas eletromagnéticas como apresentado na página 35 do livro “**Ação e Reação**”:

No topo, descansamos em pequeno gabinete, em cujo recinto interessantes aparelhos nos facultaram a contemplação da paisagem exterior.

Assemelhavam-se a telescópios diminutos, que funcionavam como lançadores de raios que eliminavam o nevoeiro, permitindo-nos exata noção do ambiente constrangedor que nos cercava, o voo de criaturas agressivas e exóticas, que fugiam, espavoridas, ante vasto grupo de entidades que manobravam curiosas máquinas à guisa de canhonetes.

Questionado por André Luiz sobre a natureza daquelas armas, o instrutor Druso declara que são dispositivos de bombardeio eletrônico, capazes de produzir grandes danos, mas que eram barrados pela ação de baterias protetoras, cuja natureza desconhecemos completamente. Como elas atuariam? Podemos acompanhar na descrição a seguir (“**Ação e Reação**”, páginas 35 e 36):

– Decerto provocariam aqui fenômenos de desintegração, suscetíveis de conduzir-nos à ruína total, sem nos referirmos às perturbações que estabeleceriam em nossos irmãos doentes, ainda incapazes de qualquer esforço para a emigração, porque os raios desfechados contra nós contêm princípios de flagelação, que provocam as piores crises de pavor e loucura.

André Luiz prossegue (“**Ação e Reação**”, página 36):

Não longe de nós, ruído soturno vibrava na atmosfera.

Guardávamos a ideia de que milhares de projéteis invisíveis cortavam o ar, violentamente, sibilando a reduzida distância e acabando em estalidos secos, a nos infundirem pavorosa impressão.

Talvez porque Hilário e eu demonstrássemos insofreável espanto, Druso ponderou, paternal:

– Estejamos tranquilos. Nossas barreiras de exaustão movem-se com eficiência.

Onde dispositivos sofisticados de ataque como esses poderiam ser confeccionados? Logicamente não se espera que espíritos perseguidos no umbral sejam responsáveis por isso. A existência dessas milícias evidencia a presença de uma economia e um governo estruturado no submundo, mas não queremos com isso fazer qualquer paralelo com as descrições do inferno que se tornaram tão anacrônicas com a divulgação da Doutrina dos Espíritos, mas apenas advertir que a ordem é um fator que tanto a luz como a escuridão se utilizam nas suas atividades.

Inclusive, a estruturação de uma hierarquia é facilitada pelas condições opressoras do umbral. Quem não se liga a um grupo, sucumbe. Muitos dos desencarnados nas grandes guerras continuam lutando suas batalhas do outro lado da vida, em função das perseguições que seus oponentes passam a fazer. No livro “**Guerra no Além**”, esses aspectos são bem abordados e concordamos plenamente com Caibar Schutel (espírito) e Abel Glaser sobre o tema, uma vez que vários integrantes de nosso

grupo de trabalho têm recordações a respeito do destino que tiveram após o final da Segunda Guerra Mundial.

Em todos os casos em que não foi possível o socorro imediato nos campos de batalha, os combatentes permaneceram entre 10 e 50 anos em lutas constantes com falanges adversárias. Isso sabemos dos envolvidos que reencarnaram, mas pelas mensagens que recebemos de nossos mentores, muitos desencarnados ainda não despertaram para a realidade espiritual e se mantêm ligados aos dogmas racistas e expansionistas de um passado doentio, sendo motivo de toda dedicação das equipes de atendimento de nossa pequena casa de oração e estudos.

Certo dia, em reunião com a equipe de cura do Dr. Fritz, o bom amigo, mais uma vez através de seu medianeiro, Paulo James, colocou:

– Vocês atendem os espíritos sofredores que, na miséria total, perambulam pelas ruas ou encontram abrigo nos sentimentos deformados no passado, habitando suas casas. Os verdadeiros comandados das trevas não se apresentam assim e normalmente não são objeto de seus estudos e atividade desobsessivas. Esperemos e trabalhem para o amadurecimento da humanidade e do seu senso de justiça. Busquemos amparo na luz sideral do Cristo(1).

As trevas também possuem sua hierarquia e estrutura de ação, como bem descrito no livro “**Libertação**”, e tais aparelhos denotam conhecimento técnico e a existência de indústrias capazes de produção em massa desses apetrechos nas regiões de penumbra espiritual. Nesse sentido, cabe realçar que André Luiz descreve a existência de escolas de obsessores, que ele denomina de “escola de vingadores”, no livro “**Ação e Reação**”, de forma que os casos mais agudos de obsessão podem contar com a especialização do vampirismo. Em ambientes assim, a existência de técnicos devotados à elaboração de novos dispositivos de ataque não nos impressiona, mas o que me impressiona é a relutância de meus companheiros espíritas em aceitar que pesquisador encarnado, quando desencarna, se transforma em pesquisador desencarnado (desculpe a decepção, mas não mudamos tanto assim depois que o corpo vai para o túmulo) e continua estudando, cada qual segundo suas inclinações pessoais, uma vez que a morte não muda a nossa natureza.

Quem não aceita a luz no plano terreno, demora muito para reconhecer a necessidade do amor e sobrevive do outro lado servindo aqueles que podem protegê-los das falanges de desocupados e baderneiros, isso sem falar naqueles outros que esperam que as trevas lhes deem o poder que não tiveram na crosta. Semelhante atrai semelhante.

Diante dessa realidade, imagine a alegria das entidades da escuridão quando pegam os espíritas e demais religiosos discutindo detalhes técnicos de suas modestas reuniões de trabalho e se comportando como se fossem os donos da verdade. Isso muito nos entristece, mas diante de uma frase do livro “**Entre a Sombra e a Luz**”, de autoria de Paulino Garcia, por intermédio de Carlos Baccelli, vemos que o Amor se sobrepõe à Verdade, por dar sentido ao universo que é descrito por essa última. O que chega à mente deve passar sempre pelo coração, para não nos tornarmos escravos do pior tipo de idolatria, a egolatria, o apego excessivo ao “eu”. Com humildade, busquemos a união e deixemos o conhecimento falar mais alto, ao mesmo tempo em que cada equipe de trabalho espírita desenvolve seus métodos próprios.

A origem desses canhonetes das trevas descortina uma realidade bastante indigesta: inteligência e conhecimento não têm relação direta com a evolução espiritual do ser e nessa dissintonia, os mais inteligentes e cultos se tornam os piores algozes da humanidade, que se acotovela nos umbrais da dor. Como o autor espiritual coloca em “**E a Vida Continua**”, esses líderes trevosos podem ser desequilibrados, mas possuem inteligência vibrante e comportamento perverso, mantendo-se completamente refratários a uma mudança de postura interior em direção à paz e respeito recíprocos.

A desconexão entre tecnologia e aspectos espirituais pode ser observada no processo de colonização do Novo Mundo, onde os europeus, decididamente superiores em termos de organização política e tecnologia bélica, acabaram por impor suas leis e criaram um modelo de exploração que ainda marginaliza os povos autóctones e digo isso sem qualquer conotação político-partidária. Os cristãos europeus promoveram o maior genocídio de que se tem notícia na história humana: milhões de índios morreram em função de escravidão, doenças e miséria, ao longo de 500 anos.

Eles conheciam a doutrina cristã? Periféricamente, na sua superfície, mas não a utilizaram na relação com os habitantes do Novo Mundo. Se não fosse a espiritualidade amiga, os danos teriam sido muito maiores, como descrito no texto de “**Brasil - Coração do Mundo Pátria do Evangelho**”, de autoria do espírito Humberto de Campos, através de Chico Xavier. Se fizemos isso quando encarnados, no passado, o que impede que continuemos com essa mesma postura após o desencarne? E

quanto mais intelectualizado e inteligente o indivíduo, maiores são os danos que ele pode causar a uma coletividade.

A despeito de todo o aparato defensivo, a maior defesa que temos contra as trevas consiste na evangelização de nossa alma. O instrutor Aniceto, em “**Os Mensageiros**” (página 233), advoga que:

(...) Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente doméstico. Cada prece do coração constitui emissão eletromagnética de relativo poder. Por isso mesmo, o culto familiar do Evangelho não é tão só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas claridades espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável couraça. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza, compreenderam? As entidades da sombra experimentam choques de vulto, em contato com as vibrações luminosas deste santuário doméstico, e é por isso que se mantêm à distância, procurando outros rumos (...)

Obviamente que os efeitos da oração e do evangelho não estão ligados às palavras que são proferidas, mas ao tipo de sentimento e energias que são liberadas por um espírito desejoso de estabelecer contato com os planos mais elevados. Como falamos em nossa pequena casa de orações, frequentar o centro espírita é fácil, mas deixar a Doutrina dos Espíritos adentrar nosso modo de viver e pensar é muito difícil, pois implica em responsabilidade, autoconhecimento e desejo verdadeiro de mudar. É uma luta constante contra o comodismo.

Os perigos estão presentes nas incursões dos socorristas aos planos mais densos, de forma que tais atividades de auxílio são feitas em grupos e apenas os instrutores têm condições de adentrar esses ambientes sozinhos (“**Os Mensageiros**”, página 191). Vemos aí que a vigilância não apenas mantém um mínimo de ordem, mas também dá suporte às atividades socorristas e essas sim, são as maiores beneficiadas nos trabalhos de policiamento.

A existência de guardiães, espíritos em processo de crescimento e com diversos graus hierárquicos, que trabalham para manter a paz e a harmonia nas cidades e no campo é comprovada em “**Os Mensageiros**”, onde o instrutor Aniceto questiona um guardião sobre um acidente envolvendo um animal e seu condutor (páginas 256 e 257, onde o espírito é chamado de guarda do caminho). Esse texto singelo ainda discute sobre a nossa responsabilidade nos eventos aparentemente caóticos e mostra que os guardiões têm jurisdição sobre áreas determinadas da crosta.

Irmão Cláudio, em “**E a Vida Continua**”, mostra que as divisas vibratórias do umbral são submetidas a patrulhamento constante e os guardiões encontram aí mais uma faceta de suas atividades incansáveis (página 85):

– Pois é, meu caro, as áreas do espaço, às vezes enormes, ocupadas por legiões de criaturas padecentes ou desequilibradas, estão circunscritas e policiadas, por maiores que sejam, funcionando à maneira dos sítios terrestres, utilizados por grandes instituições para a recuperação dos enfermos da mente. Você não ignora que existem doentes da alma, consumindo larga faixa da existência nos hospícios acolhedores da Terra. Isso acontece aqui também. Ladeando o nosso vilarejo, temos vasto território, empregado no asilo a irmãos desajustados, aos milhares, mantidos e vigiados por muitas organizações de beneficência, que trabalham no socorro fraternal.

A atividade de guardiões é reforçada nas igrejas, independentemente da fé professada, desde que voltada para o bem comum, como os Centros Espíritas, onde a presença de espíritos revoltados e sofredores pode levar ao desenvolvimento de condições desarmônicas. Para evitar que isso ocorra, a equipe espiritual de trabalho distribui os espíritos que irão assistir ao culto, em posições-chaves, conforme a descrição retirada de “**Os Mensageiros**” (página 266):

Continuei (André Luiz) reparando as laboriosas atividades de alguns irmãos que dividiam a sala, de modo singular, utilizando longas faixas fluídicas. Aniceto veio em socorro da minha perplexidade, explicando, atencioso:

— Estes amigos estão promovendo a obra de preservação e vigilância. Serão trazidas aos trabalhos de hoje algumas dezenas de sofredores e torna-se imprescindível limitar-lhes a zona de influência neste templo familiar. Para isso, nossos companheiros preparam as necessárias divisões magnéticas.

Reparei, admirado, que eles magnetizavam o próprio ar.

Os membros do grupo que compõe a direção e os trabalhadores da casa espírita também recebem, segundo seus méritos pessoais, a assistência e proteção espirituais, conforme traz a página 267 de “Os Mensageiros”, onde se lê:

A uma ordem de um dos superiores daquele templo doméstico, espalharam-se os vigilantes, em derredor da moradia singela. Nos menores detalhes estava a nobre supervisão dos benfeitores. Em tudo a ordem, o serviço e a simplicidade.

Se ampliarmos a busca por forças e atividades defensivas, na obra de André Luiz, veremos a citação de unidades policiais e de estruturas que foram construídas com a finalidade de reeducar e isolar do mal, aqueles que erram e colocam em jogo a estabilidade e o crescimento espiritual de uma coletividade. A reeducação e a ressocialização do faltoso constituem parte importante dos objetivos de nossas prisões terrenas, mas aqui o processo parece falhar totalmente, de forma que nosso sistema prisional converteu-se em escola do crime e da delinquência.

Um bom exemplo do emprego de forças policiais em momentos de crise pode ser lido no capítulo anterior, sobre a vida nas colônias espirituais, onde se discutiram as medidas saneadoras, relativas às mudanças da alimentação em Nosso Lar, que geraram grandes distúrbios na ordem pública, dois séculos atrás, aproximadamente, e, como coloca Lísias (“Nosso Lar”, página 66):

(...) Encorajados pela rebeldia dos cooperadores do Esclarecimento, os espíritos menos elevados que ali se recolhiam entregaram-se a condenáveis manifestações. Tudo isso provocou enormes cisões nos órgãos coletivos de Nosso Lar, dando ensejo a perigoso assalto das multidões obscuras do umbral, que tentaram invadir a cidade, aproveitando brechas nos serviços de Regeneração, onde grande número de colaboradores entretinha certo intercâmbio clandestino, em virtude dos vícios de alimentação (...)

Se a Governadoria não se manifestasse de forma enérgica, a ordem e a harmonia da colônia-cidade estariam condenadas. Para evitar o caos e após consulta ao conselho do Ministério da União Divina, o governador determinou uma série de medidas duras, de cunho administrativo e policial, para controlar o problema, incluindo (“Nosso Lar”, página 66 e 67):

(...) fechar provisoriamente o Ministério da Comunicação, determinou funcionassem todos os calabouços da Regeneração, para isolamento dos recalcitrantes, advertiu o Ministério do Esclarecimento, cujas impertinências suportou mais de trinta anos consecutivos, proibiu temporariamente os auxílios às regiões inferiores e, pela primeira vez na sua administração, mandou ligar as baterias elétricas das muralhas da cidade, para emissão de dardos magnéticos a serviço da defesa comum. Não houve combate, nem ofensiva da colônia, mas resistência resoluta (...)

A paz e os pacíficos não podem ficar à mercê da agressão e da impunidade. Existe cárcere e aqueles que, dementados, acabam criando problemas graves para si mesmos e para a comunidade em que estão inseridos podem ser internados em casas assistenciais para atendimento especializado, onde a doença é tratada e o irmão se prepara para um retorno ao plano de trabalho, na crosta.

Essa descrição traz, inclusive, uma citação a intercâmbio clandestino com o umbral, ou seja, contrabando. Vocês já pensaram na possibilidade de contrabandistas espirituais?

Mas se eles existem aqui, o que garantiria a obsolescência dessa profissão após a morte?

Nada, uma vez que os criminosos não se aposentam com a morte.

Que a paz do Deus Altíssimo possa sempre se sentida nos corações e mentes de meus irmãos.

Ao longo dos séculos de uma prolongada infância espiritual, o homem esperou encontrar as esferas angelicais ou as trevas absolutas após a perda do seu veículo de manifestação no mundo mais denso. Contudo, a morte apenas deixa-nos frente a frente com o espelho de nossa consciência e passamos a nos encarar sob o olhar crítico de nosso passado, dos erros e dos acertos. Para aqueles que julgavam merecer os céus, decepção; para aqueles que esperavam imergir em um inferno de trevas absolutas, o alívio temporário e irrisório ao verificar que a escuridão não é absoluta e, tampouco, eterna. As “trevas” e o “céu” são frutos de abstração da mente, mas os complexos de culpa acabam por transportá-los às esferas de recomeço.

O conceito que meus irmãos fazem da vida após a vida é profundamente influenciada pela atenção que os mesmos deram ou dão ao seu aprimoramento espiritual ao longo de suas últimas jornadas “físicas”. Como levamos a vida quase sempre sem o devido comprometimento com os objetivos reencarnatórios, sem o devido compromisso com o aprimoramento pessoal, acreditamos que a morte irá nos transformar em algo melhor do que realmente somos, o que constitui ilusão com ares de triste comédia ou tragédia medieval; uma ilusão. Somos o que conquistamos e nem uma vírgula a mais ou a menos. Digo essas palavras para situá-los em nossas esferas e planos de atuação.

Da mesma forma que a ciência e o conhecimento adquirido lançam o homem para níveis mais elevados de consciência e compreensão do seu entorno, reforçando a fé na Providência e acalmando os clamores da alma, permite que o ser em evolução se reconheça como parte de um todo muito maior, sendo que do nosso lado o mesmo fenômeno se repete, com o agravante de que na ausência do corpo físico as fronteiras da sensibilidade e da razão se dilatam exponencialmente e temos outra visão do mundo. Essas palavras serão lembradas por todos vocês quando a “viagem da morte” se processar. Que essa visão venha a retirar as ilusões e a neblina que a vida física interpõe a todos que ingressam na Terra.

Universidades, centro de pesquisa e divulgação de periódicos e jornais, laboratórios e escolas de todos os tipos fazem parte da rotina das colônias espirituais que ocupam todos os planos ou faixas vibratórias que compõem o orbe terreno. Nessas instituições, o conhecimento adquirido é diretamente proporcional à capacidade de compreensão dos seus habitantes, de forma que o progresso científico acaba se dando de forma aparentemente autônoma entre as diferentes esferas, mas isso é apenas a primeira impressão.

Digo “aparentemente” porque a espiritualidade amiga sempre ampara as iniciativas de crescimento que se encontram em desenvolvimento em planos menos evoluídos, desde que se encontrem em harmonia com as leis divinas e com o planejamento dos Imortais para o mundo (inserir rodapé sobre quem são os Imortais). Muitos são os pesquisadores que, por intermédio da intuição e outras formas de sensibilidade mediúnica, no plano dos encarnados ou próximos a ele, que recebem orientações e auxílio das esferas superiores, são os “insights”. Assim foi com Darwin, Bohr, Schrödinger, Hoyle, Pasteur, Koch, Chagas, Cruz, Einstein, Feynman e tantos outros fora das áreas de biologia, matemática, química e física, que tanto aprecio. Esse processo ocorreu dos dois lados da vida.

Na maioria dos casos, esses homens de intelecto aguçado também eram depositários de noções elevadas de cidadania e muitos se converteram em verdadeiros estandartes de uma humanidade que não se preocupava apenas com as aparências e criticaram a maneira pueril com que tantos encaravam a existência terrena. Pacifistas ou não, suas visões amplas do mundo que os envolvia, acabaram dilatando a nossa estreita percepção, protegendo-nos de nós mesmos. Dessa forma, não estranhem quando dizemos que as diferentes esferas da vida se interconectam e que a morte não representa uma ruptura, mas apenas uma necessária transição de fase, para um novo preparo e refazimento.

Cada esfera espiritual, com sua psicofera característica, possui normas peculiares associadas às leis divinas, dando-lhes um sentido que pode ser compreendido por todos. O que muda não são as leis do Criador, mas nossa compreensão das mesmas, baseando-se no amor, justiça e misericórdia. Posso dizer que um fluxo gigantesco de informações e conhecimento segue de um plano para outro e de uma colônia para outra, mas sob intenso controle espiritual baseado no merecimento e observância das leis divinas, de maneira que podemos sugerir e intuir, mas nunca “fazer” ou “determinar” algo em planos inferiores ao que habitamos, como um respeito ao processo de crescimento espiritual e livre-arbítrio.

A tecnologia se aprimora e enquanto envergarmos corpos com alguma materialidade, a ela iremos recorrer em diversos momentos, potencializando nossas capacidades espirituais. Pode-se verificar que a dependência à tecnologia

apresenta relação inversa com a evolução espiritual do irmão. Para os espíritos libertos do processo reencarnatório, despidos dos invólucros grosseiros, a mente é o único instrumento de que necessitam para entrar em sintonia com o universo, em sua plenitude.

O intelecto e a elevação espiritual não são sinônimos e mentes poderosíssimas podem ser encontradas nos umbrais da dor e do desespero, tramando estratégias de domínio e se servindo de uma irrestrita dependência das energias do plano físico que muitos espíritos desencarnados possuem, dementados e ignorantes do que os envolve, e procuram manter amplas áreas do orbe terreno, nos seus diversos planos, sob seus domínios diretos ou indiretos. Logicamente que não são demônios, posto que a própria Doutrina dos Espíritos nos informa que tudo evolui e se regenera, incluindo as lideranças das trevas.

Nesse caso, esses irmãos cristalizados no mal acabam lentamente deixando de lado seu “modus operandi” e se transformam em direção à Luz, recebendo todo auxílio necessário para tanto, mas também sofrendo as consequências de seus erros de outrora. Contudo, o processo é lento e não podemos, em hipótese alguma, supor ou declarar que esses espíritos são ignorantes. Eles erram e se mantêm no erro por orgulho e egoísmo, não admitindo partilhar o que conquistaram e tampouco permitem que os homens sigam um caminho próprio, independente. Eles são suficientemente astutos para dissimular sua existência, além de criarem discussões estéreis no seio das mais variadas crenças religiosas. Os primogênitos da relação desses irmãos com a humanidade são o fanatismo e a intransigência.

Tais forças também se congregam em colônias, comunidades e fortalezas espirituais nos planos vibratórios abissais e subcrostais, onde também criaram escolas e universidades da dor, obsessão-vampirismo e perversão, onde desenvolvem tecnologias capazes de afetar o comportamento de encarnados e desencarnados que habitam as esferas mais densas.

Enquanto nas comunidades que buscam a Luz, a intuição trabalha junto ao esforço gratificante na solução dos maiores desafios científicos e descobertas do futuro, nas áreas trevas do mundo os detentores do conhecimento escravizam amplas parcelas de suas populações, procurando interferir com a condição vibratória de muitos, além de modificar as condições dos reencarnantes, bem como utilizar seus irmãos encarnados como fontes de energias indispensáveis para retardar ou minimizar o processo de degeneração perispirítica, as quais sobrevivem em função da densidade vibratória onde vivem.

Muitos admiradores da sublime Doutrina dos Espíritos imaginam a vida em nossas esferas como algo totalmente etéreo e paradisíaco, sendo que o verdadeiro paraíso somente pode ser adentrado pelo trabalho sério e se encontra no interior de cada um de nós; é um estado de ânimo, espírito, e não um local determinado.

O processo de transição planetária se acelera profundamente no momento em que a capacidade tecnológica das trevas ameaça produzir danos ainda mais severos à psicosfera terrena. Esse processo de renovação acabará por transferir, para diversos mundos primitivos, aqueles irmãos que se comprazem com a dor alheia, que tentam subverter a ordem natural das coisas em todas as esferas da vida. Todavia, não temam. Nosso amoroso Pai estabeleceu as condições adequadas para que todo o processo se efetue e, no seu desenrolar, o homem adquira a maioria que irá impedir que estabeleça sintonia com aqueles que querem o fim da humanidade como força criativa e transformadora. O amor é o sentimento que atua como divisor de águas nesse amplo planejamento. Aqueles que amam aprenderão os porquês de tudo, com o tempo; aqueles que vivem para odiar, aprenderão, como a própria lenda da primeira família humana, o valor da solidariedade e do auxílio recíproco no trabalho duro, na natureza áspera de um mundo jovem. Esses seres que não acordaram para a verdadeira razão de viver conhecerão a dor novamente e se lembrarão da Terra como o paraíso perdido e tecnologia deixada para trás será transferida para os livros e lendas desses povos como o fruto proibido da árvore do conhecimento, como fizeram com as lendas bíblicas de Adão e Eva.

Tenham absoluta segurança de que, em nosso plano, exercemos as mesmas atividades que vocês desenvolvem aí, com a diferença de que os atores desses dramas se mantêm em seus papéis por séculos ininterruptos. Outro aspecto que merece destaque é que entendemos perfeitamente o processo de intercâmbio com os planos mais elevados e sublimes; logo, todo o processo de descoberta e aprimoramento técnico se acelera. O plano físico se destina mais ao aprimoramento dos valores pessoais, principalmente os de caráter moral e espiritual. Devo ressaltar, também, que, em nosso meio, o ranço e orgulho acadêmicos não existem ou são pouco pronunciados, uma vez que essas características são frutos do orgulho, egoísmo e dos preconceitos, que são expurgados nas regiões de restabelecimento, nos “umbrais”, e o “eu” dos pesquisadores vai se apagando em prol de algo maior e mais digno, o crescimento geral.

Temos, também, outra compreensão das leis físicas e do Criador, de forma que não gastamos o precioso tempo com

experimentos que as ferem, além de apresentarmos códigos de ética e conduta que são muito mais rigorosos, uma vez que o maior discernimento e conhecimento nos obrigam a uma maior responsabilidade diante de tudo, emanando da força maior que nos estrutura a existência. O conhecimento tecnológico abre as portas desse universo multidimensional, mas é o amor fraterno que nos habilita a entrada nesses planos.

As mentes poderosas, mas destituídas de sintonia com o progresso geral, somente serão senhoras de si mesmas quando seus detentores puderem sentir o poder do amor que repara e reconstrói. Antes disso serão vasos secos ou vazios. Seu reinado provisório se aproxima do fim e suas atividades ganham cores de desespero. Muitos desses espíritos se encontram profundamente degenerados e não conseguem perceber que o processo que agora vivenciam é apenas a repetição daquilo que já passaram em outras eras geológicas, quando lhes fora dada a oportunidade de reencarnar entre os primeiros hominídeos nas estepes, savanas e florestas do Velho Mundo, há milhões de anos. Hoje, como antes, as mãos do Cristo estão estendidas para todos aqueles que querem a verdadeira libertação, que somente pode ser obtida com a renúncia ao mal, com tudo que ele representa, principalmente o egoísmo e o orgulho, além do desapego ao mundo material, respeito ao próximo, dedicação constante e vontade inquebrantável.

O homem logo verá que não são os limites do cosmo que se ampliam rapidamente, mas sim a dissolução dos liames que nos prendem ao passado trevoso. Não são os limites do cosmo que nos impedem de sondar o inescrutável, mas sim nossas limitações de entendimento.

Que Deus Criador tenha misericórdia de nossos erros na aplicação de Sua justiça perfeita.

Joseph

Para completar as palavras de Joseph Gleber, pegamos, por empréstimo, o ponto de vista de Emmanuel sobre as trevas, o desenvolvimento tecnológico e a inteligência humana, retirado do livro “**Roteiro**” (Editora da Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, 12ª edição, 2007), que chegou até nosso plano de vida pela lavra mediúnicamente de Francisco Cândido Xavier (páginas 32 e 33):

O progresso mental é o grande doador de renovação ao equipamento do espírito em qualquer plano de evolução.

Note-se, contudo, que não nos reportamos aqui ao aperfeiçoamento interior.

O crescimento intelectual, com intensa capacidade de ação, pode pertencer a inteligências perversas.

Daí a razão de encontrarmos, em grande número, compactas falanges de entidades libertas dos laços fisiológicos, operando nos círculos da perturbação e da crueldade, com admiráveis recursos de modificação nos aspectos em que se exprimem.

Não adquiriram, ainda, a verticalidade do Amor que se eleva aos santuários divinos, na conquista da própria sublimação, mas já se iniciaram na horizontalidade da Ciência com que influenciam aqueles que, de algum modo, ainda lhes partilham a posição espiritual.

Os “anjos caídos” não passam de grandes gênios intelectualizados com estreita capacidade de sentir.

Apaixonados, guardam a faculdade de alterar a expressão que lhes é própria, fascinando e vampirizando nos reinos inferiores da natureza.

Entretanto, nada foge à transformação e tudo se ajusta, dentro do Universo, para o geral aproveitamento da vida.

A ignorância dormente é acordada e aguilhada pela ignorância desperta.

A bondade incipiente é estimulada pela bondade maior.

Mensagem semelhante a essa de Emmanuel pode ser lida página 118 de “**Notáveis Reportagens com Chico Xavier**”, que transcreve as mensagens e entrevistas como o famoso e querido médium mineiro, no jornal “O Globo”, de abril a junho de 1935. O texto em questão é assinado por “Max”, pseudônimo adotado por Bezerra de Menezes, segundo informações dadas por Chico, mostrando que para o espírito, a vida é o eterno presente.

RESUMO DO CAPÍTULO: todos os ensinamentos dos espíritos, após a codificação, deixam claro que a capacidade de aprender, evoluir, é algo que não desaparece com a morte física, aliás, se acentua com a mesma. Grandes universidades e institutos ministram cursos a desencarnados e encarnados, sobre os mais variados assuntos, desde aqueles relativos à natureza íntima da matéria, até temas relacionados à mediunidade e reencarnação. Aparelhos de comunicação, defesa pessoal, dispositivos capazes de proteger alguns médiuns e ampliar sua sensibilidade também são descritos. Por outro lado, canhonetes produzidos pelas trevas também aparecem nas descrições, mostrando que a tecnologia não está restrita às esferas luminosas, mas na crosta ela não está restrita àqueles que sabem fazer bom uso. Por que do outro lado estaria? Nas esferas superiores, onde os espíritos se comunicam pelo pensamento e podem se locomover livremente, os dispositivos tecnológicos se tornam periféricos. A utilização de aparelhos para ampliar as possibilidades mediúnicas de irmãos que trabalham na seara cristã abre as portas para a existência desses mesmos dispositivos, mas oriundos das forças trevosas, para auxiliar os processos obsessivos, as chamadas obsessões complexas, que tantos ainda relutam em aceitar a existência. As instituições de pesquisa e ensino dos planos astrais trabalham para preparar o homem para o futuro profissional na crosta e para lhes dar o amparo científico e filosófico para o seu crescimento integral, independentemente da esfera da vida em que ele irá habitar.

Nota dos Autores

1) Os erros com o gênero das palavras e na pronúncia, que mostram forte sotaque do alemão, misturados com algumas palavras daquele idioma não são transcritos nessas mensagens.

Sexo, Vida Sexual e Amor

Desconheço outro autor espírita que tenha abordado a problemática do sexo e da vida sexual, além das suas ramificações na sociedade, com uma intensidade maior do que André Luiz.

Em sua obra, centenas de menções à palavra “sexo” e outras ligadas ao tema podem ser encontradas e inúmeras outras fazem alguma consideração sobre o assunto e o que mais nos surpreende é que isso se deu entre a década de 1940 e meados de 1960, período no qual a humanidade ainda apagava as chamas de um conflito armado que transformou a fisionomia do mundo e da sociedade. Foi uma época de grandes lutas pela emancipação colonial e dos seres humanos, como a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, a descolonização da África e da Ásia, a introdução das primeiras pílulas anticoncepcionais, a contracultura, lembrando que, em muitos países, as mulheres e as minorias étnicas tinham pouco ou nada a comemorar e ainda sofrem no momento em que essas linhas estão sendo redigidas.

Um parágrafo que ilustra a profundidade da obra sobre esse tema pode ser extraído do livro “**Missionários da Luz**”, que aborda todos os aspectos do sexo e do amor nos diferentes planos de vida (páginas 250 e 251):

– O sexo tem sido tão aviltado pela maioria dos homens reencarnados na Crosta que é muito difícil para nós outros, por enquanto, elucidar o raciocínio humano, com referência ao assunto. Basta dizer que a união sexual entre a maioria dos homens e mulheres terrestres se aproxima demasiadamente das manifestações dessa natureza entre os irracionais. No capítulo de relações dessa espécie, há muita inconsciência criminoso e indiferença sistemática às leis divinas. Desse plano não seria razoável qualquer comentário de nossa parte. Trata-se dum domínio de semibrutos, onde muitas inteligências admiráveis preferem demorar em baixas correntes evolutivas. É inegável que também aí funcionam as tarefas de abnegados construtores espirituais, que colaboram na formação básica dos corpos, destinados a servirem às entidades que reencarnam nesses círculos mais grosseiros. Entretanto, é preciso considerar que o serviço, em semelhante esfera, é levado a efeito em massa, com características de mecanismo primitivo. O amor, nesses planos mais baixos, é tal qual o ouro perdido em vasta quantidade de ganga, exigindo largo esforço e laboriosas experiências para revelar-se aos entendidos. Entre as criaturas, porém, que se encaminham, de fato, aos montes de elevação, a união sexual é muito diferente. Traduz a permuta sublime das energias perispirituais, simbolizando alimento divino para a inteligência e para o coração e força criadora não somente de filhos carnaís, mas também de obras e realizações generosas da alma para a vida eterna.

André Luiz fala do sexo e de toda a fisiologia do corpo e do espírito a ele ligada com o respeito que o tema necessita, mas sem delongas e subterfúgios. É direto e simples. Pinta o sexo como uma poderosa força de transformação, que começa como uma forma de gerar a diversidade biológica necessária para a expansão da vida e termina por se sublimar entre espíritos que se amam, mostrando, em toda a sua força, o Amor Maior que paira sobre todos nós e que a tudo transforma (“**Evolução em Dois Mundos**”). Ligar o ato sexual à biologia é fácil, mas, em um mundo preconceituoso, seguir esse caminho e ligá-lo ao Criador, isso sim é uma proeza e André Luiz faz isso com primor.

Novas perspectivas se abriam e a própria revolução sexual, com seus desafios e armadilhas, tomava seu curso. A mulher passou a desempenhar ativamente diversos papéis que eram, até então, inconcebíveis para ela. Elas passavam a atuar abertamente como companheiras, coautoras ou protagonistas principais de suas famílias, verdadeiros bastiões da estabilidade, em um mundo ainda machista que via as transformações como algo que merecia desconfiança. Acredito piamente no que o amigo Joseph Gleber coloca quando diz que o acaso não existe: a obra de André Luiz, no que concerne ao tema “sexo”, é um antídoto para o comportamento desregrado e libertino que acompanhou o desenvolvimento da sociedade moderna, principalmente nos momentos mais conturbados que presenciamos nas últimas cinco décadas. Os livros vieram no momento certo, mais uma vez.

Aliás, quando estudamos o mundo que recebeu essas obras espíritas, verificamos que o acaso não existe e, como Einstein falava, Deus não joga dados com o destino. Tudo vem no momento certo, quando estamos preparados e receptivos ao conteúdo que recebemos. Esse processo é a base da revelação gradativa a que Kardec se referiu inúmeras vezes.

Inicialmente, nas obras de André Luiz, vê-se uma distinção, acertada a nosso ver, entre o ato sexual e o sentimento “amor”, que se comportam como estrelas binárias, uma gravitando em torno da outra e rumando para um destino único. Essa dicotomia “sexo-amor” vai se tornando cada vez mais indistinta e percebe-se que todos esses sentimentos e atos se ajustam à condição espiritual do indivíduo e vão ganhando cores diferentes na medida em que os degraus da evolução vão sendo

palmilhados, no dia a dia. Logo se vê que o sexo animalizado caminha em direção a sentimentos mais fluídos e puros e, por fim, ao amor sem limites, como também o fazem muitos outros sentimentos, que apenas ganham cores mais nítidas e vibrantes quando se transmutam na química do verdadeiro amor ao próximo.

Para ilustrar o que acabamos de colocar, gostaríamos de convidá-los, mais uma vez, a ler o capítulo 18 de “**Nosso Lar**”, onde nosso amigo André declara que o amor é o nutriente universal das criaturas, enquanto o sexo é uma manifestação sagrada do amor puro e infinito que emana de Deus. Daí resulta a necessidade de educação sexual e respeito entre os seres. Da mesma forma, nada que emana do Criador deve ser condenado em princípio; o ato sexual não é algo impuro ou sujo, mas podemos torná-lo menos digno em função de nossos pensamentos e desejos. Como em tudo na vida, o mundo se torna aquilo que dele fazemos.

No livro “**Ação e Reação**”, de 1957, podemos ler que o sexo também se manifesta no universo de matéria mental que nos envolve, mostrando que as energias que estão envolvidas no processo se originam, como tudo o mais, do próprio Criador e não podem ser demonizadas, como muitas vezes fazemos. As energias sexuais apresentam a mesma natureza das forças mais profundas e produtivas que nos mantêm ligados ao universo vivo. Elas são os elos de ligação que mantemos com o cosmo, representando a união do universo mental e o físico, em uma associação que se torna indistinta. Aliás, não poderia ser por menos, afinal, é através do amor entre os humanos que o amor divino se manifesta no início de cada vida encarnada, como lance imprescindível para a reencarnação.

Em “**Evolução em Dois Mundos**”, vemos a sequencia de transformações que o sexo e o ato sexual, configurando processo reprodutivo apresentaram, desde a mais remota antiguidade planetária. Vejamos o exemplos a seguir (página 41):

(...) as primeiras sensações do sexo apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas uma para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas.

Simpatias genésicas... boa metáfora para o início do fenômeno de atração sexual. Logo a seguir, explica a origem do sexo, mostrando que seu desenvolvido foi guiado e contou com o carinho dos responsáveis pela evolução planetária, há muitas eras geológicas (“**Evolução em Dois Mundos**”, página 48):

Dobadas longas faixas de tempo, em que bactérias e células são experimentadas em reprodução agâmica, eis que determinado grupo apresenta no imo da própria constituição qualidades magnéticas positivas e negativas que lhe são desfechadas pelos Orientadores Espirituais encarregados do progresso devido ao Planeta.

Presente-se a evolução animal em vésperas de nascer (...)

A seguir, mostra o surgimento do ato sexual e a diferenciação estrutural que permitiu às algas e algumas bactérias mais complexas o desenvolvimento de gametas e o processo de reprodução sexual, levando a uma explosão de formas. Daí podemos ver que quando colocamos o sexo como um tabu ou algo que merece nosso desprezo, ou quando adquire caráter de “pecado”, como algumas agremiações religiosas o fazem, ou como objeto de compra e venda, estamos banalizando ou criminalizando o mecanismo pela qual a vida passou a gerar enorme diversidade de formas e funções, permitindo, como hoje sabemos, o desenvolvimento de todos os organismos superiores e, por fim, da própria inteligência. Como citamos, o sexo é a forma através do qual o amor, entre dois seres diferentes, cria condições para que o amor divino se exteriorize na forma de um novo ser.

Outras passagens de “**Evolução em Dois Mundos**” trazem exatamente a relação entre sexualidade e o planejamento espiritual do orbe, como aspectos interligados, que se completam. Mais alguns exemplos, retirados da obra supramencionada, sendo que tais parágrafos não estão em sequencia no livro-mãe, mas traduzem bem a relação natural do sexo e os princípios da biologia (página 138):

Examinando o instinto sexual em sua complexidade nas linhas multifórmes da vida, convém lembrar que, por milênios e milênios, o princípio inteligente se demorou no hermafroditismo das plantas, como, por exemplo, nos fanerógamos, em cujas flores os estames e pistilos articulam, respectivamente, elementos masculinos e femininos.

Nas plantas criptogâmicas celulares e vasculares ensaiara longamente a reprodução sexuada, na formação de gametos (anterozóides e oosfera) que muito se aproximam aos dos animais e cuja fecundação se efetua por meios análogos aos que observamos nestes últimos seres.

Longo tempo foi gasto na evolução do instinto sexual em vários tipos de animais inferiores, alternando-se-lhe os estágios de hermafroditismo com os de unissexualidade para que se lhe aperfeiçoassem as características na direção dos vertebrados.

Registramos esses fatos para demonstrar que entre todos os vertebrados e muito particularmente no homem, herdeiro das mais complicadas experiências psíquicas, nos domínios da reencarnação, apenas os caracteres morfológicos dos implementos sexuais estão submetidos aos princípios da genética. Isso porque não é só a figuração das glândulas sexuais que se mostra bipotencial até certo ponto, pois todo o cosmo orgânico é suscetível de reagir aos hormônios do mesmo sexo ou do sexo contrário, segundo as disposições psíquicas da personalidade.

Sempre suspeitamos que a evolução biológica no plano terreno era uma das facetas da transformação que nosso veículo físico sofreu, mas nesse texto de “**Evolução em Dois Mundos**”, temos de encarar o fato de que as alterações no corpo perispiritual, ou psicossoma, antecedem as modificações que se esboçam no corpo físico. Futuramente, quando tivermos mais domínio sobre o que se esconde aos nossos olhos, teremos de realizar um estudo sistemático sobre a evolução da vida e do espírito fora dos domínios do corpo denso, algo que, segundo Emmanuel, ainda gera muitas controvérsias, mesmo nos planos espirituais. Vejamos o texto sobre as transformações do perispírito (páginas 139 e 140):

Atingindo inequívoco progresso em seus estímulos, o corpo espiritual, desde a protoforma psicossômica nos animais superiores até o homem, conforme a posição da mente a que serve, determina mais ampla riqueza hormonal. As glândulas sexuais que então mobiliza são mais complexas. Exercem a própria ação pelos hormônios que segregam, arrojando-os no sangue, hormônios esses, femininos ou masculinos, que possuem por arcabouço da constituição química, em que se expressam, o núcleo ciclo-pentano-peridrofenantreno, filiando-se ao grupo dos esteróis.

Essas alterações na estrutura psicossômica ou perispiritual, ao que tudo indica e a biologia terrena mostra, no nosso plano, é muito anterior ao próprio surgimento dos primatas, que pouco tem de especial no que concerne ao ato sexual, se dele retirarmos a conotação emocional, sentimental, que tende a se tornar mais relevante na medida em que desenvolvemos os atributos espirituais que ainda jazem embrionários. O Instinto Sexual foi, por assim dizer, um prêmio para coroar a atração e o ato em si, criando condições para a explosão da sexualidade entre as formas vivas, como veremos na mensagem psicografada, no final do capítulo. O instinto era o embrião de sentimentos muito mais nobres que desabrochariam (“**Evolução em Dois Mundos**”, páginas 141 e 142):

E o instinto sexual, por isso mesmo, traduzindo amor em expansão no tempo, vem das profundezas, para nós ainda inabordáveis, da vida, quando agrupamentos de mônadas celestes se reuniram magneticamente umas às outras para a obra multimilenária da evolução, ao modo de núcleos e elétrons na tessitura dos átomos, ou dos sóis e dos mundos nos sistemas macrocósmicos da Imensidade.

Por ele, as criaturas transitam de caminho a caminho, nos domínios da experimentação multifária, adquirindo as qualidades de que necessitam; com ele, vestem-se da forma física, em condições anômalas, atendendo a sentenças regeneradoras na lei de causa e efeito ou cumprindo instruções especiais com fins de trabalho justo.

O sexo é, portanto, mental em seus impulsos e manifestações, transcendendo quaisquer impositivos da forma em que se exprime, não obstante reconhecermos que a maioria das consciências encarnadas permanecem seguramente ajustadas à sinergia mente-corpo, em marcha para mais vasta complexidade de conhecimento e emoção.

Por essas breves linhas, percebemos o quanto estamos conectados ao universo e dele fazemos parte integral. Como o texto bíblico sugere, viemos do pó e ao pó retornaremos. Mas é pó estelar.

A evolução da criatura em direção ao Criador está profundamente ligada às transformações que o sexo e o amor passam a campear. Tudo parece conduzir o filho em direção a uma nova compreensão do Todo e do seu Arquiteto, sublime Senhor de

tudo que nos envolve. Essa evolução da sexualidade e a transformação dos sentimentos humanos não traduzem que a relação sexual tenha se tornado ou se tornará algo a ser extirpado ou considerado impuro. Sua sublimação está de acordo com os ditames culturais e sociais das épocas em que se deu e dará o processo, de forma natural e gradativa.

Da mesma forma que hoje não conseguimos entender a violência e a agressividade que algumas pessoas sentem como estímulo ao ato sexual, creio que futuramente teremos uma dificuldade semelhante de encarar a forma com que a relação sexual é praticada entre os membros da nossa espécie. O tempo irá determinar os comportamentos e as posturas que serão adotadas. O texto de “**Evolução em Dois Mundos**” colabora com essa interpretação (página 142):

Entretanto, importa reconhecer que à medida que se nos dilata o afastamento da animalidade quase absoluta, para a integração com a Humanidade, o amor assume dimensões mais elevadas, tanto para os que se verticalizam na virtude como para os que se horizontalizam na inteligência.

Nos primeiros, cujos sentimentos se alteiam para as Esferas Superiores, o amor se ilumina e purifica, mas ainda é instinto sexual nos mais nobres aspectos, imanizando-se às forças com que se afina em radiante ascensão para Deus.

Nos segundos, cujas emoções se complicam, o amor se requinta, transubstanciando-se o instinto sexual em constante exigência de satisfação imoderada do “eu”.

De conformidade com a Psicanálise, que vê na atividade sexual a procura incessante de prazer, concordamos em que uns, na própria sublimação, demandam o prazer da Criação, identificando-se com a origem Divina do Universo, enquanto que outros se fixam no encaixo do prazer desenfreado e egoístico da auto-adoração.

Os primeiros aprendem a amar com Deus.

Os segundos aspiram a ser amados a qualquer preço.

Um texto claro e autoexplicativo. Em função da natureza sublime de tais forças, o mau uso do sexo e os desvios comportamentais a ele ligados representam portas abertas para a desarmonia espiritual e viciação, que escancaram a alma para o vampirismo. Aliás, até onde sabemos, em “**Missionários da Luz**” e “**No Mundo Maior**”, de 1945 e 1947, respectivamente, vemos as primeiras alusões a uma relação íntima entre vampirismo espiritual e a irresponsabilidade sexual, quase sempre se manifestando na forma de comportamentos doentios e obsessivos, onde os encarnados somam as suas mazelas e desequilíbrios aos apresentados pelos seus obsessores, que passam a “viver” suas fantasias e doenças junto do leito daqueles que ainda envergam o corpo físico. Verdadeiras orgias se manifestam aos olhos espirituais na contemplação desses quadros tristes.

Em função dessas inter-relações entre os diferentes planos vibratórios, nas viciações sexuais, esses desvios são encarados pela Espiritualidade Maior como sendo doenças da alma, que merecem tratamento e cuidados especiais em função do papel sublime a ser cumprido pelo sexo na evolução das criaturas. Nessa postura sóbria, não existe lugar para preconceitos.

Sobre esse tema, em especial, Alexandre, o instrutor de André Luiz em “**Missionários da Luz**”, complementa, falando sobre as viciações sexuais de jovem médium e deixa bastante evidente a relação entre sexualidade, corpo físico e corpo perispiritual. Essa abordagem é um desafio para aqueles que imaginam uma espiritualidade assexuada ou vida após a morte sem o concurso da sexualidade. A clareza de raciocínio é estarrecedora, principalmente nas linhas finais, quando mostra que os religiosos veem o que querem ver e criam separações entre corpo e alma, quando, em realidade, esses termos identificam realidades diferentes dos mesmos seres, nós próprios (“**Missionários da Luz**”, páginas 34 e 35):

– Não, André. Não temos sob os olhos a espiroqueta de Schaudinn, nem qualquer nova forma suscetível de análise material por bacteriologistas humanos. São bacilos psíquicos das torturas sexuais, produzidos pela sede febril de prazeres inferiores. O dicionário médico do mundo não os conhece e, na ausência de terminologia adequada aos seus conhecimentos, chamemos-lhes larvas, simplesmente. Têm sido cultivados por este companheiro, não só pela incontinência no domínio das emoções próprias, através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contato com entidades grosseiras, que se afinam com as predileções dele, entidades que o visitam com frequência, à maneira de imperceptíveis vampiros. O pobrezinho ainda não pôde compreender que o corpo físico é apenas leve sombra do corpo perispiritual, não se capacitou de que a prudência, em matéria de sexo, é equilíbrio da vida e, recebendo as nossas advertências sobre a temperança, acredita ouvir remotas lições de aspecto dogmático, exclusivo, no exame da fé religiosa. A pretexto de aceitar o império da razão pura, na esfera da lógica,

admite que o sexo nada tem que ver com a espiritualidade, como se esta não fosse a existência em si. Esquece-se de que tudo é espírito, manifestação divina e energia eterna. O erro de nosso amigo é o de todos os religiosos que supõem a alma absolutamente separada do corpo físico, quando todas as manifestações psicofísicas se derivam da influência espiritual.

Esse mesmo texto será melhor explorado quando discutirmos as doenças do corpo e da mente.

Os desajustes sexuais, cujas origens são bastante variadas, tem relação com a forma animalizada que o ato sexual se reveste em alguns seres já dotados de discernimento, como o texto abaixo sugere (“**Evolução em Dois Mundos**”, página 143):

Ao nível dos brutos ou daqueles que lhes renteiam a condição, a descarga de semelhante energia se efetua, indiscriminadamente, através de contatos, quase sempre desregrados e infelizes, que lhes carregam, em consequência, a exaustão e o sofrimento como processos educativos.

Uma vez que o ato sexual não se limita ao corpo físico, produzindo importantes trocas de energias fluídicas, espirituais, devemos ter bastante cuidado com o tipo de relacionamento que estamos estabelecendo e as condições nas quais esses atos são praticados, posto que constituem porta para fenômenos pouco nobres de enxertia fluídica e vampirismo, como mencionado acima. Obviamente que esse processo é diretamente ligado ao discernimento daqueles que se entregam ao sexo.

Uma das principais consequências desse processo estaria ligada à inversão sexual, quando um espírito com características mentais acentuadamente masculinas ou femininas recebe, no processo reencarnatório, um corpo com determinantes biológicos opostos aos que o espírito enverga. Nesse sentido, ao homem que não valoriza o mundo de sua companheira e a trata como se não passasse de objeto do prazer biológico, nada mais educativo do que nascer no corpo de mulher e literalmente sentir o que se esconde sob a derme em suas lutas diárias. O mesmo poderia ocorrer com as mulheres que não se deram conta do valor desempenhado pelos seus companheiros e agora caminham para receber um corpo masculino e novos desafios. O berço é o melhor hospital e a melhor escola, mas devemos sempre nos manter distantes dos estereótipos, sendo que os exemplos supramencionados são apenas isso, exemplos, não procurando criar uma classificação para ser estudada ou ampliada, mas apenas para reflexão.

Contudo, em muitas situações, essa inversão de gênero, homem-mulher e vice-versa, pode ter relação com a missão a ser desenvolvida pelo espírito reencarnante e não representa uma corrigenda, mas sim uma renúncia momentânea que irá capacitá-lo para as atividades a serem desenvolvidas. Da mesma forma que uma renúncia a uma vida sexual ativa poderia permitir ao espírito uma dedicação maior ao cerne de sua missão, revelando-lhe os caminhos para a concretização de seus ideais. Devemos ter muito cuidado para evitar conclusões precipitadas nesse universo de sentimentos e impulsos, nem sempre muito claros ou explícitos.

Ao longo dos anos, temos percebido que parcela nada desprezível daqueles que procuram auxílio espiritual enverga problemas obsessivos ligados a relacionamentos sexuais e afetivos em existências anteriores, que se arrastam até o presente. Esses fenômenos parecem ser até mais frequentes em médiuns, onde sua vida espiritual é afetada por desvios de conduta sexual em existências pretéritas e na vida atual. Para eles, mais do que se preocupar com a ingestão de álcool ou carne antes das reuniões mediúnicas, o medianeiro deveria dar grande atenção ao nível vibratório de suas atitudes e pensamentos, que acabam por envolver toda a equipe de trabalho e, não raro, essas energias apresentam um cunho nitidamente sexual. Os dirigentes da casa espírita devem ter atenção redobrada para prover o ambiente adequado aos trabalhos e a orientação necessária em casos que envolvam médiuns com desvios de conduta. Criticar apenas ou excluir o trabalhador não constitui solução para nada.

Sabemos que a criatividade e sensibilidade são profundamente ligadas ao chacra básico, casa das energias genésicas, como André Luiz as denomina, de forma que o equilíbrio é o centro da meta a ser alcançada. A ligação existente entre mediunidade e comportamentos humanos ainda necessita ser mais bem avaliada, mas alguns elementos sugerem que as imagens, sons e informações vindas dos espíritos comunicantes acabam sensibilizando o cérebro físico a partir da glândula pineal, sendo que esses estímulos elétricos deveriam ser projetados em direção ao córtex cerebral, onde passariam a impressionar os circuitos neuronais, produzindo imagens, sons e sensações, mas alguns companheiros médiuns (aqueles que são menos afeitos ao pensamento construtivo) também transmitem essas correntes de estímulos aos núcleos da base, no sistema nervoso, e ao hipotálamo, que acabam interferindo no comportamento do medianeiro.

Nesse ponto, algumas psicopatologias e comportamentos pouco saudáveis, que exacerbam ou inibem profundamente a libido, o apetite, além das alterações inusitadas de humor, que podem descambar para o personalismo e a agressividade, podem ser sinais de desequilíbrio não apenas do universo psíquico e familiar do médium, mas representar um grito de alerta para a necessidade de reeducação mediúnica e pessoal. **Um chamado à reforma íntima.**

O equilíbrio nas atividades humanas, incluindo as energias sexuais, está profundamente associado ao bom desenvolvimento das faculdades espirituais, com exceção daqueles que necessitam do celibato em função da extensão de sua missão terrena, mas, nesse caso, a ausência de atividade sexual se manifesta como fruto da vontade do medianeiro e não como uma imposição social ou da religião. O que fere, no caso do celibato, não é a ausência do ato sexual, mas sua imposição como regra de conduta, que nem todos estão preparados para cumprir, dando origem a todo tipo de desvio e desregramento que mergulha a fé e o sacerdote ou leigo no lodo da promiscuidade, como vemos todos os dias na imprensa.

Em nossas modestas casas de orações, em função da complexidade dos relacionamentos humanos, devemos sempre pautar o comportamento por atitudes que refletem a natureza do que ali procuramos, paz e interação com o Alto, na forma de orações e amparo recíproco. Devemos pensar nos objetivos que nos levam às igrejas e centros espíritas, que é o auxílio aos mais necessitados e a palavra de conforto para as dores que carregamos.

Nada é proibido, mas nem tudo deve ser incentivado. Evitando vestimentas e conversas mais “picantes”, trabalhamos para manter o foco central no trabalho a que fomos destinados pela espiritualidade amiga. Lembremo-nos que solicitamos a oportunidade de servir, para o crescimento pessoal e muitos desencarnados e encarnados ali presentes precisam sentir a firmeza e a veracidade de nossos propósitos, o que seria prejudicado diante de conversas menos edificantes. As casas espíritas lidam com misérias humanas e famílias desfeitas pelo mau uso do sexo e demais aspectos da vida sem compromisso com o Cristo e, quase sempre, aqueles que procuram auxílio junto às nossas casas, apresentam os mesmos problemas que nós outros, de forma que, ao auxiliá-los, aprendemos também os melhores caminhos para a solução das dificuldades de nossas existências.

Estruturamos nossas famílias e relacionamentos pessoais segundo os nossos padrões mentais. Devemos buscar a harmonia e o equilíbrio, sendo esse o centro da mensagem de André Luiz a respeito da sexualidade, como pode ser visto no texto abaixo. Analisem a profundidade das palavras de “**Evolução em Dois Mundos**” (página 144), vejam que lá e cá temos a mesma realidade:

Há, por isso, consórcios de infinita gradação no Plano Terrestre e no Plano Espiritual, nos quais os elementos sutis de comunhão prevalecem acima das linhas morfológicas do vaso físico, por se ajustarem ao sistema psíquico, antes que às engrenagens da carne, em circuitos substanciais de energia.

Contudo, até que o Espírito consiga purificar as próprias impressões, além da ganga sensorial, em que habitualmente se desregra no narcisismo obcecante, valendo-se de outros seres para satisfazer a volúpia de hipertrofiar-se psiquicamente no prazer de si mesmo, numerosas reencarnações instrutivas e reparadoras se lhe debitam no livro da vida, porque não cogita exclusivamente do próprio prazer sem lesar os outros, e toda vez que lesa alguém abre nova conta resgatável em tempo certo.

Isso ocorre porque o instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais, pelo qual as criaturas encarnadas ou desencarnadas se alimentam mutuamente, na permuta de raios psíquico-magnéticos que lhes são necessários ao progresso.

O “instinto sexual não é apenas agente de reprodução entre as formas superiores, mas, acima de tudo, é o reconstituente das forças espirituais”, daí temos a família e nossos cônjuges como parte integrante de nosso universo energético e psíquico. Bobinas vivas de amparo que nos dinamizam de todas as formas possíveis, realçando o valor da parceria e harmonia domésticas, principalmente no lar de companheiros que exercem alguma atividade pública, uma vez que estão mais expostos às misérias da nossa natureza ainda bastante imperfeita.

A importância dos desvios de conduta sexual (aqui considerados como tal quaisquer atitudes ou pensamentos que venham a causar prejuízo para aqueles que os desenvolveram ou que com eles interagiu) é pronunciada. No livro “**Sexo e Destino**”, as importantes ramificações que as experiências sexuais e afetivas possuem nos dois lados da vida, a reeducação sexual “não apenas nas aparências, mas principalmente nas essências das relações humanas”, constituem o cerne do instituto “**Almas Irmãs**”, onde a renovação interior e o acompanhamento reencarnatório são as colunas mestras das atividades desenvolvidas.

Durante esse processo de reeducação, os candidatos à reencarnação são submetidos a estudos e reflexões sobre a natureza sublime do sexo como o canal que irá permitir o reingresso no corpo físico, o papel do matrimônio, a maternidade e a paternidade como reflexos da relação do Pai Criador com Seus filhos, nas diferentes esferas espirituais e no plano terreno, além de temas ligados à sexualidade, evolução espiritual e sua relação com o sexo e, por fim, efeitos e causas dos desajustes sexuais e comportamentos viciosos e problemáticos.

Pela extensão das crises ligadas ao sexo, ciúmes e sentimento de posse que os espíritos sofredores relatam, nas atividades de desobsessão, em nossas casas espíritas, podemos inferir a magnitude dos trabalhos da espiritualidade nesse processo de preparo para o reencarne.

Infelizmente, para a maioria dos espíritos que regressam ao mundo maior, a existência terrena pode ser vista como francamente vitoriosa em apenas 18% dos casos, cabendo a 22% dos egressos do plano físico a condição de espíritos significativamente melhorados, enquanto 26% apresentaram apenas algum aproveitamento e 34% mostram-se envolvidos em profundos dramas, quase sempre agravados pelas atitudes recentes, na esfera de provas e expiações terrenas. As mazelas de cunho sexual e afetivo representam parcela significativa nos fracassos e isso reflete a dificuldade de entender a ordem natural das coisas. Pensamos sempre na “minha” esposa, “meus” filhos, “minha” vida e esquecemos que todos somos atores em crescimento nesse drama. A vida é nossa, sempre compartilhada com responsabilidade, e nossos familiares são irmãos que estão ao nosso lado para reajustes e colaboração construtiva.

Pode-se depreender que, em função da severidade dos desafios da reeducação sexual, a avaliação da condição espiritual do desencarnante não é deixada a cargo apenas de uma auto-avaliação pelo interessado. O desencarnado acaba sendo submetido à criteriosa análise através de um conselho constituído de juizes e orientadores que ponderam a respeito do tema (“**Sexo e Destino**”), tendo em vista o passado cármico do interessado, seus esforços e progressos verdadeiros, contribuindo não apenas para a determinação de suas condições espirituais, mas principalmente para os estudos e aspectos preparatórios que deverão segui-lo no processo de readaptação à vida espiritual e, posteriormente, no reingresso na Terra dos “encarnados”.

Muitas vezes, quando falamos da reeducação sexual, nos referimos, mesmo que subliminarmente, à poligamia e monogamia, em suas variadas formas. Tendo em vista que o objetivo mais imediato do sexo, entre as formas de vida destituídas de um raciocínio mais estruturado e contínuo, é o estabelecimento de mais uma geração de descendentes, a poligamia e os ditames do comportamento sexual territorial - como ocorre em diversas espécies de répteis, aves, peixes e mamíferos -, estão entregues à seleção natural e sexual.

Contudo, entre aquelas espécies nas quais o ser já vislumbra a responsabilidade individual e o desenvolvimento do sentido de família, o sexo torna-se mais complexo e os elementos hormonais e comportamentais são utilizados para atrair os membros que deverão constituir a família em questão, como evidenciado nas obras “**Sexo e Destino**”, “**E a Vida Continua**” e “**Evolução em Dois Mundos**”, mas o papel da consciência ganha destaque, uma vez que os descendentes deverão andar ao lado dos progenitores por muitos anos, como ocorre com os humanos, período em que passamos aos nossos filhos o universo cultural, moral e espiritual que carregamos. O ato sexual acaba descortinando o senso de família e a necessidade de educação, obrigando os cônjuges a uma dedicação extremada, de forma que a poligamia não cabe nesse ambiente familiar.

Com a estruturação da família e o conhecimento pessoal, o indivíduo passa a acumular débitos ou créditos; o macho passa a ser reconhecido como “pai” e a fêmea, “mãe”. Sei que essas palavras podem parecer ridiculamente óbvias, mas essa transformação conceitual é a maior modificação que experimentamos até o momento, posto que irá ditar responsabilidades por gerações e o princípio da família terrena e da família espiritual se estabelecem em sua plenitude. A própria Lei de Ação e Reação se descortina com cores vibrantes diante desse quadro, no qual a responsabilidade, o tirocínio, se mostra presente. Assim, a família é indispensável ao desenvolvimento do ser reencarnante e daí deriva a sua santa natureza.

Antes do conceito de paternidade e maternidade emergir no universo da manada ou do bando, o comportamento sexual não interferia significativamente no âmbito pessoal, apenas no coletivo, na sobrevivência do grupo, de forma que um comportamento poligâmico ou monogâmico era fruto apenas de seleção biológica e sexual. Quem tivesse mais filhos, ganhava o prêmio. Com a família tudo muda e a monogamia acaba se impondo como a melhor maneira de criar condições de harmonia capazes de suportar a luta evolutiva terrena e a poligamia se transforma em comportamento desajustado e desarmônico, passível da exacerbação das dívidas para com nossos pares.

Em outros textos mediúnicos, como “**Entre a Sombra e a Luz**”, da lavra de Carlos Baccelli e do espírito Paulino Garcia, verifica-se que a relação entre obsessão e obsediado também entraria nessas equações para a elaboração de uma nova

família nuclear. Esse ponto de vista apresenta lógica segundo a lei de Ação e Reação ou de Causalidade, onde o ódio do obsessivo desencarnado acaba trazendo-o para perto de sua vítima, com a qual passa a ter simbiose psíquica e, nessas condições, pode ser atraído para o reencarne sem que tenha pleno conhecimento do fato. Algo semelhante à atração entre as flores e os insetos polinizadores. Daí surgem os grandes dramas familiares, que geralmente acabam atenuando os ódios viscerais do passado à custa de muita dor no seio familiar. Reajustes, reajustes...

A origem do estímulo sexual, que atua como forma de aprimoramento do mecanismo reprodutivo, e sua ligação com os sentimentos e pensamentos do espírito em evolução, mostra que a sublimação do ato sexual é uma característica das sociedades espirituais evoluídas, onde as energias criativas, que outrora se manifestam na forma do ato reprodutor, são agora progressivamente canalizadas para outras atividades criadoras, embora o amor no âmbito pessoal não desapareça (**“Evolução em Dois Mundos”**). Algo ainda inconcebível para nosso padrão de agir e pensar.

A importante menção ao ato sexual e vida sexual que consta do capítulo 4 de **“Evolução em Dois Mundos”**, onde o autor espiritual discorre sobre o desenvolvimento dos órgãos sexuais do perispírito, que modulam e estruturam a construção do corpo físico, vemos que as alterações que principiaram a diferenciação sexual se deram na estrutura perispirítica das algas marinhas, onde surgiram os primeiros elementos capazes de estimular o intercuro sexual como forma de gerar a diversidade genética que caracteriza as espécies vivas com reprodução sexuada. É bastante evidente, pela descrição do texto, que essas alterações no aparelho físico foram precedidas por modificações na estrutura do corpo espiritual, o que sugere a existência de um aparelho reprodutor se desenvolvendo paralelamente em outros planos de vida. Esse é um ponto de discussão que vem produzindo celeumas pouco produtivas nos últimos anos.

A despeito dessas palavras, muitos espíritas, mesmo com um significativo volume de informações reportando o sexo entre desencarnados, com atração e amor, se recusam a admitir essa possibilidade, mas acreditamos que essa postura mais conservadora reflete as posições que as pessoas adotam na sua vida cotidiana, uma vez que somos espíritos pouco espiritualizados e ainda discutimos com os fariseus que habitam o nosso coração sobre o que seria puro ou impuro, hoje representado pelo que é ou não doutrinário.

Para aqueles que se interessam pelo tema do renascimento em outros planos vibratórios, recomendamos os textos dos volumes I e II de **“Vida Além da Vida”**, além de diversos livros do Dr. Inácio Ferreira e companheiros, por intermédio de Carlos Baccelli, destacando-se **“Reencarnação no Mundo Espiritual”** (editora LEEP). O renascimento em planos espirituais também foi citado por espíritos que colaboraram na redação de livros que hoje não são comumente estudados dentro da Doutrina Espírita (até porque trazem algumas controvérsias, principalmente quanto à natureza do corpo físico ou fluídico de Jesus), como **“Os Quatro Evangelhos”** de Jean-Baptiste Roustaing. O espírito Klaus, que participa de nossas atividades e de diversas outras casas espíritas na região, respondendo a questionamento dos encarnados sobre esse tema, não titubeou e disse *“claro que existe renascimento dos planos mais elevados”* e uma resposta similar, dada por ele mesmo, pode ser encontrada no preâmbulo de **“A Batalha Final”** de autoria do espírito José Lázaro, psicografia de Agnaldo Paviani (editora Sintonia). Além disso, nada na obra de André Luiz desautoriza a existência do fenômeno de renascimento em outros planos do orbe terreno, sendo que algumas explicações sobre a fisiologia do perispírito parecem sugerir que, em determinados planos e sob condições peculiares, tal fenômeno possa, de fato, ocorrer.

No capítulo 6 de **“Evolução em Dois Mundos”**, André Luiz, segundo a compreensão de alguns, coloca que os cromossomos das células perispirituais ficam alojados no citoplasma e não em uma estrutura nuclear individualizada por membranas, a membrana nuclear ou carioteca, como ocorre no corpo físico. Alguns companheiros de ideal espírita sugerem que isso se dê para impedir a reprodução nos planos invisíveis, mas gostaríamos de lembrar que a reprodução, assexuada e sexuada, também ocorre entre seres procariotos, desprovidos de membrana nuclear. Além disso, muitos eucariotos (seres possuidores de núcleo celular individualizado por uma membrana) reproduzem-se apenas assexuadamente, de forma que muitos estudos terão de ser realizados antes de afirmarmos, com segurança e com base nessas linhas, sobre a possibilidade (ou impossibilidade) de renascimentos em outros planos de vida na Terra.

Devemos nos questionar também se essa colocação é válida para todas as condições vibratórias do perispírito e para todos os inúmeros planos dimensionais que bordejam o plano físico, uma vez que a fisiologia dos corpos perispirituais dos irmãos que vivem em esferas mais sublimadas é totalmente diferente do observado nos ambientes umbralinos e mesmo nas colônias espirituais mais próximas à Terra.

Vejam que as linhas de André Luiz, citadas abaixo, não dão o sentido e amplitude de conclusões que esses amigos buscam (**“Evolução em Dois Mundos”**, página 50):

Os cromossomos, estruturados em grânulos infinitesimais de natureza fisiopsicossomática, partilham do corpo físico pelo núcleo da célula em que se mantêm e do corpo espiritual pelo citoplasma em que se implantam.

A complexidade das células eucarióticas é uma conquista evolutiva que se desenvolveu primeiro no perispírito, pela própria natureza do processo evolutivo, e foi transportada ao plano físico pelo processo de endossimbiose entre dois procariotos. Com o tempo, a parceria se aprofundou e a interdependência foi se tornando cada vez maior, de forma que, no presente, apenas resquícios da mesma se mantêm. Além do mais, em diversos momentos, a literatura espírita no geral e André Luiz em particular, citam que a interação do perispírito com o corpo físico ocorre em nível molecular, molécula a molécula, de forma que não acreditamos em células perispirituais procarióticas. A conquista de um núcleo celular não se refere apenas ao mecanismo reprodutivo, mas sim à complexidade estrutural da célula e do organismo como um todo e constitui grande vantagem sob todos os aspectos.

Sabemos que, da mesma forma que temos uma genealogia do corpo físico, temos uma genealogia do corpo espiritual, que traduz sua origem e formação, uma espécie de filogenia do perispírito. Desse ponto de vista, não seria coerente uma diferença estrutural dessa magnitude entre o corpo físico e o perispírito. Seria a mesma coisa que o corpo físico ter uma estrutura celular moderna e o corpo espiritual apresentar a estrutura celular de uma bactéria. Algo semelhante pode ser lido nas entrelinhas do texto a seguir (“**Evolução em Dois Mundos**”, páginas 52 e 53):

Em verdade, porém, para não cairmos nas recapitulações incessantes, em torno de apreciações e conclusões que a ciência do mundo tem repetido à saciedade, acrescentaremos simplesmente que as leis da reprodução animal, orientadas pelos Instrutores Divinos, desde o casulo ferruginoso do Leptótrix, através da retração e expansão da energia nas ocorrências do nascimento e morte da forma, recapitulam ainda hoje, na organização de qualquer veículo humano, na fase embriogênica, a evolução filogenética de todo o reino animal, demonstrando que além da ciência que estuda a gênese das formas, há também uma genealogia do Espírito.

Uma genealogia do espírito, que segue seu curso.

As ponderações de Joseph Gleber e Ishmael, espíritos judeu-alemães falecidos nas mãos dos nazistas, em 1942, sugerem que existem planos espirituais em que os órgãos reprodutivos perispirituais possuem plenitude fisiológica e outros em que isso não ocorre. Esses mentores consideram as condições vibratórias que são dadas pelos corpos espirituais superiores, como o corpo mental, são as principais responsáveis pelas modificações na fisiologia do psicossoma e nos permitem compreender porque o renascimento no plano espiritual estaria limitado a determinadas condições vibratórias, poupando as regiões mais pesadas do umbral e regiões de trevas densas e abissais.

Tomando por base as palavras de nobre instrutor em “**No Mundo Maior**” (página 157) lê-se:

De um modo ou de outro, porém, tudo isto são sempre as faculdades criadoras, herdadas de Deus, em jogo permanente nos quadros da vida. Todo ser é impulsionado a criar, na organização, conservação e extensão do Universo! (...)

Podemos imaginar que em alguns planos vibratórios a fisiologia do perispírito seja plena e pode vir a permitir o renascimento. Por essas palavras, a vida pulula no cosmo, em muitos planos diferentes.

A obra de André Luiz é bastante rica em exemplos de encarnados que, em desdobramento, procuram diversão sexual em ambientes de grande perversidade e depravação, inclusive com a participação de espíritos libertos da matéria, o que não ocorreria se a natureza dos corpos espirituais inferiores, como o perispírito, não fosse possuidora de uma sexualidade e um aparelhamento biológico (genitália) para tanto. Os próprios órgão reprodutores, como ovários e testículos, podem estar presentes, mas não se mostram funcionais na maioria das esferas espirituais, como sugere o livro intitulado “**Sexo Além da Morte**”, de R. A. Ranieri, sob orientação de André Luiz (editora Edifratr).

Em “**No Mundo Maior**”, o instrutor coloca que “*a sede do sexo não se acha no corpo grosseiro, mas na alma, em sua sublime organização*” (página 147). Poderíamos ser mais claros do que isso? Creio que não. Essas palavras são particularmente esclarecedoras para aqueles irmãos que negam a existência de órgãos e energias sexuais nos corpos espirituais e nos planos espirituais, transparecendo que essa postura deriva da educação castradora que a maioria de nós recebeu em vivências anteriores, em religiões mais literalistas e sociedades mais moralistas, onde a vida sexual, mesmo quando realizada dentro dos santos limites do matrimônio, era encarada apenas com a finalidade reprodutiva e o conceito de “pecado” maculava todo o universo sexual que nos envolvia.

A partir das inspiradas linhas de “**Evolução em Dois Mundos**”, onde o próprio espírito André Luiz parece atuar como um intermediário para outro companheiro com maior envergadura espiritual e intelectual, verifica-se que as mesmas energias que inicialmente atraíam macho e fêmea para a cópula, gerando uma nova comunidade de seres com maior maleabilidade biológica para colonizar o mundo em desenvolvimento, agora passam a estruturar a relação entre os membros de nossas famílias e da humanidade como um todo. Todo esse processo evolutivo ocorreu e ocorre sob a supervisão de espíritos de elevada condição hierárquica, verdadeiros guardiães da vida e da evolução sideral. Nossos desvios e animalidades derivam, em grande parte, das imperfeições que ainda carregamos através desse processo de transformação.

Parte nada desprezível dos casos de obsessão tem relação direta com a vida amorosa das pessoas e nada mais justo do que questionar os efeitos que a libertinagem sexual tende a produzir com os anos. Poucas vezes ponderamos sobre as relações de dependência que nossos atos adolescentes, no campo sexual, podem criar e modelar. Essas interações tornam-se cada vez mais profundas na medida em que adquirimos o discernimento sobre o tema.

Outro aspecto que passa a ser sutilmente discutido na obra de André Luiz diz respeito à sexualidade e suas manifestações. Em “**Evolução em Dois Mundos**”, nosso amigo coloca o longo processo de desenvolvimento do princípio inteligente nos seres hermafroditas e aqueles que se reproduzem assexuadamente, lembrando que a mônada ou princípio espiritual, não tem gênero ou sexo, mas vai ganhando experiências tipicamente masculinas ou femininas na medida em que novas existências vão sendo acrescentadas, mas de forma que seu psiquismo pode apresentar um comportamento diferente, por vezes dissonante, o que pode acarretar desarmonias e enfermidades se essa condição não for equacionada. Para uma discussão bastante produtiva sobre o tema da homossexualidade, recomendamos o livro “**Vinte Temas Espíritos Empolgantes**” (editora EME), onde o autor (Luiz Gonzaga Pinheiro) faz uma ampla discussão sobre a questão da homossexualidade humana e a necessidade de compreensão e tolerância, uma vez que, como espíritos, estamos na Terra para crescimento e aprendizado.

De uma forma geral, as características físicas e psíquicas nitidamente masculinas ou femininas representam peculiaridades do espírito em evolução e seu histórico reencarnatório, uma vez que a morada do sexo é o próprio espírito, que plasma para si mesmo as condições mais adequadas para o reingresso no mundo denso. Nesse processo, a busca pelo prazer físico acaba desaguando em outras formas de inter-relação pessoal, menos egoísticas e pretensiosas; elas acabam mostrando, para o ser humano mais preparado, que a gota que cada um representa acaba constituindo o oceano ocupado pela humanidade como um todo, no seu árduo e nem sempre vigoroso retorno ao Criador. O prazer no ato sexual se converte, com as eras geológicas de evolução, em sintonia e intercâmbio energético, puro e sublime; amor infinito e verdadeiro, pleno e livre; expressão clara do amor irrestrito que Jesus tantas vezes aludiu no Seu evangelho.

Como coloca um amigo espiritual, “*é através do amor dos homens que o Amor Divino se materializa no berço e dá mais uma oportunidade de crescimento a alguém como nós mesmos*”.

Os vínculos afetivos deturpados pelo mau uso do sexo acabam condenando os envolvidos a um amargo processo de depuração que pode consumir existências diversas até uma harmonização satisfatória. É imperativo fugir aos ditames da animalidade e vencer a viciação sexual que domina com grande força nesse momento da transição planetária, representada pela busca incessante do prazer físico. Nessas circunstâncias, o mundo sexual se transforma em cárcere que exigirá duro e prolongado trabalho de reparação, que poderá até caminhar para quadros de neuroses, psicoses, desregramento sexual, fobias e dementação. A própria psicanálise se dedicou a esses aspectos, mas sem contemplar o universo escondido por trás do véu da morte e da reencarnação.

Por fim, sobre esse espinhoso e fascinante tema, André Luiz esclarece que a união entre seres afins produz quadros de indescritível beleza e amor, harmonizando o psiquismo e lubrificando as engrenagens da evolução, que deixa de ter um caráter puramente pessoal e passa a considerar os demais membros da nossa família encarnada e espiritual.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Ishmael; data: 11 de outubro de 2012)

Que a paz e a plenitude do amor possam ser sentidas por todos os filhos do Deus Altíssimo.

Meus caros amigos, temos dificuldades em entender porquê tantos assuntos se convertem em dogmas e deixam de ser estudados, discutidos.

Será que não é falta de vontade ou de coragem em discutir?

Será que não é comodismo?

A maior virtude em discutir um tema é impedir que conceitos arcaicos se cristalizem como verdades acima da razão. É estimular a reflexão.

Quanto ao sexo e a sexualidade, o amor e a evolução, muitos aspectos ainda deverão ser esclarecidos e não podemos esperar a resposta para todas as questões, mas devemos adotar uma postura ativa e consciente dos deveres que se descortinam diante dos olhos dos servidores do Cristo planetário.

Ao falarmos do amor, vemos a evolução dos sentimentos e características da personalidade humana ao longo do tempo. É falar de física e química, transportadas para a biologia mais pura e para a evolução do espírito ao longo das eras geológicas. A atração recíproca estabelecida entre as unidades elementares da matéria é a base do processo. De forma mecânica e automatizada, as primeiras formas de vida, possuidoras do princípio vital e dos rudimentos mais simples do princípio inteligente geravam cópias de si mesmas, produzindo clones naturais, que adquiriram experiências e se desenvolveram em função da interação com o ambiente externo. A velocidade com que o processo se estabelecia compensava a falta de variabilidade genética da população e logo a diversidade se estabeleceu como fruto de transformações em curso no corpo físico e nos primeiros esboços de corpos espirituais em desenvolvimento. Sim, toda forma de vida apresenta uma evolução dupla, física e espiritual, nas diversas esferas onde a vida se apresenta.

Nesse processo, a palavra sexo perde completamente o sentido de ato sexual ou mesmo de amor carnal, como atualmente empregado.

Para o princípio inteligente que se converteria em espírito propriamente dito nas formas mais complexas, não existia a noção de macho ou fêmea e a vida seguia um curso que primava pela simplicidade de comportamentos, ao mesmo tempo em que as formas vivas criavam condições para o surgimento de variáveis mais complexas, como os seres eucariotos e, por fim, organismos capazes de reprodução verdadeiramente sexuada, embora o sexo possa, também, ser atributo de raros organismos procariotos.

Nos organismos mais complexos, frutos de engenharia engendrada pelos espíritos diretores do orbe terreno, utilizando-se das leis biológicas já conhecidas de todos, evolucionárias e dinâmicas, onde o mais apto é rapidamente guindado a novas experiências e passa a dirigir todo o processo evolutivo, incorporando o princípio inteligente que estagiava nas formas que estavam sendo superadas, observou-se a formação de gametas e o processo de reprodução sexuada, aumentando, em ritmo exponencial, a variabilidade de formas e individualidades que podiam ser geradas pela vida em desenvolvimento.

Esse fenômeno permitiu um aumento da complexidade das formas de vida e de sua variabilidade genética, mas também foi acompanhado pelo estreitamento dos laços entre os indivíduos que compunham a população. O prazer sexual é subproduto das vantagens biológicas desse modelo reprodutivo e objetivava criar um prêmio para os organismos envolvidos. Embora eu me arrisque ao ridículo aos olhos de vocês, gostaria de colocar que foi o sexo, na forma de processo biológico, com seus mecanismos de prazer e recompensa, que criou os rudimentos do comportamento grupal. O prazer sexual tinha o objetivo de criar a recompensa para os indivíduos mais aptos e cada espécie e população acabaram desenvolvendo mecanismos secundários capazes de permitir a propagação de seus genes, atuando como instrumentos de uma espiritualidade que sempre utilizou a biologia como um meio para o crescimento do espírito imortal, em suas experiências no plano físico.

Sei que muitos encaram o homem como um ser separado do mundo natural e todo tipo de preconceito tem nessa ideia a sua origem. Somos animais sim! Mas animais capazes de compreender, com relativa segurança, os destinos dos nossos grupos e capazes de modificar nossas tendências e imperfeições. O que os hindus chamam de “karma” é exatamente isso, o conjunto pessoal de tendências e características que se desenvolveu ao longo de nossas vivências múltiplas, no orbe

terreno e fora dele.

Nesse contexto puramente fisiológico, o sentido de afeto se desenvolveu inicialmente nas espécies grupais, tanto em aves, quanto mamíferos. O sentimento de “fazer parte” deu origem ao “querer estar ali”, de pertencer a um grupo e esses comportamentos passaram a se firmar. Noções de “família” se desenvolviam, se aprimoravam, preparando a entrada da responsabilidade pessoal e coletiva no grupo.

Essas transformações silenciosas também se processavam no seio das “famílias” animais, onde o comportamento, inicialmente instintivo, logo deu origem a afeto verdadeiro entre a prole e seus pais, normalmente representados ape nas pela mãe. A finitude da vida, a precariedade das condições e a insignificância do ser diante do mundo que o envolvia produziam medo profundo e isso foi sendo mesclado, nos proto-humanos, pela ideia de que os indivíduos do grupo eram protegidos pelos deuses, representados, então, pelas forças da natureza. Nessa época, floresciam na superfície da Terra, os primeiros hominídeos e o comportamento de “macho” ou “fêmea” passou a se fixar de forma mais ou menos nítida em todos aqueles que encarnavam entre nossos ancestrais, muitos deles na condição de degredados de outros mundos e sistemas planetários.

Com o tempo, essa característica predominantemente ativa ou passiva, masculina ou feminina, passou a marcar de forma mais ou menos nítida as características dos indivíduos, que passaram a refletir, em seus espíritos, as opções e peculiaridades de seus traços mais íntimos. A sexualidade nasce da complementariedade, da cumplicidade e da biologia, cada uma criando condições mais favoráveis e colaborando para fixação de certas nuances. Contudo, a despeito do imperativo fisiológico, é com o surgimento da razão que a escolha pessoal amplia profundamente as possibilidades no âmbito sexual. Muito do que hoje discutimos, com respeito às parafilias, desvios de normalidade e enfermidades de cunho sexual se originaram de desarmonias entre os corpos físicos e espirituais, no passado remoto ou recente.

No homem moderno, o ato sexual pode vir acompanhado de desejo mais ou menos sincero de constituir uma família, refletindo as afinidades pessoais que se estabeleceram em consequência de nossas existências progressas e da programação reencarnatória que os envolvidos estabeleceram em parceria. Como tudo que nos envolve, o corpo e as circunstâncias não aparecem por acaso e geralmente refletem as nossas mais íntimas características, servindo como um alarme a dizer para o indivíduo que aquela que ali se coloca é a tão esperada companheira que deverá com ele constituir o núcleo de progresso a que denominamos família. Uma característica física ou psicológica, a sonoridade do nome, tudo faz parte da estratégia de reconhecimento entre os futuros parceiros... mas poucos dão atenção a isso, imersos que estão na vida do prazer fácil e do comportamento desregrado.

Como muitos não escutam o bom senso, às vezes ignoramos esses chamados e os mesmos se repetem de forma progressivamente mais intensa. Diante disso, aceitamos ou não o que o coração nos diz, uma vez que temos o livre-arbítrio e mudamos a nossa programação reencarnatória todos os dias de nossas vidas terrenas, mas, infelizmente, na grande maioria das vezes em que fazemos isso, erramos mais do que supomos. Temos de ter profundo respeito por aqueles com os quais estabelecemos vínculos, mesmo na ausência de uma prole. Contudo, o respeito é o oposto da servidão e devemos ter consciência disso quando interagimos com nossos iguais.

Não estamos advogando o automatismo nas relações humanas, mas apenas que cada um pondere detidamente sobre seus próprios sentimentos e pensamentos, verificando aquilo que parece vir do âmago de suas individualidades. Temos de compreender que a vida é instrumento de renovação e não podemos negar o que de bom emana de nosso ser ou parece ser endereçado a nós vindo dos mais altos planos. Como a Doutrina dos Espíritos coloca, pela obra se conhece o artista. Afinidade e complementariedade se conquistam e nada pode desfazê-las. Nada mesmo.

Aquele que pensa e faz da ponderação a sua bandeira pessoal sabe discernir entre atrações fugazes, de momento, ditadas pela nossa natureza animalizada, das interações mais iluminadas e destinadas a dar um rumo mais harmonioso às nossas existências. Quando ignoramos isso, erramos e iniciamos um ciclo de relacionamentos de expiação e provas, que predominam entre os encarnados. Muitas dores se originam desse aprendizado. Nesses casos tristes, o prazer que surge como recompensa pelo ato sexual, visando reprodução, logo se converte em sentimento de posse e os dramas obsessivos ligados ao sexo mostram exatamente isso. A vida conjugal se converte em emaranhado de sentimentos desarmônicos, impulsionados pela busca do prazer físico como único objetivo de vida; o prazer acima e a despeito de tudo.

Essa relação de posse vai sendo dissolvida pelas reencarnações sucessivas, onde os parceiros do ato sexual acabam, por vezes, comprometendo suas existências em prol de uma vida vazia ou repleta de atos condenáveis, que se desenvolveram em consequência da posse do(a) parceiro(a, que ainda gravita nas esferas mais densas do orbe. Essa fase é

transitória e caracteriza os mundos de expiação e provas, o que pode ser observado de forma bastante nítida nas reuniões de desobsessão, onde quase 50% dos irmãos atendidos estão padecendo da síndrome de posse ou desejo de posse em relação a alguém, ou se ressentem da rejeição.

Na medida em que harmonizamos nossas vibrações com o progresso geral, nossas existências anteriores se descortinam em nossas mentes e passamos a compreender o sentido real dos valores e comportamentos. Aqueles que se associam por afinidade e progridem junto, como parceiros amados, se completam e não exigem reconhecimento. Nossos desafetos por vezes são introduzidos nessa equação com as intensões de crescimento conjunto; tornam-se nossos filhos e outros parentes próximos.

Com as existências se sucedendo, a amante carnal de ontem, torna-se a esposa de amanhã, filha e mãe. Muitos relacionamentos amorosos tumultuados terminam com o nascimento de um dos antigos parceiros na condição de filho ou filha. Assim, ele ou ela aprenderá a transformar o amor doentio em sentimento sublime para com os pais. Um amor físico que se transmuta e sublima no berço.

Durante essa fase do processo evolutivo, a atração puramente física torna-se secundária e o homem passa a compreender a química da relação como sendo algo que transcende aos substantivos e adjetivos normalmente empregados para descrever as relações puramente sexuais. O conceito de amor, com todas as suas nuances de compartilhamento, coparticipação, entrega e renúncia, torna-se mais importante do que a posse transitória, efêmera. Passamos a entender que o amor transcende o ato sexual e a natureza perecível da matéria e reformulamos o nosso conceito de bem e mal.

Passamos a ponderar sobre o amor verdadeiro, divino, ilimitado e imponderável. Lembremo-nos de Jesus, que chamava o Criador, até então conhecido como o Senhor das Armas, Senhor dos Exércitos, Rei e outras denominações, de Pai. Nosso Pai amado, que nos ama infinitamente, como ilimitadas são todas as suas características.

Passamos a olhar os nossos filhos como parceiros que foram temporariamente colocados sob nossa responsabilidade com o objetivo de crescimento pessoal e coletivo e percebemos que eles são sócios em nossas existências e não propriedade de nosso coração ainda tão apegado ao mundo material.

A evolução irá nos conduzir aos pontos mais extremos do amor puro, reflexo daquele sentimento que o Pai tem por nós. Passaremos e sentiremos, no ar, a energia que sempre emanou Dele e não percebíamos até então. Veremos as provas desse amor incontido e infinito no amanhecer e no ocaso dos nossos dias, nas diferentes esferas da vida. Veremos o princípio vital como expressão mais singela do amor divino e o espírito que nos habita como a manifestação mais pura do mesmo amor, daí dizermos que fora do amor de Deus nada existe.

Do amor que o Pai tem pelos muitos filhos, pródigos ou não, surge o sopro criador que modela o fluído cósmico universal, determina o nascimento dos universos infundáveis.

Assim, diante dessas palavras, que sugerem um contínuo processo de crescimento e aprendizado, como poderia eu levantar ideias vãs e preconcebidas a respeito da sexualidade de meus amigos encarnados. A sexualidade tem que ser mais bem estudada e, para tanto, deixemos os preconceitos de lado, junto do orgulho e do egoísmo, que nos atrapalham e cegam. Como o Mestre Jesus solicitava, não julguemos para não sermos julgados. Cada dia mais, os códigos morais irão se aproximar das leis divinas, mas esse processo é longo e teremos de vencer a animalidade que ainda nos governa. Como frisei algumas vezes, precisamos vencer a inércia e a nós mesmos.

O amor é a força criativa e a natureza mais íntima do ser. Suas manifestações através do sexo, da arte, das descobertas científicas e outras, são santas e benditas. Mas mesmo assim, sempre se aprimoram. Os desvios e desarmonias ligados a todos esses elementos necessitam de ponderação de caráter pessoal e não podem ser categorizadas de forma estanque em quadros preconcebidos ou estereotipados. A inversão sexual (1) não pode ser responsabilizada por todos os desvios de comportamento sexual, uma vez que muitos são os casos em que o reencarnante apresenta absoluta e total sintonia com o corpo e gênero que ora habita, enquanto em outros poucos, a mente e o espírito apresentam características diametralmente opostas, o que ilustra a importância do histórico espiritual nesses casos.

A homossexualidade e todas as formas de exteriorização do impulso sexual nada têm a ver com a natureza do amor em si. Representam apenas a forma com que a consciência do indivíduo se apresenta naquele momento e pode sofrer influência do ambiente e de fatores aprendidos durante o seu desenvolvimento. Além da escolha pessoal, múltiplos fatores condicionam o desenvolvimento dessas características e muitos hoje recebem a missão, na Terra, de colaborar para minimizar o drama do preconceito frente a esses irmãos. De tudo que pode vir a ser reconhecido como “não natural” na

homossexualidade, nada mais artificial do que o preconceito e a agressão a que esses amigos são continuamente expostos. Não gostaria que essas palavras viessem a ser interpretadas como um estímulo a essa condição, mas sim que despertem a compreensão de todos para um aspecto da vida que é complexo e que não pode ser respondido de forma simplista.

Temos de continuar aprendendo e trilhando o caminho do amor verdadeiro, sem máscaras e subterfúgios.

RESUMO DO CAPÍTULO: André Luiz dedica grande atenção ao tema “sexo-vida sexual-amor, advertindo que essa face de nossas existências não pode ser encarada com os olhos do preconceito e do tabu. André associa a energia sexual à criatividade e iniciativa. Desde as suas expressões mais primitivas, observa-se que a atração sexual surge como forma de premiar o ato sexual em si, mas logo vai se transformando de algo animalizado, mecânico, puramente hormonal e fisiológico, em uma relação entre iguais, que comungam sentimentos verdadeiros, de caráter pessoal. A postura e o comportamento do homem diante desses temas refletem a sua própria evolução pessoal. A sublimação desses sentimentos vai transformando o sexo em algo mais profundo. A monogamia o tempera com o amor familiar, expressão do amor divino, modificando comportamentos e abrindo as portas de uma educação infantil mais apropriada. Do ponto de vista espiritual, o sexo e a vida sexual chamam à responsabilidade, uma vez que sempre ocorrem trocas energéticas, mesmo que involuntárias. O autor ainda coloca que o sexo é porta de entrada para processos obsessivos e discorre sobre a importância do equilíbrio daqueles que constituem nossa família nuclear, sempre lembrando que o sexo também provém de Deus e não pode ser demonizado. Em nossas famílias reencontramos antigos adversários, em delicados processos de harmonização, e velhos companheiros, tornando o berço o grande hospital-escola da humanidade e o sexo é a via através do qual o amor divino encontra o caminho para formação de nossas unidades familiares, na santidade plena da vida que se inicia através do processo reencarnatório.

Nota dos Autores

1) A inversão sexual é a condição na qual um espírito com características masculinas ou femininas reencarna em corpo incompatível com essa condição, como um espírito tipicamente masculino habitando o corpo físico de uma mulher, ou o inverso. Na maioria das vezes, a ocorrência desse fenômeno tem relação com desajustes pretéritos, mas nem sempre

Crianças nos Planos Espirituais

Poucos temas são mais difíceis de serem desenvolvidos do que a presença de crianças nos planos espirituais. De maneira geral, elas não são encontradas em ambientes trevosos, uma vez que o ingresso de espíritos nesses ambientes requer a existência de discernimento e os pequeninos, mesmo que tenham longa história reencarnatória, não apresentam esse atributo no momento do desencarne, pelo menos a maioria.

Aquelas crianças que adentram as esferas de refazimento, como por vezes chamamos esses planos próximos à crosta, acabam completando, em ritmo acelerado, o crescimento do corpo perispiritual e seu amadurecimento é bastante precoce, pelo menos em comparação com o crescimento que experimentamos no plano terreno. Em diversos momentos da obra de André Luiz vemos obsessores e demais desafetos do passado, que tiveram o processo de reencarnação interrompido pelo aborto e que, muito rapidamente retornaram à condição de espíritos que envergam discernimento típico dos adultos e buscam a vingança.

Esse rápido retorno às condições mentais de adultos, nos espíritos que sofreram o aborto, possivelmente se dá rapidamente em função da precariedade dos vínculos fluídicos que mantinham o perispírito ligado ao embrião em desenvolvimento, ligação essa que se faz presente através do cordão prateado.

Em outras situações, como o desencarne por acidente ou doença, atingindo criança, o crescimento mental e “corporal” do irmão é bastante acelerado, mas não tão rápido como aquele observado nos casos de aborto, até porque nesses casos a ligação do espírito com o ambiente familiar e com o corpo físico é significativamente mais profunda do que entre os irmãos que padeceram o sofrimento de um aborto criminoso. Um exemplo dessa discussão pode ser lido na bela carta enviada por Sandra Regina Camargo, uma vivaz, alegre e carinhosa menina de 9 anos, que partiu para o mundo maior em 1977, após padecer três longos anos de pertinaz e incurável leucemia. O texto consta do livro “**Estamos no Além**”, de Francisco Cândido Xavier e Hércio Marcos C. Arantes (2ª. Ed. Araras, São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1983). Logo se vê que o espírito comunicante, em questão de poucos meses, recobrou o discernimento de uma mulher jovem, mas aparentemente adulta.

A jovem menina também relata ter “crescido” após a morte, comportando-se, física e psiquicamente, como uma jovem mulher. Como traz o texto, ela “*também revela admirável firmeza de vontade*” e sua nova condição espiritual, não mais de criança e sim de adulta, evidenciada na frase abaixo (página 51):

“Saiba também que cresci. Isso aconteceu na medida de meu desejo interno de me fazer uma pessoa grande, a fim de auxiliar a Mãezinha Sônia”.

A contar pela descrição de “**E a Vida Continua**”, essa transformação, embora rápida não foi instantânea.

O livro “**Crianças no Além**”, de Francisco Cândido Xavier e Caio Ramacciotti (Editora GEEM, 1976), traz a seguinte colocação a respeito do menino Marcos, que desencarnou em acidente de carro:

Marcos-menino continuará Marcos-menino, por algum tempo, na Espiritualidade, qual acontece ao espírito, mesmo quando procede de Altos Cimos da Vida Superior, ao retornar à Terra, para certos fins, sempre compelido a passar pela estação da infância.

E essa transição, como já dissemos, é rápida. O menino Marcos demorou apenas 10 meses para enviar uma comunicação mediúnica por intermédio de Chico Xavier, mas revelava uma lucidez e um vocabulário que não são característicos de uma criança, mesmo relatando que o avô estava ajudando-o na comunicação, muito possivelmente no controle e uso do instrumento mediúnico, que se estabelece em parceria. Vejamos alguns trechos:

Minha querida Mamãe, meu querido Papai (...)

Querida Mamãe, a senhora pede notícias e rogou tanto, mas tanto, perante as orações, que me vejo aqui para trazer a esperança ao seu coração e fortalecer em meu pai a confiança na vida (...)

Meu avô está me auxiliando, mas, por dentro de mim, estou como quem traz o pensamento tropeçando na vontade de chorar.

É preciso ser forte e ser um homem para receber um compromisso desses.

Papai sempre nos ensinou que devemos ser valorosos com a luz da coragem na frente de nossos passos, mas é tanta dor para vencer, querida Mamãe, que eu não tenho forças para remover a situação.

Meu avô diz que não devo procurar desculpas e sim tomar o assunto sem mais demora.

Por isso, quero dizer a você, Mãezinha, para confiar em Deus e na vida...

Rogo a vocês para não se deixarem dominar pelo sofrimento, embora este conselho deva ser ditado para mim mesmo.

Estamos assim como num telefone direto, em que o fio do lápis vai formando as minhas palavras, sem que eu possa receber as palavras de meus pais queridos, ao mesmo tempo.”

Outros parágrafos também denotam crescimento após o desencarne, pelo menos do ponto de vista psicológico. Vejamos:

Desde que acordei aqui, ouço os seus gritos do coração suas palavras que não são faladas, suas preces de aflição no silêncio e suas lágrimas que aí na Terra ninguém vê... Mas peço à senhora, em nome da nossa Sheilinha, do João Batista e em meu nome, para viver e viver com fê em nosso reencontro.

A seguir, o jovem menino de 12 anos descreve a existência de instituições voltadas para o amparo e o acompanhamento das crianças desencarnadas:

Estamos num parque de crianças que vieram para cá apressadamente. Temos tratamentos, exercícios, lições e muito carinho. Muitos meninos já crescidos ajudam os menores e são auxiliares de enfermeiras queridas que nos amparam, como sendo filhos do coração. Temos repouso, mas o repouso é atravessado pelas recordações que se fazem tão vivas como se fossem relâmpagos coloridos e parados em nossas lembranças.

Verifica-se, pelo linguajar mais maduro, que a criança já apresenta a lucidez daqueles que passam a compreender a natureza dos seus dias.

A estrutura desses parques e escolas para crianças desencarnadas é o tema do capítulo 8 de **“Entre a Terra e o Céu”**, onde o ministro Clarêncio acompanha uma excursão de mães encarnadas cujos filhos desencarnaram precocemente. O texto mostra o impacto da visita e alguns aspectos da vida das crianças após o desencarne.

Diz o ministro (páginas 52 e 53):

– Agora, vocês visitarão filhinhos abençoados que a morte lhes arrebatou temporariamente ao convívio terrestre. Vocês se sentem como que num palácio dourado, em pleno paraíso de amor, mas, e os filhinhos que ficam? Haverá Céu sem a presença daqueles que amamos? Teremos paz sem alegria para os que moram em nosso coração? Imaginemos que as algemas do cárcere físico se partissem agora (...) O atormentado lar humano cresceria de vulto na saudade que as tomaria de assalto (...) A lembrança dos filhos aprisionados no Planeta acorrentá-las-ia ao mundo carnal, à maneira de forte raiz retendo a árvore no solo escuro. Os rogos e os gemidos, as lutas e as provas dos rebentos menos felizes da existência lhes falaria ao espírito mais imperiosamente que os cânticos de bem-aventurança dos filhos afortunados e, naturalmente, desceriam do Céu para a Terra, preferindo a posição de angustiadas servas invisíveis, trocando a resplendente glória da liberdade pelos dolorosos

No final do capítulo, André Luiz coloca que...“*Centenas de gárrulas crianças brincavam entre fontes e flores de maravilhoso jardim*”, ao redor de aves mansas que ocupavam a ramaria. Essas aves não são fruto do pensamento daqueles que ali estavam, mas elementos vivos do ambiente astral.

No capítulo 9, vemos a descrição das atividades da casa “Lar da Bênção”, que cuida dessas crianças. Vejamos a narrativa (“**Entre a Terra e o Céu**”, página 56):

Aqui e ali, sob tufos de vegetação verde-clara, muitas senhoras sustentavam lindas crianças nos braços.

– É o Lar da Bênção – informou o instrutor, satisfeito. – Nesta hora, muitas irmãs da Terra chegam em visita a filhinhos desencarnados. Temos aqui importante colônia educativa, misto de escola de mães e domicílio dos pequeninos que regressam da esfera carnal.

A criança, que motivara a visita, falecera em afogamento. A senhora Blandina faz seus apontamentos ao grupo de visitantes (página 57):

–Nosso Júlio, até hoje, ainda não se refez completamente. Ainda grita sob pesadelos inquietantes, como se estivesse a sofrer sob as águas. Chama pelo pai constantemente, apesar de parecer mais receptivo ao nosso carinho. Insiste pela volta a casa, todos os dias.

Logo se vê que a condição mental da criança é de extrema relevância para seu restabelecimento. E isso fica mais claro na sequência de texto abaixo, no diálogo entre Blandina e Clarência (página 58):

– Ainda não se mostrou em condições de partilhar os estudos com os outros? – perguntou o Ministro, interessado.

– Não – informou a interpelada, solícita –, aliás, os nossos benfeitores Augusto e Cornélio, que nos amparam frequentemente, são de parecer que ele não conseguirá adquirir aqui qualquer melhora real, antes da reencarnação que o aguarda. Traz a mente desorganizada por longa indisciplina.

Por esse pequeno trecho, percebemos que o destino que o perispírito toma após o desencarne, como a velocidade de crescimento das crianças, tem relação com sua capacidade de interagir e absorver o ocorrido, sua harmonia mental. No caso desse menino, o período na erraticidade foi utilizado para preparar o jovem para o regresso à crosta, sem os efeitos das desarmonias de existências pregressas (que incluíam um suicídio) nos corpos espirituais do pequenino. Assim, não se tratava de criança que deveria permanecer mais tempo nos planos espirituais, motivo que parece limitar o seu crescimento, diferentemente do que ocorreu com Sandra, a jovem da história de “**Estamos no Além**”.

A condição evolutiva também determina a velocidade com a qual o pequeno ser readquire o total domínio de suas faculdades e isso, em última instância, é o que determina a sua apresentação. Esse fenômeno fica mais claro quando vemos a o diálogo de Hilário e Blandina (“**Entre a Terra e o Céu**”) sobre o destino das crianças desencarnadas (páginas 64 e 65):

–Antigamente, na Terra, conforme a teologia clássica, supúnhamos que os inocentes, depois da morte, permaneciam recolhidos ao descanso do limbo, sem a glória do Céu e sem o tormento do inferno, e, nos últimos tempos, com as novas concepções do Espiritualismo, acreditávamos que o menino desencarnado retomasse, de imediato, a sua personalidade de adulto (...)

– Em muitas situações, é o que acontece – esclareceu Blandina, afetuosa –; quando o Espírito já alcançou elevada classe evolutiva,

assumindo o comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura. Conhecemos grandes almas que renasceram na Terra por brevíssimo prazo, simplesmente com o objetivo de acordar corações queridos para a aquisição de valores morais, recobrando, logo após o serviço levado a efeito, a respectiva apresentação que lhes era costumeira. Contudo, para a grande maioria das crianças que desencarnam, o caminho não é o mesmo. Almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente, acham-se relativamente longe do autogoverno. Jazem conduzidas pela Natureza, à maneira das Criancinhas no colo maternal. Não sabem desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas e, por isso, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. É por esse motivo que não podemos prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do veículo físico, na fase infantil, de vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação, para quantos se acham nos Primeiros degraus da conquista de poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração. E a variação desse tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior, através do próprio aperfeiçoamento moral.”

Podemos ver que, após o desencarne, a apresentação e comportamento típicos da infância continuam por um tempo que varia de espírito a espírito, como não poderia deixar de ser, quando consideramos todos os aspectos que já discutimos desde o início dessa obra. Também não podemos esquecer-nos das crianças que se recusam a crescer e, em função disso, permanecem por décadas com o corpo que lhes era característico no desencarne.

Tivemos a oportunidade de acompanhar a história de um jovem menino de 8 anos, que chamaremos de Mathaus, que assim se mantém desde fevereiro de 1945, segundo nossos guias espirituais, quando desencarnou na região da Pomerânia Oriental, no final da Segunda Guerra Mundial. Tomado pelo medo, em função do destino trágico e violento que assaltou sua família nos momentos finais da tragédia militar, ele ainda se sente profundamente ligado a seus pais de outrora, em cuja família terrena retornará em breves dias, com a anuência da espiritualidade que prepara o seu reingresso na carne. Nesses momentos que precedem o seu regresso ao corpo físico, o jovem passou a visitar sua futura família terrena, composta do antigo pai, agora reencarnado na figura de funcionário público, e sua mãe, uma enfermeira voluntária que falecera na guerra, em importante cidade do Báltico, onde trabalhava junto à Irmã Scheilla, enfermeira que também falecera no bombardeio daquela cidade e que se notabilizou pelo atendimento espiritual através de cromoterapia, após o desencarne (1). Reparem que o ambiente cultural do regresso ao plano físico também é objeto de profundas avaliações e ponderações, sempre objetivando otimizar as possibilidades de sucesso do reencarnante. **Raramente a semente cai muito longe da árvore que a gerou e o acaso realmente é uma ilusão.**

Esse irmão se recusou a assumir a personalidade e a aparência de um adulto. Em função de ansiedade e saudade dos que já reencarnaram (principalmente após o reencarne de sua irmã mais velha, agora com quatro anos), a espiritualidade que trabalha junto a esse pequeno irmão, para atenuar essas desarmonias, solicitou que atividades lúdicas de pintura e modelagem fossem instituídas pelos médiuns, para ambientação de crianças desencarnadas que, por meio de suas congêneres encarnadas (que assistem a tudo), dão início ao processo de aproximação com o ambiente familiar. Esses tratamentos foram sugeridos para os casos em que a dor da separação ou a ansiedade pelo retorno são muito fortes e podem complicar as condições da futura gestação. Nessas atividades, as cores e o ambiente vibratório elevado e familiar acalmam a aflição dos pequenos, que mesmo desencarnados, às vezes apresentam os mesmos comportamentos de crianças encarnadas.

O preparo para o reencarne não atinge apenas a criança que está no período “entre vidas”, mas também os seus futuros pais, que passam a ter aulas em desdobramento do sono e, não raro, estagiam por anos antes do retorno do filho amado, como apresentado no diálogo a seguir, entre Blandina, funcionária do Lar da Benção, e Hilário (“**Entre a Terra e o Céu**”, página 68):

(...) O nosso educandário guarda mais de duas mil crianças, mas, sob os meus cuidados, permanecem apenas doze. Somos um grande conjunto de lares, nos quais muitas almas femininas se reajustam para a venerável missão da maternidade e conosco multidões de meninos encontram abrigo para o desenvolvimento que lhes é necessário, salientando-se que quase todos se destinam ao retorno à Terra para a reintegração no aprendizado que lhes compete.

(...) No fundo, nossa casa é uma larga escola, dotada com todos os recursos indispensáveis ao nosso aproveitamento. Os melhores processos de habilitação espiritual funcionam conosco, em benefício dos que vão renascer na carne e dos que se dirigirão, mais tarde, às Esferas Superiores.

– Mas possuem aqui até mesmo os cursos primários de alfabetização?

E tem gente que acha que vai se livrar da escola depois do desencarne... Doce ilusão. Essa passagem deveria ser

apresentada aos nossos filhos que, por vezes, dizem que preferiam “morrer” para não ir mais para a escola.

Os lares de famílias nas colônias espirituais também são utilizados com finalidade educativa. Em “**Nosso Lar**”, dona Laura, mãe de Lísias, recebe bônus-hora dobrado quando cuida de crianças em casa, mostrando a importância da educação para os pequenos, recriando um ambiente semelhante ao que eles possuíam em sua última estada terrena.

Contudo, alguns trechos dos demais livros de André Luiz são de compreensão mais difícil, como veremos a seguir. Em “**Os Mensageiros**”, nosso autor assiste a uma apresentação musical no Posto de Socorro de Campo de Paz (p. 194), nesses termos:

“Observei, então, que um coro de pequenos musicantes executava harmoniosa peça, ladeando um grande órgão, algo diferente dos que conhecemos na Terra. Oitenta crianças, meninos e meninas, surgiam, ali, num momento vivo, encantador. Cinquenta tangiam instrumentos de corda e trinta conservavam-se, graciosamente, em posição de canto. Executavam, com maravilhosa perfeição, uma linda barcarola que eu nunca ouvira no mundo.

Comovidíssimo, ouvi o administrador explicar:

— As crianças do Posto são as nossas flores vivas. Dão-nos perfume, encantamento, alegria, suavizando-nos todos os trabalhos.”

Sabemos, pela referida obra, que o posto de socorro contava com centenas de funcionários, baterias de defesa e se encontrava no caminho para a crosta terrena, no meio de região de penumbra espiritual, onde já se faz sentir o peso da psicofera terrena e os pensamentos enfermiços e desregrados parecem dominar a vida cotidiana. Tendo em vista que a entrada de espíritos no umbral tem relação direta com suas desarmonias e discernimento, em profunda associação de ambos, não é de se esperar a presença de crianças aí. Pelo menos creio que elas não foram resgatadas dos vales de dor, mas viviam nas acomodações do posto de socorro.

Uma vez que o sofrimento pode ser instrumento de aprendizado e uma criança, na acepção mais estrita do termo, não é definida apenas pela idade aparente, mas também pela limitada compreensão de mundo, não posso conceber que uma criança desencarnada, mesmo que carregando numerosas desarmonias, seria penalizada pela dor e sofrimento como forma de estimulá-la ao crescimento e reforma pessoal. Não faz sentido isso. Elas não teriam noção plena de sua responsabilidade, o que limitaria sua capacidade de tomar decisões e sua responsabilidade pelas atitudes tomadas. Em condições normais elas seriam encaminhadas para uma instituição educacional do tipo “Lar da Benção”, descrito acima.

A presença de tantas crianças pode ser um indicativo de que elas vivem, normalmente, ali, talvez filhas dos próprios funcionários que trabalham e estagiam no posto. Mas como dezenas de crianças e seus familiares todos iriam parar com o desencarne em uma mesma instituição com características tão peculiares? Acidentes? Desastres naturais? Muitas explicações, mas a mais simples é que elas nasceram ali mesmo. Se utilizarmos o princípio da navalha de Occam, tão utilizada pelos cosmólogos no estudo o universo, veremos que essa última hipótese é a mais provável.

Segundo pesquisa realizada no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Navalha_de_Occam, extraímos a seguinte definição acerca do conceito mencionado:

A Navalha de Occam defende a intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo. William de Ockham defende o princípio de que a natureza é por si mesma econômica, optando invariavelmente pelo caminho mais simples.

William de Ockham, por outro lado, achava que a aplicação muito restrita desse princípio limitaria o poder de Deus (que deveria poder escolher um caminho mais complicado para alguns fenômenos se assim desejasse). No entanto, Ockham defendia que o homem, nas suas teorias, deveria sempre eliminar conceitos supérfluos.

Entre criar situações mirabolantes para colocar tantas crianças em um posto socorrista ou outra instituição de auxílio, sendo que tal auxílio não se destinava a elas, nada mais simples do que transpor os limites do preconceito e admitir, pelo menos em tese, o que espíritos como Inácio Ferreira, Adolph Fritz, Joseph Gleber, Klaus vêm advogando: **sob condições e em**

planos vibratórios determinados, a vida prospera e poucas diferenças podem ser detectadas em relação à biosfera de nosso mundo.

Em alguns desses planos, a maturação dos órgãos reprodutivos do perispírito poderia ocorrer, o que não me surpreende diante do estudo que apresentamos no capítulo “O Perispírito e sua Fisiologia”. A materialidade do corpo espiritual é uma unanimidade nas comunicações psicográficas de espíritos tidos como luminares ou esclarecidos, como Emmanuel. Em entrevista com Chico Xavier, o repórter questionou sobre os abusos da sexualidade em tempos modernos e o amoroso amigo colocou que o sexo era divino e que os órgãos reprodutores, como qualquer um dos sistemas orgânicos que nos constitui, não mereciam qualquer comentário pejorativo, posto que também eram divinos em essência. Devemos parar de demonizar o que tem relação com a vida.

Em outro ponto, no livro “**Libertação**”, André Luiz se espanta com a ausência de crianças em um plano vibratório próximo do umbral mais denso ou mesmo em uma região subcristal e, muito mais do que as palavras em si, a forma com que elas foram colocadas sugere que pais e filhos em sociedades astrais são uma situação absolutamente comum, muito mais do que o esperado pela presença de crianças desencarnadas. Vejamos o texto (página 75):

(...) E porque não visse crianças, exceção feita das raças de anões, cuja existência percebia sem distinguir os pais dos filhos, arrisquei, de novo, uma indagação, em voz baixa.

Respondeu o instrutor, atencioso:

– Para os homens da Terra, propriamente considerados, este plano é quase infernal. Se a compaixão humana separa as crianças dos criminosos definidos, que dizer do carinho com que a compaixão celestial vela pelos infantes?

Quando André Luiz faz uma alusão à ausência de crianças, que, obviamente, não representam o segmento mais numeroso nas diversas comunidades espirituais, deveríamos nos perguntar o porquê desse espanto. Essa ausência relativa ou absoluta seria natural, certo? Parece que não.

As crianças normalmente seriam poucas nas colônias de refazimento, voltadas para o progresso, uma vez que a expectativa da vida da população encarnada está se dilatando cada vez mais e poucas crianças desencarnam por doenças passíveis de prevenção, como as diarreias infantis e doenças parasitárias. Também estariam ausentes nas comunidades trevosas porque não são plenamente responsáveis pelas atitudes que têm, limitando o aprendizado corretivo nas esferas de dor e sofrimento. Nesse último caso, não estariam presentes nas cidades das trevas em função da misericórdia divina.

Quando ele cita que os anões, uma categoria ou “raça” humana, tinham crianças, ou melhor, filhos, ele empresta o sentido de “nascer”, uma vez que o plano físico não apresenta uma “raça” dessas e André Luiz é, normalmente, muito cuidadoso com as palavras (qualquer um que utilizasse essa terminologia hoje para se referir a algum grupamento humano com baixa estatura estaria cometendo um erro médico e antropológico grave; seria considerado um preconceituoso; creio que ele se refere a algum grupamento com características humanóides, tanto físicas como psíquicas, habitando um plano astral particular). Se essa “raça” de anões não existe no plano físico, esses filhos somente poderiam ter nascido no plano astral em que se encontravam. Dessa forma, podemos supor que, para seres em processo de evolução, mas ainda não atingindo a condição humana plena, os planos mais densos poderiam oferecer as condições adequadas para gestação e tudo o mais... E se isso ocorre com categorias próximas às humanas, por que os humanos em condições mais sublimadas não poderiam apresentar o mesmo potencial reprodutor em esferas mais elevadas? Não podemos nos esquecer de que a vida segue modelos de simetria e reprodução não é crime.

Epicurus textualmente coloca que:

Há infinitos mundos tanto semelhantes como distintos do nosso próprio... Devemos acreditar que em todos os universos há seres vivos, plantas e outras coisas que vemos nesse mundo.

Essas palavras de 2300 anos traduzem com perfeição o que os livros de André Luiz nos mostram. Os planos espirituais são um contínuo com o plano “físico” e isso é de grande valor para entendermos o fenômeno do renascimento (ou pelo menos a sua possibilidade) nessas esferas.

Devo esclarecer que os pigmeus, bosquímanos e os hotentotes, povos africanos de baixa estatura, não podem ser confundidos com anões e ele, sendo um médico, não cometeria um erro dessa natureza, de tal gravidade. Tais crianças, “filhas de anões”, somente podem ter recebido o ventre materno nas regiões trevosas onde se encontra a colônia purgatorial de “**Libertação**”. Esse é um aspecto bastante controverso, mas se pouca informação aborda o tema diretamente, apenas aludindo à plenitude da fisiologia do corpo perispiritual ou a existência de animais, que não são fruto da atividade mental dos desencarnados presentes nos diversos planos (sugerindo que esses animais nasceram ali), nada também desabona a ideia.

Diversos grupos se questionam sobre os motivos que levariam a espiritualidade a omitir a existência de renascimentos em outros planos de vida. Alguns desses motivos podem ser encontrados no livro “**Vida Além da Vida**”, mas todos conhecemos a maneira egocêntrica com que nossa espécie encara o mundo. Graças aos cientistas do renascimento sabemos que a Terra não é o centro do universo, que nosso sistema solar é um de bilhões de outros que compõem essa galáxia, que nossa galáxia é uma das duzentas bilhões de estruturas similares no nosso universo e hoje alguns físicos já acreditam que muitos outros universos estão ao nosso redor. Só faltava que o centro do orbe terreno não fosse o nosso plano. As coisas não parecem ser tão simples assim, com a existência de um plano denso para onde os desencarnados iriam, em fila, seguindo o merecimento pessoal, programação reencarnatória e outros critérios. Essa realidade, que julgamos certa e estável, é apenas uma das possibilidades; outras existem e parecem ser tão palpáveis quanto a nossa, como Epicurus falou três séculos antes do nascimento do Cristo.

Tudo indica que a vida em nosso plano é apenas uma face dessa estrutura multifacetada. Se assim for, perderíamos até a primazia sobre a estrutura do orbe como um todo. Os diferentes aspectos da obra de André Luiz sugerem isso e não tenho muitos receios em admitir que essa visão nos aproxima de diversas filosofias reencarnacionistas com milênios de idade, na Grécia Antiga, Índia e China. Essas filosofias mostram os planos espirituais como níveis diferenciados da nossa realidade, mais ricos e plenos e os textos aqui analisados apontam exatamente nessa direção e a reencarnação/renascimento nesses planos é algo que a filosofia yoga aceita naturalmente, conforme nos apresenta o iogue indiano Paramahansa Yogananda.

Fomos nós que, após séculos de misticismo e castração religiosa em uma Europa mergulhada em sectarismos e rivalidades, passamos a ver os espíritos como fumaça ou mágica, algo transcendente e sem conexão com o mundo físico. O espírito de nosso pai terreno, desencarnado, na mente de muitos espíritas, se transfigura em outro ser completamente separado e desprovido de toda sua essência original. Isso não poderia ocorrer, mas ocorre. Assistam aos programas sobre fenômenos mediúnicos que abundam na televisão mundial, principalmente a norte-americana, e entenderão o que estou falando.

Outro aspecto que parece confirmar que, pelo menos em alguns planos vibratórios, as crianças presentes nas colônias não se originam apenas dos desencarnados do plano físico, mas podem ingressar pelo ventre perispiritual em esferas nas quais têm elementos para aprender e vivenciar, é a forma que ele, André, e seus instrutores se referem à dualidade morte-renascimento e o ingresso em outros planos de vida. Por exemplo, quando falam sobre a perda do perispírito, André Luiz e seus mentores usam a expressão “segunda morte”, que não deixa de significar que o ingresso em um plano significa a morte do veículo utilizado em outro. Vale a pena a leitura do parágrafo seguinte, também retirado de “**Libertação**”:

Gúbio, falando da segunda morte, da perda do veículo perispiritico (páginas 105 e 106)...

– Viste companheiros – prosseguiu o orientador –, que se desfizeram dele, rumo a esferas sublimes, cuja grandeza por enquanto não nos é dado sondar, e observaste irmãos que se submeteram a operações redutivas e desintegradoras dos elementos perispiríticos para nascerem na carne terrestre. Os primeiros são servidores enobrecidos e gloriosos, no dever bem cumprido, enquanto que os segundos são colegas nossos, que já merecem a reencarnação trabalhada por valores intercessores (...)

Nesse texto, a reencarnação no plano físico é encarada como uma morte no plano espiritual onde residia o espírito, que irá habitar o corpo denso e o assunto é encarado de forma absolutamente natural. Muitos espíritas dizem que a reencarnação, ou melhor, renascimento, nos planos espirituais não pode ser provada ou apresenta elementos contraditórios, mas gostaria de lembrar que a reencarnação no plano em que nos encontramos também não foi provada de forma inequívoca e sabemos que ela

existe e está por todo lado. Os poucos cientistas que ousaram dizer que acreditavam em reencarnação foram ridicularizados pela comunidade científica e deixaram de ser convidados para palestras diante de públicos mais seletos. Por vezes esses estudiosos tiveram de recorrer a recursos do próprio bolso para arcar com suas pesquisas por acreditar em reencarnação.

Peço-lhes que encarrem essa realidade: nenhum pesquisador sério pode provar, de forma incontestável, que a reencarnação no nosso plano existe. Contudo sabemos que ela é real e muitos bilhões de seres humanos acreditam na sua ocorrência, mas isso não basta para a ciência. Dessa forma, não podemos ter o rigor exacerbado na análise dos dados, tampouco jogar fora uma ideia que muitos hoje endossam como razoável. Em nosso meio o mesmo fenômeno também ocorre. Alguns médiuns que falam sobre o renascimento em outros planos estão sendo submetidos a uma espécie de ostracismo na comunidade espírita, o que vai contra a própria natureza da Doutrina dos Espíritos.

A maioria da humanidade encarnada não se lembra do seu passado nas esferas espirituais ou mesmo em suas existências terrenas prévias porque as pessoas nascem e morrem sem um crescimento espiritual significativo, movidas por uma inércia que reluta em abandonar os nossos corações, segundo psicografia de um amigo espiritual abordando a falta de comprometimento nos trabalhos com Jesus. Pesam mais as palavras do que o sentido que elas traduzem, geração após geração, e todos sabemos as consequências dessa postura. **Não nos lembramos de nada ou quase nada dessa estada nos planos espirituais porque quase nada temos de notável ou digno para ser lembrado, o que faz do esquecimento do passado uma necessidade para apagar as criações terríveis deixadas nas nossas vidas pretéritas. Além disso, ainda somos muito pouco espiritualizados, o que ajuda a entender as nossas ênfases em vida.**

Dando um sentido mais amplo a essas palavras, André Luiz, em diálogo com Gúbio, continua (“**Libertação**”, página 105)...

– Sim– acentuei –, tenho acompanhado vários amigos à tarefa reencarnacionista, quando, atraídos por imperativos de evolução e redenção, tornam ao corpo de carne. De outras vezes, raras aliás, tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual, conquistando planos mais altos. A esses missionários, distinguidos por elevados títulos na vida superior, não me foi possível seguir de perto.

E como se daria a troca desse vaso perispiritual a que André Luiz faz alusão? Em novo renascimento, em um novo plano, em novas condições e seguindo a corrente da vida, plena, sublime e divina. Onde pais e mães compostos de uma matéria que transcende ao que conhecemos aqui pegam crianças nos seus braços amorosos, chamam-nas de “filhos amados” e darão todo amparo ao seu crescimento, como nós mesmos fazemos com os nossos pequeninos...

Essa relutância em aceitar que o renascimento é evento natural em outros planos dimensionais é semelhante à dificuldade de muitos cristãos mais tradicionalistas em aceitar que Jesus não foi gerado por um Espírito Santo de Deus, mas sim por um pai cujo corpo físico abraçava um santo espírito com características fenotípicas e genotípicas masculinas. **O que se transforma em dogma não pode ser mais discutido e hoje os espíritas correm o risco de colocar o renascimento/reencarnação em uma posição dogmática, mas cheia de academicismos, bem ao gosto do público com boa instrução formal.**

Somos tão primitivos, em nosso momento evolutivo atual, que Gúbio fala do perispírito como algo quase tão denso quanto o corpo físico e demonstra grande vontade de ascender a realidades mais sutis e nobres...

O texto original é extremamente rico, descrevendo a nossa prisão após a morte como sendo de natureza fisispiritual. Textos semelhantes falam da prisão que o corpo físico representa para o perispírito. Coincidência? Creio que não, mas realidades que se somam e completam. Acompanhem o texto a seguir (“**Libertação**”, página 106):

(...) Enriquecer a mente de conhecimentos novos, aperfeiçoar-lhe as faculdades de expressão, purificá-la nas correntes iluminativas do bem e engrandecê-la com a incorporação definitiva de princípios nobres é desenvolver nosso corpo glorioso, na expressão do apóstolo Paulo, estruturando-o em matéria sublimada e divina. Essa matéria, André, é o tipo de veículo a que aspiramos, ao nos referirmos à vida que nos é superior. **Estamos ainda presos às aglutinações celulares dos elementos fisispirituais, tanto quanto a tartaruga permanece algemada à carapaça.** Imergimo-nos dentro dos fluidos carnis e deles nos libertamos, em vicioso vaivém, através de existências numerosas, até que acordemos a vida mental para expressões santificadoras. **(o destaque é nosso).**

Essa questão do renascimento em planos espirituais mais elevados também pode encontrar algum amparo na codificação de Kardec. O assunto é abordado quando se discute as categorias dos mundos habitados. Transcrevo, abaixo, alguns parágrafos retirados do **Evangelho Segundo o Espiritismo**, alicerce doutrinário de nossa vertente religiosa, em associação ao **Livro dos Espíritos** e demais obras básicas da Doutrina dos Espíritos.

Os fragmentos são apresentados abaixo, na ordem em que foram encontrados no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, mas não são sequenciais. Vejamos:

A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores nada tem de absoluta; é, antes, muito relativa. Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva (página 51).

Entre esses graus inferiores e os mais elevados, inúmeros outros há, e difícil é reconhecer-se nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, os que foram esses seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto se custa a reconhecer o embrião (página 51).

Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas das da vida na Terra. Como por toda parte, a forma corpórea aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e não está, conseguintemente, sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca. Mais apurados, os sentidos são aptos a percepções a que neste mundo a grosseria da matéria obsta. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Os homens conservam, a seu grado, os traços de suas passadas migrações e se mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, porém, irradiando uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida cintilam com o fulgor que os pintores hão figurado no nimbo ou auréola dos santos (páginas 51 e 52).

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e curta ou quase nula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir. Durante a vida, a alma, já não tendo a constri-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento (página 52).

Essas descrições, acima, dizem respeito à vida encarnada em mundos mais evoluídos e felizes, onde os encarnados e os desencarnados parecem ter atributos muito semelhantes e estão unidos por um contínuo evolutivo. Nessas sociedades, os encarnados envergam corpos mais leves e sutis, possuem pleno intercâmbio com a espiritualidade que os envolve e sofrem muito menos os efeitos do decaimento da matéria, que neles parece ter outra natureza, mais sublime, sutil. Muitos espíritas acreditam que o nosso corpo físico vai se transformar de forma pronunciada, na medida em que evoluirmos moral e intelectualmente, mas acho isso infantil. Fui ácido demais, retiro, mas acho essa postura temerária, posto ser muitíssimo improvável.

Gostaríamos de dar um exemplo. A despeito de Jean-Baptiste Roustaing advogar que Jesus não teve um corpo físico, apenas fluídico, os evangelhos canônicos mostram o contrário, com o Mestre dos Mestres transpirando sangue, sentindo dor física, cansaço e problemas cardiovasculares na cruz. Ele, o Cristo, espírito mais evoluído que adentrou o orbe terreno, autor das lições mais lindas que a humanidade teve acesso, veio de uma mulher e de um homem e desencarnou como todos nós já o fizemos e faremos inúmeras vezes. Para se apresentar entre nós, veio como um de nós, muito embora Sua essência fosse absolutamente incompreensível para o grau de nosso conhecimento espiritual. As proteínas que O constituíam e as proteínas que constituem as formas de vida mais simples do nosso planeta, como as bactérias, eram diferentes? NÃO. ABSOLUTAMENTE, NÃO.

A vida na Terra tem, aproximadamente, quatro bilhões de anos e todas as suas manifestações comungam a mesma estrutura básica. Em bilhões de anos, pudemos ver muitas metamorfoses, mas não com relação à natureza da matéria que nos constitui, ou seja, se alguma transformação vier a ocorrer, e creio que isso sempre ocorreu e está ocorrendo nesse momento, se dará pelo ingresso de almas já mais sublimadas em esferas que possam dar-lhes guarida e reforçar seu crescimento evolutivo, em nosso próprio orbe e outros orbes do universo. Em nosso grupo de estudos, um grande amigo disse que esses orbes sublimados não derivam de planetas que passaram por outros estágios evolutivos, mas isso não é real. Kardec deixa claro que os mundos primitivos, de expiação e provas, os mundos em regeneração e outros ainda irão atingir a plenitude de suas sociedades, mas tudo indica que isso se dará em planos diferentes da nossa esfera densa, o que supõe a necessidade de renascimento nesses planos, uma vez que ele se refere à população encarnada ou dotada de corpo capaz de gerar descendentes.

Poderíamos chamar de encarnados aqueles irmãos que adentraram os planos de vida através do ventre e desencarnados aqueles que o fizeram pela perda de um corpo mais denso, que, convencionalmente, chamamos de morte. Nada muito além disso.

Se a natureza física de nosso corpo encarnado não mudou nos últimos bilhões de anos, e disso temos segurança absoluta, é porque, em grande parte, chegará o momento em que o corpo físico terreno não permitirá, seguindo as leis biológicas que nos governam, sofrer transformações radicais de natureza. Mudamos o desenho, o modelo do organismo, mas não sua essência. Todas as formas de vida que hoje dividem conosco esse planeta azul apresentam a mesma estrutura básica. Contudo, corpos compostos de matéria diferenciada, que possuam as propriedades que lemos acima, no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, existem sim, mas nos planos espirituais, constituindo o perispírito de todos nós. Santo Agostinho, de forma muito sutil e educada, coloca que vamos nascer em planos diferentes e a matéria que constitui esses planos é assunto das discussões acima, na obra de André Luiz.

Por isso Joseph Gleber e Ishmael chamam os planos em que crianças nascem de planos de trabalho e refazimento. Refazimento para uns e trabalho para outros. O nosso plano é de trabalho e está entre os inferiores, de forma que aqui adentramos apenas pelo ventre. Pouco nos diferenciamos do umbral, mesmo as áreas mais densas desse último. Os nascimentos em planos próximos ao nosso também estão sujeitos ao contínuo de vida que nos obriga a nascer e morrer. Lá teríamos o mesmo fenômeno, invertendo-se a ordem, onde o reencarnante “morre” para aquele plano espiritual e renasce na Terra de nossos domínios vibratórios, no mundo mais denso.

Em planos mais altos, em outras esferas evolutivas, temos os dois fenômenos ocorrendo normalmente em uma população com predicados muito diferentes da nossa. Acredito piamente nas muitas palavras dos espíritos da codificação, **mas elas somente ganham o real sentido se interpretadas dentro desse conceito mais amplo do renascimento em planos sucessivos de um mesmo orbe ou de vários orbes planetários. Em cada plano teríamos um tipo diferente de corpo físico-espiritual, constituído de uma matéria peculiar e plenamente capaz de permitir os fenômenos retratados no evangelho.**

Deixemos o tempo falar.

O desenho da Figura 4 pode facilitar a compreensão dessa realidade. A figura foi inspirada em gravura apresentada por Joseph Gleber em uma visita de desdobramento do sono. Os detalhes mais profundos da figura nos faltam por completo, principalmente no que diz respeito ao ritmo do processo evolutivo ao longo de séculos ou milênios.

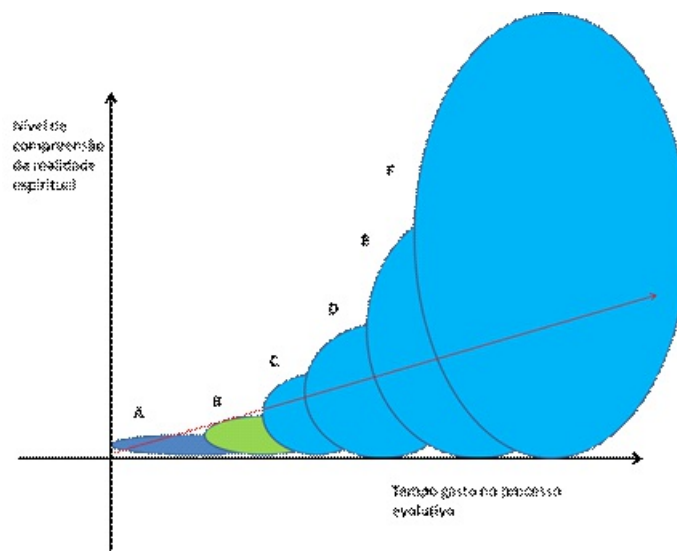


Figura 4. Tempo gasto no processo evolutivo e nível de discernimento espiritual.

Na Figura 4, cada forma ovalada ou elíptica representa um universo mental e espiritual, onde o eixo das ordenadas (eixo vertical) determina o nível de conhecimento adquirido e compreensão do Todo e o eixo das abscissas (eixo horizontal) é diretamente ligado ao tempo gasto naquela fase da vida espiritual. O traço vermelho representa o sentido evolutivo da humanidade, nos diversos planos de vida.

A forma A, na figura, representa os mundos primitivos, antes do desenvolvimento de civilizações tecnológicas, a forma B é a que nos encontramos hoje, embora já em fase de transição para a fase C. A fase B equivale aos mundos de expiação e provas, enquanto os orbes em regeneração representam a forma C na figura, enquanto a forma D, E e F são destinadas a representar os mundos evoluídos, tecnológica e moralmente avançados, mundos felizes e as Esferas Crísticas, respectivamente.

Observem que o tempo necessário para espiritualização da população é maior no início do processo evolutivo, exacerbando-se a velocidade da transformação com o desenvolvimento de uma consciência coletiva, uma noção de “*fazer parte*”. Propositamente, a forma F é aberta nas suas extremidades, tanto na extremidade direita quanto no canto superior, demonstrando que o tempo gasto na mesma e o conhecimento adquirido são inacessíveis à nossa limitada compreensão e denota que o processo evolutivo é um contínuo.

As diferentes formas, que são mais ou menos elípticas, se interconectam em sequência porque a velocidade de crescimento espiritual é diferente para cada indivíduo de uma dada população, de forma que temos irmãos que estão adentrando outra fase da evolução planetária, enquanto alguns ainda engatinham no processo. Periódicos saneamentos vibratórios dos diversos orbes pelo universo impedem que um grupo mais recalcitrante impeça a elevação da maioria da população de determinada comunidade e isso ocorre em todos os âmbitos.

Segundo nosso mentor, Dr. Joseph Gleber, e nosso amigo, Dr. Adolph Fritz, a partir da fase C, a reencarnação nos planos espirituais torna-se mais proeminente, embora aconteça nas fases anteriores e em condições determinadas. Além dessa figura, gostaríamos de colocar que a estrutura do orbe terreno já possui esferas que se encontram em fases muito diferentes da evolução planetária, onde o período de transição para a regeneração já começou e outras em que a vida atingiu limites de sublimação que são impensáveis para os encarnados. Sei que essas palavras podem parecer estranhas, mesmo aos espíritas, mas os Imortais, representados na figura de Jesus e seus auxiliares, estão em contato com os encarnados a todo o momento e, com o tempo, suas esferas de atuação serão cada vez mais ocupadas pelo homem comum que cresce em conhecimento e senso moral, desenvolvendo noções mais íntimas (e menos estereotipadas) sobre o que é certo ou errado, algo como “moral sem moralismo”.

Essa diferença de condição espiritual atua sobre cada um de nós, uma vez que nascemos em grupos que nos são afins. Espíritos diferentes, com níveis diferentes de compreensão do universo, reencarnando em condições que lhes é mais peculiar... Renascendo em um regime de meritocracia plena, onde as possibilidades evolutivas são estendidas de acordo com a capacidade e vontade de cada um, em uma filosofia claramente implícita na Figura 4 e no texto abaixo, retirado de “**Missionários da Luz**” (página 200).

(...) Grande percentagem de reencarnações na Crosta se processa em moldes padronizados para todos, no campo de manifestações puramente evolutivas. Mas outra percentagem não obedece ao mesmo programa. Elevando-se a alma em cultura, conhecimentos e, conseqüentemente, em responsabilidade, o processo reencarnacionista individual é mais complexo, fugindo à expressão geral, como é lógico. Em vista disso, as colônias espirituais mais elevadas mantêm serviços especiais para a reencarnação de trabalhadores e missionários.

E como declara o instrutor Alexandre, em “**Missionários da Luz**” (página 255 e 256):

–Não há criação sem fecundação. As formas físicas descendem das uniões físicas. As construções espirituais procedem das uniões espirituais. A obra do Universo é filha de Deus. O sexo, portanto, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres, é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos, até que venhamos a atingir o campo da Harmonia Perfeita, onde essas qualidades se equilibram no seio da Divindade.

Com as suas peculiaridades, a vida se manifesta de forma plena em todas as esferas divinas, uma vez que tudo provém de Deus e a Ele retorna. Esse pequeno parágrafo de André Luiz mereceria destaque, mas são tantos os destaques nessa maravilhosa obra...

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Jörg Stephan; data: 30 de maio de 2012)

No dia 30 de maio de 2012, recebemos um texto transmitido pelo amigo Ishmael, secundado, naquela ocasião, pelo companheiro Joseph Gleber, abordando o renascimento nos planos espirituais.

Para nossa surpresa, Ishmael disse que a autoria do texto não era sua e devia ser atribuída a um irmão residindo em um plano mais alto, *Jörg Stephan*, e que ele, como espírito, atuara apenas como médium do outro companheiro. O texto inteiro pode ser encontrado no livro “**Vida Além da Vida**”. Analisamos o texto diversas vezes e continuamos nos surpreendendo. Vejamos:

O Amor e a Vida. Uma só realidade.

O mestre divino colocou, com palavras bastante claras, que o amor levava à vida. O amor é o caminho pelo qual a vida se manifesta. Onde existir amor, a vida se apresenta, em um dueto maravilhoso.

Existem diversos planos de vibrações diferentes ao redor do mundo físico, cada qual com sua realidade e suas peculiaridades. Em alguns desses planos, adentramos através da morte do aparelho físico, enquanto outros o ingresso se dá “pela encarnação” em um veículo ou corpo mais sutil ao veículo físico, enquanto, em outros planos, o ingresso se dá apenas através do nascimento tradicional, conhecido de todos nós como reencarnação.

Nos planos espirituais a vida se manifesta de forma diferente e imensamente mais rica. Mais libertos do corpo físico, animais, vegetais e homens aprendem e aperfeiçoam suas características próprias. Sim, existe vida de todo tipo do lado de cá, tanto quanto entre os encarnados. Com a diferença maior de que vivemos em condições diferentes de percepção.

Amamo-nos e reencarnamos nos planos vitais que ainda nos acrescentam experiências e desafios. Quando deixarmos para trás nossas dívidas com o plano físico, passamos a nascer em outros planos dimensionais que, no presente, vocês chamam de “planos espirituais”. Particularmente, tudo é espiritual, mudando apenas o tipo de invólucro através do qual o espírito se reveste.

Vocês se espantarão quando encontrarem a realidade extrafísica que tenho ao meu lado. Crianças lindas que se preparam para nascer em outros planos e universos, conduzindo, com o seu coração pleno, a alegria do reencarne por escolha própria, na forma de irmãos que buscam o crescimento coletivo e não apenas pessoal.

O perispírito é a roupagem que estrutura e modela o corpo físico, sendo, ele mesmo, reflexo dos demais corpos espirituais superiores, de forma que ele também possui uma natureza material, apenas vibrando em frequência diferente do corpo físico. Essa realidade é tão certa que, em nosso plano de vida, vivemos como se fôssemos encarnados. Quando o reencarne de aproxima, sentimos o peso da matéria se aproximando e manifestamos as mesmas características que vocês sentem quando estão próximos do desencarne no plano físico, como angústia, aflição e perda de capacidades motoras e cognitivas, apenas com o diferencial de que o processo é de muito curta duração e é de conhecimento de todos. Não há trauma.

Em nosso meio, as crianças também nascem, fruto do amor entre iguais. Continuamos homens e mulheres, porque essa é uma condição útil, mas transitória. Os rebentos que ganham um perispírito mais denso entre nós vêm para nosso plano oriundos de planos mais elevados ou aqui estão para mudar seu histórico de vida, da mesma forma que fazíamos em relação ao corpo físico e o mundo da matéria mais densa.

O segredo desse processo está contido na palavra amor, porque a vida deriva do amor, mesmo que animal ou transitório, representado por espíritos que ainda se animalizam. Por que vocês se assustam com a ideia de crianças nascendo nos umbrais mais amenos? Não seriam esses lugares expressões semelhantes às periferias das grandes cidades do mundo físico? Sim. E Deus não desampara a esses pequeninos. Eles somente ganham a oportunidade de retorno em ambientes capazes de suportá-los e sempre contam com a proteção dos guias espirituais que possibilitaram o processo de retorno.

Contudo, o nascimento é limitado pela faixa vibratória característica dos umbrais mais densos, das trevas profundas e abismos, afinal como pode haver amor para os seres que se unem apenas para odiar? Como pode um ser gerado e transportado por dias, semanas ou meses, dependendo do plano vibratório em que se dá o fenômeno, sem que haja uma gota de amor ou de altruísmo.

Não, meus amigos, não! Não é possível. Mesmo o amor servil e físico estabelece liames entre todos os envolvidos. Não existe coração que não seja influenciado pela vida que brota na figura de um ser tão dependente e frágil, mas que carrega em seu íntimo inúmeras possibilidades. O filho de hoje é o pai de amanhã.

Em mundos de expiação e provas e nos mundos primitivos, os planos físicos somente podem ser adentrados pelo berço, que constitui a cura para todas as imperfeições da alma, enquanto os planos espirituais inferiores somente são adentrados com a morte do corpo denso, enquanto os planos umbralinos mais amenos, planos intermediários e planos mais elevados podem ser adentrados pela perda de corpos mais densos, ou seja, a morte, e pela aquisição de corpos espirituais mais sutis, em berços com mais ou menos luz, conforme a liberdade do irmão “reencarnante”. É um processo semelhante, embora mais rápido, do que aquele que acontece por ocasião do reencarne no plano físico.

A evolução se dá por repetição e aprimoramento e aquilo que vocês percebem como um plano espiritual é, para nós, tão físico quanto sentíamos em relação ao seu mundo, quando estávamos entre vocês. A nossa essência é imaterial e somente será atingida com a perda progressiva dos grillhões materiais e esse processo se dará em muitas etapas.

A reencarnação no plano espiritual, pelo menos em algumas frequências vibratórias, é uma regra que escapou das percepções mediúnicas em função de diversos fatores. O principal deles é que as comunicações mediúnicas refletiam a necessidade de luz da população para a qual se destinava, bem como a evolução espiritual do médium e do irmão comunicante.

Até ontem, as mensagens espirituais se destinavam a mostrar que a morte do corpo físico era um processo de renovação e libertação associado ao fenômeno de reencarnação. As pessoas viviam suas angústias e aflições do dia a dia, que refletiam a miséria íntima de cada um. Elas precisavam saber que a morte não existe, apenas isso.

Hoje podemos mostrar que o nascimento também se abre em outros planos da matéria e energia no universo, mais utilizados. Podemos dizer que o coração humano está preparado para compreender os ciclos de vida-morte que se fazem presentes, em todas as direções.

Essa questão traz uma implicação extremamente importante. Não havendo nascimentos entre as dimensões das trevas, podemos dizer que elas são incompletas? Sim, indubitavelmente, pois somente o amor, divino e humano, harmoniza as estruturas do universo e da vida, em um todo. Nesses planos, se não fosse o amor divino, sempre presente, a própria estrutura da matéria iria de decompor como parte de uma ilusão.

Na medida em que sintonizamos com realidades mais elaboradas, percebemos que as diferenças entre os seres, entre as diferentes criaturas vivas, são apenas alegóricas e periféricas. Somos filhos do amor de Deus e através do amor dos homens a centelha divina se manifesta em quase todos os ambientes e dimensões.

Aquele que ama gera vida.

Aquele que sente o amor verdadeiro não encontra a morte, que passa a ser sentida como uma transição para um estado mais pleno e isso se mantém até que todas as imperfeições da matéria não acrescentem nada mais para o espírito imortal e, a partir daquele momento, nos livramos da necessidade imperativa da reencarnação, independentemente de onde o processo se manifesta.

É um contínuo e não pode ser rompido. É a ordem natural das coisas, preditas por Jesus, em perfeita sintonia com o Pai.

Para concluir esse tema, inserimos algumas palavras de Ishmael, publicadas anteriormente em “**Vida Além da Vida**”. O texto transcrito coloca que:

O nascimento nos planos espirituais (próximos à Terra e na posição evolutiva de nosso mundo) não é muito comum porque a vida é uma oportunidade de reingressar na escola das provas e isso se dá mais forçosamente no plano físico, mais rico em desafios de todo tipo. Como a maioria de nós ainda tem muitas contas a acertar com a carne e, no plano espiritual, precisamos de todo o tempo disponível para se preparar para novas jornadas no mundo mais denso, filhos aqui não são normalmente cogitados. Do ponto de vista biológico, o que determina a fecundação, no plano espiritual, é a existência de gametas, oriundos dos órgãos do perispírito, e a vontade verdadeira dos envolvidos.

Além desse aspecto, a gravidez no plano espiritual é de curta duração e a criança apresenta um crescimento mental e "físico" notável. Quase sempre temos o nascimento de nossos entes queridos de outrora, antigos pais e mães e demais parentes próximos que deverão permanecer em nosso plano de vida, vindos de outros mais elevados, por um período mais ou menos longo, o que justificaria o renascimento em nossa esfera, sem apresentar a necessidade de severos resgates de dívidas. Se a permanência desse irmão ou irmã for transitória, acaba sendo mais adequado à materialização do perispírito do amigo, no novo destino, um processo que consome pouca energia e poderia ser bastante satisfatório para estadas curtas, semelhante às materializações de espíritos no plano físico.

Sexo brota da energia criativa e do amor entre os seres, não nos cabendo classificá-lo ou descrevê-lo, mas com a evolução espiritual, ele vai se tornando menos físico, como o próprio perispírito, e essas energias vão ganhando conotações cada vez mais fraternas e menos exclusivistas. O amor puro vence os obstáculos da posse e do sexo físico e é para esse ponto que mais cedo ou tarde iremos convergir. A interação entre as almas libérrimas da matéria é capaz de produzir sensações e "prazer" muito além do físico ou da relação sexual propriamente dita. Esse amor se expande a ponto de se tornar uma alegria e satisfação pela vida como um todo. É o amor pleno.

RESUMO DO CAPÍTULO: de todos os assuntos abordados nesse livro, acreditamos ser esse o mais espinhoso e controverso, mas o mais empolgante também. Aparentemente existem muitas crianças nos planos espirituais situados acima das áreas de dor e sofrimento, onde abundam instituições destinadas à sua educação e preparo para a reencarnação. Muitas delas desencarnaram precocemente e acabaram concluindo o seu processo de crescimento e educação nos planos astrais. Essa transição para a fase adulta tende a ser rápida, mas é de caráter pessoal e pode durar mais ou menos, em função da evolução espiritual da criança. A mente comanda esse processo, como tudo o mais. Por outro lado, existem passagens nas obras de André Luiz que sugerem que corpos sutis possuem, sob certas circunstâncias, plenitude fisiológica. Nesse caso, algumas crianças presentes nos planos astrais podem ter nascido nesses planos vibratórios. Essa ideia não é nova e dela depende toda a visão da vida nos planos astrais, abrindo possibilidades quase infinitas. O renascimento em outros planos pode estar ligado à descrição dos mundos superiores, de acordo com as passagens do Evangelho Segundo o Espiritismo, e permite uma compreensão mais ampla do processo de utilização dos corpos humanos, ao longo do processo evolutivo. Desde que corpos de matéria densa só podem gerar criaturas de matéria densa e isso não parece mudar (pelo menos não mudou nos últimos 4 bilhões de anos de vida na Terra), os corpos mais sutis, que o evangelho descreve, somente podem ter se originado em planos mais sutis do que o nosso, muitos dos quais poderiam ser considerados “planos espirituais” segundo os critérios que hoje utilizamos para descrever essas esferas. Uma vez que o corpo físico reflete as condições do perispírito, o nascimento em outros planos representa a extensão lógica do próprio processo evolutivo.

Nota dos Autores

1) Diversas também são as histórias de cura ligadas à irmã Scheilla e sua participação em reuniões de efeitos físicos em Minas Gerais e outros estados brasileiros

As Zonas Purgatorias e as Trevas

Antes de abordarmos sucintamente a visão apresentada na obra de André Luiz sobre as regiões de trevas, necessitamos conhecer um pouco a história do conceito humano a respeito do Paraíso e do Inferno, acrescido, posteriormente, pela figura do Purgatório, uma região de corrigenda que muito se assemelha à imagem do umbral.

Essa estruturação em etapas de uma visão da vida após a morte é natural e atinge até mesmo os espíritas. Na medida em que uma ideia de cunho religioso ou metafísico se desenvolve, ganha vida própria e passa a ditar sua expansão para longe de seu berço original, abrindo fronteiras e influenciando outras ideias à distância. Assim tivemos o progressivo desenvolvimento do conceito de Céu e Inferno no universo religioso ocidental.

Embora os teólogos modernos discutam o texto do Novo Testamento segundo as noções atuais de Paraíso e Inferno, com seu Reino da Danação, na época de Jesus as imagens de um mundo de eterno suplício ou de bem-aventuranças não estavam cristalizadas. Dos grupos judaicos, apenas os fariseus e os essênios tinham alguma ideia de uma vida após a morte, mas não estava claro como isso se daria. Os saduceus, que representavam a elite econômica e religiosa da época, sequer acreditavam na existência de uma alma ou de vida além da vida. Para eles, o fiel servidor do Senhor seria premiado com uma vida longa e próspera, nada além disso. Morreu, morreu; acabou.

As agremiações religiosas mais tradicionalistas dentro do cristianismo e do judaísmo absorveram a ideia do dualismo entre o bem e o mal, que tanto caracterizava a religião persa. Na época de Jesus, a existência de uma dualidade bem-mal passava a ser aceita por parte das comunidades judaicas e podemos encontrar elementos dessa visão nos manuscritos do Mar Morto, que são os textos judaicos mais antigos já recuperados e preservados. Os fariseus, essênios e os autores desses manuscritos aceitavam essa dualidade bem-mal e, em graus variados, acreditavam em um período de grandes calamidades no final dos tempos, onde os filhos de Deus e os filhos da iniquidade deveriam se enfrentar. Possivelmente esse é o berço cultural da versão cristã do apocalipse, que incorporou muitos pontos dessa tradição, refletindo-se na terminologia encontrada no cânone bíblico.

Com exceção dos saduceus, como colocado acima, os judeus acreditavam que a purificação da alma se daria no Sheol, que significa “tumba” ou “abismo”, dominando o reino dos mortos, antes da entrada no paraíso espiritual, o Eden. Essa estada nas zonas purgatorias não seria eterna e sim temporária, caracterizando-se por profunda desolação, onde os mortos se libertavam das impurezas e, após 12 meses, ascendiam ao paraíso. Segundo a tradição judaica, o Sheol não era apenas uma entidade física, mas um estado de espírito, que se fazia sentir através de profunda sensação de culpa e remorso. Essa aparente união de um inferno físico e sua contraparte psíquica foi empobrecida na versão cristã que se disseminou nas populações miseráveis do Império Romano e na Idade Média europeia. Para a igreja nascente era mais interessante dominar uma população profundamente ignorante e mística através de ameaças de danação eterna nos lagos de fogo e enxofre, do que evangelizar os novos convertidos ao cristianismo.

Dessa maneira, as ramificações cristãs mais literalistas passaram a incorporar o conceito de inferno eterno em função dos textos neotestamentários que traziam essas imagens fortes, embora não possamos ter certeza se esses textos refletem, de fato, os pensamentos que a comunidade cristã primitiva possuía sobre a vida após a morte. Muita coisa foi inserida e retirada da Bíblia e disso não restam dúvidas.

Em função das numerosas citações que mostram a crença na reencarnação, entre os primeiros cristãos (Mateus 17:9-13, com paralelos em Marcos 9:12-13; João 3:3-6; João 9: 1-2 e muitas outras passagens. Para maiores detalhes, ver “**A Mensagem do Cristo e o Espiritismo**”, Digital Books Editora), acreditamos que as cenas de um inferno e sofrimento eternos são fruto de uma redação posterior ou derivam de figuras de linguagem, que procuravam, em uma população iletrada e bastante refratária aos ensinamentos evangélicos, mostrar o drama dos que não seguem os ensinamentos do Cristo. Os primeiros cristãos greco-romanos, saídos do paganismo politeísta ainda incorporaram alguns aspectos exógenos, como o julgamento após a morte, presente na tradição egípcia e grega.

Entre os gregos, que passavam a receber a crença cristã nascente, o submundo dos espíritos constituía o Hades e os pontos mais trevosos e abissais constituíam uma verdadeira prisão para os mortos que não eram considerados dignos; era o Tártaro, um lugar profundo e sombrio, um abismo de tormento e de sofrimento, conforme descrito por Platão no livro “**Górgias**”, redigido por volta de 400 a. C.

Após séculos pregando a existência de uma estrutura infernal de natureza física, muitos grupos cristãos tradicionalistas passaram a entender que o “inferno” também poderia ser um estado definitivo, perpétuo, de auto-exclusão da comunhão com o Deus Criador, iniciando-se logo após o desencarne, incorporando-se também a figura de um juízo de valores no final dos tempos, o Juízo Final, onde as obras e a Fé dos indivíduos (para a Igreja Católica Romana e a Igreja Cristã Ortodoxa) ou essencialmente a sua Fé (para a maioria das igrejas protestantes) será avaliada. Outros grupos cristãos também acreditam em uma reconciliação entre os pecadores e o Pai e essa visão vem se generalizando entre os evangélicos e católicos mais liberais, que ainda são poucos.

Muito antes de Kardec, mas sem a preocupação de tecer um estudo com fins doutrinários, o famoso médium e estudioso Emmanuel Swedenborg recebeu a instrução de espíritos desencarnados que lhe confidenciaram, através de desdobramentos astrais, que o “inferno” existia, mas que sua criação tinha relação com as mentes das pessoas más, que davam as cores e minúcias a essa terra de dor e sofrimento. Nessas comunicações, sobressaía a ideia de que foi o próprio homem, e não Deus, que teria introduzido, na vida das pessoas, as atitudes más, que iriam condená-las ao sofrimento. Em sintonia com essa mensagem, André Luiz, no livro “**Libertação**” (capítulo 1) descreve uma palestra que elucida a condição das “almas caídas”, que se agrupam por afinidade moral nas regiões trevosas e umbralinas, em função de sintonias mentais.

Segundo Lísias (“**Nosso Lar**”, páginas 82 e 83), o umbral recebe diversos tipos de pessoas após o desencarne, mas todos eles acabam parando ali para uma harmonização com tudo que foi negligenciado em vida. Como ele coloca, o umbral é o tanque de roupa suja da humanidade. Eis o elucidativo trecho da obra citada:

– Imagine que cada um de nós, renascendo no planeta, somos portadores de um fato sujo, para lavar no tanque da vida humana. Essa roupa imunda é o corpo causal, tecido por nossas mãos, nas experiências anteriores. Compartilhando, de novo, as bênçãos da oportunidade terrestre, esquecemos, porém, o objetivo essencial, e, ao invés de nos purificarmos pelo esforço da lavagem, manchamo-nos ainda mais, contraindo novos laços e encarcerando-nos a nós mesmos em verdadeira escravidão. Ora, se ao voltarmos ao mundo procurávamos um meio de fugir à sujidade, pelo desacordo de nossa situação com o meio elevado, como regressar a esse mesmo ambiente luminoso, em piores condições? O umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

O umbral é, possivelmente, a região mais amplamente discutida na literatura espírita, estendendo-se vibratoriamente a partir da crosta. O próprio plano físico poderia ser considerado parte dos umbrals, uma vez que está repleto de espíritos que são atraídos pelos nossos vícios e pensamentos, criando-se, aqui, uma verdadeira extensão das planícies e vales umbralinos, como descrito a seguir, por André Luiz (“**Os Mensageiros**”, página 232):

A essa altura do esclarecimento, notei que formas sombrias, algumas monstruosas, se arrastavam na rua, à procura de abrigo conveniente. Reparei, com espanto, que muitas tomavam a nossa direção, para, depois de alguns passos, recuarem amedrontadas. Provocavam assombro. Muitos pareciam verdadeiros animais perambulando na via pública. Confesso que insopitável receio me invadira o coração.

Veja bem, elas -as criaturas- **perambulavam na via pública** e antes que imaginemos seres monstruosos criados com deformações, lembremo-nos que são irmãos em estado de revolta, culpa, dor e remorso. Pela época em que o livro foi redigido, talvez eu ou qualquer um de nós pudesse estar vagando da mesma forma, com anomalias de todos os tipos, pelas ruas, procurando abrigo e alimento psíquico. A misericórdia divina sempre auxilia e a reencarnação é uma prova disso.

O instrutor de André Luiz explica que tais espíritos...

Buscam, de preferência, as casas de diversão noturna, onde a ociosidade encontra válvula nas dissipações. Quando isto não se lhes torna acessível, penetram as residências abertas, considerando que, para eles, a matéria do plano ainda apresenta a mesma densidade característica.

Ou seja, são tão ligados ao plano material que não conseguem, por falta de controle mental e conhecimento pessoal,

atravessar as barreiras físicas constituídas pelas nossas portas e janelas fechadas. As orações, por outro lado, criam uma barreira fluídica poderosa, que logo é percebida por esses irmãos sofredores, que se afastam rapidamente. Para seres acostumados com a noite profunda, a penumbra assusta e a luz apavora.

As regiões de penumbra e trevas não são homogêneas, uma vez que apresentam gradações pronunciadas, como as descritas pelo próprio Dante Alighieri na Idade Média, e tais ambientes refletem, necessariamente, a evolução espiritual e moral de seus inquilinos temporários, que são os principais responsáveis pelas condições ambientais reinantes. Essas diferenças entre o umbral propriamente dito e as regiões mais densas, de trevas e abismos, podem ser inferidas logo no início de “**Ação e Reação**”, onde as palavras do instrutor Druso são esclarecedoras (página 17):

(...) Nestas regiões inferiores não transitam as almas simples, em qualquer aflição purgativa, situadas que se encontram nos erros naturais das experiências primárias. Cada ser está jungido, por impositivos da atração magnética, ao círculo de evolução que lhe é próprio. Os selvagens, em grande maioria, até que se lhes desenvolva o mundo mental, vivem quase sempre confinados a floresta que lhes resume os interesses e os sonhos, retirando-se vagarosamente do seu campo tribal, sob a direção dos Espíritos benevolentes e sábios que os assistem; e as almas notoriamente primitivas, em grande parte, caminham ao influxo dos gênios beneméritos que as sustentam e inspiram, laborando com sacrifício nas bases da instituição social e aproveitando os erros, filhos das boas intenções, à maneira de ensinamentos preciosos que garantem a educação dessas almas. Asseguro-lhes, assim, que, nas zonas infernais propriamente ditas, apenas residem aquelas mentes que, conhecendo as responsabilidades morais que lhes competiam, delas se ausentaram, deliberadamente, com o louco propósito de ludibriarem o próprio Deus. O inferno, a rigor, pode ser, desse modo, definido como vasto campo de desequilíbrio, estabelecido pela maldade calculada, nascido da cegueira voluntária e da perversidade completa. Aí vivem domiciliados, às vezes por séculos, Espíritos que se bestializaram, fixos que se acham na crueldade e no egocentrismo. Constituindo, porém, larga província vibratória, em conexão com a humanidade terrestre, de vez que todos os padecimentos infernais são criações dela mesma, estes lugares tristes funcionam como crivos necessários para todos os Espíritos que escorregam nas deserções de ordem geral, menosprezando as responsabilidades que o Senhor lhes outorga. Dessa forma, todas as almas já investidas no conhecimento da verdade e da justiça e por isso mesmo responsáveis pela edificação do bem, e que, na Terra, resvalam nesse ou naquele delito, desatentas para com o dever nobilitante que o mundo lhes assinala, depois da morte do corpo estagiam nestes sítios por dias, meses ou anos, reconsiderando as suas atitudes, antes da reencarnação que lhes compete abraçar, para o reajustamento tão breve quanto possível.

Em “**Nosso Lar**”, André Luiz diz permanecer por anos em uma região purgatorial leve, que se estrutura segundo as condições morais daqueles que para lá são encaminhados pela consciência, após a morte do veículo físico. Devemos tomar cuidado com a interpretação literal que fazemos da descrição de André, uma vez que o objetivo da obra é alertar sobre os aspectos da vida espiritual e as histórias apresentadas são ilustrativas do que ocorre ou pode vir a ocorrer com qualquer um que se apresente conforme a imagem que o autor pintou de si mesmo. A obra não é uma biografia espiritual, mas um instrumento de evangelização e estudo.

Sabemos que, da mesma forma que André Luiz modificou as descrições de sua família e suas características biográficas para evitar problemas com os familiares encarnados e prevenir discussões envolvendo os medianeiros utilizados nas comunicações psicográficas, tornando a sua identificação precisa bastante difícil, podemos também supor que parte das descrições do umbral e do sofrimento experimentado pelo autor podem ser relativos a outras pessoas e foram, por motivos didáticos, incorporados ao livro. Se considerarmos a identidade verdadeira de André Luiz como Carlos Chagas, o que discutiremos ainda nesse capítulo, um dos maiores vultos da pesquisa e da medicina que o país já produziu, é difícil de imaginá-lo adentrando os umbrais por motivos menos graves, por isso acredito que essas descrições podem ter motivação didática ou se referirem a uma encarnação anterior do nosso amigo. Um dia saberemos, em mais detalhes, o que não invalida em nada a obra, particularmente quando consideramos o tom de alerta e educativo que ela possui.

A angústia, a sensação de medo, perseguição e incapacidade de agir moldam a vida de André Luiz no umbral, onde ele se mantém sempre em deslocamento, descrevendo um ambiente repleto de agressões físicas e verbais, escuro e enlouquecedor, povoado por figuras tenebrosas e perturbadoras.

Pela descrição do autor, o umbral se estende a partir da crosta terrena, que dele faria parte, e concentra parcela nada desprezível da população desencarnada do orbe, que, segundo o espírito Joseph Gleber, hoje ultrapassaria 28 bilhões de pessoas (estaria em algo próximo a 30 bilhões de seres), nos vários planos. O umbral se projeta vibratoriamente de regiões de maior densidade e sofrimento, próximas à crosta, até áreas mais leves e onde se erguem cidades de todos os tipos, como Nosso Lar.

A mente das pessoas é subvertida quando falamos em planos vibratórios e dimensões paralelas, mas a própria ciência vem postulando a possibilidade de universos paralelos ao nosso, mas interligados de alguma forma, como comentamos no

início dessa discussão sobre a obra de André Luiz. Para adentrarmos esses universos paralelos, como o mundo dos espíritos, precisamos de um veículo apropriado, como o perispírito, ao mesmo tempo em que a permanência de um espírito no plano físico, para poder interagir de forma plena com a matéria mais densa, necessita de um veículo chamado “corpo físico”. No retorno a esse universo paralelo, deixamos o corpo físico após a morte ou durante o desdobramento induzido ou do sono, quando o corpo físico acaba sendo deixado de lado.

Os planos umbralinos se estendem vibratoriamente até as regiões intermediárias, de um lado, e para as regiões mais densas, as áreas subcrostais, de trevas e abismos, no sentido vibratório oposto. Esses planos intermediários foram considerados como parte das esferas superiores nos livros da primeira metade do século XX, mas os seus moradores ainda possuem muitos vínculos com o plano físico e, embora intelectualmente avançados, ainda precisam de maior dedicação na superação de suas deficiências morais, o que os diferencia das esferas superiores de fato.

Essas áreas apresentam limites nítidos e são bordejadas por barreiras vibratórias bastante claras, como as descritas no livro “**Libertação**”, impedindo a passagem ascensional de entidades de menor evolução espiritual. Ou seja, para os irmãos mais evoluídos, descer é possível, mas ninguém ascende a planos nos quais não apresenta condição de permanecer, principalmente se não estiver acompanhado de um espírito daquela esfera. Além das barreiras fluídico-magnéticas, que estabelecem os limites das regiões astrais, cada indivíduo é atraído de forma inexorável para determinadas áreas do mundo espiritual, em função da natureza de seus atos e pensamentos, em estado de perfeita sintonia, de forma que se as entidades se agrupam formando coletividades mais ou menos homogêneas.

Esse princípio é universal e atua da mesma forma em todos os planos, incluindo as esferas intermediárias e superiores. Muitos espíritas chamam de “gravidade psíquica” ou “força gravitacional psíquica” essa força que parece guiar o perispírito para regiões de densidade vibratória compatível com sua evolução e estado de momento. Sabemos que não se trata de uma força gravitacional de fato, como nós a conhecemos, mas um princípio capaz de transformar a natureza da matéria que constitui o perispírito do irmão, adequando-o à condição do plano vibratório que deverá recebê-lo por sintonia, levando à aglutinação dos semelhantes. Todos nós estamos, mesmo agora, ligados à essa força e somente nos libertamos parcialmente dela se estivermos acompanhados por amigos de maior envergadura espiritual, capazes de modificar a nossa condição vibratória.

Poucos falam da existência de planos inferiores ao umbral, mas as regiões de trevas profundas e abismos, onde a revolta e o desprezo pela humanidade e pela obra do Criador imperam, são citadas em diversos momentos por André Luiz, como na página 173 de “**Os Mensageiros**”, onde traz a existência de um “recanto abismal”, de onde um companheiro havia sido recolhido. As referências se sucedem e as diferenças com o umbral são pronunciadas. Como veremos a seguir.

Contudo, não podemos, ainda, divisar, de forma clara e inequívoca, a estrutura do orbe terreno, mas temos a tendência de chamar de “espiritual” tudo que se encontra nessas realidades invisíveis aos olhos físicos, mesmo que existam claras diferenças entre elas. Acreditamos que o orbe terreno é constituído por diversas esferas mais densas e outras mais sutilizadas, onde a matéria tem um comportamento diferente e responde de forma plena aos impulsos mentais, como discutido no capítulo “A Estrutura do Orbe Terreno”.

No capítulo 17 do livro “**No Mundo Maior**”, André Luiz mostra a região divisória entre o umbral mais denso e o mundo de trevas propriamente dito, onde ficam as cavernas do sofrimento, sendo que nosso autor não obteve permissão de adentrar esse mundo, permanecendo nas suas margens, mesmo na presença de seu instrutor espiritual. Nesse mesmo capítulo, é citada a existência de líderes das trevas, dotados de grande capacidade mental e conhecimento, que se articulam e exercem sua influência sobre os outros, presentes no umbral e demais círculos escuros, tendo a densa psicósfera fluídica do planeta como sustento e ambiente propício para realização de atividades menos nobres. Porém, como tudo evolui, no soerguimento moral desses irmãos, quando o despertar se dá, a espiritualidade superior os envia para cuidar de elementos do mundo natural, para rearmonização de suas mentes e do corpo perispiritual. Dessa maneira gostaríamos de realçar a codificação, quando mostra que as figuras demoníacas não representam um estado absoluto da maldade, mas irmãos que se cristalizaram no erro e irão evoluir como todos nós.

As descrições de dor e remorso que estão estampadas nas descrições do umbral, em “**Nosso Lar**”, bem como a vívida mensagem deixada por André Luiz, em “**Libertação**”, dominaram as mentes dos espíritas. Naquele ambiente, o sofrimento, como consequência de uma vida terrena não aproveitada no crescimento pessoal e a revolta contra as leis de Deus, passa a marcar a paisagem, sempre triste e carregada de tons de cinza, significando um ambiente transitório onde os desencarnados reavaliam suas vidas, tornando-se mais receptivos a outros modos de pensar e agir; lá, todos expurgam as trevas interiores e se habilitam para a vida nas colônias espirituais.

No capítulo 1 de “**Ação e Reação**”, André Luiz mostra que, nas regiões de trevas, vivem espíritos sob condições infernais, criadas por eles mesmos, sofrendo até que despertem para o bem. Nessas paragens tenebrosas, toda a agressividade, revolta e atividades do mal servem para depurar os que se consagram à criminalidade deliberada. O mau empurra o mau para o bem, como ocorre nos processos obsessivos. No fundo, as atividades do mal, fustigando os maus, proporcionam um estímulo para que eles se curem, mudem de postura...

Aliás, não é pela doença que damos valor ao médico? Se não fosse a escuridão noturna, será que daríamos valor à luz do dia?

Infelizmente, a expressão “pela dor ou pelo amor” quase sempre pende para o lado doloroso. O mal curando o próprio mal, abrindo os corações empedernidos para o amor e a justiça celestiais. O homem mau, ao cobrar as dívidas de que se julga credor, acaba por induzir uma mudança de caminho na sua pretensa vítima, que passa a buscar o conhecimento e o bem, para fugir do mal. Nossos maiores amigos são nossos obsessores, que mostrando a nossa verdadeira face, nos obrigam a mudar. Esse é o verdadeiro objetivo da Doutrina Espírita, ou seja, a reforma íntima de valores.

Recentemente, discutindo com amigos no curso de desenvolvimento mediúnico, uma médium questionou se o uso bendito da mediunidade era garantia de colher bons frutos após o desencarne. Nobre companheiro espiritual respondeu de forma bastante carinhosa, típica dos espíritos simples, mas de grande conhecimento ético-moral:

Minha filha, todo bem que fazemos, fazemos, primeiramente, a nós mesmos. Sem esperar agradecimento, tudo é auxílio, tanto para aquele que faz, quanto para quem recebe, mas o que ajuda a morrer bem é viver bem. Procurar ser melhor, procurar mudar...porque ninguém está no mundo para esquentar cadeira. Tem papel a cumprir e a missão maior de cada um de nós é melhorar... Melhorar...MELHORAR.

Ser bom médium é ser homem de bem, homem bom.

Para “fugir” das trevas exteriores, devemos nos educar e fazer crescer a luz interior, fruto da renúncia, do aprendizado e do trabalho; se faz necessário dominar gradualmente as nossas falhas, reduzindo as sintonias perniciosas com os maus.

André Luiz, logo nos primeiros momentos de “**Nosso Lar**”, descreve a existência de figuras verdadeiramente diabólicas que se divertiam em criar sarcasmos, junto a outros espíritos de fisionomia animalesca e baixa luminosidade, em meio de espessa neblina e penumbra. Os diferentes aspectos da fisiologia do perispírito de irmãos umbralinos ficam evidentes nas descrições de fome, sede e na barba que continuava a crescer após a morte do corpo físico. O impacto dessas imagens, na década de 1940, no meio espírita, foi estupendo, levando muitos a questionar a natureza da vida após a morte física. Muitos achavam que André Luiz era o obsessor de Chico Xavier e muitos espíritas encarnados diziam que tais descrições eram apenas artifícios literários para divulgar a obra. Estavam profundamente enganados, mas o autor espiritual, segundo seus grandes orientadores, Emmanuel e Bezerra de Menezes (que interromperam as psicografias em diversos momentos para discutir a importância de se passar para os encarnados determinados assuntos, o que fica bastante evidente quando a obra é contemplada em toda sua extensão), realmente escolheu as imagens mais adequadas para apresentar e deixou as piores para os últimos textos transmitidos, omitindo muita coisa que até hoje causa espanto entre os espíritas mais ortodoxos. André Luiz apenas sugeriu a utilização de tecnologia das trevas e o uso de espíritos que perderam a organização perispirítica, os ovóides, nas obsessões (as chamadas obsessões complexas). A obra desse amigo ainda não foi concluída, mas seus últimos capítulos serão redigidos por nós mesmos, em sintonia com o seu iniciador.

O umbral que recebeu André Luiz era leve se comparado às áreas mais densas desses planos, descritas em “**Libertação**”. Enquanto o umbral de “**Nosso Lar**” está repleto de espíritos zombeteiros e sofredores, onde o remorso e a sensação de culpa multiplicam as dores espirituais, nas áreas mais densas do umbral e nas regiões infraterrestres, como nosso autor denomina essas áreas (“**Libertação**”, página 73), que na mente das pessoas equivale às trevas subcrostais, além da dor, mantêm e suporta a organização sistemática e eficiente do mal em uma verdadeira estrutura hierarquizada e organizada como uma máfia. A revolta e o sofrimento cedem lugar para a corrupção da alma e a exploração extrema. A figura do escravo se encontra disposta de forma vívida e o vampirismo campeia a toda velocidade e com liberdade quase irrestrita.

Nesses ambientes não existe lugar para ideias preconcebidas e infantis a respeito das trevas e tudo pode acontecer, afinal, o mundo é o que dele fazemos. Certa vez perguntei a um amigo, como ele, estudioso do Espiritismo por 70 anos, via as regiões de trevas mais densas, subcrostais. Ele se virou e disse:

– *Quer saber como são as regiões subcrostais? Escolham bons livros de história da humanidade e leiam as páginas mais tétricas... Elas refletem esse lado escuro da alma humana e as trevas exteriores.*

Nas trevas profundas, entidades de inteligência ímpar são capazes de perverter os processos reencarnatórios, que constituem o cerne do mecanismo pelo qual os mestres da humanidade procuram colaborar para a evolução geral. Sabemos da relevância disso e por isso destacamos o trecho abaixo. Pensem nas implicações de forças trevosas sendo capazes de organizar a reencarnação de seus preladados...

Vejamos o texto de André Luiz sobre o tema, em “**Libertação**” (página 22):

Incapacitados de prosseguir além do túmulo, a caminho do Céu que não souberam conquistar, os filhos do desespero organizam-se em vastas colônias de ódio e miséria moral, disputando, entre si, a dominação da Terra. Conservam, igualmente, quanto ocorre a nós mesmos, largos e valiosos patrimônios intelectuais e, anjos decaídos da Ciência, buscam, acima de tudo, **a perversão dos processos divinos que orientam a evolução planetária.**” (destaque nosso).

Essa é uma clara alusão à vida e ao processo reencarnatório, que se complementa com a mensagem que segue abaixo (“**Libertação**”, página 22):

Mentes cristalizadas na rebeldia tentam solapar, em vão, a Sabedoria Eterna, criando quistos de vida inferior, na organização terrestre, entrincheiradas nas paixões escuras que lhes vergastam as consciências. Conhecem inumeráveis recursos de perturbar e ferir, obscurecer e aniquilar. **Escravizam o serviço benéfico da reencarnação em grandes setores expiatórios** e dispõem de agentes da discórdia contra todas as manifestações dos sublimes propósitos que o Senhor nos traçou às ações.” (destaque nosso).

Como assim? Não entendi! As trevas dominam o processo de reencarne em extensas regiões do orbe terreno?

Sim, indubitavelmente, em algumas regiões, planos dimensionais e condições.

O assunto é polêmico, mas já pudemos discuti-lo com espíritos mais iluminados e, em uma das ocasiões, na reposta dada por um desses companheiros, que se autodenomina Dr. Fritz, escutamos que as trevas podem mandar alguns de seus seguidores para o plano terrestre, mas eles estarão expostos ao processo evolutivo e poderão escapar da subjugação do mal e evoluir, como qualquer um de nós. Reencarnação é sinônimo de misericórdia e escolhas e o mal não costuma utilizá-la, exatamente por temer o processo de reforma pessoal; é o lado positivo da evolução através do berço. Eles têm medo disso.

Para completar, Dr Fritz, através do médium Paulo James, colocou que aqueles que nascem a partir de projetos da escuridão o fazem porque Deus o permitiu. O irmão pediu que lêssemos o diálogo entre Pilatos e Jesus para entender o que se passava. Vejam a beleza dessa narrativa evangélica (**João 19:8-11**):

E Pilatos, quando ouviu esta palavra, mais atemorizado ficou. E entrou outra vez na audiência, e disse a Jesus: De onde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta. Disse-lhe, pois, Pilatos: Não me falas a mim? Não sabes tu que tenho poder para te crucificar e tenho poder para te soltar? Respondeu Jesus: **Nenhum poder terias contra mim, se de cima não te fosse dado**; mas aquele que me entregou a ti maior pecado tem.

O destaque constitui o cerne do texto, explicando de forma clara o assunto. Como não entender o propósito que a espiritualidade traçou em parceria com cada um de nós?

A Doutrina dos Espíritos, através da extensa e profunda obra de Allan Kardec, dá outro sentido à vida após a morte, deixando claro que a figura tradicional dos “demônios”, seres maléficis, verdadeiros anjos caídos que se rebelaram contra Deus e que foram atirados nas profundezas subcrostais terrenas, não é compatível com a evolução constante que os filhos do Pai passam ao longo de suas existências reencarnatórias e durante o período de “erraticidade”, também chamado de intermissão pelo eminente estudioso Hernani Guimarães Andrade. Para nós, a angelitude é sinal de pureza espiritual, obtida

através da responsabilidade, reforma interior e renúncia. Assim, anjos não podem se revoltar, uma vez que são exemplos da harmonia do homem, que também são, e o Criador, sem nenhum privilégio. Uma vez que os ditos “demônios” também evoluem, não constituiriam, de fato, seres infinitamente e eternamente voltados para o mal e incapacitados de reiniciar uma nova jornada evolutiva na Terra ou outro planeta do universo. São espíritos tenazes intelectualmente, mas profundamente apegados ao plano material, com suas políticas de domínio e exploração. Nada mais, nada menos.

Essas palavras nos forçam a uma reflexão. Até que ponto a forma com que as igrejas passaram a visualizar as lideranças das trevas não refletia a apresentação que esses espíritos assumiam com o objetivo de produzir uma impressão negativa, de domínio sobre os encarnados? Ou será que tais espíritos passaram a adotá-las exatamente em função das fobias coletivas? A resposta virá, mas pessoalmente creio em uma associação dessas ideias.

A única semelhança entre a visão que André Luiz passa das lideranças trevas, e o imaginário de nossos amigos que professam religiões mais literalistas, reside na grande perspicácia e audácia que esses espíritos se utilizam para enganar e escravizar. Contudo, o próprio Ministro Flácus alude à diferença importante entre esses pontos de vista colocando...

“As almas decaídas, contudo, quaisquer que sejam, não constituem uma raça espiritual sentenciada irremediavelmente ao satanismo, integrando, tão somente, a coletividade das criaturas humanas desencarnadas, em posição de absoluta insensatez” (“**Libertação**”, página 24).

A evolução continua aberta a todos eles e essa diferença é enorme, mas não pode ser motivo para comodismos.

Creio que esse texto mostra a visão espírita do problema da maldade instituída. Apenas não podemos ignorar o fato de que as genialidades transviadas, baseadas no orgulho e no egoísmo, erguem suásticas e emblemas guerreiros para todos os lados e atiram os espíritos infantis da nossa mãe Terra em direção às catástrofes bélicas e ao materialismo indecente. Muitos espíritos acreditam que, em suas reuniões mediúnicas, atendem a esses irmãos maléficos de grande intelectualidade, mas, de fato, a grande massa de irmãos desencarnados atendidos nas reuniões é constituída de indigentes espirituais que não conseguem um lugar na hierarquia mais periférica do mal. São irmãos sofredores e, no máximo, revoltados, destituídos de condições de arquitetar algo de real importância fora do âmbito de suas vítimas mais próximas e imprevidentes.

Essas inteligências, os Dragões (termo que o próprio André Luiz utilizou para descrevê-los) não “sujam as mãos” em suas atividades terrenas, mas se fazem sentir pela ação de espíritos que são dominados por elas, seus oficiais e subalternos, em uma estrutura militarizada nos detalhes e na gestão. Nessa condição de senhores, os seres draconianos passam a escravizar coletividades inteiras e no mundo atual têm relação direta com as chamadas obsessões complexas e com o mundo das drogas lícitas e ilícitas (1). Essa relação de servilismo para com os Dragões fica clara no texto abaixo, retirado da página 38 de “**Libertação**”.

(...) Loucos perigosos, por voluntários, dirigidos por inteligências soberanas, especializadas em dominação, constituem hordas terríveis que, a bem dizer, vigiam as saídas das esferas inferiores em todas as direções.

A presença de religiosos nessas regiões trevas é uma constante, até porque muitos cultivam a boa vontade apenas para exportação e fazem da fé mercadoria de compra e venda, algo também emblemático no plano físico. Por que nas regiões de penumbra e escuridão teríamos uma realidade diferente? O texto de “**Missionários da Luz**” (páginas 361 e 362) é esclarecedor:

Se estivesse ainda na carne (André Luiz), talvez o quadro sob meu olhar me despertasse terríveis sensações de pavor, mas agora a condição de desencarnado impunha-me a disciplina emotiva. Enchia-se o templo de figuras patibulares. Inúmeras entidades dos planos inferiores congregavam-se ali, cultivando, além da morte, as mesmas idéias de menor esforço no campo da edificação religiosa. Alguns sacerdotes, envolvidos em vestes negras, permaneciam igualmente ao pé dos altares, enquanto um deles, que parecia exercer funções de chefia, comentava, de um púlpito, o poder da igreja exclusivista a que pertenciam, expondo com extrema sutileza novas teorias sobre o céu e a bem-aventurança. Assombrado, ouvi a palavra amiga de Alexandre, que me explicava, gentilmente:

– Não estranhe. Os desesperados e preguiçosos também se reúnem, depois da transição da morte física, segundo as tendências que lhes são peculiares. Como acontece às congregações de criaturas rebeldes, na Crosta Planetária, os mais inteligentes e sagazes assumem a direção. Muitos males são praticados por estes infelizes, inconscientemente (...)

Muitos companheiros de ideal espírita pensam nas colônias espirituais como lugares semi-paradisíacos onde o amor impera largamente e os desencarnados se preparam para o reingresso ao mundo físico, sendo que o umbral e demais regiões de penumbra são encarados como um reino sem ordem ou organização, o que não é real. No livro “**Libertação**”, praticamente dedicado a descrever as estruturas do submundo espiritual, verifica-se que existem colônias gigantescas situadas nas áreas mais densas e penosas dos umbrais e das trevas, dirigidas por déspotas que exercem um poder tirânico e onde os “*filhos das trevas que se aglomeram, escorando-se, aos milhares, uns nos outros*”. Nessas colônias da escuridão, o ambiente sufocante, a existência de milhões de espíritos com deformações em seus psicossomas e a presença de indivíduos que perderam a organização perispirítica típica, convertendo-se em ovóides, são descritos de forma pungente. Espíritos de crianças, que ainda não reconhecem culpa, não são encontrados nas furnas e colônias situadas nas regiões mais densas de trevas, com exceção, talvez de filhos de alguns seres humanoides e dos espíritos elementais, como veremos posteriormente.

Alguns irmãos de fé chegam a duvidar que grandes cidades nas trevas foram erguidas, acreditando que as regiões de escuridão são caracterizadas apenas por bandos erráticos e paupérrimos de sofredores, o que é um grande equívoco. A seguir transcrevo alguns parágrafos do livro “**Libertação**” para evidenciar que a inteligência humana, mesmo que desconectada da evolução moral e espiritual, pode criar proezas e, nas trevas, muitos irmãos que possuem conhecimento profundo sobre a estrutura do orbe se encontram reunidos em atividades tenebrosas. **Enquanto nós duvidamos que eles existam, eles estudam as fraquezas de nossa formação moral e nos convertemos em vítimas de ataques constantes, principalmente os grupos mediúnicos que executam atividades mais sérias junto ao astral inferior.** Vejamos as descrições de André Luiz:

Até então, ouvira comentários alusivos a colônias purgatoriais, perfeitamente organizadas para o trabalho expiatório a que se destinam, arrebanhando milhares de criaturas arraigadas no mal; entretanto, agora, o Instrutor Gúbio, que se mantinha silencioso, em nossa companhia, concedera-nos permissão de acompanhá-lo a enorme centro dessa espécie. (“**Libertação**”, página 13).

Uma enorme cidade nas trevas... Acreditem, elas existem sim.

O papel do intelecto na organização da exploração da miséria e o vampirismo aberto podem ser compreendidos em toda a sua plenitude no parágrafo seguinte (“**Libertação**”, páginas 29 e 30):

(...) os gênios da impiedade lhes traçam diretrizes, enfileirando-as em comunidades extensas e dirigindo-as em bases escuras de ódio aviltante e desespero silencioso. Organizam, assim, verdadeiras cidades, em que se refugiam falanges compactas de almas que fogem, envergonhadas de si mesmas, ante quaisquer manifestações da divina luz. Filhos da revolta e da treva aí se aglomeram, buscando preservar-se e escorando-se, aos milhares, uns nos outros (...)

Essas colônias trevosas são tão antigas quanto as cidades de refazimento dos planos mais leves do umbral e nas regiões intermediárias, mas não tão antigas quanto as sociedades ocupadas pelos seres angelicais que constituem os guardiães da paz e da bondade no mundo, que colaboraram no desenvolvimento da própria estrutura física do orbe terreno, como descrito por Emmanuel em “**A Caminho da Luz**”, maravilhoso livro recebido pela lavra de Chico Xavier, na primeira metade do século XX. A seguir o texto do instrutor Gúbio narrando a criação dessas cidades situadas abaixo do umbral, (“**Libertação**”, página 30):

–Tais colônias perturbadoras devem ter começado com as primeiras inteligências terrestres entregues à insubmissão e à indisciplina, ante os ditames da Paternidade Celestial. A alma caída em vibrações desarmonicas, pelo abuso da liberdade que lhe foi confiada, precisa tecer os fios do reajustamento próprio e milhões de irmãos nossos se recusam a semelhante esforço, ociosos e impenitentes, alongando o labirinto em que muitas vezes se perdem por séculos. inabilitados para a jornada imediata, rumo ao Céu, em virtude das paixões devastadoras que os magnetizam,

arrebanham-se de conformidade com as tendências inferiores em que se afinam, ao redor da Crosta Terrestre, de cujas emanações e vidas inferiores ainda se nutrem, qual ocorre aos próprios homens encarnados. O objetivo essencial de tais exércitos sombrios é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, a fim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob seu jugo tirânico.

A descrição detalhada da chegada desses irmãos exilados de outros orbes pode ser encontrada no livro “**A Longa Jornada do Homem**”, de autoria do mentor Joseph Gleber, em formato de livro digital.

Em conversas edificantes durante as atividades de atendimento de cirurgias espirituais e fluidoterapia da Fundação Adolph Fritz, em Teresina, Estado do Piauí, em que eu me encontrava investido do papel de “cético maior”, acompanhando o atendimento realizado pelo Dr Fritz e pela sua filha, irmã Scheilla, em equipe, discutíamos brevemente a capacidade de realização dos adversários da luz. Na ocasião, eu procurava verificar o quanto o tratamento espiritual instituído realmente atendia às necessidades de todos os tipos de pessoas, mas aproveitei para perguntar ao nobre amigo espiritual se as trevas eram capazes de lances ousados de tecnologia e quem dominava aqueles ambientes mais densos.

O bom doutor, com forte sotaque alemão, respondeu:

— Vocês acham que não existem universidades nas trevas?

— Pensam que eles perdem tempo com coisas pequeninas?

— Non, Non.

— Brasileiros (como ele costuma chamar a quase todos), eles estudam muito e procuram dominar todos aqueles que podem fazer frente aos seus planos. As equipes das trevas são muito grandes e usam as falhas dos homens para a aproximação. Os aparelhos parasitas são fato real e precisamos despertar os Centros Espíritos para esta realidade. Estudem os chacras, estudem anatomia e fisiologia da perispírito e mediunidade. Estudem Jesus e peçam orientação aos mestres, à espiritualidade.

Por fim, diante de todos, declarou:

— Os espíritos que seguem os caminhos escuros não são tímidos e tampouco se importam com o que pensamos deles. A suástica ainda tremula lá, mais forte que antes. É uma época de grande aflição; é a transição planetária. Tempo de dor e sofrimento; temos de pedir força aos Mestres Siderais para auxiliar a humanidade nessa jornada. Roguemos a Jesus.

Em socorro ao nosso carinhoso amigo Adolph Fritz, André Luiz relata a existência de aparelhos que aumentam a capacidade de emissão e recepção de pensamentos em médiuns, formando um verdadeiro “funil de luz” (“**Nos Domínios da Mediunidade**”, páginas 133 e 134), como discutido no capítulo 4. Uma vez que a tecnologia é algo que pode ter múltiplos empregos, quem pode me garantir que tais dispositivos não podem ser modificados para reduzir ou alterar a sensibilidade do mediano, procurando limitá-la a faixas trevosas de energias? Não se esqueçam de que a mesma tecnologia que produz energia elétrica em nossas usinas nucleares levou às bombas atômicas que foram despejadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Outros dispositivos capazes de mudar de forma abrupta um comportamento ou induzir escolhas, na forma de um cabresto fluídico, implantados no perispírito de encarnados e desencarnados, existem também e já foram vistos e removidos em diversas reuniões do grupo mediúnico citado acima e mesmo em nossas humildes atividades. São as obsessões complexas, que tantos espíritos mais ortodoxos negam a existência.

O ambiente sufocante nessas regiões vibratórias é algo marcante e não podemos deixar de citar que, como toda sociedade baseada no parasitismo e escravismo, as diferenças de classes são pronunciadas e ao lado de áreas cheias de detritos, temos “*Praças bem cuidadas, cheias de povo, ostentavam carros soberbos, puxados por escravos e animais*” (“**Libertação**”, página 76), incluindo uma força policial (“**Libertação**”, entre as páginas 77 e 80), tudo isso abaixo do umbral.

Ordem é ordem..

Essas sociedades compõem (“**Libertação**”, página 21)...

Um reino espiritual, dividido e atormentado”, que “cerca a experiência humana, em todas as direções, tentando dilatar o domínio permanente da tirania e da força.

Para se perpetuarem no poder, existe a necessidade de organização e apenas aqueles considerados inúteis são deixados para fora do esquema de ócio e vampirismo que lá impera. E aqueles que chegam a essas sociedades nas trevas, refletindo sentimentos pouco nobres...

(...) sofrem, porém, a vigilância de inteligências poderosas e endurecidas que imperam ditatorialmente nestas regiões, onde os frutos amargos da maldade e da indiferença enchem o celeiro dos corações desprevenidos e maliciosos (“**Libertação**”, página 81).

A capacidade de associação é uma característica humana e as lideranças desses ambientes sombrios são capazes de se organizar em milícias descomunais e usam seu pronunciado intelecto para manter uma estrutura de privilégios que alterna áreas bem cuidadas e materialmente ricas, em coletividades miseráveis que sobrevivem de parasitismo energético dos encarnados e de outros desencarnados.

Nas colônias purgatoriais, as lideranças das trevas, em nome da Lei de Ação e Reação, logicamente interpretada segundo seus interesses, se arvoram de magistrados da desilusão, induzindo deformações no corpo perispiritual de suas vítimas, em função de suas dívidas “cármicas”. O capítulo 5 de “**Libertação**” descreve exatamente como uma dessas lideranças, Gregório, se encarrega de exercer seu poder, aproveitando-se de sentimentos de culpa e remorso das suas pretensas vítimas. A grande maioria dos próprios espíritos obsessores, desencarnados ou não, também se utiliza de brechas nas defesas espirituais das pessoas que apresentam esses sentimentos de culpa, de maneira que precisamos educar o nosso modo de pensar e agir em direção ao perdão e ao evangelho do Cristo para eliminar as sintonias entre nossas trevas interiores e as trevas que nos rodeiam, quebrando as sintonias fluídicas com os nossos desafetos.

Os líderes dessas falanges e comunidades trevosas e umbralinas servem a um grupo de espíritos ainda mais capacitados e que se cristalizou no mal, especializando-se em utilizar seus conhecimentos e a nossa frágil formação moral para atacar a humanidade: são os Dragões, citados no capítulo 8 de “**Libertação**”. Segundo um de nossos mentores, Joseph Gleber, esses espíritos são aqueles denominados de “anjos caídos” no Antigo Testamento e representam os mais poderosos e antigos exilados que o orbe terreno recebeu, por volta de 3,5- 4 milhões de anos atrás. A maioria dos Dragões iniciais reencarnou entre os australopithecíneos e outros hominídeos primitivos da era Cenozoica e continuaram o seu processo evolutivo, expurgando o mal que traziam incrustado em seus corações. Outros, porém, não aceitaram o seu destino de momento e se mantêm até o presente na árdua tarefa de dificultar os seguidores do Cordeiro na consolidação de uma nova humanidade mais tolerante, culta e fraterna.

Quando digo que “**reencarnaram entre os australopithecíneos e outros hominídeos primitivos**”, posso ferir algumas susceptibilidades de amigos de ideal espírita, mas é complexo determinar, com precisão, o momento do nascimento do gênero humano e esses grupos de primatas eram indubitavelmente humanóides e apresentavam rudimentos de um intelecto que logo iria se expandir, em parte como consequência desse processo de transmigração planetária, que trouxe os primeiros exilados para cá. Gostaríamos esclarecer que não fizemos qualquer alusão ao processo de metempsicose (reencarnação de um espírito humano em outra espécie animal não humana), que não existe e isso consta do **Livro dos Espíritos**.

Os Dragões exercem seu poder sobre os despossuídos das trevas e sobre o plano físico através de lideranças nativas. O instrutor Gúbio lança alguns dados sobre essas lideranças, nas colocações abaixo, deixando claro que elas seguem os ditames daqueles que representam o intelecto transviado no planeta. Hitler e Josef Stalin parecem ter pertencido a esse grupo de espíritos que ganhou uma projeção bastante significativa nas regiões sombrias. Vejamos um trecho sobre o assunto (“**Libertação**”, página 41):

(...) Há milhões de almas humanas que se não afastaram, ainda, da Crosta Terrestre (...). Morrem no corpo denso e renascem nele, qual acontece às árvores que brotam sempre, profundamente arraigadas no solo. Recapitulam, individual e coletivamente, lições multimilenárias, sem atinarem com os dons celestiais de que são herdeiras, afastadas deliberadamente do santuário de si mesmas, no terreno movediço da egolatria inconsequente, agitando-se, de quando em quando, em guerras arrasadoras que atingem os dois planos, no impulso mal dirigido de libertação, através de crises inomináveis de fúria e sofrimento. Destroem, então, o que construíram laboriosamente e modificam processos de vida exterior, transferindo-se de civilização.

Embora a imagem que deles fazemos muito se assemelha às lendas Bíblicas, uma vez que não somos imunes ao nosso passado religioso e cultural, sabemos que eles não são demônios e evoluem como todos nós, mas enganam-se aqueles que acreditam que esses espíritos são ignorantes ou que desconhecem o processo de transição planetária que ora enfrentamos. Eles são extremamente inteligentes e resolutos, como o próprio André Luiz e Emmanuel afirmam. Dessa feita, temos que ser tão determinados em nossas iniciativas progressistas quanto eles na tentativa de retardar o progresso, com a diferença de que temos, ao nosso lado, as mãos amigas do Cristo guiando-nos em direção a portos mais seguros e tranquilos.

Embora André Luiz, Emmanuel e muitos outros irmãos coloquem que o mal é fruto da ignorância, eles se referem aos nossos erros do dia a dia, ao apego às coisas materiais, mas não aos espíritos que, decididamente e ostensivamente, se opõem ao progresso. Sobre essas entidades trevosas, Alfredo, diretor do Posto de Socorro de Campo de Paz, no umbral, declara (**“Os Mensageiros”**, página 128):

(...) As organizações dos nossos irmãos consagrados ao mal são vastíssimas. Não admitam a hipótese de serem, todos eles, ignorantes ou inconscientes. A maioria se constitui de perversos e criminosos. São entidades verdadeiramente diabólicas. Não tenham disso qualquer dúvida.

Como sempre, os textos falam por si e não precisamos acrescentar novas considerações. Porém, a ação desses espíritos sobre os encarnados e desencarnados que vivem nos ambientes de trevas e penumbras se dá em função das nossas limitações, as trevas interiores, que estabelecem sintonia com essas entidades. Nesse sentido, Alfredo ainda coloca que...

(...) Querem dominar antes de se dominarem, exigem antes de dar e entram em perene conflito com o espírito divino da lei. Estabelecido o duelo entre a fantasia deles e a verdade do Pai, resistem às corrigendas do Senhor e transformam-se, esses desventurados, em verdadeiros gênios da sombra, até que, um dia, se decidam a novos rumos. (**“Os Mensageiros”**, página 129).

Essas falanges agem na dominação vampírica dos encarnados com processos obsessivos de várias origens, mercantilizando serviços tipicamente mafiosos e, da mesma forma que na crosta, exploram a mão de obra em regime de escravidão e servilismo, como descrito, por Alfredo (**“Os Mensageiros”**, páginas 129 e 130):

— Na Crosta, nossos irmãos menos felizes lutam pela dominação econômica, pelas paixões desordenadas, pela hegemonia de falsos princípios. Nestas zonas imediatas à mente terrestre, temos tudo isso em identidade de condições. Entre as entidades perversas e ignorantes, há cooperativas para o mal, sistemas econômicos de natureza feudalista, baixa exploração de certas forças da Natureza, vaidades tirânicas, difusão de mentiras, escravização dos que se enfraquecem pela invigilância, doloroso cativeiro dos Espíritos falidos e imprevidentes, paixões talvez mais desordenadas que as da Terra, inquietações sentimentais, terríveis desequilíbrios da mente, angustiosos desvios do sentimento. Em todo o lugar, meu amigo, as quedas espirituais, perante o Senhor, são sempre as mesmas, embora variem de intensidade e coloração.

Nas muitas passagens alusivas ao umbral, André Luiz descreve a existência de animais que em tudo se assemelham aos dinossauros ou saurios do passado, além de aves de rapina tenebrosas, mas não existe uma certeza se eles constituem uma “verdadeira fauna umbralina” ou se são fruto da atividade de mentes poderosas que os utilizam para produzir medo e pavor, ou mesmo espíritos humanos que sofreram degenerações nas suas estruturas perispiríticas como consequência da desarmonia mental e do ambiente. Sabemos que a permanência em condições vibratoriamente carregadas acaba por modificar a fisiologia e estrutura do perispírito e induz o desenvolvimento de doenças e deformidades. Contudo, a origem desses seres não é esclarecida, ao contrário do que ocorre com as aves de Nosso Lar e os animais que auxiliam as equipes socorristas nas suas

atividades.

No planeta Terra, em todos os locais em que existe uma fonte de energia e os nutrientes podem ser encontrados, a vida abunda e se diversifica. A literatura espírita mostra que os planos espirituais próximos à Terra refletem a própria natureza do mundo material, em ordem inversa, ou seja, o mundo físico é uma simplificação do mundo espiritual. Se partirmos dessa observação e das muitas alusões a animais domésticos e selvagens que existe nessas obras, podemos dizer que nas esferas mais leves do umbral, onde se situa Nosso Lar, a natureza é constituída por uma luxuriante biosfera. Contudo, ainda precisamos entender melhor o que seria isso tudo.

Essas formas de vida formariam uma pirâmide ecológica como temos na Terra? Possivelmente. Mas, nesse caso, como o homem estaria inserido? Detalhes como esse podem ser encontrados no texto de “**Vida Além da Vida**”, volumes I e II, e devem ser objeto de estudos aprofundados, posto que mudam por completo a noção que temos da vida espiritual. São perguntas que somente serão respondidas com o tempo e com a evolução do nosso conhecimento sobre as esferas extrafísicas, mas podemos ter a certeza que o principal objetivo desses textos de André Luiz não era respondê-las, mas fomentá-las. Sem perguntas, sem curiosidade e pesquisa, paramos no tempo.

Quantos espíritas se dizem estudiosos, mas estão acostumados apenas com leituras de textos em grupo, nas quais o questionamento verdadeiro é inibido sob a pecha de ser considerado algo acadêmico ou antidoutrinário? Essas coisas acontecem particularmente quando as conclusões do estudo apontam para uma direção diferente daquela adotada pelo dirigente da casa espírita... Isso não é estudar, mas sim repetir o mantra devocional... Isso não é Espiritismo, uma vez que Kardec discutia tudo e de todas as maneiras, comparando os resultados esperados e aqueles pretendidos. Do bom senso e da mensagem de nossos maiores expoentes espirituais nasceu a Doutrina Espírita.

Em diversos momentos, André Luiz relata fome, sede e frio nas regiões umbralinas e isso nos obriga a meditar sobre a fonte de energia que o corpo espiritual necessita. A lei de conservação de energia mostra que temos de ter uma fonte de energia que mantém a atividade do corpo perispiritual e de todas as estruturas erguidas em matéria astral e mental, ao mesmo tempo em que verificamos, pela própria literatura espírita, com destaque ao livro “**Nosso Lar**”, que os espíritos que trabalham junto aos planos mais densos e vibratoriamente carregados recebem uma alimentação diferenciada, mais compatível com o que conhecemos no plano físico. Obviamente, grande parte ou quase tudo que todos necessitam é obtido através da respiração, como os espíritos da codificação deixaram claro a Kardec, mas a sensação de fome e sede se acentuam na ausência de uma verdadeira dieta. A fraqueza e o desânimo passam a dominar os sofredores e as privações de toda ordem se somam.

Nas regiões umbralinas, as pessoas desenvolvem maneiras completamente particulares de ver o mundo, alienando-se ainda mais. Merece destaque o período de décadas ou séculos que muitos passam no umbral sem ter o conhecimento real do que se passa ao seu lado, o que é exacerbado pela passagem diferencial do tempo, como evidenciado no capítulo 44 de “**Nosso Lar**”. Como os órgãos do perispírito parecem obedecer apenas à frequência vibratória na qual a mente está estacionada, durante o tempo em que André Luiz permaneceu no umbral não era capaz de reconhecer as visitas maternas, tampouco a de outros companheiros que velavam pelo seu restabelecimento.

Em função desses elementos, pode-se dizer que o desencarnado que carrega dramas conscienciais no umbral acaba criando um mundo mental próprio, cheio de alucinações que derivam da não aceitação da realidade. No momento em que a enfermidade do irmão se estabiliza e já permite que o resgate seja providenciado, suas condições mudam radicalmente para melhor. Podemos ver essas transformações nas reuniões de atendimento espiritual e desobsessão, que adquirem um sentido muito diferente quando estudamos a obra de André Luiz. Sai o místico e entra o lógico.

Obviamente que o destino traçado pelo desencarnado para si já poderia ser divisado muito tempo antes que seus olhos do corpo físico se fechassem: **vamos para onde nossa mente e o nosso coração se encontram**. Em diversos momentos da obra, André Luiz faz menção à reforma de valores e à transformação pessoal como principal objetivo de vida. **Para mudar é necessário maior autoconhecimento**. O estudo do próprio “eu” é indispensável para aqueles que retornam ao corpo denso em mais uma jornada escolar e corretiva, principalmente para aqueles que recebem o compromisso da mediunidade com Jesus.

Muitos aspectos dessas obras permanecem pouco discutidos no âmbito do movimento espírita, como a existência de pesadas tempestades eletromagnéticas que atingem o umbral mais denso sempre que as condições de sanidade do ambiente ultrapassam determinados padrões de deterioração. No livro “**Obreiros da Vida Eterna**”, as tempestades de raios provocam grande pavor nas populações umbralinas, que acorrem para casas de atendimento. Contudo, apenas aqueles que mostravam

sinais inequívocos de melhora de suas disposições morais é que receberam autorização de adentrá-las. As vibrações e a “aura” desses irmãos denunciam aqueles que, de fato, podiam receber o socorro.

O fogo purificador parece ser criado sempre que as criações mentais dos moradores do Mmbral exacerbam as desarmonias. Como sabemos, as formas mentais são reais e se tornam realmente concretas quando são produtos de pensamento continuado de muitos indivíduos. Da mesma forma que o excesso de umidade na atmosfera do plano físico se converte em gotículas de chuva, que se condensam ao redor de grânulos minúsculos, a saturação fluídica de energias densas provoca o desencadeamento do fenômeno saneador nas regiões escuras do orbe, neutralizando as forças que geraram as próprias descargas, fulminando as criações mais enfermias e devolvendo alguma sanidade ao local.

Muitas vezes os mais jovens, com o coração ainda inflamado pelo idealismo, se perguntam o motivo de existir um umbral. Devemos lembrar que a dor e o sofrimento nessas regiões vibratórias é consequência de nossos atos e não de uma determinação superior, como apresentado a Emmanuel Swedenborg, décadas antes de Kardec. Tais áreas se comportam como grandes salas de terapia, onde cada um expia suas próprias imperfeições, habilitando-se às novas oportunidades de trabalho na Terra ou em alguma colônia espiritual. Podemos entender que os mais imediatistas desejariam que todos os espíritos confinados nas regiões umbralinas ou subcrostais viessem a ser retirados de uma hora para outra de lá e encaminhados para tratamento, mas como apresentado no capítulo 1 de “**Ação e Reação**”, conforme orientação do instrutor Druso, esses irmãos ainda estão presos ao ódio, “*aniquilam, mordem e ferem*” e provavelmente agrediriam selvagemmente seus eventuais acolhedores. Assim permanecem aí por meses, anos ou séculos. Um quadro semelhante é retratado no capítulo 28 de “**Nosso Lar**”, onde uma mulher, que auxiliara a dezenas de abortos, teve negado seu ingresso à colônia-cidade, em função das desarmonias profundas que ainda trazia consigo.

Quando falamos sobre as regiões de dor e sofrimento, sempre nos lembramos da palavra “karma”, que na obra de André Luiz pode ser traduzida por “conjunto de tendências adquiridas nas vivências anteriores”, de forma que não possui o tom determinista que muitos lhe atribuem, da mesma forma que as nossas desventuras não se relacionam com o “karma” nos moldes da pena de Talião, de “olho por olho e dente por dente”, como muitos espíritas acreditam. O “carma” gera a dor e ela nos impele a uma mudança de postura. Se não aprendemos com o sofrimento, ele não teve cumprido o seu papel e certamente irá se repetir de forma mais intensa ou se apresentará de forma diferente, instando-nos ao aprendizado. Esse é o sentido das leis de causalidade.

Dessa forma, como traduz o capítulo 1 de “**Ação e Reação**”, ao faltoso não bastam os sofrimentos e as purgações nas regiões trevosas, uma vez que ele precisa vencer ainda a revolta e o inconformismo, seus maiores inimigos. Futuramente, com a cessação da loucura e da revolta, surgirão o remorso e a penitência, que irão levá-lo de volta ao palco da vida física. Por isso vemos que a maioria dos habitantes do umbral, não incluindo aí as regiões de densas trevas e abissais, é constituída de “*irmãos abatidos e amargurados, que desejam a renovação sem saber como iniciar a tarefa*” (“**Os Mensageiros**”, página 268). Muitos desses moradores ainda envergam doenças do corpo perispiritual porque “*não concordam ainda com as realidades da morte corporal. E toda essa gente, de modo geral, está prisioneira da ideia de enfermidade*” (“**Os Mensageiros**”, página 268).

Como parte da misericórdia divina para esses irmãos que ainda residem distantes da compreensão, a espiritualidade trabalha não apenas para prover o socorro, mas também se mantém ininterruptamente à espera de prover condições mínimas para o retorno do espírito faltoso ao berço do mundo físico, através de reencarnações compulsórias. Entretanto, **devemos ressaltar que o nascimento compulsório não deve ser encarado como pena a ser cumprida, mas como oportunidade de aprendizado**; a dor e o sofrimento, filhos maiores da desarmonia, somente exercem o seu papel na evolução se forem acompanhados da reforma pessoal de valores, o verdadeiro motivo para o retorno ao plano dos encarnados.

Ninguém reencarna, mesmo que compulsoriamente, sem ter as condições mínimas para que seu programa reencarnatório seja executado (capítulo 7 de “**Libertação**”), ou seja, ninguém nasce apenas para sofrer, mas para aprender e reconhecer no aprendizado a maior vitória, mesmo que as nossas melhores testemunhas estejam dentro de nós mesmos. Da mesma forma, ninguém, nem mesmo os espíritos habitando os espaços abissais, vive distante da luz divina, embora nos falte a sensibilidade para sintonizar com as divinas correntes de amor (“**Ação e Reação**”, capítulo 7). **Ninguém foi esquecido pela Providência Divina.**

A luta contra as trevas exteriores passa pela evangelização de cada um de nós. Ao reduzirmos as nossas trevas interiores, dificultamos as sintonias perniciosas e reduzimos o parasitismo espiritual, auxiliando os espíritos que se mantêm na escuridão a procurar a luz. Todo obsediado é um professor para seu grupo de obsessores, quando se decide pela renovação interior. O texto de “**Os Mensageiros**” mostra que, além do trabalho dos encarnados em direção à evangelização, os espíritos

comprometidos com o crescimento do homem terreno ainda trabalham contra as instituições das trevas, como descrito a seguir (página 241):

(...) trazia consigo incumbências várias, de acordo com as instruções de Telésforo, das quais era forçado a tratar em caráter privado, não nos ocultando, todavia, o objetivo essencial, que era, ao que disse, o combate ativo a uma grande cooperativa de desencarnados ignorantes, congregados para o mal.

Por fim, para aqueles que se identificam com os personagens dos livros espíritas, poderíamos perguntar por que André Luiz foi parar no umbral? Teríamos de questioná-lo sobre isso e creio ser essa postura pouco trivial. Uma vez que mensagens psicografadas dependem de sintonias entre o encarnado e desencarnado, melhor não esperar algo nesse sentido, até porque o telefone toca, preferencialmente, de lá para cá. Deixemos os livros falarem e responderem essa pergunta. Entretanto, podemos fazer algumas conjecturas.

Primeiramente, precisaríamos saber a identidade terrena de André, o que é absolutamente impossível de se determinar com segurança, até porque ele assim o desejou, pelo menos entre 1940 e 1990, conforme confidenciado por Chico Xavier. Recentemente, Carlos Baccelli, médium que admiro pela coragem de discutir temas bastante controversos, psicografou livro em que André Luiz é citado como um dos personagens secundários (“**Na Próxima Dimensão**”, Editora LEEP) e ele próprio admite ter sido Carlos Chagas.

Waldo Vieira, o criador da Conscienciologia e Projeciologia e ex-espírita, declara abertamente, na internet (<http://www.youtube.com/watch?v=Yoyibnykv4Y>), que André Luiz é o pseudônimo de Carlos Chagas e que a identidade do prezado autor espiritual foi omitida porque seu filho (Carlos Chagas Filho) era ligado à Academia de Ciências do Vaticano (em 1972, foi nomeado, pelo Papa Paulo VI, presidente da Pontifícia Academia de Ciências, exercendo esse cargo por mais de 16 anos), o que criaria embaraços a todos. As pinturas mediúnicas que retratam André Luiz também mostram uma semelhança assombrosa com Carlos Chagas.

Se essa colocação for verdadeira, como acredito, o nobre médico realmente teria modificado muitos pontos de sua biografia e mais, foi um profissional notável que muito trabalhou pelo bem da população brasileira e mundial, com um enfoque em Saúde Pública que até hoje necessita de elogios. Creio que ele não deixou a dever a nenhum pesquisador brasileiro, desde a independência da metrópole portuguesa. Colaborando com a hipótese de “Carlos Chagas/André Luiz”, os livros deixam transparecer que nosso médico era um profissional de grande gabarito e sua condição espiritual é minimizada como parte da trama para representar o espírito humano comum, que ele realmente não é.

Já escutei espíritas atribuindo o ingresso de André Luiz no umbral em função de suas libertinagens sexuais, desregramento alimentar e apego ao mundo material e, obviamente, tudo isso pode ter, de fato, interferido no destino que seu espírito tomou, em função de sintonias estabelecidas. Contudo, uma passagem de “**Nosso Lar**” é profundamente emblemática sobre esse ponto. Segue o texto no qual o médico Henrique de Luna, descreve os problemas do corpo espiritual de André Luiz e diz ter sido o suicídio o motivo do óbito.

Diante da indignação do recém-desencarnado, o médico conclui (“**Nosso Lar**”, páginas 35 e 36):

– Os órgãos do corpo somático possuem incalculáveis reservas, segundo os desígnios do Senhor. O meu amigo, no entanto, iludiu excelentes oportunidades, desperdiçando patrimônios preciosos da experiência física. **A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou.** Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. Como vê, o suicídio é incontestável. (destaque nosso)

Pelo texto vemos a questão da sífilis e alcoolismo, já reconhecidos como causa da morte precoce (suicídio inconsciente), motivo pelo qual ele foi chamado de suicida no umbral, por ter deliberadamente abreviado seu retorno ao mundo espiritual. Porém, aos meus olhos (a opinião é pessoal !!!), o remorso de não ter feito nada do que havia programado na

reencarnação deve ter agravado e muito o sentimento de culpa, que gera profundas desarmonias. Como agravante vemos que ele recebeu uma missão muito especial confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior. Isso tornaria ainda mais pungente a dor. Creio que o remorso foi o motivo que o impeliu para o umbral: a sensação de ter fracassado e deixado de cumprir o compromisso com aqueles que, de muito alto, haviam confiado sublime papel ao brilhante doutor. Esse sentido ganha peso se André Luiz for o pseudônimo de Carlos Chagas, enérgico médico e acadêmico e extremamente competente.

O destaque do texto em negrito é de especial importância. Se ele tivesse vivido pouco, mas construído o que lhe fora oferecido, creio que tal sentimento de culpa seria atenuado e o tempo de permanência nas regiões de dores, reduzido. O consumo de bebidas e a postura promíscua eram e são comuns e a consciência de cada um julga esses fatos com o rigor que sua bagagem cultural e espiritual determina. Entretanto, conheci pessoas cujo passado próximo, na última existência, tiveram atitudes que foram contra o planejamento espiritual do Alto, mas que não se diferenciam em nada de outros tantos que praticaram atos criminosos ou omissos. **Porém, nos faltosos cuja chama do conhecimento já havia sido acesa a dor da queda se mostrou muito mais pungente. Creio ser esse o motivo que projetou André Luiz para o reino de sofrimento.**

Contudo, às vezes penso que a estada de André Luiz no umbral se refere a momentos que antecederam sua encarnação como Carlos Chagas. Ele as teria inserido após o último desencarne como forma de mostrar o destino daqueles que, como ele mesmo, em encarnação anterior, teriam menosprezado os valores espirituais. De qualquer forma, ele conseguiu o objetivo de alertar sobre os reinos da sombra. Essa estratégia de alterar o momento de alguns fatos, para dar a devida ênfase, foi muito utilizada pelos evangelistas, em particular no Evangelho de João, e é considerado um artifício bastante útil, que não muda a realidade do que está sendo narrado. Porém, se André Luiz, na condição de pseudônimo de Carlos Chagas, se considerava uma pessoa que não aproveitou o tempo e realmente foi ao umbral em função disso, conforme descrito no livro, fico imaginando os destinos que tantos de nós (incluindo-me aí) teremos após o desencarne...

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Joseph Gleber; data: 13 de outubro de 2012)

A Bíblia nos traz o papel da dualidade bem-mal no processo de desenvolvimento da humanidade. Desde tempos imemoriais, retratados de forma alegórica na Gênese, até o presente, essas forças se fazem presentes.

Meus irmãos, o mal não é simplesmente a ausência do bem, mas também constitui uma maneira de agir e pensar. Enquanto alguns se comprazem em seguir uma existência sem objetivo, deixando com que os desejos do corpo físico exerçam todo o controle sobre suas atitudes, comportando-se como crianças espirituais que não conseguem encarar as próprias responsabilidades. As surpresas se farão presentes quando deixarem as vestes carnais e passarem longos períodos nas esferas de refazimento e remorso. Contudo, estão em aprendizado e isso representa uma condição transitória e passageira.

Quando pensamos em trevas, não me refiro aos espíritos tomados pelo automatismo psíquico e fisiológico, mas sim àqueles que apresentam lucidez e conhecimento, mas se mantêm distantes da luz do amor divino.

Por esse motivo, os textos bíblicos falam do fruto da árvore do conhecimento, cujo consumo, pelo homem primitivo, simbolizado por Adão e sua companheira, teria precipitado a humanidade para fora dos jardins do Eden, o paraíso judaico. Obviamente, não podemos tomar a história de forma literal, mas convém ressaltar que esse processo é, até certo ponto, natural, fazendo parte do próprio nascimento da humanidade terrena, uma vez que a obtenção do saber necessita, como contrapartida, da responsabilidade quanto ao seu uso. Aqueles que crescem com o esforço próprio saem, temporariamente, do paraíso da inocência infantil para reencontrá-lo, muitos milênios depois, na forma de plenitude do conhecimento e do livre-arbítrio. Quanto mais distante do corpo físico e de seus desejos imediatos e desarmônicos, mais leve o jugo, mais livre e pleno o irmão se encontra. Não quero, com essas palavras, estimular o martírio físico, que nada acrescenta, inerte e ocioso, mas estimular a responsabilidade e a renúncia de nossas tendências ao erro, destacando-se aquelas imperfeições que nascem do nosso egoísmo e orgulho.

Quando andamos pelo plano físico, nos deparamos com as aflições dessa humanidade nascente. Os dramas ecológicos, a agressividade contida sendo liberada em pontos isolados, o saber sendo utilizado de forma arrogante e criminosa por aqueles que o detém, o sentimento de poder e a busca pela supremacia dando as cores de fundo do cotidiano de muitos... Todos esses aspectos representam as dores do parto de uma nova humanidade, que já se ressentido do comportamento humano na Terra.

Porém, sementes do amor divino foram cuidadosamente espalhadas por todos os vales e pontos geográficos dos vários planos terrenos. O Criador nunca abandonou Seus filhos e sempre manteve profunda atenção sobre o orbe terreno, aguardando o momento em que as dores surgidas em função de nossa invigilância, orgulho e irresponsabilidade viessem a despertar o novo homem em nossos corações.

Esse é o crescimento do homem pequeno, descendente dos hominídeos primitivos, que recebeu em seu ventre as muitas legiões de degredados de outros mundos, que passaram por profundo processo de reajuste e regeneração, restabelecendo um mínimo de coesão e harmonia social, bem como mudar a natureza do intercâmbio com o mundo espiritual, sempre determinada pela sintonia com os nossos sentimentos e atos.

Como bem colocado pelos Espíritos Codificadores, cuja liderança coube ao Espírito Verdade, irmão sublime que possui profundo envolvimento com o homem terreno e com os muitos exilados que aqui foram abrigados, não existem figuras verdadeiramente demoníacas, na acepção mais estreita do termo, na figura lendária de anjos decaídos em função de defeitos ou erros verdadeiramente humanos, como a soberba e a inveja. Os seres representados nessa história bíblica foram chamados de “anjos” em função de sua significativa capacidade mental e domínio que exerciam sobre as mentes mais simples que os recebiam no planeta Terra, em suas várias esferas.

O suor do trabalho, a dor das perdas imaginárias, a saudade do mundo ancestral, mesmo que latente, misturadas com a misericórdia do Criador foram, geração após, geração, moldando um novo caráter a esses irmãos, ao mesmo tempo em que eles elevavam as condições intelectuais dos filhos da terra, os humanos primitivos, além de imprimirem profundas modificações no perispírito que envergávamos na época, que passou a evoluir em um ritmo não observado até então. De fato, o Eden da ilusão deu lugar ao trabalho e suas consequências e, ao longo dos últimos 3,5 milhões de anos, aproximadamente, vagas de exilados de diferentes orbes chegaram e partiram, cada qual trazendo suas características psicológicas e participando de um processo de depuração e amalgamação, que formou a personalidade do homem terreno.

Muitos desses espíritos, com a evolução que as vivências sucessivas forneciam, acabaram retornando para suas coletividades ancestrais e de lá passaram a trabalhar para que, no futuro, pudessem dar o suporte necessário aos que ficaram na Terra e para os espíritos autóctones daqui, quando da chegada de mais uma transição planetária, processo que teve início com o nascimento do Cordeiro, nosso amado Mestre Jesus.

Quando o Cristo esteve entre nós, Ele iluminou de tal forma a esfera física terrena e os planos espirituais que a bordejam que muitos espíritos mais recalcitrantes ao avanço moral da humanidade não conseguiam se aproximar das coletividades da Palestina em que o Mestre atravessava. O comportamento benevolente de Pilatos, o cruel e sanguinário representante do poder temporal romano na Judeia, diante de Jesus, mostra que o prefeito romano de fato desejava se desfazer do galileu sem condená-lo à morte, procurando apenas agredi-lo como forma de mostrá-lo sem força diante de seus seguidores, posto que se sentia, inacreditavelmente aos olhos dos historiadores modernos, inferiorizado diante do homem de Nazaré. Isso pode parecer absolutamente inacreditável aos olhos modernos, que se acostumaram a ler histórias verdadeiras da força e crueldade romanas, mas não podem imaginar a leveza e a bondade infinitas que pareciam emanar da fisionomia daquele nazareno. A natureza excelsa do peregrino divino induzia a reforma pessoal em todos os que com ela tinham contato.

Com a crucificação, Seu espírito luminoso se lançou em direção às regiões mais trevas da psicofera terrena, as áreas abissais, de onde sua luz se irradiou para todas as direções, desfazendo os vínculos de escravidão e servidão que a maioria da humanidade desencarnada tinha estabelecido com os líderes mais ativos das falanges das trevas, que haviam comemorado a crucificação do Cristo. Logo veriam que a cruz libertara o Filho do Homem para a parte mais importante do final do seu ministério.

Meus irmãos, Jesus estava mais livre e vivo do que nunca após a crucificação. Sua luz, em meio a tantas trevas terrenas, permitiu uma mudança de atitudes de incontáveis espíritos revoltados e sofredores, atingindo, inclusive, os líderes mais draconianos das falanges do mal, que iniciaram sua reeducação nas diversas esferas do orbe terreno, ou foram submetidos a novo reencarne em outros orbes, no que sabemos ter sido o início da nova transição planetária para a Terra. Esses espíritos erravam por falta de um “norte” em suas existências vazias, mas a mensagem do Cristo restabelecia a vontade de progresso. Contudo, hoje quando nos referimos ao mal institucionalizado, não falamos desses amigos que há 2000 anos se voltaram para a luz.

Existem sim espíritos cultos e cristalizados no mal, capazes de fazer enlouquecer os encarnados menos atentos e que adoram o estereótipo demoníaco com os quais são retratados pelas igrejas mais literalistas. Esses filhos de Deus são

capazes de retirar toda a sensação de leveza e felicidade com sua presença, que não mais acontece no plano terreno em função da elevação vibratória da humanidade, ou com a sintonia mental. Essa impossibilidade de perambular pela crosta e pelos umbrais mais próximos do plano físico se dá pela diferença vibratória da psicosfera terrena, ainda bastante pesada, e a condição espiritual desses irmãos, infinitamente mais densa, de forma que ficam confinados nas áreas mais sombrias do planeta.

Esses exilados decidiram se manter à margem dos processo de reencarnação, posto que julgavam que reencarnar através de uma espécie quase simiesca era algo indigno de suas qualidades e passaram eras se mantendo atrás do comando das legiões de revoltados e espíritos rebeldes que assolam o mundo até o presente. Atualmente não podem mais retornar ao ventre materno na Terra, posto que as mulheres não seriam aptas a mantê-los no ventre. Eles procuram interferir com todos os pontos do progresso humano. De seus castelos mentais, dominam as mentes de incontáveis seres, encarnados e desencarnados, que lhes favorecem as ações e fornecem as energias necessárias para a perpetuação do seu modo de vida e para minimizar ou postergar as degenerações perispiríticas que assolam todos aqueles que permanecem períodos de tempo prolongados em ambientes densos e trevosos.

Esses são os líderes do mal, mas não são demônios, que não existem. Esses espíritos serão submetidos, como já o estão sendo, a novo degredo e as dores do processo irão dar o impulso que falta para sua redenção pelo trabalho, de forma que não são demônios, quero frisar. A evolução é regra e observa-se o saneamento das sombras, produzindo-se uma pronunciada transformação da psicosfera terrena, inviabilizando o domínio que esses espíritos exercem sobre áreas ainda bastante extensas do orbe.

Podemos dizer que a educação das trevas interiores, nossas imperfeições, reduz o domínio que tais companheiros de jornada têm sobre a humanidade como um todo, forçando-os a uma mudança de postura, de uma condição parasitária para uma atitude proativa. Esse processo é o cerne de toda a regeneração planetária. Demônios, se existissem, não evoluiriam, ao passo que os homens sim. Somos todos humanos, com escolhas mais ou menos felizes, apenas isso.

A partir de seus círculos de poder, eles exercem domínio extremo sobre colaboradores nas regiões mais densas do umbral, situadas acima da condição vibratória em que eles se encontram. Por meio dos espíritos umbralinos, acabam interferindo no plano físico. Atacam toda e qualquer iniciativa da espiritualidade superior que busque trazer conhecimento para o homem terreno, principalmente quando, no processo, encontra-se a transformação das igrejas mais literalistas, que ainda pregam o “olho por olho” e a inércia espiritual, bem como a disseminação de doutrinas sérias, que pregam a disciplina de atos e pensamentos, a renúncia aos desejos de poder e domínio, bem como a responsabilidade pessoal no destino que cada um traça para si mesmo ao longo dos ciclos reencarnatórios. Essas verdades estão profundamente alicerçadas na Doutrina dos Espíritos.

Acreditar que todo mal advém da ignorância não ajuda a saná-lo. Uso essa expressão forte para dizer que temos de retirar de nosso íntimo todas as pretensões de domínio, fontes de muita desarmonia. Essa renúncia pode ferir e doer por breves momentos, mas traz a cura para nossas doenças da alma, disseminando alegria e esperança.

Missionários têm adentrado o plano físico através do berço e espalhado os ares da renovação que sopram para todos os lados e direções. O homem passou a conhecer melhor seus limites e a compreender sua humanidade. A era da responsabilidade se inicia e ela traz consigo grandes desafios e promessas. Diante dos enviados do Alto, as instituições e falanges dos senhores da escuridão não se calam e promovem ataques contra a renovação de princípios que hoje observamos na crosta e quase sempre utilizam-se da vaidade, sexualidade e ganância dos medianeiros do bem para denegri-los diante de todos.

No processo de renovação, as forças da escuridão lançaram o homem em conflitos mundiais fratricidas e quase produziram uma hecatombe nuclear generalizada, mas logo descobriram que a destruição generalizada fez crescer a crença humana de que apenas a união de todos poderia gerar a paz e a estabilidade tão necessárias ao progresso. Dessa forma, em hordas maciças de espíritos vampirizadores, as trevas semearam a desorganização social e a dependência química passou a grassar livremente, constituindo um verdadeiro câncer social profundamente metastático (2), capaz de desequilibrar e desestruturar a célula mãe da sociedade, a família.

Vejam que, mesmo indiretamente, as falanges das trevas atuam até no âmbito familiar, pessoal, onde a mente e os sentimentos pessoais são os verdadeiros campos de batalha. Preciso ressaltar, também, que a libertinagem sexual, a banalização da fé e a corrupção de valores entre os mais jovens vêm sendo cuidadosamente tramada como forma de fazer nascer o conceito de que somos maus por natureza e que não devemos lutar contra essa tendência. Querem que pais, mães,

educadores, professores e mestres percam o estímulo nas suas atividades redentoras, posto que se o berço constitui o melhor hospital que o orbe terreno possui, não podemos esquecer que a vida é escola onipresente, onde todos somos alunos e, ao mesmo tempo, professores do pouco que já logramos aprender.

Nos decênios que se seguirão, muita desilusão será semeada entre os homens, mas não podemos desanimar da nossa reforma de valores, porque o Cristo não desanimou da árdua tarefa de nos conduzir ao Pai. Deus e Seus prelados sublimes não nos abandonaram e o universo está assistindo a mais um processo de regeneração planetária, com suas dores e conquistas.

Como disse Jesus, renascendo da água e do espírito nos habilitamos para novas jornadas e saltos evolutivos, que culminarão com a obtenção do mais elevado bem conhecido, a liberdade.

Essas palavras podem soar estranhas, mas a verdadeira liberdade não é dada, mas conquistada, com a harmonização plena de nosso passado, sem culpas e remorsos, sem débitos ou por meio de ardis, o que é muito diferente da sensação de liberdade que conhecemos nesses nossos primeiros passos nessa caminhada evolutiva.

Segunda mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Frei Tomás; data: 17 de outubro de 2012)

Dando continuidade às palavras do companheiro Joseph Gleber, gostaria de tecer alguns comentários sobre esse tema deveras importante, relativos às influências da escuridão que se fazem sentir na seara do Cristo.

Precisamos, todos nós, estar cientes de que orações memorizadas, mas não vivenciadas, peças e itens religiosos, como crucifixos, terços, livros sacros, água fluidificada ou benta, bem como outros objetos ou materiais, além de frases de efeito, não são capazes de “afugentar” aqueles que, na condição de líderes ou mesmo servos, atuam nas falanges da escuridão.

Para que vocês entendam o que procuro colocar, preciso reforçar o fato de que os trabalhadores da sombra são de dois tipos básicos: os líderes, seres conscientes e profundamente preparados na ciência do parasitismo energético, reconhecendo todas as mazelas de nossa alma vaidosa e orgulhosa; os servos, seres parcial ou totalmente dementados que trabalham incessantemente e cegamente como batedores de seus mestres à espreita de vítimas incautas e despreparadas, com as quais passam a manter, por sintonia entre as partes, profunda relação vampiresca. Enquanto uns determinam a s condições do assédio, os outros executam as manobras vampirizadoras no dia a dia dessa empreitada.

O que motiva essa contínua abordagem das forças da escuridão é a parca evangelização do homem encarnado e dos desencarnados. Aquele que não pratica as máximas deixadas pelo Cordeiro de Deus abre suas defesas para os que se opõem ao crescimento e autodeterminação do homem.

As influências que se fazem sentir originam-se das sintonias que se estabelecem entre as trevas e os amigos que estão sofrendo o processo, aqui e aí. Os que atacam o fazem de forma precisa e, aproveitando-se da falta de discernimento evangélico dos seus alvos ou pela presença de sentimentos de culpa e remorso, que são as portas mais amplas para a obsessão, produzem quedas maiores. A defesa quase sempre se limita, por falta de auxílio dos encarnados, a orientações de seus mentores e amigos espirituais, que raramente são escutados, por falta de reciprocidade da mente das pessoas envolvidas.

Procuró evitar terminologia científica ou técnica porque precisamos que todos compreendam a gravidade desse fenômeno para fortalecer suas defesas frente ao assédio nefasto do mal.

Para que vocês avaliem a diferença entre o discernimento entre os líderes das falanges da sombra e a de seus alvos encarnados, posso dizer que é a mesma que existe entre um traficante de drogas e das crianças, suas vítimas, nas escolas primárias. Que defesas tem a criança, que até conhece a palavra mágica a ser proferida para seu verdugo naquele momento em que a droga lhe é oferecida, a palavra NÃO, mas lhe falta, quase sempre a força para proferi-la? E geralmente essa oferta acaba por adquirir características tentadoras na mente dos pequenos. Situação abominável essa, mas entre vocês, adultos ou adolescentes, o mesmo acontece com o assédio do mal, com o agravante de que são os nossos pensamentos e desejos mais íntimos que atraem os referidos vampiros, obsessores e seus asseclas.

Nas casas religiosas, principalmente aquelas que adquirem tons mais dogmáticos e dificultam o crescimento

intelectual do homem, a abordagem das trevas é ainda mais intensa. Aproveitam-se das lideranças terrenas, que são fracas e despreparadas, que se esquecem de sua programação reencarnatória e se convertem, com sua vaidade e egocentrismo, em tirânicos servidores da escuridão, mesmo quando seguram nas mãos as obras da codificação da Doutrina dos Espíritos, a Bíblia ou todos os amuletos religiosos ou mundanos. Isso se dá porque não é o que lemos ou os nossos adornos que elevam o nosso padrão vibratório, mas sim aquilo que absorvemos e passamos a crer e praticar ao longo de nossos dias. (destaque nosso)

Aquele que diz “Senhor, Senhor, estou aqui, perdoa-me”, mas que não perdoa o seu próximo e age como filho da invigilância é muito mais culpado de suas quedas do que o amigo que desconhece, em maior ou menor grau, a palavra do Cristo. Muitas são as implicações das palavras cristãs que dizem que muito será cobrado daqueles para os quais muito foi oferecido. O conhecimento é importante porque constitui nossa bússola na busca de novas condições morais e de águas mais mansas para que venhamos a depositar nossa nau até que novos desafios se façam presentes. Contudo, o conhecimento implica reforma pessoal e esse processo não conduz somente a mudanças cosméticas, mas trata da forma como vemos o mundo e respondemos às vicissitudes da vida.

A existência daquele que vem sendo assediado logo se converte em um turbilhão de aflições e angústias, geradas não apenas por problemas pessoais, sérios ou de menor gravidade, mas principalmente pela sensação de abandono, fracasso, perda de interesse por tudo e, por fim, desilusão e tristeza profundas. Muitos desses sinais atingem pesadamente os portadores de depressão e outros problemas de cunho psicológico, que devem também procurar tratamento especializado, junto à medicina e psicologia, mas gostaria de frisar que quase sempre esses amigos também envergam as vestimentas dos quadros obsessivos e do vampirismo, que podem apresentar as mais variadas cores e formas.

Algumas sugestões podem ser muito úteis para evitar ou minimizar o assédio das trevas e devemos ponderar sobre elas:

a) Como pecador e ser imperfeito, perdoa o seu próximo para ser digno do perdão;

b) Não julgue o alheio para que severo julgamento não lhe seja endereçado;

Acalme toda ira e toda cólera de seu coração, uma vez que, da mesma forma que a culpa e o remorso, a revolta é porta ampla para a obsessão;

c) Trabalhe em prol do seu próximo, pois a ociosidade nos torna mais susceptíveis ao ataque da nossa própria inferioridade;

d) Crê que o bem constitui caminho que vale a pena ser trilhado;

e) Abra os braços com compaixão pelos necessitados, porque, no fundo, eles e nós todos carregamos as marcas vibratórias, espirituais, da indigência moral, da inércia e da invigilância;

f) Aprenda a ver a sabedoria escondida em cada pequeno detalhe da vida, com seus desafios e dificuldades, sendo que o sorriso franco diante do mundo cotidiano é a indicação mais segura do verdadeiro sábio;

g) Aprenda a orar ao Criador, pois a oração é uma conversa com o Pai de todos nós;

h) Confia e persevera, sem desânimo. Antes de julgar o socorro divino, lembre-se que recebemos do Alto o que mais necessitamos, mas não o que pedimos, desde que o Pai nos conhece melhor do que nós mesmos;

i) Cultive a humildade, deixando para trás toda manifestação de vaidade, orgulho, egoísmo e arrogância;

j) Seja instrumento do crescimento de sua coletividade, ensinando o que você aprendeu na jornada da vida, lembrando-se que o melhor professor é aquele que não perdeu a vontade de aprender e se porta como aluno;

Essas palavras são simples, mas séculos e milênios serão gastos até que possamos concretizá-las em sua plenitude. Contudo, de todos os anos que passaremos nessa transformação evolutiva, o momento mais difícil será o primeiro passo, que daremos quando vencermos o amor orgulhoso que nutrimos pelo reflexo do espelho à nossa frente e a inércia egoísta, que faz com que encontremos dificuldades em tudo.

Seja corajoso e retire o convite ao assédio das adversidades e da escuridão que ainda se encontra estampado em seu espírito imortal. Despertem para o sentido da vida.

RESUMO DO CAPÍTULO: as trevas representam a ausência de luz, mas elas não são absolutas, tampouco eternas. Podemos dividir as zonas ou planos trevosos em duas grandes categorias: os umbrais e suas divisões, bem como as regiões de trevas propriamente ditas. Dentro dessa última categoria ainda encontraríamos locais mais afastados da luz espiritual, as regiões abissais. Após o desencarne, cada espírito é levado para o plano vibratório que melhor reflete a sua condição mental, moral e espiritual, uma atração que evidencia o que o indivíduo realmente é. A força motriz desse processo é denominada de “gravidade psíquica”, por analogia à gravidade que nos mantém presos à superfície do plano físico. Nos umbrais, as pessoas demonstram remorso e culpa, além de comportamentos típicos da nossa maneira egoísta de ser, que é tão frequente no plano físico. Comunidades mais ou menos estruturadas e mostrando pronunciada pobreza material podem ser aí observadas. As regiões de trevas também são chamadas de “zonas infraterrenas” e representam a aglutinação de forças e irmãos revoltados contra as leis divinas. Os espíritos relatam a existência de grandes cidades que vivem de parasitismo energético sobre os encarnados e a presença de líderes das trevas com inteligência impar, mas voltados a uma luta sem tréguas contra o progresso humano, os Dragões. Desencarnados apresentando todo tipo de deformações do perispírito e doenças são frequentes e representam uma das notas dominantes nesses domínios de sombra. André Luiz ainda ressalta que devemos eliminar as trevas interiores, fruto de nossas imperfeições, para que as trevas exteriores não estabeleçam sintonia conosco.

Notas dos Autores

1) O termo obsessão complexa é frequentemente utilizado pelos irmãos Joseph Gleber, Adolph Fritz, irmã Scheilla, Alex Zarthu e Ishmael para se referir a quadros obsessivos ligados à utilização de tecnologia astral, com o implante de aparelhos no perispírito de encarnados e desencarnados. Esses aparelhos possuem grande importância na manutenção do controle mental de suas vítimas e raramente são visualizados pelos médiuns nas casas espíritas. Para maiores detalhes, “**Vida além da Vida**”, vol. I e II.

2) Num primeiro momento, sem conotação biológica estrita, podemos dizer que metástase é aquilo que se espalha a partir de um foco inicial. No caso do câncer (neoplasia maligna), por exemplo, a metástase ocorre quando o foco tumoral, localizado em determinada área, se espalha para outras partes do corpo, formando outros processos neoplásicos secundários. A palavra metástase provém do grego “metastasis” e significa “transferência” ou “mudança de lugar”. A comparação que se usa no texto, tem, de fato, semelhança com o processo de metástase dos tumores, pois as ações das trevas são como células cancerosas que se espalham pelo corpo social, alterando o tecido, formando aglomerados de espíritos recalcitrantes (células tumorais – doentes) e avessos ao processo evolutivo. Impende informar que as metástases de natureza neoplásica somente se formam em relação a tumores malignos. A metástase do mal ocorre quando, dos núcleos malignos iniciais, outros se transferem para diferentes localidades, visando à disseminação do ódio e do vampirismo, sentimentos “infecciosos” que comprometem o perfeito funcionamento do organismo social, composto por todos nós. Lembrem-se: somente o amor cura. Portanto, somos a doença ou a cura de nós mesmos. Onde estiverem nossos sentimentos, ali estaremos também.

Hospitais, Casas de Atendimento e Socorro

Uma pessoa que começa a ter contato com a Doutrina dos Espíritos e o mundo espiritual, através da obra de André Luiz, verifica que um dos suportes da humanidade desencarnada é o conjunto de atividades de auxílio a terceiros. Dezenas de instituições, desde casas para irmãos dementados a hospitais para restabelecimento de recém-desencarnados, podem ser listadas em suas páginas.

Em função das nossas condições espirituais, somos uma população de doentes de todos os tipos que, por misericórdia divina, vem recebendo auxílio espiritual em sua angustiante jornada na Terra, em seus diferentes planos de vida. Muitos acreditam que a morte do veículo físico representa uma passagem automática da condição de doentes terminais para a posição de seres saudáveis e sorridentes da Criação. Não é dessa forma que o processo se dá. Existe uma transição da condição que nos levou ao óbito e aquela que envergaremos com maior desenvoltura na vida espiritual. Diria a todos que aprendemos a nos sentir saudáveis e plenos e, com o tempo, esse estado se desenvolve plenamente.

Temos um longo histórico de tratamentos médico-hospitalares em nossa ficha espiritual, tudo separado por enfermidade e por existência.

Tudo se inicia no planejamento reencarnatório, onde instituições fazem a avaliação das condições espirituais e físicas dos familiares e permitem a elaboração de uma programação reencarnatória mínima, exequível. Muitos pontos são considerados, como o passado e o presente de todos os envolvidos, com seus pontos mais fortes e deficiências, ambiente físico-psíquico e possibilidade de incorporar ao conjunto de dados todas as possíveis variáveis do caminho (para maiores detalhes, consultar “**Vida Além da Vida**”, volumes I e II). Uma vez selecionado o arcabouço familiar e ambiental, programa-se o futuro organismo, considerando, profundamente, os conhecimentos de genética e da fisiologia perispiritual, procurando a seleção dos gametas e possíveis modificações no conjunto genômico familiar. Isso tudo sendo realizado por técnicos especializados.

A capacidade de planejar e compilar esses dados, associando-os com as expectativas dos demais membros das famílias envolvidas e a condição do mundo no momento do reencarne é algo que transcende a tudo que conhecemos e imaginamos, constituindo trabalho de irmãos que se dedicam em tempo integral, por séculos, a fio. Posso confessar que, na primeira vez que isso me foi mostrado em desdobramento, achei que estava enlouquecendo, mas outros companheiros de ideal e os próprios livros de André Luiz mostram essas imagens e tudo se encaixa com precisão. Feche os olhos e pondere na sua própria experiência de vida, nos padrões de ações que redundaram em mudança de postura e as consequências que tudo isso teve em sua vida atual, nas suas expectativas. Não existe acaso.

Quando paramos para pensar em nossas existências, se tivermos paz e imergirmos na Filosofia Maior, encontraremos o padrão de ação da espiritualidade maior. Mesmo nos casos de reencarne compulsório, quando o espírito pouco ou nada interferiu no processo, temos um planejamento mínimo, que, nesse caso, não impede que os iguais se aproximem. Todavia, vemos que a letargia espiritual ainda atinge mais de 90% das pessoas, que ficam esperando provas do Céu sobre a razão de suas existências, ao invés de aproveitarem a oportunidade que lhes foi dada.

A esses amigos, digo que o principal objetivo da existência é o despertar, liberando o nosso espírito imortal das amarras das ilusões criadas por ele mesmo. Uma vez despertados, não iremos perder as oportunidades de crescimento.

Seria uma inocência, da nossa parte, acreditar que todas as reencarnações seguem um modelo padrão, como citado acima. Na maioria dos casos, temos um fenômeno quase mecânico, automático, onde sintonias se impõem e os vínculos entre mães, pais e filhos se estabelecem de forma compulsória. Segundo o espírito Inácio Ferreira, em texto que ganhou nosso plano através de Carlos Baccelli, aproximadamente 70% dos espíritas experimentam algum automatismo no processo reencarnatório e isso tudo se deve à falta de méritos pessoais e uma valorização apenas superficial do lado espiritual. Por outro lado, criamos uma ficha de serviços que supostamente prestamos, mas que não colaboraram para nossa própria transformação pessoal.

Ainda não acordamos para a espiritualidade e pagamos elevado preço por isso. A obra de André Luiz mostra que essa imagem é verdadeira, mas garante que não falta misericórdia divina mesmo para aqueles que reencarnam em condições das mais rudes.

A vida começa como esperança renovada e, se muitas vezes nos espantamos com os quadros de miséria material, moral e espiritual que encontramos na crosta é porque nos esquecemos do que já divisamos nas nossas passagens pelos planos astrais, que tornam leve e sutil toda a precariedade do mundo denso. Todavia, para aqueles desencarnados que não conseguem conceber a própria existência fora do mundo físico, por pior que esse último possa vir a ser, a vida encarnada, com fome ou padecimentos, é o único lugar em que eles gostariam de estar. A evolução espiritual vai abrindo os horizontes e a mente se expande, mudando esse panorama progressivamente, em direção ao reencarne mais consciente. Como um turbilhão, a evolução se acentua e deixa transparecer que os primeiros passos, na luta contra a inércia, são os mais difíceis.

Durante a vida, grupos de espíritos familiares e técnicos nos acompanham e retornam para nossas colônias espirituais com as informações referentes ao uso que damos à nossa nova rotagem física, além de prover modificações de curso em nossas existências. Obviamente que não podemos dizer que somos dirigidos por alguém, o que tiraria todo o proveito das experiências vividas na Terra, mas somos acompanhados por muitos. A natureza daqueles que nos acompanham é bastante variável, e cultivamos essas amizades a cada dia. Ao ler um livro, não estabelecemos sintonias com seus personagens? E com o autor? Cada um escolhe aqueles que o acompanham através de seus pensamentos e atos.

A passagem pela vida também permite que tudo isso ocorra com nossos amigos espirituais, que são personagens muito presentes em tudo o que fazemos, embora nem sempre tenhamos ciência disso. Até nossos obsessores são considerados acompanhantes, os mais próximos de fato. Quando restauramos o nosso equilíbrio, nos reeducamos, expomos esses desafetos à influência e ao ambiente que passamos a cultivar, de forma que podem se restabelecer das doenças espirituais que envergavam. O obsediado faz parte do tratamento do seu obsessor, ao mesmo tempo em que a presença do obsessor geralmente é o fator que desencadeou a mudança de atitude do obsediado e sua busca pela harmonia espiritual. Em realidade, temos um tratamento simultâneo, mesmo que os pacientes não saibam.

Esse acompanhamento se mantém, de forma mais próxima ou mais distante, até os momentos mais agudos do processo de desencarne, sendo que nessas ocasiões festivas, para aqueles que nos acompanharam em vida (desde que tenhamos conseguido vencer parte de nossas limitações), recebemos o auxílio de equipes especializadas na remoção de resíduos fluídicos entre o perispírito e o corpo físico morto, desfazendo-se o duplo etéreo, ou corpo bioplásmico. Sob influência de mentores invisíveis, os espíritos amparadores e suas equipes, esses técnicos astrais vêm acompanhados de familiares do recém-desencarnado e permitem que os vínculos sejam desfeitos de forma suave. **Na ausência de méritos para esse auxílio e estando apegado ao mundo material, o desencarnado pode permanecer muitos anos em íntima associação com seus antigos despojos físicos, sentindo o cheiro pútrido da morte e a decomposição de seu antigo veículo de trabalho.** Em muitos momentos da obra de André Luiz vemos irmãos nossos que são mantidos dessa forma, ligados aos despojos, para evitar danos maiores a eles mesmos e impedir o assédio do desencarnado às famílias terrenas que ainda passam por problemas de toda natureza.

Outro grupo que merece destaque junto aos nossos momentos finais é constituído por espíritos que retiram os remanescentes ectoplasmáticos do cadáver, impedindo que essas energias venham a se converter em mercadoria de troca nas esferas inferiores. Contudo, em muitos casos, esses princípios vitais remanescentes do duplo etéreo acabam sendo retirados por irmãos menos iluminados e utilizados em atividades pouco nobres, além de permitir aos desencarnados que os obtiveram uma sensação de vitalidade que eles não mais possuíam. Um claro exemplo de necrofagia fluídica entre humanos, uma condição bastante comum nas grandes necrópoles.

As equipes assistenciais ainda cuidam de processos obsessivos de todos os tipos, doenças espirituais que se manifestam em vida e nos planos astrais, além dos serviços socorristas, que são prestados com grande relevância nas áreas do umbral. Instituições verdadeiramente móveis, como a Casa Transitória de Fabiano, adentram as regiões densas oferecendo guarida para aqueles que já conquistaram um equilíbrio mínimo e podem viver em grupos sociais mais harmônicos e coesos. Nos grandes hospitais astrais, equipes de diversos planos trabalham em associação, cada qual com sua especialidade e grau de desenvolvimento, mostrando que as equipes espirituais também precisam investir em políticas de gerenciamento e gestão. Todos são premiados com o ambiente dinâmico, mas fraterno.

Pudemos avaliar um exemplo de atendimento espiritual a encarnados e acreditamos que, nas devidas proporções, o mesmo deve ocorrer nos planos próximos à crosta. As equipes do Dr. Bezerra de Menezes e do Dr. Fritz atuavam de forma particular e independente, mas em harmonia. Entre encarnados com todo tipo de moléstia, em mais de 90% das pessoas entrevistadas, o alívio ou a cessação da enfermidade era sentida pelo paciente. A manutenção dessa condição depende de diversos aspectos, mas principalmente das recomendações dadas ao paciente e de seu histórico reencarnatório. Estudos estão sendo concluídos para avaliar o efeito do tratamento e a manutenção da saúde conquistada, mas os dados são profundamente animadores. Nessas reuniões, a sensação de paz que invade a todos é maravilhosa e as nossas desavenças e “picuinhas” do dia-a-dia somem. Vimos tanto, mas tudo por graça divina, posto que nossos méritos ainda não alcançavam o que

contemplávamos.

Inicialmente, fui colocado para desenvolver pesquisa sobre a eficiência do processo de terapia espiritual, mas eu era o principal cético. Questionário simples foi preparado por assistente social para avaliar as condições familiares, sociais, culturais e de saúde das pessoas que procuravam atendimento. Poderíamos ter informações sobre como o paciente via o mundo e como se relacionava com a fé religiosa e com a cura através da fluidoterapia. Em quase todos os casos, as pessoas saíam rindo das salas de atendimento, sem cortes ou qualquer intervenção no corpo físico, mas libertas das amarras da dor e das limitações físicas. Obviamente que muitos receberam aquilo que era possível e o mal iria ser atenuado.

Vi, entre os integrantes da família espiritual “Adolph Fritz”, uma relação de reencarnações pregressas e ali mesmo, olhando para os olhos de minha esposa, lembranças dos momentos trágicos que antecederam o seu desencarne em bombardeio na cidade de Hamburgo, norte da Alemanha, em 1943, junto com outros membros da equipe de desencarnados e encarnados. As imagens fugidias e os dramas eram mostrados, pela primeira vez, para minha querida, e se apresentavam de forma nítida e contextualizados. Não havia dor, mas sensação de “*eu te amo muito e estou aqui de novo. Aproveitemos a oportunidade*”. Perguntas formuladas em pensamento eram respondidas diante de todos, de forma clara e sensata, sem provocar remorsos ou dor. O cético morreu. Desculpem a proximidade dessas palavras, mas elas precisavam ser ditas e esse era o momento.

Pudemos observar os atendimentos que existem nos planos espirituais, que, segundo os integrantes das duas equipes de trabalho de cura, estão 300 anos na frente da medicina da crosta. Se isso for compatível com o que temos nas esferas próximas da Terra, imaginem nos planos intermediários e superiores...

A vida e o atendimento nos hospitais astrais são essencialmente os mesmos que temos aqui, no plano físico, com a diferença de que o grupo econômico-social do indivíduo é irrelevante na terapêutica: não há pobre ou rico, mas pessoas que precisam mais ou menos e outras que merecem mais ou menos atenção, segundo suas próprias obras e modo de pensar. Uma estrutura física, com numerosos postos de socorro, pode ser encontrada nas esferas mais próximas ao orbe terreno, garantindo até pouso para os companheiros das cidades espirituais que estão se deslocando para a crosta em atividades de auxílio ou estudo (“**Os Mensageiros**”). A associação do estudo com todas as atividades humanitárias é uma constante, merecendo citação especial.

Os tratamentos utilizados são os mais variados e profundos. Em quase todos os livros vemos menções a uso de fármacos, narcoanálise, regressões de memória, hipnose, hidroterapia... Tudo isso seguindo a mais rigorosa disciplina hospitalar. Até a internação de espíritos dementados é registrada na extensa obra, nesse caso para diminuir o acesso de espíritos trevosos a irmãos que haviam se complicado profundamente na sua experiência terrena e que enlouqueceram, configurando um misto de tratamento médico e reclusão judicial, uma vez que a decisão de insular tais entidades teve caráter legal, fazendo-se prevalecer a interpretação das leis que regem a colônia na qual o indivíduo é sediado.

Nos ambientes mais trevosos, onde uma infraestrutura mais complexa pode se mostrar inviável, irmãos vivendo no anonimato, na condição de “agentes infiltrados” acabam auxiliando aqueles que mostram condições de arrependimento, que, por meio desses prelados do Cristo, são enviados para as Casas Transitórias e instituições socorristas, como descrito pelo instrutor Gúbio, em “**Libertação**”:

– É impraticável a enfermagem individual e sistemática numa cidade em que se amontoam milhares de alienados e doentes. Um médico do mundo surpreenderia aqui, às centenas, casos de amnésia, de psicastenia, de loucura, através de neuroses complexas, alcançando a conclusão de que toda a patogenia permanece radicada aos ascendentes de ordem mental. Quem cura nestes lugares há de ser o tempo com a piedade celeste ou a piedade celeste por intermédio de embaixadores da renúncia, em serviços de intercessão para os espíritos arrependidos (...) (página 74)

(...) Dentro de colmeia dessa natureza, o homem sadio que tentasse impor socorro ao espírito geral não seria efetivamente o alienado mental, aos olhos alheios? Impraticável, por isso, qualquer organização beneficente visível, a não ser através de serviço arriscado qual aquele de que o nosso instrutor se incumbira, tocado pela renúncia, na obra de santificação com o Cristo. (página 113).

Os trabalhos de tratamento das doenças da alma envolvem boa vontade, limpeza espiritual prévia e conhecimento. Os médicos espirituais e suas equipes necessitam de contínuo aprimoramento e reciclagem e aqueles irmãos que não se capacitam são chamados a servir em outras atividades. O próprio médico espiritual “Dr Fritz” transmitiu isso ao grupo de encarnados

que coopera nas suas atividades dizendo que “*quem não estuda, não trabalha ali, hein!?! Brasileiros, é tudo igual, tem muita coisa pra aprender*”. Por aí foi o discurso durante os atendimentos...

O nobre amigo espiritual, falando aos espíritas mais ortodoxos sobre fluidoterapia e cromoterapia, lembrou:

- Aqui no plano espiritual tudo é cor. Tudo é vibração. Amor tem cor, saúde tem cor, harmonia tem cor...tudo é cor.

Por que não estudam as cores?

Por que não saem da inércia?

Quem fica parado é porque já morreu.

Vida é movimento. Vibração. Energia e Luz. Vida é cor.

Depois desse momento, passamos a dar aulas de morfologia e fisiologia básicas dos sistemas orgânicos e a estudar os centros de força e suas relações com as doenças físicas e espirituais. A psicografia do irmão Joseph Gleber, no capítulo “Centros de Força/ Chacras” também apresenta um visão do uso dessas “novas” terapias e a fisiologia da alma. Nesse sentido, as associações entre os diferentes modelos de tratamento mostraram resultados proveitosos, como o emprego de passes, tratamentos desobsessivos e evangelização, associados ou não com procedimentos de cromoterapia ao final do tratamento. De qualquer forma, esses resultados estão sempre ligados ao proceder do paciente. Aquele que busca a cura obtém o que necessita; renasce em vida.

Sobre o tema desse capítulo, somos obrigados a admitir que o próprio orbe terreno, com seus bilhões de moradores padecendo de letargia espiritual ou de doenças graves da alma, ainda presos a erros pungentes do passado e a paixões que escravizam o ser, se comporta como um verdadeiro hospital sideral. Em “**Ação e Reação**”, observa-se exatamente esse enfoque na conversa de André Luiz com o amigo Silas, o mesmo enfoque que frei Tomás utilizou na psicografia do final desse capítulo. Vejamos o fragmento retirado da página 34:

– Mensageiros da luz? (André Luiz).

– Sim, são prepostos das Inteligências angélicas que não perdem de vista as plagas infernais, porque, ainda que os gênios da sombra não o admitam, as forças do Céu velam pelo inferno que, a rigor, existe para controlar o trabalho regenerativo na Terra. (Silas).

E, sorrindo:

– Assim como o doente exige remédio, reclamamos a purgação espiritual, a fim de que nos habilitemos para a vida nas esferas superiores. O inferno para a alma que o erigiu em si mesma é aquilo que a forja constitui para o metal: ali ele se apura e se modela convenientemente (...)

Sob esse prisma, podemos encarar a renovação da sociedade mundial, no processo conhecido como transição planetária, como sendo a saída da Terra da unidade de terapia intensiva e a manutenção desse paciente em condições menos graves, nas quais ele pode vir a se recuperar do uso inadequado que fez de suas inúmeras potencialidades.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Frei Tomás; data: 24 de dezembro de 2012):

O grande objetivo da vida de cada um de nós é o crescimento de nossas capacidades e o amadurecimento de nossos sentimentos. Em suma, evolução, independentemente do nome que damos a ela.

Muitos pensam que o processo de forja do homem se dá apenas nos breves momentos em que ele se encontra imerso em um corpo físico, mas isso não é real. Dentro ou fora desse invólucro, a evolução não para e as experiências se sucedem continuamente.

Podemos dizer que, no plano físico, reduzindo as potencialidades de percepção e limitando a capacidade de compreensão, o crescimento é maior, mais pungente, agudo e dramático, uma vez que temos de superar a nós mesmos nesse processo santo, divino. Contudo, preciso que vocês atentem para algo muito importante: viver não é sofrer e sofrer não é sinônimo de crescimento. O sofrimento somente auxilia no desenvolvimento do homem novo se aprendemos com ele, mas ele não traz nada de bom em si mesmo, até porque geralmente ele advém de nossa incapacidade de mudar ou de aceitar o novo diante dos erros que já cometemos.

Na condição de crianças espirituais, somos alvo de toda a atenção e carinho por parte daqueles que assistem o homem no mundo. Ainda ficamos doentes quando trocamos nossos invólucros inferiores, ainda nos revoltamos quando temos de encarar nossas próprias limitações e mazelas. Fazemos todo tipo de revolta para fugir das necessidades e imperativos de mudança.

Quando deixamos o berço e iniciamos a trilha pelo plano físico, um rastro de nossas atitudes egoístas e ególatras pode ser seguido. Até nos momentos em que nossa alma recebe o lenitivo da palavra do Cristo, por vezes escolhemos o que iremos aceitar e seguir e o que deverá ser deixado para depois. Isso ocorre principalmente entre os muitos que se dizem sacerdotes e missionários.

Pensem um pouco e verão que não temos esse direito.

O Nazareno trouxe a palavra divina até seus irmãos terrenos de uma forma que nunca poderíamos ignorar: o exemplo pessoal. Não foram palavras jogadas ao vento, tampouco discursos sobre virtudes, destituídos de razão ou que inflamavam o homem contra o mundo de orgulho e falsa honra que se insinuava por todos os lados. Ele, o Cristo, deu vida nova aos profetas e sentido de coesão ao decálogo. Pedia apenas para amarmos ao Pai acima de tudo e a nós mesmos, cada um segundo as possibilidades pessoais.

O amor imuniza e protege. Ele, Nosso Senhor, sabia de nossas fraquezas e procurou nos preparar para a superação da maior dificuldade que enfrentaríamos: nosso orgulho.

O amor que emana de Deus é a razão de tudo; sem Ele a Terra sequer existiria, uma vez que ela é a materialização do amor de nosso Criador, mas sem o amor fraterno entre os homens, nosso mundo se converteria em uma única e extensa planície umbralina, uma vez que ao longo de milhares de anos, em estado quase permanente de guerra e exploração, os homens converteram o seu pequeno mundo em um gigantesco hospital.

Temos apenas dois tipos de irmãos nessa unidade hospitalar: os que ajudam e os que necessitam de auxílio. Pelo tempo em que servimos, aprendemos e nos preparamos para novos desafios e assim mesmo, na adversidade, o hospital também cumpre o papel de escola.

Meus filhos, é imprescindível que todos tenham consciência da importância que a vida deve ter, aprendendo a reconhecer seus limites e deficiências para trabalhar essas características. Dessa forma se libertarão da necessidade de internação compulsória nas muitas casas de auxílio no plano físico e entre nós.

Como é maravilhoso acompanhar o retorno de nossos queridos através do santuário do ventre materno; mas como dói na alma ter que tratá-los diante de tantas feridas abertas pela imprevidência e desleixo, perdendo oportunidade de ouro no tratamento dos verdadeiros males que assaltam o homem: o orgulho, a vaidade, ignorância, egoísmo e cólera. Eles abrem feridas profundas no perispírito daqueles que desencarnaram na indiferença e na revolta contra as leis divinas.

Por esses motivos, as colônias espirituais, independentemente da inclinação religiosa da maioria de seus habitantes, mantêm numerosas atividades junto à crosta, ao lado dos muitos bilhões de seres encarnados e desencarnados que perambulam sem parar pelas ruas de vossas cidades. Auxiliam a concretização da programação reencarnatória de meus queridos, prestam socorro em casos de doenças físicas e do perispírito, aliviam as dores e sofrimentos cármicos segundo o merecimento de cada um, atuam na libertação de irmãos que padecem de obsessões sérias, orientam pupilos e valorizam cada segundo de trabalho junto ao homem, mas é esse último que normalmente não faz a sua parte, colhendo, como fruto, o remorso e a culpa.

Doentes, os filhos de Deus adentram a vida maior precisando de amparo e sustentação afetiva. Choram sem motivo aparente, sem saber os “porquês” de suas dores, mas no fundo, bem lá no fundo mesmo, todos nós sabemos as origens de nossas angústias e aflições.

Teremos coragem de admitir que somos os maiores artífices de nossos infortúnios? Espero que sim, posto ser esse o início da nossa redenção. Digo isso sem intenção de provocar tristeza em vocês, pelo contrário, o autoconhecimento é sucedido por alegria indescritível, de vencedores.

Para aqueles que veem a vida como um desfile de prazeres e alegria sem necessidade de prestar contas de tudo, gostaria de dizer que a indiferença é uma das principais causas da indigência que abraça a maioria daqueles que recebemos no plano de vida em que nos encontramos.

Vocês leem diariamente as descrições mais contundentes sobre o umbral e as regiões abissais, onde o choro, a fome, o frio, dor, agressões físicas, morais e muita solidão campeiam por todos os lados, obrigando-nos a refletir sobre nossa experiência de vida. E...

Não mudamos quase nada.

Os pais encarnados, em muitos momentos, esquecem-se da maternidade e paternidade, vindo a solicitar a misericórdia do Pai, após o desenlace do corpo. Não cuidaram dos filhinhos amados que solicitaram e agora imploram auxílio. Antigos companheiros que vêm cobrar suas dívidas batem à porta, nos atormentando e, para nos livrarmos deles, elevamos as nossas súplicas aos céus, pedindo perdão, mas aos nossos devedores demos a marca do ferro em brasa...

Pedimos que Deus, nosso Pai amoroso, nos proteja do mal, mas quem nos protegerá de nós mesmos, uma vez que somos a principal fonte de infortúnios para os demais filhos do Criador. Será que merecemos tanta compaixão?

No momento em que essas linhas são rabiscadas, tenho apenas um pedido a ser feito ao Pai... Nesse dia, véspera de mais um Natal, quando lembramos do nascimento do homem manso que caminhou pelas vielas de Cafarnaum, Betsaida, Nazaré, Jerusalém e pelo vale do Jordão, solicito trabalho, muito trabalho, para não me dar tempo de errar mais. Como espírito falido, não quero facilidades, mas aproveitar as muitas oportunidades que nos são oferecidas a todo momento, sob as mais diversas roupagens.

Trabalhem pelo autoconhecimento e lembrem-se que aquele que faz por melhorar não abre a caixa de Pandora, cheia de remorso e culpa, e sempre será assistido por aqueles que velam pela humanidade.

Por fim, perdoem esse velho sacerdote que pouco tem a falar ou ensinar, mas escutem as palavras do Cordeiro de Deus, que veio ao mundo para nos trazer o sentido maior da vida, o amor. Para tomarmos posse desse profundo conhecimento, precisamos nos tornar senhores de nossos atos e pensamentos.

Sem desculpas, aprenderemos a não errar mais e o significado da palavra “doença” deixará o nosso dicionário.

Que a paz divina esteja com cada um e todos vocês.

RESUMO DO CAPÍTULO: a crosta terrena é campo onde as doenças do corpo e da mente grassam por todos os lados e carregamos essas enfermidades após o desencarne, uma vez que se manifestam primeiramente o perispírito e lá permanecem até que o reequilíbrio tenha sido conquistado. Muitos dos irmãos sofredores acabam se “purificando” nas regiões purgatoriais, mas acabam necessitando de auxílio no processo, mesmo que não tenham consciência do fato. Em todas as obras de André Luiz existem inúmeras menções a hospitais com especializações nos mais variados ramos da medicina e saúde como um todo, bem como postos de socorro fixos e volantes por todas as regiões umbralinas. Mesmo as áreas mais profundas das trevas, abnegados servidores do Cristo trabalham localizando aqueles irmãos que possuem condições de resgate e de viver em instituições de auxílio, localizadas nas áreas mais densas do umbral. O tratamento de muitas enfermidades é descrito em detalhes, bem como os preparativos realizados nessas instituições durante o reencarne de espíritos tutelados. Os ensinamentos dados por André Luiz há 70, 60, ou 50 anos mostram que a medicina espiritual é muito avançada, o que nos obriga a estudar mais e a buscar soluções mais eficazes frente aos numerosos problemas da humanidade terrena, nas diferentes esferas em que a vida campeia. Alguns apontamentos sugerem o uso muito controlado de desdobramentos induzidos, terapia de vidas passadas e cromoterapia, uma vez que todas as energias, principalmente nos planos sutis, também se apresentam como cores

em diferentes tons.

Elementais e Espíritos da Natureza

Desde a obra inicial de André Luiz, com “**Nosso Lar**”, a citação de espíritos da natureza vem sendo uma constante no meio espírita, mas quase sempre mergulhada no interior de um mar de desinformação e muito misticismo. Devemos esclarecer que não foi André Luiz quem introduziu essa terminologia ou citou a existência de espíritos da natureza. Quem o fez foi a Espiritualidade Maior, no próprio **Livro dos Espíritos**, a pedra angular da nossa fé racionalizada.

Nas questões 536 a 540 do **Livro dos Espíritos**, Kardec questiona e os espíritos da codificação abordam a problemática das entidades envolvidas com os fenômenos naturais. Transcrevemos o que a codificação nos apresenta como uma base para discussão:

536. São devidos a causas fortuitas, ou, ao contrário, têm todos um fim providencial, os grandes fenômenos da Natureza, os que se consideram como perturbação dos elementos?

Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.

a) - Objetivam sempre o homem esses fenômenos?

Às vezes têm, como imediata razão de ser, o homem. Na maioria dos casos, entretanto, têm por único motivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.

b) - Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, nisto como em tudo; porém, sabendo que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

Mas evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos.

537. A mitologia dos antigos se fundava inteiramente em ideias espíritas, com a única diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?

Tão pouco destituída é de fundamento, que ainda está muito aquém da verdade.

a) - Poderá então haver Espíritos que habitem o interior da Terra e presidam aos fenômenos geológicos?

Tais Espíritos não habitam positivamente a Terra. Presidem aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm. Dia virá em que receberéis a explicação de todos esses fenômenos e os compreenderéis melhor.

538. Formam categoria especial no mundo espírita os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza? Serão seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados como nós?

“Que foram ou que o serão.

a) - Pertencem esses Espíritos às ordens superiores ou às inferiores da hierarquia espírita?

“Isso é conforme seja mais ou menos material, mais ou menos inteligente o papel que desempenhem. Uns mandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, assim entre os Espíritos, como entre os homens.

539. A produção de certos fenômenos, das tempestades, por exemplo, é obra de um só Espírito, ou muitos se reúnem, formando grandes massas, para produzi-los?

Reúnem-se em massas inumeráveis.

540. Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?

Uns sim, outros não. Estabelecamos uma comparação. Considera essas miríades de animais que, pouco a pouco, fazem emergir do mar ilhas e arquipélagos. Julgas que não há aí um fim providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária à harmonia geral? Entretanto, são animais de ínfima ordem que executam essas obras, provendo às suas necessidades e sem suspeitarem de que são instrumentos de Deus. Pois bem, do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados oferecem utilidade ao conjunto.

Enquanto se ensaiam para a vida, antes que tenham plena consciência de seus atos e estejam no gozo pleno do livre-arbítrio, atuam em certos fenômenos, de que inconscientemente se constituem os agentes. Primeiramente, executam. Mais tarde, quando suas inteligências já houverem alcançado certo desenvolvimento, ordenarão e dirigirão as coisas do mundo material. Depois, poderão dirigir as do mundo moral. É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!

O tema também é abordado na última pergunta feita aos espíritos Joseph Gleber e Ishmael, dentre tantas que foram reunidas em “**Vida Além da Vida**”, volume II. Vejamos o questionamento e a resposta do Dr. Joseph:

Pergunta. Temos um pouco de dificuldades em entender o que são elementais naturais e elementais artificiais. Poderia nos esclarecer isso?

Joseph. A literatura mostra, com diversas abordagens, o que são essas denominações. A maior dificuldade que temos é entender, enquanto encarnados, que tais seres existem de fato.

Os elementais naturais são seres que ocupam a dimensão espiritual, evoluindo para aquisição de raciocínio mais estruturado, após longa jornada evolutiva em diferentes domínios de formas. A quase totalidade deles ainda não apresenta tirocínio e não pode ser julgada pelo que faz. São chamados de espíritos da natureza, embora não sejam os únicos, e participam da harmonização do ambiente natural. As antigas tradições citam suas existências ligadas aos elementos naturais, como as matas, o fogo, a atmosfera, as águas e outros.

Eles representam uma etapa de transição, como nós mesmos também o somos, meus irmãos, uma vez que nada permanece estático no universo. No passado distante, quando hominídeos mais primitivos ainda percorriam as trilhas das matas e campinas, esses espíritos tinham a oportunidade de reencarnar como parte desses grupos. Atualmente a transição entre elementais naturais e os humanos mais simples e primitivos se faz em outros sistemas planetários, uma vez que o homem terreno, na sua forma atual, não mais representa oportunidade imediata de evolução para esses nossos companheiros.

Os elementais naturais vivem da enorme gama de energias que forma o nosso ambiente fluídico e constituem famílias como nós mesmos o fazemos. Possuem grande capacidade de manipular e entender as forças naturais, podendo ser empregados para o bem ou para o mal, sendo que os espíritos que os comandam para as trevas serão julgados severamente, da mesma forma que os professores são julgados por terem dado orientações nefastas para seus alunos.

Nos centros espíritas são responsáveis, em parte, pelo preparo do entorno da casa e dependências, principalmente para aquelas reuniões que se fazem próximas de ambientes agrestes. Na eliminação de fluidos mais densos, energias deletérias e formas-pensamento apresentam grande capacidade de ação, transmutando-as, com facilidade, em formas neutras que desaparecem do recinto. Essa utilização dos elementais é importante e deve ser estimulada, posto que colabora para o desenvolvimento de noções de ética e permite que tenham contato com espíritos capazes de lhes auxiliar na prática do bem, uma vez que sempre estão sob comando de consciências humanas em suas atividades junto às casas de oração de todos os tipos.

Os elementais naturais podem ser encontrados nas dimensões espirituais mais próximas da crosta e nessa última, por vezes interagindo com os humanos desencarnados ou mesmo encarnados, que muitas vezes não sabem do que se trata. Em centros espíritas podem ser vistos com frequência, embora normalmente não deem comunicação. Como também ocorre entre os meus irmãos, existem elementais que possuem maior discernimento e são orientadores e líderes de outros, podendo, em casos bastante raros, se manifestar junto a vocês.

Os elementais artificiais são criaturas que tomam forma e conteúdo em função da manipulação da matéria mental e astral. São fruto do pensamento e ao pensamento sempre estarão ligados. Podem se originar de pensamentos elevados ou, mais frequentemente, de mentes enfermiças que sorrateiramente procuram se assenhorar de pessoas incautas.

Nesse último caso, o pensamento enfermiço e doentio de entidades das trevas com grande poder mental pode levar a criação de formas humanoides ou animais, ou mesmo sem forma determinada, cuja vida transitória pode durar por dias, semanas, meses, anos ou mesmo séculos. Podem ter alguma iniciativa, mas tais forças são utilizadas apenas para a obtenção de energias vitais junto a crosta e para prática aberta do mal institucionalizado. Ao se aproximarem de encarnados com os quais observam sintonia vibratória, os elementais de matéria mental poderão ter contato com a intimidade do sistema nervoso do irmão, enquanto aqueles que são formados de matéria astral, mais densa, ganham acesso

através da respiração ou através dos chacras inferiores, em particular o plexo solar.

Em todos os casos, havendo sintonia entre o pensamento que gerou a forma elemental e o seu alvo encarnado, estabelece-se uma relação de simbiose no qual o humano mantém a integridade do ser “invasor” através de seus pensamentos, ao mesmo tempo em que perde tónus energético, passa a apresentar todos os sinais típicos de mal-estar e depressão, além de sentir profunda inclinação para a prática de todas as fraquezas que sua alma já era predisposta pela sua história reencarnatória. A queda vibratória decorrente irá facilitar a aproximação de entidades trevas e os casos de obsessões complexas.

A melhor forma de se manter distante da influência desses seres de vida transitória criados pelas mentes trevas é a reeducação do pensamento, buscando a paz e o trabalho fraterno. A reforma pessoal é o caminho que meus irmãos deveriam procurar seguir, afinal, é o verdadeiro objetivo da reencarnação de cada um de nós.

O papel dos espíritos nas atividades da natureza é abordado, mais uma vez, em “**Os Mensageiros**” (página 255), quando o instrutor Aniceto mostra que a vida rural “*é também vasta oficina para os serviços de nossa colaboração ativa*”.

Nesse sentido ainda...

E apontando os servidores, que iam e vinham, considerou:

— O reino vegetal possui cooperadores numerosos. Vocês, possivelmente, ignoram que muitos irmãos se preparam para o mérito de nova encarnação no mundo, prestando serviço aos reinos inferiores. O trabalho com o Senhor é uma escola viva, em toda parte. (“**Os Mensageiros**”, página 256).

A resposta de Joseph Gleber ao nosso questionamento e as palavras dos espíritos da codificação deixam bastante claro que os espíritos da natureza, os chamados elementais, são uma realidade, mas qual o papel que de fato desempenham?

Sabemos que as chuvas caem em conseqüências de fenômenos naturais, que as correntes marinhas trazem e levam coisas em função do movimento de rotação da Terra e da distribuição de calor da linha do Equador para os polos... Todos esses fenômenos são naturais, mas não significa que eles não possam ser acompanhados por espíritos de grande envergadura, capazes de relatar, ao Cristo planetário e demais Imortais, as transformações em curso em nosso mundo, como um mecanismo adicional de controle.

Além desses espíritos mais evoluídos, os fenômenos naturais são frequentemente associados a espíritos intelectualmente desenvolvidos, mas que se entregaram ao mal e criaram pesadas heranças cármicas, de forma que o contato com o meio natural faz parte do tratamento de rearmonização a que são expostos, preparando-os para o reencarne. Após anos em contato com o meio natural, retornam ao seio da Terra, mais cômicos de suas capacidades e obrigações e mais entrosados com o fluxo de energia e de luz que permeia toda a criação divina.

Contudo, de uma forma geral, não estamos nos referimos a esses espíritos quando falamos de elementais e espíritos da natureza, mas sim a irmãos nossos que ainda não reencarnaram na condição humana, já tendo atravessado a longa jornada que nos separa da base da pirâmide evolutiva da vida. Pelo texto do Dr. Gleber, nós mesmos podemos ser considerados espíritos envergando formas transitórias, uma vez que o processo evolutivo caminha ininterruptamente, moldando não apenas o ambiente externo, mas também todas as formas de vida, nas diferentes esferas da matéria. O homem é a etapa transitória para a condição angelical.

Os elementais estão envolvidos em processos fluídicos naturais, as chamadas “trocas de energias”, que ocorrem de forma intensa também, com envolvimento de todos os tipos de bioplasma, como o fitoplasma, das plantas, e o zooplasma ou ectoplasma, de origem animal. A profunda sensação de paz e de finitude que sentimos ao adentrar um bosque frondoso e nosso apego ao grupo ao redor de fogueiras também estão associadas aos elementais e ao nosso passado evolutivo, já quase perdido na noite dos tempos, mas registrado em nossos corpos espirituais superiores.

Os elementais formam comunidades mais ou menos estruturadas ao redor das regiões astrais onde o meio natural foi preservado e as colônias humanas administram a sua presença da maneira mais responsável. Como esses espíritos, como citado pelo nosso querido mentor Joseph, são desprovidos de maior tirocínio e, portanto, não afeitos a sentimentos de culpa,

acabam formando grupamentos mesmo em áreas densas do umbral e regiões infraterrestres, como descrito em “**Libertação**”. Nessas comunidades, sua capacidade de atuar como uma ligação entre o homem e o meio natural é explorada pelos líderes trevosos como forma de perpetuar o vampirismo fluídico. A obra de André Luiz mostra que os espíritos que induzem os elementais no caminho das trevas são duramente responsabilizados por isso, como o professor que, aproveitando-se da ingenuidade e ignorância de seus alunos, acaba ensinando atitudes delinquentes.

O contato com a espiritualidade acaba moldando o crescimento desses espíritos. Na presença de entidades ordeiras e mais evoluídas, eles caminham para a aquisição de atributos de racionalidade e de moralidade mais compatíveis com os espíritos que virão a adentrar o corpo de hominídeos nos orbes primitivos onde essas formas estão se espalhando pelo ambiente natural, como ocorreu com a Terra nos últimos sete milhões de anos. Aqui, em nosso pequeno ponto azul, a fase de incorporação desses espíritos ao grupamento humano parece ter cessado, em função da mudança de categoria que o planeta está passando (1).

Sob comando de entidades trevosas, que os recompensam com fluídos obtidos de terceiros, esses seres podem se tornar serviçais e desenvolver algum gosto para o parasitismo energético, manipulando as energias do corpo etéreo e perispiritual de encarnados. Situações desse tipo podem estar vinculadas às obsessões complexas, em que elementos naturais, como ovóides e formas elementais, além de dispositivos tecnológicos podem ser utilizados para exacerbar o vampirismo fluídico em encarnados e desencarnados.

A existência dos espíritos da natureza está associada às lendas antigas e medievais, que falavam de seres míticos, como gnomos, fadas, silfos, salamandras e outros, cada um com características especiais e aptidões particulares, derivadas da época em que se acreditava que o universo era constituído dos quatro elementos mais relevantes: terra, fogo, ar e água. Como não poderia deixar de ser, as descrições que temos sobre os elementais naturais são profundamente ligadas a essas mitologias, mas não podemos nos deixar tomar pela credulidade cega nesses momentos. Eles existem e formam populações heterogêneas junto às coletividades humanas e ao ambiente natural, mas estão longe do que nos mostravam as lendas célticas e nórdicas.

Nas cidades, reciclam as formas-pensamento que os encarnados e desencarnados produzem continuamente, sendo um elemento de equilíbrio dos sistemas urbanos. Atraídos por formações fluídicas luminosas, como igrejas e instituições beneficentes, zelam pela manutenção energética do local, mas as formações mais densas, como os resíduos dos trabalhos de desobsessão, são particularmente alvo da ação desses elementais. Contudo, essas atividades, evocadas ou não pelo dirigente espírita, ocorrem sem que os elementais tenham um conhecimento mais pronunciado do que está se passando ao seu redor, muito embora as sensações de amor e fraternidade sejam capazes de tocá-los profundamente.

Suas comunidades astralinas e no plano terreno são organizadas e dirigidas por espíritos que já possuem maior conhecimento da realidade humana, tendo reencarnado entre os humanos e desenvolvido senso de liderança. Esses líderes são capazes de atuar como uma interface entre as sociedades humanas e as suas próprias, podendo interagir com os espíritos superiores que organizam suas atividades naturais e evitar que seus grupamentos descambem para as relações parasitárias que lhes são sempre solicitadas por aqueles médiuns e espíritos de menor envergadura moral e espiritual, como descrito em “**Libertação**”, que transcrevemos a seguir (páginas 73 e 74):

O instrutor (Gúbio), todavia, esclareceu, discreto:

– Guarda as perguntas intempestivas no momento. Estamos numa colônia purgatorial de vasta expressão. Quem não cumpre aqui dolorosa penitência regenerativa, pode ser considerado inteligência sub-humana. Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre. A ignorância, por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacoide e a ideia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. O contato com certos indivíduos inclina-os ao bem ou ao mal e somos responsabilizados pelas Forças Superiores que nos governam, quanto ao tipo de influência que exercemos sobre a mente infantil de semelhantes criaturas.

Creio que Gúbio foi bastante claro em todos os aspectos abordados.

A espiritualidade se interessa bastante pela educação desses irmãos, que não devem ser encarados como uma forma transitória apenas, até porque todos somos “formas transitórias” e essa é a beleza do processo evolutivo. Eles devem ser

encarados com a mesma benevolência que os antigos profetas nos dedicavam nos primórdios da civilização. Nas casas espíritas, devemos permitir que eles trabalhem em colaboração com aos companheiros espirituais da instituição, aprendendo pelo exemplo. Como normalmente não se apresentam formalmente ou se comunicam através dos médiuns, sua presença acaba sendo inferida ou detectada apenas através da vidência ou audiência de medianeiros, além dos seareiros de fluidoterapia e medicina espiritual, que normalmente utilizam do auxílio desses amigos invisíveis na manipulação de bioplasma, tanto de origem animal, quanto vegetal, como solicitado pela enfermeira Narcisa em “**Nosso Lar**”.

Alguns elementais acabam por desenvolver verdadeira afinidade por centros espíritas e suas atividades, colaborando até na organização fluídica de suas atividades e devem ser estimulados a isso. Citá-los em agradecimento é algo que sempre colabora para reforçar os vínculos amorosos que eles desenvolvem pelos encarnados e pelas equipes de suporte. Nesse sentido, ainda para esclarecer alguns pontos, suas dimensões reduzidas e características físicas humanoides fazem com que sejam frequentemente confundidos com aberrações morfológicas ou espíritos doentes, mas seus campos áuricos são leves ou neutros, assemelhando-se ao do ser simples que não vê maldade na maioria das atitudes más que presença, adquirindo esse discernimento com o tempo. Dessa forma, não devemos tirar conclusões precipitadas sobre sua presença, evitando-se aquele palavrorio que muitas vezes presenciemos em reuniões reservadas, na casa espírita, evitando-se doutrinações ou tratamentos, uma vez que estão ali participando das atividades em consonância com a espiritualidade que organiza os trabalhos.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Ishmael ben Gurion; data 29 de dezembro de 2012)

*A vida é fluxo magnífico de energias. Das formas mais simples às mais complexas e plenas. Como o **Livro dos Espíritos** nos brinda, do átomo ao arcanjo, um fluxo ininterrupto e amplo de formas e seres, cada um com seus potenciais de trabalho e aprendizado.*

O homem terreno procurou, ao longo do tempo, se apartar desse fluxo, gerando todo tipo de filosofia que objetivava enaltecê-lo e separá-lo do restante da criação, o que constitui um grande erro de raciocínio. Não precisamos “eliminar” o nosso lado natural para fazer prevalecer o espírito humano que nos habita. A beleza da evolução é exatamente estar dentro desse grande processo de transformação. Os elementais fazem parte desse processo contínuo de evolução e nós também, em caminho para formas mais nobres e livres.

Somos o que a nossa natureza mais íntima insinua e não podemos nos esquecer de que já fizemos parte desse grupo de espíritos que interage com o mundo natural, manipulando energias, reciclando e transformando a matéria mental. Suas atividades seguem os mesmos objetivos das nossas, a sobrevivência e o crescimento, mas em ritmo próprio.

Com o tempo, desenvolvem conhecimento de causa e passam a entender os processos nos quais estão inseridos e quando isso adquire um comportamento mais estruturado e contínuo, passam a viver junto às coletividades humanas e reencarnam entre os grupamentos de hominídeos mais simples, dispostos pelo universo. Nesse caso, a palavra “hominídeo” não está associada, necessariamente, às formas físicas absolutamente “humanas”, mas ao princípio estruturador da mente espiritual, do intelecto, embora tenhamos consciência que a vida inteligente tende a apresentar características muito próprias e próximas ao que encontramos em nosso mundo, por uma questão de simetria e convergência adaptativa e evolutiva, mas exceções existem.

O convívio com esses irmãos deve sempre ser pacífico e harmônico, uma vez que sentem e buscam a nossa presença, adquirindo com isso as características que mais norteiam os nossos grupos, da mesma forma que nos beneficiamos com as correntes de pensamentos de espíritos luminares.

Uma vez que somos frutos da ação da inteligência sublime do Criador, estruturando a matéria e o princípio inteligente e dando-nos vida espiritual e biológica, com a ação de nossas mentes também criamos estruturas mais ou menos transitórias, os elementais artificiais, que, em realidade, não poderiam ser considerados sob essa denominação, mas a utilizamos porque a mesma se generalizou entre meus amigos. Ao contrário dos espíritos divinamente criados por Deus, essas formas não desenvolvem vida independente, ficando sempre ligadas às correntes mentais que as geraram.

Tais entidades são fruto do pensamento altamente estruturado de um indivíduo ou grupo de indivíduos em determinados locais e épocas, podendo ser vistos por médiuns. Eles fazem exatamente aquilo que foram programados antecipadamente para fazer e, em alguns casos, seus criadores atuaram inconscientemente e nada se recordam sobre o fato. Ambientes que foram palco de grandes dores e sofrimentos coletivos são normalmente ocupados por essas criações

mentais. Poucos visitam os fornos crematórios nazistas na Polônia e não sentem o peso esmagador do lugar e isso é exacerbado por algumas formas que lá se concentram, vindas dos ambientes mais densos do globo, embora sejam eliminadas pela ação da espiritualidade que guarda esses ambientes. O mesmo ocorre nas fortalezas da inquisição, na Europa, e as fazendas de cana-de-açúcar, fumo e café que foram palco de atividades escravistas no Novo Mundo.

As forças mentais que mantêm os elementais artificiais podem atuar por séculos, instigando e criando, e esses seres estabelecem afinidade vibratória com locais e pessoas por todo o tempo em que persiste essa corrente mental. A eliminação desses casulos ou formas artificiais é dependente do rompimento da sintonia ou eliminação da corrente mental mantenedora, o que necessita do discernimento dos médiuns e perdão, palavra que o Cristo procurou inculcar na mente humana. Em muitos casos em que os médiuns videntes estabelecem contato visual com entidades que não se manifestam em reuniões de desobsessão, tampouco parecem ter um conteúdo mental estruturado, podemos ter a presença de elementais artificiais.

Meus caros amigos, não podemos esquecer de que estamos adentrando o reino das inteligências artificiais em seu mundo encarnado, frutos da ciência. Aí o pensamento atua quase que exclusivamente na construção de planos que serão desenvolvidos em fábricas e oficinas. Aqui também temos isso tudo, com a diferença que as criações mentais, nobres ou não, elaboradas por vocês e por nós mesmos, se tornam visíveis e palpáveis aos nossos olhos. O que elas fazem conosco? Fazem o que com elas fazemos. Aquelas que foram obra de sentimentos amorosos e puros, verdadeiras formas-pensamento de amor e pureza, trazem paz. O oposto ocorre com maior frequência, onde mentes entorpecidas no ódio e a maledicência produzem mais aflição em suas vítimas e nelas próprias.

O mais relevante em toda essa discussão é saber que o fluxo de energia e vida não deve e não pode ser obstruído. Os elementais se reúnem ao nosso lado em função das energias que emanamos e podem nos ajudar a trabalhar com todo tipo de fluidos cósmicos, uma vez que, não possuindo um discernimento mais aguçado, eles atuam de forma natural e quase instintiva como parte desse meio natural, mostrando aspectos da natureza pré-humana que nós já havíamos sepultado em nosso passado evolutivo, mas que podem ser extremamente úteis.

Todos somos alunos e professores de alguém. Quando ensinamos o bem, recebemos o que ensinamos, que se manifesta na forma de paz de espírito. Quando deformamos a criação divina, geramos angústia e tristeza e sofremos com os alunos que influenciemos, na condição de professores ou irmãos mais velhos.

Cuidemos desses nossos irmãos com o esmero e o carinho com que fomos auxiliados nos nossos primeiros passos.

RESUMO DO CAPÍTULO: os espíritos da natureza fazem parte do interesse dos espíritos desde a codificação da Doutrina dos Espíritos. Duas hierarquias bastante distintas aparecem nos textos: espíritos de elevada hierarquia espiritual, grande poder mental e valorosos princípios, que acompanham os elementos e transformações naturais, organizando-os e imprimindo-lhes uma ordem, e um grupo numeroso de espíritos em condição pré-humana que atuam nesses mesmos processos, mas na condição de operários da natureza. Existe também a menção a líderes das trevas que procuraram a redenção, deixando de lado o passado de revolta contra as leis do Criador e passaram a ser utilizados para acompanhar os fenômenos naturais como forma de harmonização antes de um novo retorno ao plano físico. Os elementais são bastante úteis na manipulação de energias oriundas dos meios naturais, como o zooplasma (um tipo de ectoplasma de origem animal) e o bioplasma das plantas (também chamado, nesse caso, de fitoplasma). Na obtenção de zooplasma e ectoplasma, utilização desses espíritos pode ser contemplada em casos de parasitismo energético, nas cidades das sombras, enquanto que a cura pela natureza configura um exemplo da utilização de bioplasma. Os elementais são facilmente atraídos para a convivência humana e, por falta de tirocínio próprio, acabam adquirindo as características das pessoas com as quais convivem, tanto para o bem, quanto para o mal. Colaborar para o crescimento desses espíritos é de suma importância e por isso devem ser estimulados a participar da limpeza energética das casas espíritas e nos trabalhos de cura, sob orientação e supervisão da equipe espiritual da casa. Embora possam ser vistos em reuniões mediúnicas, principalmente no preparo das mesmas, não dão comunicação através dos médiuns, à exceção dos seus líderes que já reencarnaram como humanos, mas preferiram permanecer junto aos seus como forma de permitir o progresso do grupo. Esse é um aspecto mais controverso do tema. Os elementais, em sua grande maioria, ainda não reencarnaram entre os humanos e deverão fazê-lo em breves tempos, mas em outros orbes, já que na Terra, pelo menos em seu plano físico, não existem mais espécies de homínídeos capazes de recebê-los em seu ventre. Devemos ter muito cuidado ao abordar o assunto dos elementais para não incorporarmos lendas medievais sobre formas quase humanas, mesmo que elas tenham, no seu início, uma origem que remonta a histórias sobre os espíritos da natureza.

Nota dos Autores

1) Em realidade, o processo de transição planetária é bastante longo na escala humana e dura milênios, mas estamos experimentando uma exacerbação do mesmo.

Ovóides e a segunda morte

A existência de deformações perispirituais é amplamente discutida na obra de André Luiz, como o caso de licantropia (aquisição de características de lobo) descrito em “**Libertação**”, ou a sugestão de que espíritos podem alterar tão profundamente a conformação do corpo espiritual que acabam por adquirir a aparência de aves (corujas gigantes) e de árvores secas, conforme o texto extraído de “**Libertação**” (página 64) sugere:

Lembrando a “selva escura” a que Alighieri se reporta no imortal poema, eu trazia o coração premido de interrogativas inquietantes.

Aquelas árvores estranhas, de frondes ressecadas, mas vivas, seriam almas convertidas em silenciosas sentinelas de dor, qual a mulher de Lot, transformada simbolicamente em estátua de sal? E aquelas grandes corujas diferentes, cujos olhos brilhavam desagradavelmente nas sombras, seriam homens desencarnados sob tremendo castigo da forma? Quem chorava nos vales extensos de lama? Criaturas que houvessem vivido na Terra que recordávamos, ou duendes desconhecidos para nós?

A despeito dessas imagens fortes, esses danos ao corpo perispiritual não se aproximam, em severidade, à segunda morte, também conhecida como desorganização do perispírito ou ovoidização. Muitos companheiros da seara Espírita-Cristã duvidavam que as estruturas disformes descritas por André Luiz pudessem existir, chegando a chamar o “jovem” autor de neófito da Doutrina dos Espíritos. O maior problema dessa consideração é acreditar que a figura do nobre autor traduz exatamente a história que se esconde por trás do pseudônimo; André parece saber muito mais do que relata e segue uma ordem bem determinada no lançamento de seus textos. Ele não poderia falar de ovóides logo no início da sua extensa obra, posto que não estávamos familiarizados com a estrutura do próprio perispírito, mais maleável que nosso corpo físico, mas ainda constituído de órgãos e sistemas vitais.

Nesse sentido, todas as vezes que discutimos, em nossos grupos de estudo, a organização perispirítica, muitos irmãos de ideal ainda trazem o conceito errôneo de que o perispírito é uma “fumacinha transcendente”, o que prejudica toda a compreensão do processo de ovoidização e das doenças que atingem o corpo físico e os corpos espirituais inferiores.

A perda da estrutura perispiritual reflete as anomalias e os complexos de culpa que o espírito acumula ao longo do tempo e que se manifestam, primeiramente, no corpo mental superior e, posteriormente, no corpo mental inferior e perispírito propriamente dito. Durante o processo, em função dessas desarmonias, como o remorso, culpa e rancor, o espírito passa a vibrar em escalas cada vez mais densas e impróprias, deixando de transformar as energias que recebe do meio ambiente, do fluído cósmico, caminhando para a atrofia de todos os sistemas de suporte, como o sistema respiratório, cardiovascular, linfático e musculoesquelético, sob influxo de pensamentos que adentram o corpo perispiritual a partir de seu sistema neuroendócrino e centros de força, em processo de monoideísmo. Essas transformações se iniciam lentamente e se cristalizam com o tempo, transformando o espírito ovoidizado em um ser totalmente parasitário, no qual apenas os centros de força podem ser vislumbrados com alguma facilidade em uma estrutura que lembra, em tudo, uma criatura ameboide.

A descrição de André Luiz sobre a natureza do processo de ovoidização é de raro primor (“**Evolução em Dois Mundos**”, página 91):

Sentindo-se em clima adverso ao seu modo de ser, o homem primitivo, desenfaixado do envoltório físico, recusa-se ao movimento na esfera extrafísica, submergindo-se lentamente, na atrofia das células que lhe tecem o corpo espiritual, por monoideísmo auto-hipnotizante, provocado pelo pensamento fixo-depressivo que lhe define o anseio de retorno ao abrigo fisiológico.

Nesse período, afirmamos habitualmente que o desencarnado perdeu o seu corpo espiritual, transubstanciando-se num corpo ovóide, o que ocorre, aliás, a inúmeros desencarnados outros, em situação de desequilíbrio, cabendo-nos notar que essa forma, segundo a nossa maneira atual de percepção, expressa o corpo mental da individualidade, a encerrar consigo, conforme os princípios ontogenéticos da Criação Divina, todos os órgãos virtuais de exteriorização da alma, nos círculos terrestres e espirituais, assim como o ovo, aparentemente simples, guarda hoje a ave poderosa de amanhã, ou como a semente minúscula, que conserva nos tecidos embrionários a árvore vigorosa em que se transformará no porvir.

No mesmo livro, nosso amigo ainda completa (página 117)...

Inúmeros infelizes, obstinados na ideia de fazerem justiça pelas próprias mãos ou confiados a vicioso apego, quando desafivelados do carro físico, envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística, fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual, porquanto, de órgãos psicossomáticos retraídos, por falta de função, assemelham-se a ovóides, vinculados às próprias vítimas que, de modo geral, lhes aceitam, mecanicamente, a influência, à face dos pensamentos de remorso ou arrependimento tardio, ódio voraz ou egoísmo exigente que alimentam no próprio cérebro, através de ondas mentais incessantes.

Por esse parágrafo verifica-se que todo o processo de modificação na estrutura perispiritual obedece aos imperativos dos corpos espirituais superiores em desarmonia e o tratamento dessa condição também requer a utilização da ligação entre os corpos espirituais superiores e perispírito do irmão ovoidizado.

Não sabemos quanto tempo demanda a transformação que caracteriza os ovóides, mas sabemos que anos ou séculos podem estar envolvidos. Muitos escravos que se ligaram fluidicamente a seus antigos senhores acabaram desenvolvendo essa condição após décadas de postura obsessora junto desses. Alguns judeus que pereceram, nas mãos dos romanos, na grande revolta judaica de 66 d.C.-73 d.C., acabaram se convertendo em ovóides que parasitaram os últimos senhores de Roma, nos derradeiros anos do Império Romano do Ocidente, entre 450 d. C. a 476 d. C. Da mesma forma, é impossível estabelecer o tempo necessário para reverter o processo atrofico instituído pela autoindução ou por hipnose, uma vez que a maior dificuldade em se modificar o quadro é a aceitação de uma nova realidade mental por parte do espírito sofredor que se mantém em desarmonia.

A mente do doente, porque eles são doentes carregados de ódio e desamor, reverbera continuamente, gerando quadros mentais que se imortalizam. Não existe uma aceitação do perdão, do autoperdão, o que agudiza as transformações na estrutura perispiritual. Uma vez que não existe uma barreira real ao pensamento, que eles produzem em torrentes, vínculos são criados entre as formas ovóides e seus desafetos do passado e esses vínculos são utilizados pelas entidades cristalizadas no mal para prejudicar os encarnados e mesmo outros desencarnados, como podemos observar na descrição de “**Libertação**” (página 104):

Ante o intervalo espontâneo, reparei, não longe de nós, como que ligadas às personalidades sob nosso exame, certas formas indecisas, obscuras. Assemelhavam-se a pequenas esferas ovóides, cada uma das quais pouco maior que um crânio humano. Variavam profusamente nas particularidades. Algumas denunciavam movimento próprio, ao jeito de grandes amebas, respirando naquele clima espiritual; outras, contudo, pareciam em repouso, aparentemente inertes, ligadas ao halo vital das personalidades em movimento.

Posteriormente, André Luiz mostra que essa imantação de desencarnados a formas ovóides parasitárias era extremamente comum nas cidades das trevas...

Grande número de entidades, em desfile nas vizinhanças da grade, transportavam essas esferas vivas, como que imantadas às irradiações que lhes eram próprias.

O instrutor Gúbio (“**Libertação**”, página 106) descreve a relação entre o processo de ovoidização e a enfermidade mental, colocando que ...

(...) Pela densidade da mente, saturada de impulsos inferiores, não conseguem elevar-se e gravitam em derredor das paixões absorventes

que por muitos anos elegeram em centro de interesses fundamentais. Grande número, nessas circunstâncias, mormente os participantes de condenáveis delitos, imantam-se aos que se lhes associaram nos crimes. Se o discípulo de Jesus se mantém ligado a Ele, através de imponderáveis fios de amor, inspiração e reconhecimento, os pupilos do ódio e da perversidade se demoram unidos, sob a orientação das inteligências que os entrelaçam na rede do mal. Enriquecer a mente de conhecimentos novos, aperfeiçoar-lhe as faculdades de expressão, purificá-la nas correntes iluminativas do bem e engrandecê-la com a incorporação definitiva de princípios nobres é desenvolver nosso corpo glorioso, na expressão do apóstolo Paulo, estruturando-o em matéria sublimada e divina (...)

Como colocado acima, a maior dificuldade no tratamento desses irmãos reside no despertar da mente para as expressões santificadoras. As mentes de tais irmãos estão imersas em “estranhos pesadelos” (“**Libertação**”, página 109).

Registram-nos os apelos, mas respondem-nos, de modo vago, dentro da nova forma em que se segregam, incapazes que são, provisoriamente, de se exteriorizarem de maneira completa, sem os veículos mais densos que perderam, com agravo de responsabilidade, na inércia ou na prática do mal. Em verdade, agora se categorizam em conta de fetos ou amebas mentais, mobilizáveis, contudo, por entidades perversas ou rebeladas. O caminho de semelhantes companheiros é a reencarnação na Crosta da Terra ou em setores outros de vida congênere, qual ocorre à semente destinada à cova escura para trabalhos de produção, seleção e aprimoramento (...)

A presença de formas ovóides ligadas ao perispírito de desencarnados é bastante conhecida e os hospedeiros não conseguem perceber a companhia que os suga, algo semelhante ao que ocorre no parasitismo com os encarnados, como descrito por André Luiz nas linhas abaixo, retiradas, mais uma vez, de “**Libertação**” (página 117):

Percebi que a infeliz se cercava de três formas ovóides, diferenciadas entre si nas disposições e nas cores, que me seriam, porém, imperceptíveis aos olhos, caso não desenvolvesse, ali, todo o meu potencial de atenção.

Mesmo nosso caro amigo André só conseguiu registrar o fato em função da sensibilidade mais aguçada que ele passou ter depois de operações magnéticas que foram realizadas e descritas em “**Os Mensageiros**”. A manutenção desses ovóides ligados ao perispírito do desencarnado se dá por afinidade fluídica ou a manutenção de complexos de vingança e remorso, como o próprio instrutor Gúbio evidencia nas linhas a seguir (“**Libertação**”, página 117):

– São entidades infortunadas, entregues aos propósitos de vingança e que perderam grandes patrimônios de tempo, em virtude da revolta que lhes atormenta o ser. Gastaram o perispírito, sob inenarráveis tormentas de desesperação, e imantam-se, naturalmente, à mulher que odeiam, irmã esta que, por sua vez, ainda não descobriu que a ciência de amar é a ciência de libertar, iluminar e redimir.

A associação entre os ovóides e desencarnados pode ser tão profunda que a separação definitiva do par, à vezes, se mostra impraticável por muitos anos, de forma que ocorre o reencarne simultâneo de ambos, na condição de gêmeos siameses ou xifópagos. Contudo, deixemos os estereótipos de lado e lembremo-nos que o ódio não é o único sentimento capaz de levar à formação desses pares, o sentimento desequilibrado de “posse”, erroneamente chamado de “amor de paixão” ou denominações semelhantes, também provê as condições indispensáveis para que o processo se estruture. Devemos destacar, também, que muitas outras causas podem estar associadas ao desenvolvimento desses gêmeos siameses, que não as relações envolvendo ovóides ou os quadros obsessivos. Como regra, a espiritualidade utiliza-se da biologia da forma mais adequada para o crescimento geral de todos e de cada um em particular, não cabendo, da nossa parte, comentários menos dignos ou preconceituosos sobre o tema.

O caso dos gêmeos xifópagos, associados com obsessão e ovoidização, é uma ocorrência rara que acaba tendo duplo benefício para os envolvidos: a obrigatoriedade de conviver, por algum tempo, em condições que forcem um entendimento em bases fluídicas mais saudáveis e o desenvolvimento de tolerância pela dupla, que passa a compartilhar de muitos sistemas orgânicos. O desenvolvimento desses gêmeos é determinado pela ação dos dois perispíritos, com cargas fluídicas quase indistinguíveis, em comunhão, sobre as células fetais de ambos, que passam a compartilhar parte da estrutura em formação. Outras vezes a união entre os gêmeos idênticos ocorre posteriormente, durante o desenvolvimento dos embriões, e obedece à atração fluídica que existe entre ambos. São dois seres que espiritualmente e, a partir desse ponto, fisicamente, gravitam um ao redor do outro.

A separação cirúrgica desses irmãos pode e deve ser tentada quando existem chances significativas de sucesso clínico e conta com a aprovação dos envolvidos, uma vez que o objetivo da vida é a busca incessante da harmonia e da felicidade, sempre se respeitando o conjunto de leis humanas e divinas que governam as inter-relações pessoais.

A presença de vínculos entre corpos ovóides e encarnados segue o mesmo tipo de dinâmica, sendo estabelecidos elos fluídicos de imantação, por vezes dirigidos por outros desencarnados interessados no processo, como descrito a seguir (“**Libertação**”, página 141), onde uma encarnada profundamente enferma era objeto de obsessão complexa executada com auxílio de espíritos hipnotizadores e ovóides, dezenas deles, aliás...

Dois desencarnados, de horrível aspecto fisionômico, inclinavam-se, confiantes e dominadores, sobre o busto da enferma, submetendo-a a complicada operação magnética. Essa particularidade do quadro ambiente dava para espantar. No entanto, meu assombro foi muito mais longe, quando concentrei todo o meu potencial de atenção na cabeça da jovem singularmente abatida. Interpenetrando a matéria espessa da cabeceira em que descansava, surgiam algumas dezenas de “corpos ovoídes”, de vários tamanhos e de cor plúmbea, assemelhando-se a grandes sementes vivas, atadas ao cérebro da paciente através de fios sutilíssimos, cuidadosamente dispostos na medula alongada.

Muitos desses corpos ovóides podem ter sido recrutados a partir de desafetos da vítima ou terem sido submetidos à imantação por terceiros, como sugere a descrição, sendo que, no texto original, os ovóides se mantinham completamente inconscientes do que ocorria ao seu redor e sem ter conhecimento de quem era a vítima. Nessa situação, os espíritos que comandam o quadro parasitário podem utilizar hipnose e magnetismo para reforçar os vínculos parasitários dos ovóides e com a vítima, de forma que essa última passa a sentir todos os efeitos do vampirismo direto e profundo, tal qual vemos com endoparasitos em nossa população encarnada.

A utilização dessas formas em processos obsessivos complexos acaba induzindo quadros de profunda subjugação, que se estabelecem a partir dos chacras do obsediado, de onde essas formas retiram e armazenam as energias da vítima. Esses mesmos fluídos removidos podem ser utilizados pelos obsessores que comandam o processo, que se nutrem e que passam a compartilhar os sentidos físicos da vítima através da influência mental que exercem sobre ela e sobre os ovóides. Nesses quadros, mesmo que as formas ovóides sejam retiradas, danos profundos ao cérebro físico e sua contraparte astral podem ter se desenvolvido e sequelas comportamentais ou físicas são esperadas, mesmo após o tratamento, o que nos obriga a reflexões sobre a seriedade do tratamento espiritual e desobsessivo.

Continuando, Gúbio coloca que (“**Libertação**”, página 121):

(...) A infeliz perseguida, na posição em que se encontra, não os vê, não os apalpa, mas sente-lhes a presença e ouve-lhes as vozes, através da inconfundível acústica da consciência. Vive atormentada, sem direção. Tem o comportamento de um ser quase irresponsável.

Esses desejos de vingança puderam ser sondados pelos nossos amigos espirituais e os três ovóides mantinham-se em monoideísmo apenas para a concretização dos seus desejos de ver a sua vítima pagar pelos crimes que cometera. Eram escravos, mãe e dois filhos, que pereceram, há décadas, nas mãos daquela mulher que hoje perseguiam com todas as suas energias mentais, depois que sua estrutura física perispiritual já havia sido consumida no processo. A desencarnada retornará ao vaso físico e, no momento oportuno, receberá as entidades que a parasitavam como filhos amados.

O berço muda as feições humanas. Nesse ponto podemos contemplar o maravilhoso planejamento da espiritualidade, no que concerne às relações entre os espíritos: os vínculos parasitários têm grandes chances de serem convertidos em ligações consanguíneas, encerrando no berço e no colo aquilo que o ódio produziu em décadas ou mesmo séculos.

As formas ovóides, quando retiradas, pelas equipes espirituais, de seus alvos, são levadas para tratamentos especializados, que se iniciam pela restituição da nutrição espiritual normal, reduzindo a dependência do parasitismo energético, além de tratamentos magnéticos que objetivam realinhar os remanescentes estruturais dos centros de força, os chacras. Esse processo pode durar anos e os resultados quase sempre são modestos. Contudo, diante de incipiente melhora da condição fisio-perispiritica, o espírito é enviado para processo reencarnatório na crosta ou “*setores outros de vida congênere*”.

Essa discussão com Gúbio é profundamente esclarecedora e sabemos que muitos casos de abortos espontâneos e má

formações fetais tem origem na condição enfermiosa do perispírito de muitos companheiros que se habilitaram ao processo de renascimento. Não queremos, com isso, alimentar estereótipos sobre a teratogênese, mas tal associação é frequente. De qualquer forma, a espiritualidade que nos acompanha orienta para que não sejamos nós os juizes sobre quem vive ou morre em função dessas alterações de desenvolvimento, como a anencefalia, cabendo apenas ao Criador tal prerrogativa. Muitos dos ovóides que iniciam o processo de reencarne e sofrem o aborto espontâneo têm uma melhora significativa nas suas condições perispirituais durante as poucas semanas, normalmente não mais de 10-12 semanas, de gestação que se mantiveram ligados ao embrião. Após esse período, a espiritualidade geralmente interrompe a ligação fluídica e o aborto se dá, salvo os casos em que o processo é provocado inconscientemente pelos pais.

Embora aqui não configure local ideal para essa discussão, mas muitas interpretações poderiam ser dadas aos “setores outros de vida congênere”. Podem ser outros orbes na mesma condição espiritual da Terra ou inferiores? Sim, indubitavelmente. Poderia ser o reencarne em outra esfera do orbe terreno? Nada desautoriza essa hipótese e aqui poderíamos retornar à discussão anterior sobre renascimento em outros planos de vida. Como opinião pessoal, fico com a última hipótese, uma vez que quando utilizamos a palavra “setor” estamos nos referindo a um segmento ou repartição do todo, que, nesse caso, é o orbe terreno. O outro setor adquire o sentido de “outro plano vibratório do orbe terreno”, mas preferimos deixar evidente a existência de outras hipóteses viáveis, que não são mutuamente excludentes.

A anuência e o carinho dos pais que se habilitaram no processo de resgate desses ovóides fazem com que vínculos fluídicos de amor sejam estabelecidos entre o ser em recuperação e aqueles que o receberiam, não raro representados pelas suas vítimas-algozes de outrora. Esses sentimentos são tão importantes para a reconstituição do perispírito do irmão quanto o processo de desenvolvimento fetal e, por vezes, o ódio que o mesmo nutria pelos seus desafetos se converte em amor profundo pelos pais temporários. Por vezes, aquela entidade doentia acabará por reencarnar na família que o hospedou por breves momentos, quer na condição de outro filho ou, mais propriamente, neto.

A reconstituição do perispírito do ovóide se dá a partir dos seus chacras, representando os pontos de conexão com os corpos espirituais superiores, sedes da consciência e do passado reencarnatório do irmão. Como portadores dos arquivos mentais, esses corpos superiores comandam a reestruturação do organismo perispiritual, como descrito a seguir, em fragmento retirado de “**Evolução em Dois Mundos**” (página 175):

– Como compreenderemos a situação dos centros vitais no caso dos “ovóides”?

– Entendereis facilmente a posição dos centros vitais do corpo espiritual, restritos na “ovoidização” – apesar de não terdes elementos terminológicos que a exprimam–, pensando na semente minúscula que encerra dentro dela os princípios organogênicos da árvore em que se converterá de futuro.

Além de problemas ligados ao remorso e culpa, potencializados pela densidade fluídica das trevas, o desenvolvimento de quadros de ovoidização está ligado ao processo de dementação que atinge espíritos com diferentes condições intelectuais. Esse magnetismo que empurra o espírito em direção ao reencarne é exacerbado nas condições trevosas, mas, desde que envolvido por força mental significativa, o espírito pode retardar o seu retorno por anos, séculos e mesmo milênios, embora as alterações morfológicas e fisiológicas no perispírito se acentuem continuamente, em direção à perda estrutural. Sabemos que tais processos degenerativos perispirituais atingem até mesmo a hierarquia mais significativa das trevas, os Dragões, muitos dos quais já reduzidos à condição de ovóides e encaminhados ao reencarne em outros orbes, como parte do expurgo planetário em curso, uma vez que a mulheres terrenas não mais suportariam receber esses companheiros no seu ventre.

Com essas linhas, podemos concluir que a ovoidização também tem relação direta com a obstinação e poder mental da entidade que se cristalizou no mal, que procura manter-se inalterada a despeito da natureza das vibrações do ambiente terrível onde se encontra. Como a resistência ao peso vibratório, por maior que seja, é finita, na ausência de retorno ao plano físico ou outra esfera qualquer que lhes permita o renascimento, o espírito caminha inexoravelmente para a perda do perispírito e sua independência, onde passa a receber mais atenção dos mentores espirituais que mantêm esses companheiros sob vigilância. Seria algo semelhante a “deixar a doença se exacerbar” para ter melhores condições de tratamento e esse procedimento também é previsto no lento amadurecimento e depuração da população das trevas e dos umbrais.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: desconhecida. O espírito comunicante manifestou-se como um jovem militar que declara ter falecido em 26 de abril de 1945, nas cercanias de Bautzen, Alemanha atual; data: 13 de dezembro de 2012)

A vida não cessa, não para, não reflui.

Transformamo-nos naquilo que carregamos dentro de nós mesmos. O Amor, a Humildade e a Fraternidade constituem patrimônios pessoais, que levam ao crescimento e imprimem novo ritmo ao nosso aprendizado.

Quando nos afastamos desse caminho, perdemos contato com o sopro do Criador e isso se dá porque nos recusamos a comungar com o Pai. Não é Ele que nos expulsa de sua divina morada em nossos corações e mentes, mas nós mesmos que, na condição de filhos pródigos, nos ausentamos das conversas amorosas e amigas.

Os anos passam e a doença do ódio, da supremacia, do orgulho, da vaidade, nos cega. Cegos, acreditamos que nossas lembranças da luz eram ilusões dos sentidos naturais, imagens de um mundo de sonhos que nunca existiu. Recusamos a acreditar na realidade perdida.

Gritamos, para a escuridão profunda, que a luz não existe e que Deus é uma ilusão.

“Somos homens, guerreiros; somos fortes”, dizemos ao vento que ainda sentimos sobre nossas faces macilentas. Em altos brados, tornamos pública a nossa ignorância e descaminho.

Presos na espiral de agonia, certa feita não sentimos mais a pele que nos envolvia e, para o bem do universo que nos recebeu após a morte física, perdemos a fala e a ausência de nossos gritos enche os ares de paz, diminuindo o sofrimento e a desarmonia que causávamos a nossos parceiros do grande hospital terreno.

Contudo, nossa voz interior continua a bradar e o fogo que brota de nossos corações e mentes bloqueia as estruturas musculoesqueléticas, que passam a regredir inexoravelmente. Paramos de agredir os outros, mas continuamos a nos flagelar.

Cegos, mudos, imóveis ou escorrendo pelos cantos de áreas indescritíveis, ainda guardamos a sensibilidade auditiva, pelos ouvidos da mente, posto que não mais sabemos onde está nossa cabeça e as demais partes do corpo, mas nos recusamos a escutar qualquer coisa que não transmita exatamente o que desejamos. Com o tempo, perdemos o vínculo com os sons e a única coisa que escutamos nesse árido mundo de trevas é a nossa própria voz interior, a mente.

Ela, senhora e escrava de si mesma. Suas ordens empurram o doente para o estado terminal, que impossibilitado de morrer de novo, uma vez que a morte é ilusão que não deveria convencer ninguém, lançam-no em estado de profunda nulidade. Tornamo-nos algo próximo a “nada”, mas até o nada é alguma coisa e não desaparecemos.

Muitos de vocês acreditam que os ovóides são formas abstratas, distantes da realidade do plano terreno. Isso é uma ilusão. Existem muito mais irmãos que se anularam em processo de ovoidização e permanecem no plano terreno, vampirizando para terceiros, em casos de obsessões complexas, do que nas elevadas densidades vibratórias das trevas.

O ódio ovoidiza porque nos afasta de Deus, mas não pensem que isso somente se dá quando odiamos a outrem. Entre meus companheiros egressos dos campos de morte da Segunda Guerra Mundial, os suicidas são os principais atores do processo de ovoidização. Prefiro não utilizar o termo “vítimas” para descrevê-los, posto que padecem do remorso e do ódio contra si mesmos, em função do sofrimento e destruição infringidos a outros tantos seres humanos, constituindo a vontade de deixar de existir a força mestra da ovoidização nessas circunstâncias.

Nossos amigos espirituais em melhores condições trabalham por nós e renascemos na carne com a misericórdia divina ao nosso lado. Nesse retorno ao corpo físico, não sofremos porque a mente doente ainda não tem consciência de si mesma.

No momento que menos esperamos, a luz tênue invade nossos olhos e o som de vozes humanas nos atenua a angústia. É a voz do papai e da mamãe, que o Deus Altíssimo permite que venhamos a escutar ao longe...

Onde estou? O que faço aqui?é o início de uma crise...

Sou o general Fulano de Tal, da família XYZ! O que fizeram comigo?

Pensamentos assim somente se manifestam nos breves momentos em que nosso espírito, em processo de reencarne, se liberta, mas as crises são curtas, uma vez que nossos amigos nos flanqueiam e nos encaminham ao tratamento espiritual, que campeia dos dois lados da vida.

Esses irmãos raramente concluem o processo reencarnatório de fato advindo o aborto após algumas semanas gestacionais. Mas, meus amigos, como melhoram em todos os aspectos! Os generais e comandantes desaparecem... Surgem enfermeiros e serviçais. Choram varrendo os pátios das instituições que os receberam.

Pude ver centenas de companheiros meus, Kameraden, nesse estado e quase todos estão retornando pela segunda ou terceira vez ao mundo físico, após o início do tratamento contra o restringimento enfermigo do perispírito. Voltam a ver, escutar, sentir e, acima de tudo, amar.

O amor é o melhor medicamento para essas enfermidades da alma.

Do meu coração, de alguém que aguarda a sublime oportunidade do retorno, para amparar aqueles que agredi e aprender a partilhar, solicito que deem o real valor à vida.

Vida é o sublime presente Dele, do Criador. Não venhamos a nos converter em ovóides funcionais. Vivam a vida com amor, disciplina e responsabilidade.

Deus acima de tudo.(1)

Deus É tudo

De um companheiro e amigo que encontrou o plano espiritual em Bautzen

RESUMO DO CAPÍTULO: o processo de ovoidização é de suma importância no estudo do perispírito e nos trabalhos desobsessivos, tendo sido abordado por André Luiz em diversos livros. A ovoidização é consequência de profundas desarmonias vibratórias geradas por sentimentos e pensamentos carregados de ódio, rancor, vontade de deixar de existir e sentimento de posse. Durante o processo, o espírito inicia uma espiral de transformações que acabam por limitar suas percepções e, por fim, induzem a desestruturação do seu psicossoma ou perispírito, conservando apenas os centros de força, em estado embrionário, em uma estrutura que muito se assemelha a um ovo ou ser de movimentos amebóides. Os ovóides, independentemente do alvo encarnado ou desencarnado, podem ser utilizados em casos de vampirismo energético e, em função de sua carga fluídico-magnética pesada, produzem rapidamente efeitos depressivos e lesivos naqueles com os quais estabeleceram vínculos. Podemos considerar que tais citações a casos de vampirismo são as menções mais antigas de obsessões complexas, mas não utilizando-se de aparelhos tecnológicos, mas sim de um organismo espiritual degenerado. O processo de perda do perispírito também é chamado de segunda morte e muito vem sendo discutido, uma vez que o próprio André Luiz mostra, com todas as letras, que o organismo perispiritual é perecível e determina as modificações que ocorrem no corpo físico. O tratamento do processo de ovoidização pode demorar muitos anos nos planos astrais, mas, com frequência, o tratamento da desestruturação do psicossoma requer uma nova imersão na crosta como forma de restituir a morfologia e a fisiologia perispirituais típicas. Nesse princípio de reencarne, a gestação tende a ser bastante traumática e pode resultar em abortos naturais quando o desenvolvimento fetal já permite o restabelecimento das condições perispiríticas perdidas.

Nota dos Autores

1) O espírito faz uma comparação nítida com o lema e hino nacionalista na Segunda Guerra Mundial, “Deutschland über alles”, ou “Alemanha acima de tudo”, em tradução literal, substituindo a palavra Alemanha pelo Criador, Deus. Possivelmente tentou dar mais ênfase à modificação de seu estado interior.

O Esquecimento do Passado

Em anos recentes muitos livros especializados no assunto “terapia de vidas passadas” e “reencarnação ao alcance de todos” vêm sendo lançados, atingindo o grande público, que passou a se entreter com histórias de bom ou quase bom gosto, principalmente quando temos no enredo desses livros a associação de ouro da literatura romaneada espírita: amor, ódio, obsessão e redenção. Quase sempre o personagem **A** compromete penosamente sua relação com personagem **B**, logo no início da trama, em um ambiente **C**, e o restante da história nos mostra como ambos irão resolver seus problemas nas décadas seguintes ou nas encarnações vindouras. O inverso também é muito comum, partindo de problemas atuais dos personagens, temos um retorno ao passado comum de ambos.

Às vezes o enredo é interessante, mas geralmente caímos nos lugares comuns, do tipo:

A + B + C = dor, ódio, sofrimento e redenção, quase sempre nessa ordem.

Já tentei, por diversas vezes, aliás, ler os romances espíritas mais comentados pelos irmãos de fé, mas tenho dificuldade em textos dessa natureza. É uma limitação minha e não uma crítica enfática ao gênero. Estou tentando mudar, falo com sinceridade. Contudo, existem momentos em que me pergunto se esse eterno “olhar para trás”, para o passado reencarnatório do indivíduo, não é sinal de alguma enfermidade ou desvio de comportamento. Até o presente momento, nesse livro, tenho evitado toques mais pessoais, que fujam o cerne da fé que professamos, evitando arroubos que pudessem comprometer a sobriedade da Doutrina dos Espíritos, mas tenho percebido que não são apenas as tramas espiritualistas que têm invadido as novelas brasileiras, mas, da mesma forma, as novelas invadiram a literatura espírita e muito deveríamos ponderar sobre o papel dessa literatura. **Confortar, sim; iludir, jamais. Tem muita gente achando que o “além da vida” é capítulo de novela.**

Quando olhamos para trás, temos de estar preparados para a imagem que irá se descortinar, mesmo que ela seja mais fruto de nosso ego inflamado ou de enfermidades que ainda carregamos na alma do que de existências anteriores, conforme texto que nossos mentores transmitiram por ocasião da redação de “**Vida Além da Vida**”. Uma simples sentença de “**E a Vida Continua**” diz tudo sobre as possíveis consequências da mania que temos de recordar o que foi atenuado com o nosso reencarne (página 150):

(...) Assim é que, através da onda mental dos remorsos que lhe ficaram, à face do suposto suicídio de Mancini, você atraiu para o próprio claustro materno o Espírito sofredor de um irmão suicida (...)

O remorso e a culpa são os sentimentos e condições mais presentes no umbral, de onde saímos com o esgotamento desse tipo de nuvem deletéria que nos envolve. No início de “**Nosso Lar**” vemos um André Luiz alquebrado pelo remorso de não ter dado o devido valor à vida terrena que recebera e isso é muito mais importante do que seus desvios de comportamento. O remorso e a culpa se acentuavam quando vemos que seu retorno ao corpo denso se deu em função do empenho dos maiores das esferas superiores (“...*A longa tarefa, que lhe foi confiada pelos Maiores da Espiritualidade Superior, foi reduzida a meras tentativas de trabalho que não se consumou*”, segundo palavras do Dr. Henrique de Luna, que atendeu André após a sua remoção do umbral).

A experiência mostra que o remorso é algo que, se por um lado está associado à corrigenda de um erro, por outro, é a porta da obsessão. Lembrar-se do passado miserável pode ser algo muito complicado e contraindicado na maioria dos casos. Dentro da literatura espírita poucos assuntos adquirem maior relevância do que o esquecimento do passado, que constitui evento de primeira grandeza no processo reencarnatório, constituindo, segundo Emmanuel, conforme informação fornecida na apresentação de “**Nosso Lar**”, verdadeira demonstração da misericórdia divina.

Procedimentos de terapias regressivas vêm sendo implementados por todos os lados e sem muito critério, com consequências boas e más. As boas consequências estão ligadas à divulgação da reencarnação para a população leiga e entre os psicoterapeutas, mas não sei dizer se isto basta para compensar os resultados negativos, como a banalização do passado reencarnatório de cada um. Vivemos em um mar de livros de autoajuda que desvirtuam a natureza do processo de regressão, que possui grandes vantagens quando adequadamente indicado.

Além disso, muitos dos profissionais envolvidos nas terapias regressivas não acreditam em reencarnação e apenas se utilizam dessas técnicas em função do alívio aparente dos seus pacientes, independentemente do que pode ter motivado a melhora. A existência de uma memória coletiva, a possibilidade de conexões mentais entre encarnados, a influência dos problemas da vida atual, inconsciente coletivo e pessoal, além de muitas outras considerações, já foram utilizadas para explicar os resultados da terapia de vidas passadas.

Alguns, para não dizer muitos, alegam que regressão hipnótica geralmente cria condições para que o subconsciente produza metáforas sobre a vida atual o indivíduo, permitindo que ele fale sobre seus problemas como se fizessem parte de um passado distante, aceitando-os e adotando uma postura mais compatível com a harmonização dos mesmos. Tudo isso sem participação de vidas anteriores. O próprio Dr. Raymond Moody Jr, o autor do termo “quase morte” e “experiências de quase morte” (pacientes que se lembram dos breves momentos de emancipação do espírito em casos de morte aparente), acredita que as terapias regressivas acabam por criar um ótimo canal de liberação de tensões psíquicas de uma forma que não compromete o indivíduo, afinal, os eventos narrados fariam parte do passado e não do presente do indivíduo.

Sabemos que o passado reencarnatório é uma incógnita para a grande maioria dos espíritos libertos do vaso físico, de forma que não acredito que as “lembranças” que geralmente vêm à tona nesses procedimentos sejam reais, pelo menos na maioria dos casos. Creio que, em alguns casos, as lembranças podem ser ativadas, com muito cuidado, como descrito em diversos momentos da obra de André Luiz, após avaliações bastante pertinentes pela espiritualidade. Mesmo nesses casos de liberação de memórias latentes, o passado se descortina apenas nos pontos necessários, de forma que o indivíduo não obtém informações do passado mais remoto, como aparentemente ocorre nas terapias de vidas passadas mais tradicionais. **O aspecto central dessa liberação é explicar o motivo das desarmonias presentes sem jogar a criatura em um turbilhão de dados desnecessários, que o colocariam em estado de choque, abrindo as portas para o remorso, além de jogar com a sanidade mental e a capacidade de interagir com a sociedade.** Vejamos o que o instrutor Gúbio nos apresenta, em “**Libertação**” (página 88):

– O remorso é uma bênção, sem dúvida, por levar-nos à corrigenda, mas também é uma brecha, através da qual o credor se insinua, cobrando pagamento. A dureza coagula-nos a sensibilidade durante certo tempo; todavia, sempre chega um minuto em que o remorso nos descerra a vida mental aos choques de retorno das nossas próprias emissões.

Em função dessas crises de remorso, a espiritualidade quase sempre desaconselha a realização de consultas ao passado, como bem evidenciado nesse pequeno trecho de “**E a Vida Continua**” em que Ernesto Fantini solicita uma consulta aos seus arquivos reencarnatórios. O instrutor Ribas responde, de forma clara e segura, com essas palavras (página 281):

– Não, Fantini. Desaconselhável a providência, conquanto possível. Você e Evelina estão abraçando longa empresa de serviço em nosso plano. Terão muitos problemas a resolver, muito trabalho a realizar... Desidério, Elisa, Amâncio, Brígida, Caio, Vera, Túlio, Evelina e você formam uma equipe de corações comprometidos uns com os outros, perante as Leis de Deus, há muitos séculos... Todos reciprocamente enlaçados no clima da provação, lembrando elementos químicos em cadinho fervente para o acrisolamento indispensável! (...)

Posturas semelhantes são encontradas em diversos pontos da obra de nosso amigo André, como em “**Entre a Terra e o Céu**”, onde o capítulo 8 faz uma defesa vigorosa do esquecimento do “ontem” em prol de uma mente mais saudável e voltada para o “amanhã”, ao mesmo tempo em que, no capítulo 17, as memórias fragmentárias de um irmão são parcialmente apresentadas para que ele entendesse melhor as suas condições de momento e a história do delito que ele imputava a outro. O Ministro Clarencio diz (página 105):

– Acalma-te, amigo! – respondeu o Ministro, atencioso. – Não somos quem julgas. Estamos aqui para que te lembres... É indispensável

Nesse caso de profundo drama passional, o acesso aos arquivos presentes no corpo mental do espírito foi liberado com a utilização de passes magnéticos, mas tal acesso foi restrito ao evento que causava rugas e cólera na mente dos interessados. **Em nenhum caso há o acesso irrestrito ou amplo aos dados pretéritos.** Muito saudável seria se seguissemos as recomendações de um servo do Cristo, em “**E a Vida Continua**” (página 117), que solicita que ...

Aceitemo-nos quais somos, reconheçamos o montante de nossas dívidas e coloquemos mãos fiéis no arado do serviço ao próximo, sem olhar para trás (...)

Como evidenciado em “**Entre a Terra e o Céu**”, as orientações necessárias sobre o passado reencarnatório são dadas pela espiritualidade e delas acabamos por reter o essencial e indispensável para a obtenção da harmonia. Para a espiritualidade, que dirige e organiza os trabalhos em nossas casas espíritas, a regressão ao passado é assunto aparentemente muito mais sério do que observamos no nosso plano. Por que isso é assim? Por que tantos cuidados?

Porque eles, nossos amigos, sabem exatamente os riscos envolvidos no processo. Isso sem falar daqueles que buscam informações por puro capricho ou curiosidade. Nesses casos, o passado pode se comportar como uma caixa de Pandora, como Frei Tomás e Ishmael gostam de comparar, e não sabemos o que dele emergirá quando abriremos os últimos liames que o mantém inacessível. Como o capítulo 13 de “**Sexo e Destino**” nos exorta, deixemos o passado para trás e trabalhemos em auxílio ao próximo, o que nos traz para uma nova condição vibratória. É o nascer de novo, em vida física ainda, aproveitando melhor o tempo de nossa permanência na crosta.

O esquecimento do passado não atinge apenas as vidas anteriores, perdidas no tempo, mas também aspectos controversos da nossa última existência corpórea na Terra. Por bom senso, não podemos simplificar e reduzir as causas desse fenômeno, mas no geral o esquecimento pode ter duas origens bastante diferentes: desarmonias psíquicas e remorso ou intervenções com o objetivo de preservar o irmão de problemas ligados a aspectos de suas existências pretéritas e que ele não deve recordar para não afetar a execução de sua programação reencarnatória ou de suas atividades espirituais. No elucidativo texto de “**Sexo e Destino**”, após visita a ambiente doméstico profundamente desarmônico, uma mãe desencarnada retorna ao plano espiritual em condições de profunda perturbação e é submetida a procedimentos para apagar certos detalhes de suas lembranças da última existência, para que ela continuasse a ter mais equilíbrio e não sentisse as aflições e angústias que se originavam do antigo companheiro.

Após o desencarne, como mostrado em “**Nosso Lar**” e “**Os Mensageiros**”, o espírito vai recobrando o domínio de seu passado e, não raro, pouco se lembra até de sua última existência no plano físico, como evidenciado no diálogo entre André Luiz e o diretor do Posto de Socorro de Campo de Paz, Alfredo (“**Os Mensageiros**”, página 138):

— Esses doentes demoram-se aqui? Como alcançaram o Posto?

Gentil, como sempre, Alfredo respondeu:

— Foram recolhidos em pior estado. Já estiveram em pesado sono durante muito tempo e vão readquirindo a memória, gradativamente, até que possam ser encaminhados aos Institutos Magnéticos de “Campo da Paz”, a fim de receberem maiores auxílios e necessários esclarecimentos.

Outro momento em que se discute o acesso aos arquivos reencarnatórios do indivíduo está representado pelo diálogo entre André Luiz e Dona Laura, mãe querida de Lísias, personagens tão emblemáticos de “**Nosso Lar**” (páginas 139 a 141), mostrando toda a extensão das atividades implicadas na recordação de reminiscências:

– Senhora Laura – exclamei (André Luiz), interrompendo-a -, permita, por obséquio, um aparte. Perdoe a curiosidade; no entanto, até agora, ainda não pude conhecer mais detidamente o que se relaciona com o meu passado espiritual. Não estou isento dos laços físicos? Não atravessei o rio da morte? A senhora recordou o passado, logo após sua vinda, ou esperou o concurso do tempo?

– Esperei-o - replicou, sorridente -; antes de tudo, é indispensável nos despojarmos das impressões físicas. As escamas da inferioridade são muito fortes. É preciso grande equilíbrio para podermos recordar, edificando. Em geral, todos temos erros clamorosos, nos ciclos da vida eterna. Quem lembra o crime cometido costuma considerar-se o mais desventurado do Universo; e quem recorda o crime de que foi vítima, considera-se em conta de infeliz, do mesmo modo. Portanto, somente a alma muito segura de si recebe tais atributos como realização espontânea. As demais são devidamente controladas no domínio das reminiscências e, se tentam burlar esse dispositivo da lei, não raro tendem ao desequilíbrio e à loucura.

– Mas a senhora recordou o passado de maneira natural? -perguntei.

– Explico-me - respondeu bondosamente -; quando se me aclarou a visão interior, as lembranças vagas me causavam perturbações de vulto. Coincidiu que meu marido partilhava o mesmo estado d'alma. Resolvemos ambos consultar o assistente Longobardo. Esse amigo, depois de minucioso exame das nossas impressões, nos encaminhou aos magnetizadores do Ministério do Esclarecimento. Recebidos com carinho, tivemos acesso em primeiro lugar à Seção do Arquivo, onde todos nós temos anotações particulares. Aconselharam-nos os técnicos daquele Ministério a ler nossas próprias memórias, durante dois anos, sem prejuízo de nossa tarefa do Auxílio, abrangendo o período de três séculos. O chefe do serviço de Recordações não nos permitiu a leitura de fases anteriores, declarando-nos incapazes de suportar as lembranças correspondentes a outras épocas.

– E bastou a leitura para que se sentisse na posse das reminiscências? - atalhei, curioso.

– Não. A leitura apenas informa. Depois de longo período de meditação para esclarecimento próprio, e como surpresas indescritíveis, fomos submetidos a determinadas operações psíquicas, a fim de penetrar os domínios emocionais das recordações. Os espíritos técnicos no assunto nos aplicaram passes no cérebro, despertando certas energias adormecidas... Ricardo e eu ficamos, então, senhores de trezentos anos de memória integral. Compreendemos, então, quão grande é ainda o nosso débito para com as organizações do planeta!...

No diálogo apresentado, verifica-se que a reavaliação dos tempos idos é conquista de cada um, baseada na nossa capacidade de encarar as dores e os desafios que essas lembranças trarão. O chefe do Serviço de Recordações não permitiu a leitura de fases anteriores do passado reencarnatório dos personagens por considerar que os envolvidos poderiam ser prejudicados com as revelações lá contidas, o que demonstra que esse processo é complexo e traz consequências para a vida de cada um. O que pensar de psicoterapeutas que induzem a regressão como medida corriqueira no tratamento das fobias e de psicoses e neuroses?

Nesse aspecto, gostaríamos de lembrar que toda doença psicossomática está associada a diversos fatores agravantes e predisponentes, de forma que concordamos com o nosso querido Chico Xavier, que advoga, juntamente com Emmanuel, a necessidade de associarmos a medicina tradicional à medicina espiritual, cada qual executando uma parte do tratamento e com ênfases muito diferentes.

Não queremos com isso dizer que todas essas terapias e lembranças induzidas não possam ter alguns efeitos benéficos, posto que muitas vezes atenuam a dor e as fobias, independentemente de terem ou não ocorrido da forma narrada, pois, no processo regressivo, a pessoa busca o autoperdão, que é extremamente importante, salutar. Contudo, a pessoa tem que entender as limitações do procedimento e não pode encarar o ocorrido como se fosse a expressão mais profunda da sua história reencarnatória.

De uma forma geral, a recordação nítida do passado se dá por separação incompleta entre os arquivos mentais do espírito e o reencarne, o que pode ocorrer quando o retorno à carne se dá após desencarne traumático e permanência bastante curta no mundo espiritual, auxiliado pelas condições culturais do povo ou da família onde o reencarne ocorreu. Povos e famílias reencarnacionistas tendem a recordar das experiências passadas e isso nada tem a ver com fraude ou autoindução, mas com ausência de uma formação religiosa opressiva e castradora. Em povos e famílias reencarnacionistas, as recordações espontâneas do passado são comuns, tanto após o desencarne quanto após o retorno ao vaso físico, como ocorre com os drusos do Líbano, e hindus, na Índia.

Na medida em que evoluímos e a vida segue seu curso, com maior ou menor aproveitamento para cada um, vemos que *“o obscurecimento das memórias pregressas que, aliás, não é senão um fenômeno temporário, mais ou menos curto ou longo, conforme o grau de evolução que tenhamos atingido* (**“E a Vida Continua”**, página 100), vai sendo eliminado. Isso preserva a mente das complicações da revolta ou do remorso e garante uma compreensão da vida que nos permitirá auxiliar aqueles que estarão passando, no futuro, os mesmos dramas que hoje divisamos.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Ishmael; data: 30 de outubro de 2012)

Quantas vezes olhamos para os céus e, em tom de indignação, perguntamos:

–Por quê? Que fiz para merecer isso?

Pegamos o rumo de nossa história e passamos a interpretar o papel de vítimas inocentes e isso nos causa estranheza. Diante da Lei de Ação e Reação não existem vítimas ou algozes, apenas elos de uma infinita sequência de causas e suas consequências. Somos vítimas sim, mas de nós mesmos.

Aqueles que nos cercam no trabalho, na vida religiosa, na família, por todos os lados, constituem sublime escola da tolerância, onde convivemos com nossos desafetos na esperança de aprendermos a aceitar e corrigir, a tolerar e auxiliar, ou são nossos professores, que ali estão para passar o quinhão do seu saber, que pode variar de coisas aparentemente simples, do dia a dia, a conhecimentos profundos a respeito da intimidade da vida e das coisas. Porém, não se deixem enganar pelas aparências, o verdadeiro sábio pode ostentar as mãos do trabalhador braçal e o coração da mulher idosa, que outrora sorria ao olhar a prole numerosa e amada e hoje vê aproximar-se a noite na sua vida.

O sábio é aquele que aprendeu a escutar sem ter a necessidade premente de falar.

A humildade é a lição que abre o livro da vida e passamos tantas vezes por essas páginas que o texto quase se apagou sob nossos dedos ávidos, mas ainda toscos e insensíveis, e suas bordas estão carcomidas pelas mãos vacilantes que não escondem quantas vezes fizemos uso de tão santa mensagem, mas que tão pouco praticamos.

O tempo passa e continuamos a nossa eterna lamúria contra os eventos e fatos que nos causam desgosto ou que nos obrigam à reflexão, a que atribuímos todos os nossos infortúnios. Quando adquirimos o sagrado saber que nos mostra que somos os artífices do nosso futuro, que espelha o nosso passado, queremos logo remover as cortinas que nos separam de nossos dias pretéritos, mas mesmo nesses momentos o orgulho fala mais alto e muitas vezes nos sentimos maiores ao reconhecer que erramos, mas erramos “grande”. Temos orgulho do nosso erro e isso é patológico, enfermioso.

Tolos que somos!

Quanta tolice!

Feliz é aquele que renasce a cada dia e que olha para trás e nada vê, nada sente e, quando volta a olhar o amanhã, nada o oblitera. Santo não é aquele que não pecou, mas aquele que aprendeu com os seus erros e, dando sentido às suas existências, buscou o progresso infinito.

A nossa maior luta é travada contra nós mesmos, frente a frente, todos os dias.

Devo antecipar a todos os meus queridos que a maior decepção que senti ao adentrar a realidade maior foi comigo mesmo. Por falta de lucidez espiritual, errei e, por orgulho, me mantive no erro e, como aluno ruim, atribuí meu desempenho pífio aos meus professores, que eram todos os sofreadores que haviam sido colocados à minha frente para que a primeira lição, a da humildade, fosse compreendida. Foi doloroso reconhecer que deveria ter entendido a lição que a muito custo estou aprendendo no momento em que essas linhas são redigidas.

O passado de cada um não está escondido, mas pulsa firme em cada um de nós. Saber o que fomos ou o que fizemos não acrescenta estímulo para mudar o que somos.

Não deixem o fio da história que estão escrevendo se perder em divagações infrutíferas e, acima de tudo, egoístas.

Se fostes um soldado, o que pode ser inferido pelas atitudes do presente, afaste-se do fuzil que outrora empunhastes contra teu irmão; levante seu companheiro ferido, à sua frente;

Se o livro da Lei esteve em suas mãos, passe a cumpri-lo com o coração limpo, dando mais valor aos atos do que às palavras frias e isoladas dos textos, sem procurar motivos para apontar os delitos alheios. Temos de vivenciar as leis divinas sem ostentação ou afetação, posto que as primeiras cadeiras na sinagoga ou nas igrejas do mundo não traduzem

santidade, tampouco estão mais próximas do nosso Criador;

Se a medicina e as ciências falam com propriedade ao seu espírito aflito, compartilhe-as com seus irmãos, pois que a avareza intelectual é pior do que a material e lembre que o sábio é aquele que transforma o conhecimento em algo que pode ser colocado em prática por cada um, de forma peculiar e pessoal. O verdadeiro sábio é aquele que reconhece a grandeza de uma folha que se deita ao solo e a cálida brisa do ocaso.

Meu filho amado, a você em particular, siga por caminhos diferentes, mas sempre olhando para frente, porque para trás não terás retorno ou paz. Confiar no seu verdadeiro Pai e Senhor e saiba que tudo que tens condições espirituais, morais ou intelectuais de saber, tu já o sabes com naturalidade. O esquecimento do passado apenas cria uma nova oportunidade de crescimento que nós desperdiçamos quando perdemos o tempo precioso em busca do “mundo de outrora”.

Tudo que é feito com amor é aceito e bem vindo pelos companheiros que os envolvem em seus trabalhos espirituais e nas suas vidas pessoais e todos os encarnados têm esse precioso auxílio. Assim, cuidado com as imagens tolas, infantis e megalomaniacas que podem perturbar mais do que esclarecer. Em caso de dúvida pergunte:

–Diante disso tudo, o que teria dito o nosso amado Mestre Jesus?

A salvação para o homem é o evangelho e tudo que temos a fazer é procurar colocá-lo em prática.

Deixemos o passado no passado.

Segunda mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Joseph Gleber; data: 30 de outubro de 2012)

Repetir e repetir, eis o maior fardo que a humanidade carrega em sua jornada em círculos. Esses ciclos que se repetem não ocorrem apenas no âmbito coletivo, mas no seio pessoal e familiar também. Ao invés de nos livrarmos de nossas imperfeições através de ponderações sobre o que nos envolve, aperfeiçoamos a nossa capacidade de errar e persistir no erro. O pior, continuamos sentindo orgulho disso? - como colocou nosso companheiro há pouco.

Infelizmente, sim.

Meus irmãos, muitas vezes vocês nos perguntam por que os desencarnados que já abandonaram a revolta, mas que ainda não conquistaram a luz, usam as mesmas expressões e traduzem quase sempre os mesmos desejos e devo confessar que isso se dá pela visão expandida que a perda do veículo físico nos permite. Com o tempo verificamos que todos aqueles que estão ao nosso lado são verdadeiros companheiros de jornada e padecem das mesmas dores e possuem ideais próprios, histórias pessoais que o tempo não apaga, mas que a misericórdia divina embaça em nossas mentes ainda desarmônicas e confusas.

Muitos estudiosos, aí e aqui, se questionam o que é o tempo e porque ele é tão homogêneo e como flui, mas hoje eu acredito que não é o tempo que passa, mas, na prática, nós é que passamos por ele. Isso dita o sentido que o percebemos, mantém a integridade da Lei de Ação e Reação.

O universo é mantido pela harmonia em meio ao caos aparente, em escalas que o homem terreno, encarnado ou não, não consegue inferir ou sequer imaginar. O braço temporal é um de seus sustentáculos e induz a manutenção da ordem estabelecida, determinando um sentido às nossas múltiplas existências.

Quando fascinados pelo passado, nos comportamos como o pequeno cão que se alegra em correr eternamente atrás de sua cauda, tentando alcançá-la; quanto mais corre, mais rápido sua cauda dele se afasta. Até quando iremos nos satisfazer ou alegrar com essa condição?

A vida mostra seguidamente o que fomos e o evangelho nos apresenta o que deveríamos ser. Isso é simples e pode ser entendido de forma literal e cristalina.

Aqueles que necessitam de esclarecimentos adicionais sobre seus dias passados irão receber o que lhes for mais útil na forma de intuições, sonhos ou orientação espiritual direta ou indireta. Não gastem suas possibilidades de crescimento em meio de tantas aflições e angustias que residem dentro dessa caixa de Pandora.

Não é o conhecimento do passado que nos faz viver em harmonia com o mesmo, mas sim a vontade férrea de superar

as próprias limitações. Em anos recentes, as coletividades humanas têm se aproximado de um estilo de vida que não é condizente com a sobrevivência da sociedade. Os desafios gigantescos, verdadeiramente ciclóticos, aliados a uma velocidade de transformação que faz com que nada se perenize, estão empurrando-nos para práticas exóticas no campo da espiritualidade. Perdemos o respeito por nós mesmos e pelos outros.

A tão propalada terapia de vidas passadas é um exemplo desse fenômeno. Devo confessar que mais de 90% das recordações de um suposto pretérito que se descortina nas sessões de hipnose são falsas. Quase sempre a criatura, infeliz com o seu “hoje”, projeta, no passado, pseudo-lembranças para satisfazer seu ego ou justificar seus erros. Cria-se mentalmente um erro para justificar outro. Analisem por vocês mesmos.

O conhecimento do passado, em seus mínimos detalhes, encontra-se devidamente registrado nos nossos corpos espirituais superiores, dos quais meus irmãos possuem apenas noções. Esses arquivos são liberados quando não mais produzem desarmonias pungentes e esse processo é natural, sem dores ou angústias.

Na nossa condição evolutiva, o reencontro com o passado real somente deve ser buscado com o auxílio da espiritualidade amiga e sempre seguindo o caminho do bom senso. Muitos acham que os guias espirituais têm o direito de permitir isso ou aquilo, o que não é real. São homens e como tal apenas aquilo que lhes é pessoal depende de sua aprovação, não são senhores de seus tutelados, de seus pupilos encarnados ou desencarnados, mas podem e devem orientar quanto às solicitações de informações relativas ao caminho a seguir. Eles não podem ser convertidos em justificativas para nossos erros. Quantas vezes os médiuns colocam na “boca” de seus guias palavras que eles nunca proferiram e que seus interlocutores encarnados estavam desejosos de fazê-lo, mas que não tinham coragem? Isso ocorre muitas vezes.

Temos de ser francos e diretos. Saber como e quando falar sim ou não, por nós mesmos.

As terapias que envolvem regressão são indicadas para menos de 10% daqueles que sobrevivem com problemas psicológicos graves. Apenas aqueles que carregam a lucidez na alma poderão ficar frente a frente com o “ontem” e, a partir daí, mudar os rumos de sua existência atual. A maioria absoluta da população ainda dorme acordada e vive o mundo dos sonhos, criando todo tipo de “imagem de reencarnações pretéritas” como forma de preencher os vazios de suas vidas atuais. Nesses casos, esses irmãos podem melhorar da sintomatologia de seus males físicos e psicológicos, mesmo sem a remoção da causa, e pensam “bem que eu sabia que eu e fulano ou sicrano fomos isso ou aquilo”, para justificar os problemas de relacionamento presentes. Seria muito mais produtivo se educassem os seus sentimentos e emoções.

Apenas acordando para a realidade é que conheceremos o caminho correto a ser trilhado. Meus irmãos já se perguntaram por que os umbrais são tão profundamente carregados de dor? Sabem a origem do choro e do ranger de dentes aos quais se referiu Jesus?

A origem é uma só: remorso, sentimento de culpa.

É isso que nos aguarda na análise do passado sem o devido preparo e orientação. Por esses e outros motivos é que, mesmo quando insistimos em vasculhar nossos arquivos históricos, na alma, somos assistidos por irmãos do Alto, que limitam as nossas incursões, disciplinam as nossas invencionices e protegem da curiosidade vã o que não estamos preparados para saber.

Conforme palavras pronunciadas recentemente por uma jovem encarnada que participa de nosso grupo de trabalhos espirituais, deixem o passado no passado e caminhem para o futuro, certos de contar com a proteção divina em tudo que vier a colaborar para o crescimento pessoal e coletivo.

RESUMO DO CAPÍTULO: o passado reencarnatório de cada um é registrado e mantido nos corpos espirituais superiores, como o corpo mental, sendo que o acesso a essas informações é restrito, uma vez que carregamos dívidas significativas para com a coletividade humana, prevenindo-se o remorso, que constitui a porta de entrada para quadros obsessivos sérios, uma vez que o sentimento de culpa atua como um chamamento para que nossos credores pretéritos se aproximem e cobrem a conta devida. André Luiz, em inúmeros momentos, mostra os cuidados que devemos ter ao investigar o passado, embora a espiritualidade faça uso da regressão como forma de cuidar de fobias e para atenuar ou eliminar vínculos obsessivos. Nesses casos em que a terapia regressiva é utilizada, o retorno ao passado é pontual, apenas nos elementos de interesse para a terapia, e não uma ampla avaliação do passado reencarnatório do irmão, evitando-se adentrar aspectos que nada tem a ver com o

problema em questão. Devemos ter muito cuidado com as terapias de vidas passadas, uma vez que, com frequência, os procedimentos são movidos mais por curiosidade do indivíduo do que pela necessidade imperiosa. Muitos profissionais ignoram as consequências dessas terapias por falta de acompanhamento ou de conhecimento espiritual. Os estudiosos, espíritas ou não, vêm se questionando sobre a natureza dos quadros narrados por aqueles que se submetem a essas regressões e algumas opiniões sustentam que, além de alguns quadros reais, certas imagens e histórias representam uma maneira subconsciente através da qual o indivíduo expressa seus problemas atuais sem se comprometer demasiadamente, ou seja, uma forma de participar da terapia, mas sem se expor. A obra analisada é lúcida ao abordar o tema e deixa transparecer que o uso de terapias que envolvam desdobramentos e recordações do passado conflituoso pode ser útil dentro de indicações sérias e restritas. Outro aspecto que merece destaque é a necessidade de integração entre as equipes espirituais e terrenas que tratam dos quadros de neuroses e psicoses de fundo obsessivo.

Centros de Forças / Chacras

Poucos livros espíritas trazem um conteúdo mais amplo e profundo do que “**Evolução em Dois Mundos**”. A maioria dos companheiros de fé sente dificuldade em entender as muitas ligações que o texto faz com a ciência, em seus mais variados ramos. Precisamos compreender melhor os motivos dessas afirmações.

Em 1857, quando o Livro dos Espíritos veio à tona, em meio à ebulição dos movimentos liberais do século XIX, na Europa, o homem estava prestes a se livrar da fé cega e cheia de amarras que lhe era imposta. Até aquele momento, séries quase infinitas de deveres e crenças deveriam receber sua atenção e a razão que deveria nortear o universo do indivíduo era jogada para segundo plano, dependendo dos interesses dos mercadores da salvação. Sabemos que existem muitos rincões desse tipo no Brasil moderno, mas o tempo é um remédio que os comerciantes da fé não conseguem dominar e o conhecimento se dissemina, mesmo que em público as pessoas não comentem sobre ele. Um exemplo: muitas religiões proíbem os fiéis de assistir telenovelas, proibição que é imposta pelo líder religioso do grupo. Você acha que eles seguem? “Em casa ninguém manda, porque ninguém fica sabendo”, esse o pensamento em voga nas mentes dos fiéis, que se sentem castrados em seu livre-arbítrio. E aqueles que dizem que a tecnologia é do “demônio”, quando desenvolvem câncer, aceitam morrer à míngua ou procuram médico? Geralmente a segunda opção.

Mas no meio do século XIX, o humanismo passava a impregnar a maneira de pensar e até os mais reticentes e dogmáticos bastiões do engessado cristianismo europeu davam sinais de esgotamento, que culminou com as mais absurdas medidas da igreja romana, como o dogma da infalibilidade papal, de 1870... Pouca coisa parecia mudar na mente de alguns, mas em outras praças do continente, forças inteligentes faziam as mesas girar e os copos respondiam questões simples, ao mesmo tempo em que toda a sociedade intelectualizada da época, principalmente na França, discutia esses fenômenos.

Um dos interessados no assunto chamava-se Hippolyte Léon Denizard Rivail, que logo adotaria o pseudônimo de Allan Kardec. Dotado de senso pedagógico e didática apurada, além de sublime mediunidade inspirada, ele trouxe as informações básicas sobre a existência de um novo mundo, que nos envolvia e com o qual interagíamos profundamente (1).

Por meio de médiuns selecionados e de discussão apurada, o mundo ganhava o **Livro dos Espíritos**, coluna-mestre ou espinha dorsal da Doutrina dos Espíritos. Logo depois, algo perto de dois anos, Charles Darwin modificava profundamente todos os conceitos de biologia, introduzindo a associação entre as transformações nas espécies vivas e o papel da seleção natural em separar os mais aptos, preparando novas populações e gerações mais adaptadas ao ambiente, em constante mutação. Obviamente que a obra de Darwin apresentava o rigor científico que os espíritos não pretendiam ou podiam dar, naquele momento, ao texto de Kardec. A Doutrina Espírita nascia com o papel de dar o suporte moral e espiritual para os anos de muitas lutas que caracterizariam os séculos XIX e XX, no mundo. Objetivos diferentes, métodos diferentes, textos diferentes, mas complementares.

Por muito tempo tive receio de aderir firmemente à fé que hoje professo e que fora a base de minha educação familiar. Eu acreditava que o evolucionismo científico teria influenciado Kardec nas suas assertivas a respeito da vida espiritual e que isso ajudava a dar o tom moderno e positivista da Doutrina dos Espíritos. Nesse ponto, não podemos esquecer que tudo está interligado e mesmo Darwin se beneficiou de pensamentos mais liberais que invadiam as lojas maçônicas de Londres, de onde muitos fundos para pesquisas foram obtidos, da mesma forma que movimentos liberais influenciaram Kardec. Contudo, os textos básicos espíritas vão muito além das tímidas conversas do século XIX e, mesmo no presente, se readaptados, podem explicar aspectos relevantes do processo evolutivo da alma humana. Porém, faltava a interligação entre Kardec e sua codificação e o universo científico que se transformava rapidamente.

Essa associação ocorreu 100 anos depois do Livro dos Espíritos e André Luiz foi seu maior artífice. Quem não conhece um pouco de ciência tem dificuldade de entender isso, mas ele fala como pesquisador e não como médico. Para entender essas palavras, basta ler “**Evolução em Dois Mundos**” ou “**Mecanismos da Mediunidade**”. Sem misturar a fé e a ciência, mas interligando-as sutilmente, nosso amigo nos sugere com todas as letras que o processo evolutivo na esfera terrena, mais densa, é paralelo a outras transformações que têm o perispírito como sede, mostrando que os diferentes corpos espirituais constituem um todo que se molda segundo as influências mentais e a evolução biológica do ser. Esse é o coração de “**Evolução em Dois Mundos**”, justificando o título do livro.

Desde seus primeiros textos, André coloca que o organismo perispiritual apresenta células e sistemas orgânicos bem

definidos, como discutimos no capítulo 2, mas em “**Evolução em Dois Mundos**”, “**Entre a Terra e o Céu**” e “**Missionários da Luz**” ele introduz a existências de sistemas adicionais, responsáveis pela captação e processamento de energias que ainda nos são desconhecidas, sempre empregando, para descrevê-los, a terminologia de “centros de força”, “chacras” ou “centros vitais”.

Os centros de força, também chamados de chacras na literatura hindu, são vórtices energéticos ligados aos corpos espirituais dos seres vivos, incluindo os humanos. O desenvolvimento dessas estruturas, nos corpos espirituais, se inicia, conforme descrição de André Luiz (“**Evolução em Dois Mundos**”), logo no início do processo de “plasmocinese”. Contudo, o que é plasmocinese?

Procuramos o significado em diversas bases de dados, mas encontramos algo apenas nas bases espíritas e bases menores, traduzindo “*movimento do protoplasma da célula, que contribui para dar a esta as características devidas*” (<http://www.slideshare.net/kekorochoa/elucidrio-do-livro-evoluo-em-dois-mundos-jos-marques-mesquita>). Acreditamos que essa terminologia não venha sendo empregada com frequência na literatura científica mais moderna, mas se presta bem para o objetivo inicial.

De qualquer forma, desde que movimentos do protoplasma celular ocorrem nas formas mais simples e primitivas de vida, podemos dizer que os chacras (e os corpos espirituais) passaram a se desenvolver na mesma velocidade com que a vida se diversificava no orbe terreno, as diferentes esferas, em um claro processo de co-evolução. Vejamos o texto de “**Evolução em Dois Mundos**” (página 174 e 175):

– Qual é a ordem de formação dos centros vitais pelo princípio inteligente no seu corpo espiritual?

– Sabemos que a formação dos centros vitais começou com as primeiras manifestações da plasmocinese nas células, sob a orientação das Inteligências Superiores; contudo, não dispomos ainda de particularidades técnicas para penetrar nesse domínio da ciência ontogenética.

Da mesma forma que os geneticistas modernos e os paleontólogos trabalham com as mais variadas ferramentas científicas mostrando a evolução filogenética e ontogenética do organismo humano moderno, acredito que, futuramente, técnicos estarão discutindo os aspectos mais variados do desenvolvimento do corpo perispiritual e demais corpos espirituais, bem como seus destinos evolucionários, tudo como fruto de um lento processo de expansão das capacidades intelectuais e espirituais. Os centros de força certamente se converterão em objeto de estudos da ciência ocidental, uma vez que seu uso na medicina oriental é bastante conhecido e as energias a eles associadas tem relação profunda com a acupuntura e outras áreas da saúde.

Os chacras apresentam frequência vibratória própria, além de diferenças estruturais que assinalam o grau de evolução atingido pelo espírito, bem como as suas desarmonias. Por meio desses centros de força, o corpo físico se mantém em profunda comunicação-comunhão com os corpos espirituais e com o cosmo, cada qual interferindo com a fisiologia do outro. Como o mundo espiritual que envolve o plano físico é definido por cores, que refletem a condição vibratória e o *quantum* de energia de cada um dos seus elementos constituintes, falar em chacras, fluidoterapia, passes e campo áurico é falar de cores, como Joseph Gleber declara na psicografia ao final do capítulo. Cada chakra tem um vínculo especial com um corpo espiritual ou físico, condição vibratória/cor, e ligação com estruturas anatômicas do corpo físico, onde exercem suas principais funções.

Temos sete grandes chacras pela tradição hindu, o coronário, frontal (terceiro olho), laríngeo, cardíaco, plexo solar, sacral (sexual) e básico, sendo que os três primeiros seriam os chamados “superiores” e os três últimos, os “inferiores”. O chakra cardíaco é a ligação entre as energias vitais, captadas pelos centros inferiores, bem como as energias que advêm da consciência espiritual do indivíduo, que adentram o corpo físico a partir dos chacras superiores, contribuindo para a harmonia. Quando colocamos as palavras “superiores” ou “inferiores” acima, não estamos nos referindo a uma pretensa primazia ou hierarquia de uns sobre os outros, mas à localização que ocupam nos corpos espirituais. Enquanto os chacras inferiores estão ligados às energias vitais, que mantém os corpos mais densos funcionando, a interação com o cosmo e a intelectualidade são atributos dos chacras superiores. Com a evolução espiritual, os chacras superiores vão ganhando proeminência, mas o processo é longo. Essa transformação acarreta uma exteriorização da influência dos chacras, que ficam mais evidentes e sensíveis, convertendo-se em canais confiáveis para procedimentos de energização e regressão de memórias, uma vez que funcionam como elos que nos ligam aos corpos superiores, como o corpo mental (“**Evolução em Dois Mundos**”).

Embora alguns espíritas desconheçam ou não aceitem a existência dos chacras, o ministro Clarêncio, com seu tom paternal, coloca (“**Entre a Terra e o Céu**”, página 126):

– Como não desconhecem, o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado. Nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o “habitat” que lhe compete. Mero problema de padrão vibratório. Cada qual de nós respira em determinado tipo de onda... Quanto mais nos avizinhamos da esfera animal, maior é a condensação obscuramente de nossa organização, e quanto mais nos elevamos, ao preço de esforço próprio, no rumo das gloriosas construções do espírito, maior é a sutileza de nosso envoltório, que passa a combinar-se facilmente com a beleza, com a harmonia e com a luz reinantes na Criação Divina.

Logo a seguir, associa as viciações do pensamento como causa das desarmonias dos chacras (página 127):

– Não nos afastemos das observações práticas, para estudar com clareza os conflitos da alma. Tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia no centro de força, que reage em nosso corpo a essa ou àquela classe de influxos mentais (...)

Embora os centros de força tenham relação com órgãos do corpo físico, a remoção cirúrgica de um órgão não significa a retirada de sua contraparte astral ou prejuízo para os chacras. Por outro lado, desarmonias nos órgãos espirituais, incluindo os centros de força, acabam por interferir sobremaneira com a fisiologia do corpo físico; tudo é questão de etiologia, origem da enfermidade. Essa discussão pode ser observada nas linhas abaixo, retiradas de “**Evolução em Dois Mundos**” (página 175):

– Qual a importância da relação existente entre o baço e o centro esplênico, se o baço pode ser extirpado sem maiores prejuízos à continuação da existência do encarnado?

– Compreendamos que a extirpação do baço em sua expressão física, no corpo carnal, não significa a anulação desse órgão no corpo espiritual e que, interligado a outras fontes de formação sanguínea no sistema hematopoiético, prossegue funcionando, embora imperfeitamente, no campo somático, atento às articulações do binário mente-corpo.

Outra questão pertinente sobre os chacras é relativa aos corpos ovoides. Uma vez que essas formas representam a perda da estrutura perispiritual de irmãos que se converteram em escravos dos próprios pensamentos desarmônicos, como ficam seus chacras? André Luiz responde:

– Entendereis facilmente a posição dos centros vitais do corpo espiritual, restritos na “ovoidização” – apesar de não terdes elementos terminológicos que a exprimam –, pensando na semente minúscula que encerra dentro dela os princípios organogênicos da árvore em que se converterá de futuro.

Depreendemos, nesse caso, que os chacras, nos ovoides, adquirem uma conformação embrionária, semelhante à observada no perispírito após o restringimento que antecede o reencarne (ver “**Imagens do Além**”, de Heigorina Cunha e espírito Lucius, editora Instituto de Difusão Espírita, 2ª ed., 1996, que mostra alguns desenhos sobre os chacras em um perispírito que sofreu restringimento), ou seja, carrega as informações necessárias para a reconstituição plena do psicossoma e seus centros de força, mesmo que se encontrem quase inativos e estruturalmente reduzidos.

Os chacras estão estruturados em todos os corpos perispirituais, mas cada qual tem uma inserção ou relação direta com um deles. Por exemplo, o chacra básico apresenta maior inserção e predominância no corpo físico, enquanto o chacra esplênico está mais associado ao duplo etéreo ou corpo bioplásmico e o chacra solar (plexo solar) tem relação maior com o

psicossoma. Os chacras superiores estão ligados ao lado mental e espiritual do indivíduo, tendo seu desenvolvimento mais associado aos corpos espirituais superiores, como os corpos mentais, búdico e átomico.

Esses centros de força também estão ligados a padrões vibratórios e, por conseguinte, cores, o que nos chama à razão para o estudo aprofundado e sem preconceitos dos postulados da cromoterapia, sem dogmas ou inclinações místicas. A seguir, são apresentadas as principais características dos chacras, segundo o hinduísmo e demais filosofias orientais e, sempre que possível, incorporando os dados oferecidos pelo nobre amigo de Nosso Lar.

Chakra Básico ou Genésico: também conhecido com o nome *Muladahara* pela tradição sânscrita de e sua cor primária é o vermelho. Localiza-se na base da coluna vertebral, junto ao cóccix. Juntamente com o chakra esplênico, apresenta conexão direta com as gônadas e com a vitalidade do corpo físico. Dos sete principais centros de força, esse é o que apresenta a frequência vibratória mais baixa, mais próxima do corpo denso, sendo o mais facilmente observado por médiuns.

Por ter uma frequência vibratória muito próxima da observada no corpo físico, sua associação com a fisiologia desse último é intensa, interferindo, principalmente, com a fertilidade e a libido, além da conexão com a medula e os instintos de preservação. Está associado aos planos mais densos, à terra e a matéria ordinária, à vitalidade orgânica e desejos físicos, constituindo importante elemento para a sobrevivência fisiológica em função do instinto de autopreservação. Desequilíbrios nesse chakra estão ligados à perda do prazer sexual ou desenvolvimento de disfunções sexuais, como ejaculação precoce e disfunção erétil, normalmente ligados, também, ao chakra esplênico. Em indivíduos com fortes tendências e atitudes egoístas, egocêntricas e agressivas mostra-se intensamente sobrecarregado.

A principal fase de desenvolvimento dessa estrutura se estende dos 3 aos 5 anos de idade. Nessa fase, alguns especialistas em medicina oriental advogam que problemas graves ligados à afetividade podem induzir ao desenvolvimento incompleto ou desarmônico no chakra básico, interferindo significativamente com a fertilidade na fase adulta. Os hindus acreditam que esse chakra apresenta relação direta com a absorção da energia cósmica, a “*kundalini*”. Além desses aspectos, o chakra está profundamente ligado às energias físicas como um todo, de forma que anomalias em seu funcionamento podem colaborar para a sensação de prostração e perda de vitalidade.

Chakra Esplênico, Sexual ou Sacral: também conhecido pela denominação sânscrita de *Swadhisthana* e sua cor é o laranja. Está localizado de 3 a 4 cm abaixo do umbigo, logo acima dos órgãos sexuais e apresenta conexão direta com os sentimentos e emoções, além das vísceras, daí entendermos a associação que fazemos entre os sentimentos mais tórridos e o funcionamento das nossas vísceras e órgãos reprodutores.

A ligação entre os chacras básico e esplênico é estreita, particularmente na área sexual-reprodutora, e isso se deve à *kundalini* que é recebida pelo centro de força básico e transmitida para o chakra esplênico, que se encontra adjacente. Alguns monges tibetanos, em função dessa associação, consideram os dois chacras como se fossem, do ponto de vista funcional, um único, responsável pela irrigação dos órgãos sexuais, energização do baço e pela vitalidade fetal.

Seus papéis na vitalidade, criatividade, sensualidade, capacidade reprodutiva e emotividade são de suma importância. Essa relação entre energias sexuais e criatividade é uma constante na obra de André Luiz, como vimos acima.

Por vezes é considerado o dínamo do corpo humano e seu desenvolvimento facilita a separação parcial e temporária do duplo etéreo e do perispírito, o que colabora com o desenvolvimento da mediunidade e desdobramento em corpo mental. Pessoas que mostram capacidade de dar e receber emoções, tolerar outros indivíduos e situações, criar e assimilar novas ideias, bem como de trabalhar em equipe possuem o chakra esplênico em equilíbrio.

As maiores fontes de desequilíbrios nesse chakra são os comportamentos obsessivo-compulsivos. Seu funcionamento harmônico induz às ligações sexuais harmoniosas, enquanto disfunções podem ter correlação com a redução da libido e anomalias/parafilias sexuais. No orgasmo, suas energias se exteriorizam de forma plena, em associação ao chakra básico, permitindo o restabelecimento fluídico do indivíduo e de sua(seu) parceira(o). Pessoas que voluntariamente escolheram uma postura naturalmente celibatária acabam canalizando essas energias para os chacras superiores, associados com a parte intelectual, emotiva e criativa.

Chakra Solar (Plexo Solar), Gástrico ou Umbilical: esse centro de força é também conhecido pela denominação sânscrita de *Manipura* e sua cor é o amarelo. Está localizado na área correspondente à porção superior do estômago, no corpo físico, abaixo do osso esterno, controlando ou interferindo com o funcionamento de todas as vísceras abdominais, como

intestinos, fígado, pâncreas e musculatura, além do sistema nervoso funcionalmente ligado a essas áreas.

Para os hindus, seu funcionamento harmônico tem relação com o senso de justiça e estabilidade emocional, ao mesmo tempo em que pessoas com tendências egoístas ou com dificuldade em cultivar relacionamentos pessoais mais sérios acabam por exacerbar as desarmonias nesse vórtice energético. É o chacra do “pessoal”, do “eu”, de fazer “parte de algo” e ter o seu lugar no cosmos. Suas atividades estão profundamente ligadas ao chacra cardíaco. Por vezes é associado com a condição de autoridade, de forma que o terceiro chacra está ligado à sensação de autoconfiança e poder individual. Seu funcionamento adequado também apresenta relação com o universo de percepções da criatura, tanto dos cinco sentidos físicos, como também na mediunidade.

A localização do plexo solar colabora para a união entre as duas grandes correntes energéticas que compõem o *Homo spiritualis*, as correntes básicas ou de manutenção da vida, e as energias emocionais e mentais, associadas à espiritualização do indivíduo.

Chacra Cardíaco: está localizado no centro do tórax (no centro do osso esterno) e *Anahata* é sua denominação sânscrita, sendo o verde /verde claro a cor que o representa. Tem ligação glandular com o timo, um dos órgãos linfóides primários e dos mais importantes pontos do sistema imunológico. Comporta-se como um canal natural das emoções e é responsável pela energização do sistema cardiovascular e respiratório, o que o torna o chacra mais susceptível a desarmonias de cunho emocional, compartilhando desses desequilíbrios com o chacra gástrico.

Seu desenvolvimento evidencia o processo de transição das emoções instintivas, mais ligadas aos chacras inferiores, como o sentimento de posse, para um universo de emoções mais sutis, ponderadas. Esse crescimento acompanha a sutileza do amor entre os seres, facilitando a exteriorização de sentimentos nobres, como compaixão, misericórdia e capacidade de perdoar. Na medida em que se desenvolve, percebemos que a pessoa passa a se sentir como parte do fluxo natural de energia do universo e se harmoniza por completo, deixando de ver opositores onde existem apenas outros seres; deixando de ver o universo como um duelo entre o bem e o mal, mas sim como a transição natural de um estado primitivo para uma condição desenvolvida, plena. Deixamos a condição de juízes e procuramos ser amparadores daqueles que vêm atrás na viagem da evolução.

Dificuldades no desenvolvimento dos sentimentos ligados ao amor e cobranças afetivas pronunciadas denotam a possibilidade de bloqueio funcional do chacra cardíaco, que podem se exteriorizar na forma de depressão, angústias e dores no peito. Sabemos que as emoções se estabelecem em regime de permuta, compartilhamento, mas nesses casos o indivíduo apresenta dificuldade de reconhecer que também recebe afeto e daí surgem inúmeros desentendimentos.

Chacra Laríngeo ou Cervical: está localizado junto à garganta e sua denominação sânscrita é *Vishuddha* e a cor normalmente associada a ele é o azul celeste ou azul turquesa. Está ligado às glândulas tireoide e paratireoide, além de hipotálamo, garganta e boca.

Os hindus o consideram como o chacra da vontade e da responsabilidade pessoal, além de sede da nossa capacidade de convencimento, gentileza e amabilidade. Posturas responsáveis e autênticas, que não culpam os outros pelos erros que foram cometidos por nós mesmos, estão profundamente vinculadas à manutenção de sua harmonia. Sem culpar os outros pelos nossos erros, podemos criar mais e melhor. Esses atributos fazem com que o equilíbrio desse vórtice energético seja mais comum em pessoas esperançosas e de bem com a vida.

Está diretamente ligado ao crescimento profissional, de forma que seu bloqueio pode dificultar o desenvolvimento pleno das potencialidades do indivíduo e sua comunicabilidade, facilitando o desenvolvimento de comportamentos doentios e complexos de superioridade ou inferioridade, dependendo da forma com que esses desvios se manifestam.

Suas desarmonias agudas apontam em direção a vários personagens tenebrosos da história humana, como Adolf Hitler, ser carregado de rancores e ressentimentos, imagens negativas ou pejorativas dos seres e situações, além de profundo complexo de inferioridade, que se manifestava como um apelo à superioridade de uma raça que somente existia em sua mente adoentada.

Chacra Frontal ou Terceiro Olho: está localizado entre as cavidades orbitais, ligeiramente acima do plano dos olhos, entre as sobrancelhas. Seu nome sânscrito, *Ajna*, traduz a natureza de comando que esse centro de força exerce sobre o indivíduo, traduzindo sua capacidade de realização e controle dos destinos do ser. A cor mais perfeitamente associada a ele é o azul índigo (azul escuro).

Pessoas com grande capacidade de racionalização e mentalização, imprimindo toques de razão e discernimento, apresentam-no bastante harmonioso e ativo. Por outro lado, o pessimismo e incapacidade crônica de gerir os próprios interesses, além de cinismo, dores de cabeça e tensão constante estão frequentemente ligados a seres que obliteraram as funções gerenciais do chacra frontal. O desenvolvimento pleno do chacra frontal também está associado às percepções extrasensoriais, como capacidade de “sentir e ler” o pensamento de terceiros, além da intuição e inspiração.

Chacra Coronário: também denominado de *Sahasrara* e se encontra posicionado no alto da cabeça. Ele é o elo do corpo físico e dos corpos espirituais com o cosmo e o Criador, atuando como a porta da consciência e permitindo que tenhamos noções do divino. Algumas tradições associam-no com o corpo mental superior e com a cor branca, enquanto outras o ligam ao violeta, lilás, branco, prateado e dourado.

Em função de suas conexões no corpo físico, atua imprimindo vontade ao sistema nervoso central e à glândula pineal, sendo considerado o chacra mais importante, uma vez que constitui o centro receptor das energias espirituais de maior frequência vibratória e, por meio dele, temos os fenômenos de expansão da consciência e mediunidade de efeitos intelectuais.

Desde que apresenta frequência vibratória mais elevada entre os sete vórtices energéticos principais, funciona como uma verdadeira porta para a espiritualidade maior e enriquece a vivência interior do ser, em profunda unidade com o universo ao redor. Por seu intermédio as percepções mais elevadas ganham a consciência, acompanhadas pelo idealismo e o “bem servir”.

Em quadros de senilidade, depressão, abatimento, falta de inspiração e monoideísmo pode-se observar os sinais nítidos dos desalinhamentos funcionais desse chacra, ao mesmo tempo em que pessoas que o apresentam muito ativo tendem a comportamento hiperativo, maior propensão à frustração e posturas psicóticas e maníaco-depressivas. De uma forma geral, quando não associadas com histórico reencarnatório de frustrações religiosas, as posturas ateísticas são mais frequentes em pessoas com bloqueio do chacra coronário.

Por vezes, temos escutado de irmãos de fé que essas descrições dos chacras são demasiadamente ligadas às filosofias orientais e que nada disso existe na literatura espírita mais tradicional. Infelizmente, erram. Leiam, a seguir, as esclarecedoras palavras do ministro Clarencio sobre o papel dos centros de força (“**Entre a Terra e o Céu**”, páginas 127 e 128):

(...) Analisando a fisiologia do perispírito, classifiquemos os seus centros de força, aproveitando a lembrança das regiões mais importantes do corpo terrestre. Temos, assim, por expressão máxima do veículo que nos serve presentemente, o “centro coronário” que, na Terra, é considerado pela filosofia hindu como sendo o lótus de mil pétalas, por ser o mais significativo em razão do seu alto potencial de radiações, de vez que nele assenta a ligação com a mente, fulgurante sede da consciência. Esse centro recebe em primeiro lugar os estímulos do espírito, comandando os demais, vibrando todavia com eles em justo regime de interdependência. Considerando em nossa exposição os fenômenos do corpo físico, e satisfazendo aos impositivos de simplicidade em nossas definições, devemos dizer que dele emanam as energias de sustentação do sistema nervoso e suas subdivisões, sendo o responsável pela alimentação das células do pensamento e o provedor de todos os recursos eletromagnéticos indispensáveis à estabilidade orgânica. É, por isso, o grande assimilador das energias solares e dos raios da Espiritualidade Superior capazes de favorecer a sublimação da alma. Logo após, anotamos o “centro cerebral”, contíguo ao “centro coronário”, que ordena as percepções de variada espécie, percepções essas que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que dizem respeito à palavra, à cultura, à arte, ao saber. É no “centro cerebral” que possuímos o comando do núcleo endócrino, referente aos poderes psíquicos. Em seguida, temos o “centro laríngeo”, que preside aos fenômenos vocais, inclusive às atividades do timo, da tireoide e das paratireoides. Logo após, identificamos o “centro cardíaco”, que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral. Prosseguindo em nossas observações, assinalamos o “centro esplênico” que, no corpo denso, está sediado no baço, regulando a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos os escaninhos do veículo de que nos servimos. Continuando, identificamos o “centro gástrico”, que se responsabiliza pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização e, por fim, temos o “centro genésico”, em que se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos.

Os chacras representam pontos de maior conexão entre os “folhetos” corporais que constituem o ser humano e, como tal, acabam sendo influenciados por todos os agentes que atuam no corpo físico e suas contrapartes espirituais, como revela a mensagem de Joseph Gleber, no final do capítulo.

Em “**Missionários da Luz**”, instrutor Alexandre comenta com André Luiz os efeitos do alcoolismo sobre a fisiologia dos centros de força e seus efeitos sobre o organismo. Vejamos (páginas 36 e 37):

– Os alcoólicos – esclareceu Alexandre, com grave entonação – aniquilavam-no vagarosamente. Você está examinando as anormalidades menores. Este companheiro permanece completamente desviado em seus centros de equilíbrio vital. Todo o sistema endócrino foi atingido pela atuação tóxica. Inutilmente trabalha a medula para melhorar os valores da circulação. Em vão, esforçam-se os centros genitais

para ordenar as funções que lhes são peculiares, porque o álcool excessivo determina modificações deprimentes sobre a própria cromatina. Debalde trabalham os rins na excreção dos elementos corrosivos, porque a ação perniciosa da substância em estudo anula diariamente grande número de nefrons. O pâncreas, viciado, não atende com exatidão ao serviço de desintegração dos alimentos. Larvas destruidoras exterminam as células hepáticas. Profundas alterações modificam-lhe as disposições do sistema nervoso vegetativo e, não fossem as glândulas sudoríparas, tornar-se-lhe-ia talvez impossível a continuação da vida física.

O mesmo ocorre nos quadros obsessivos, onde os perseguidores se ligam fortemente, através de laços fluídicos, às suas vítimas e passam a intoxicar as próprias estruturas orgânicas no processo (“**Missionários da Luz**”, página 387):

(...) Diversos perseguidores, invisíveis à perquirição terrestre, mantinham-se ao lado dela, impondo-lhe terríveis perturbações, mas de todos eles sobressaía um obsessor infeliz, de maneiras cruéis. Colara-se-lhe ao corpo, em toda a sua extensão, dominando-lhe todos os centros de energia orgânica. Identificava a luta da vítima, que buscava resistir, quase inutilmente.

Por esses textos, vemos que a conexão entre os corpos espirituais e o corpo físico acaba permitindo que agentes capazes de afetar os organismos espirituais também podem atingir a fisiologia do encarnado. Essa influência ocorre em mão dupla, não apenas daqui pra lá, mas também de lá pra cá, como diríamos em uma conversa informal. Amostra dessa relação pode ser observada no parágrafo abaixo, retirado de “**Missionários da Luz**”, onde um servidor, Anacleto, faz notáveis considerações (página 412):

– Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais. Se a mente da criatura encarnada ainda não atingiu a disciplina das emoções, se alimenta paixões que a desarmonizam com a realidade, pode, a qualquer momento, intoxicar-se com as emissões mentais daqueles com quem convive e que se encontrem no mesmo estado de desequilíbrio. Às vezes, semelhantes absorções constituem simples fenômenos sem maior importância; todavia, em muitos casos, são suscetíveis de ocasionar perigosos desastres orgânicos. Isto acontece, mormente quando os interessados não têm vida de oração, cuja influência benéfica pode anular inúmeros males.

Como os chacras são os pontos de maior interconexão entre o organismo encarnado e seus corpos espirituais, é natural que tenham um papel preponderante na transmissão dessas influências recíprocas. Em função do exposto, entendemos que os trabalhos de fluidoterapia devem priorizar o estudo da anatomia e fisiologia dos chacras e dos corpos superiores, renunciando à postura comodista de deixar que os espíritos mentores das atividades façam tudo por nós. Conhecer as frequências vibratórias dos chacras e o efeito que as impregnações fluídicas, advindas de desequilíbrios físicos e mentais, têm sobre os centros de força é o caminho indispensável para qualquer servidor que pretenda auxiliar na medicina espiritual.

A fluidoterapia produz, quando associada à mudança de postura do indivíduo, o realinhamento natural desses centros de força, mas isso pode ocorrer também quando nos disponibilizamos ao atendimento fraterno ou nos mobilizamos para assistir a uma palestra. Esse processo é a base do preparo do corpo físico e perispiritual para receber as energias que permeiam o ambiente da casa espírita e é importante elemento da medicina da alma, em todas as suas modalidades.

Esse papel de interconexão entre os corpos que nos constituem é de relevância também no fenômeno de dissolução dos vínculos fluídicos por ocasião do desencarne, com a eliminação final dos liames do cordão de prata, que une os corpos inferiores (corpo físico, duplo etéreo e o perispírito). Esse desligamento pode ser realizado pelo próprio moribundo, quando esse é dotado de maior evolução espiritual, ou por equipes especializadas, como descreve Jerônimo, em “**Obreiros da Vida Eterna**” (página 297):

– A cooperação de nosso plano é indispensável no ato conclusivo da liberação; todavia, o serviço preliminar do desenlace, no plexo solar e mesmo no coração, pode, em vários casos, ser levado a efeito pelo próprio interessado, quando este haja adquirido, durante a experiência terrestre, o preciso treinamento com a vida espiritual mais elevada. Não há, portanto, motivo para surpresa. Tudo depende de preparo adequado no campo da realização.

Livres do corpo físico incapacitado de seguir a sua jornada terrena, os chacras sofrem profundo realinhamento, no desencarne, e sua frequência vibratória se eleva, como parte da histogênese do novo perispírito, conforme as palavras esclarecedoras de “**Evolução em Dois Mundos**”.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Joseph Gleber; data 28 de dezembro de 2012).

A complexidade estrutural do organismo humano, na matéria ordinária, é apenas pálido reflexo de sua real organização quando consideramos o homem integral, multidimensional.

Se meus irmãos pudessem observar o corpo humano em um modelo diáfano, veriam que, ao lado dos órgãos físicos, o próprio perispírito enverga complexa rede de canais fluídicos que se interligam, tal qual o sistemas linfático ou circulatório, e unem pontos ou vórtices que concentram a interação entre os corpos espirituais e o corpo físico, os chacras.

Muito já foi dito sobre eles e muito ainda há de sê-lo. Contudo, as noções mais relevantes sobre o tema devem ser estudadas por todos que trabalham direta ou indiretamente com a saúde do homem encarnado ou com tratamentos desobsessivos.

Os chacras são portas de união entre os “folhetos” que compõem o organismo humano multidimensional e, como tal, enviam e recebem influências dos corpos espirituais. Tais influências podem se manifestar como saúde e plenitude física e vibratória, psíquica, em todos os corpos que nos compõem, ou doenças, enfermidades de cunho somático ou espiritual uma vez que essa separação é apenas acadêmica, ou melhor, didática.

Durante muitos anos, acreditamos que os chacras fossem estruturas com limitada influência no corpo físico e quase os ignoramos, o que foi um equívoco de grandes proporções. Como áreas de união e intercâmbio fluídico, estão ligados às glândulas endócrinas e ao sistema nervoso, modificando as condições metabólicas de meus irmãos, afetando seu humor, capacidade de concentração, captação de impulsos mentais, modificando o seu humor e equilíbrio psicológico, emocional. Além desse relevante aspecto, sua importância se expande quando percebemos que as desarmonias comportamentais alteram a condição vibratória de meus irmãos, impondo sobrecargas profundas à estrutura funcional dos chacras, que passam a sofrer os efeitos de uma desestruturação parcial, produzindo modificações em todo o delicado sistema de equilíbrio fluídico-magnético do ser, atingindo todos os veículos inferiores que constituem o indivíduo, como o duplo etéreo, o corpo físico e o psicossoma. Essas desarmonias podem continuar reverberando no corpo mental superior, mantendo a influência negativa sobre todos esses folhetos corpóreos inferiores.

Essas crises de desequilíbrio podem ser facilmente detectadas em um exame direto dos chacras e dos canais fluídicos que os interligam, que refletem pormenorizadamente essas transformações e perturbações, mesmo que sutis. Não raro, podemos verificar a perda da libido sexual em indivíduos cujo comportamento desregrado levou a uma sobrecarga de suas forças genésicas, ou a perda do equilíbrio emocional em irmãos coléricos, que se manifesta como desarmonia em seus chacras laríngeo e cardíaco. Em tais condições enfermigas, o irmão deve reconhecer, e esse é o maior problema, a sua condição e procurar restabelecer o equilíbrio integral de seu corpo.

A participação em atividades verdadeiramente altruístas, em que não pensamos em nós mesmos e nos nossos problemas, bem como contatos com o ambiente natural, reeducação comportamental, alimentar e sexual, hábitos saudáveis de meditação e estudos colaboram para devolver cada um dos centros de força à sua condição vibratória original, compatível com a saúde do ser.

Acreditamos piamente que, na medida em que os espíritas descobrirem os muitos papéis que essas estruturas fluídico-magnéticas possuem, terão muitos instrumentos adicionais para o diagnóstico e o acompanhamento das dissintonias, parafilias, psicoses, neuroses e doenças do corpo físico, como as enfermidades de cunho infeccioso, neoplásico ou de desenvolvimento.

Os centros de força evidenciam que, na natureza, os pensamentos e atos não se mantêm na esfera puramente abstrata e passam a influenciar profundamente a saúde do indivíduo como um todo, produzindo alterações que se somam às que ele já carregava de encarnações pretéritas. Como canais “preferenciais”, os chacras permitem a imersão no universo reencarnatório de meus irmãos, sem a necessidade de adentrar detalhes que poderiam prejudicar seu crescimento enquanto encarnados. Em nosso plano de vida, as condições energéticas do ser, as trocas e fluxos de energia pelos canais

que irrigam e drenam os corpos espirituais são plenamente observados e tratados.

A partir do reconhecimento do papel dos chacras no intercâmbio entre os corpos fluídicos e o corpo denso, a casa espírita deve dar grande atenção aos muitos procedimentos que envolvem interações fluídicas e energéticas, desde os passes, até os tratamentos desobsessivos. Não raro, os obsessores afastam-se de suas vítimas encarnadas ou desencarnadas, nas proximidades da casa espírita, mas os chacras do obsediado demonstram claramente o intercâmbio nocivo, comungando das condições fluídicas de duas ou mais consciências envolvidas no processo.

Da mesma forma, o tratamento e realinhamento dos chacras são de fundamental importância para romper parte da sintonia entre o obsediado e seu parceiro ou parceiros, removendo-o dessa verdadeira enxertia fluídica e dando o tempo necessário para que o encarnado mude sua condição vibratória e mental que, em última instância, determina o funcionamento de seus centros de força e sistemas orgânicos no corpo físico e demais corpos inferiores.

*Os meus companheiros encarnados, particularmente aqueles que envergam títulos de saber, são refratários em reconhecer o papel dos vórtices energéticos na implementação das enfermidades físicas e espirituais, que sequer reconhecem a existência, e isso é até compreensível, até certo ponto, **afinal enxergamos apenas aquilo que nos preparamos para enxergar**. Porém, como negar que os desequilíbrios genésicos irão produzir, anos mais tarde, enfermidades de cunho sexual ou metabólico?*

Como negar que os profundos desequilíbrios descritos há séculos pela medicina oriental, junto aos chacras cardíaco e laríngeo produzirão enfermidades profundas envolvendo os sentimentos de meus irmãos? Com reflexos no sistema circulatório como um todo, não raro reduzindo o tempo em que meu irmão irá residir naquele corpo denso...

Como negar que o chacra frontal não vem a refletir e influenciar as capacidades de interação com o universo ao nosso redor, modificando nossas habilidades e possibilidade de abstrair e compreender? Basta ver os irmãos com profundos desvios em seus chacras frontais para percebermos o mau uso do intelecto em suas vidas anteriores, afetando todos os corpos espirituais e que acabam tendo na demência o tratamento para os casos mais graves e recalcitrantes.

Como ignorar que o chacra coronário em desequilíbrio mantém o indivíduo na condição de profunda apatia diante da vida? Por dificultar a interação fluídica com o cosmo, o irmão com esse tipo de alteração se mostra incapaz de olhar adiante, de planejar e cumprir com o planejado. Desiste diante da vida porque nada vê além da cortina de fumaça que o envolve.

No mundo atual, embora os desvios comportamentais possam afetar a estrutura dos chacras superiores, e essa influência se mostra recíproca, são os chacras inferiores que padecem dos maiores desvios e desequilíbrios na vida cotidiana.

Comportamentos sexuais desregrados, bebidas e alimentação profundamente desequilibrada induzem paulatina transformação na carga vibratória de cada um desses centros de força, modificando não apenas a morfologia característica, mas também sua cor e frequência vibratória, afetando as intrincadas conexões com os sistema glandular do corpo físico.

Apenas o tratamento sintomático não é capaz de restabelecer a harmonia que foi subtraída, de forma que a reeducação espiritual, a fluidoterapia e a cromoterapia podem e devem ser utilizadas para dar suporte ao tratamento empregado, removendo as causas do fenômeno.

Meus queridos irmãos, temos presenciado, nas mais variadas casas espíritas nas quais o Criador permite nossa participação no trabalho assistencial, discussões a respeito do papel dos encarnados e desencarnados nesses tratamentos. A postura comodista quase sempre impera, onde o indivíduo acredita que os espíritos farão tudo, inclusive corrigindo diagnósticos e procedendo ao realinhamento vibratório dos chacras de meus irmãos enfermos. Essa atitude é típica daqueles que se mostram portadores de desarmonias básicas nos centros de força laríngeo, frontal e coronário, uma vez que apresentam desvios ligados à vontade, cognição e capacidade de interação com aspectos ou sistemas mais complexos, só conseguindo ver um lado de cada vez da enfermidade em tratamento, no exato momento em que o problema é avaliado.

Essas palavras não têm a intenção de magoar ou agredir, mas não podemos deixar de contemplar um aspecto interessante: a maioria dos dirigentes espíritas e médiuns de cura possuem desarmonias em sua estrutura fluídico-magnética e deveriam se submeter a tratamento e não provê-lo para os demais. Parar, pensar, meditar, concluir e mudar constitui sábia e providencial sequência a ser seguida periodicamente por todos.

Vocês se utilizam de todo tipo de energias nas atividades das casas espíritas, mas quando escutam que irmãos se utilizam de técnicas de cromoterapia para o atendimento e realinhamento energético do indivíduo, viram o rosto ou empregam palavras pouco nobres e intransigentes para descrever os companheiros. Isso é desconhecimento de causa. A cor nada mais é do que a percepção de uma energia em determinado comprimento de onda e todos vocês, inclusive aqueles que se protegem na ortodoxia, fazem uso de procedimentos cromoterápicos.

A mente é fonte de poderosas emissões energéticas que ganham características visuais aos nossos olhos, mesmo que vocês não se mostrem aptos a vê-las. Podem sentir as cores de uma reunião fluidoterápica, podem modificar o padrão vibratório de um ambiente com elas. Tudo é cor; tratando-se de energias e vibrações. Não existe necessidade alguma de lâmpadas multicoloridas ou similares, até porque as cores a que me referi não dizem respeito às manifestações da luz comum no vosso plano de vida.

Meus irmãos, somos todos parceiros em crescimento, em duro combate contra as próprias limitações, que são pungentes. Não podemos dilatar as nossas dificuldades com atitudes e posturas castradoras, irracionais. O sistema de chacras descortina todo um universo que aguarda a atenção de todos em função de suas múltiplas potencialidades no diagnóstico e na terapêutica das enfermidades do corpo e da alma. Não podemos ignorá-lo, como também não podemos olvidar o bom senso e do estudo sistemático e crítico.

Em parceria, podemos muito mais.

RESUMO DO CAPÍTULO: nos primeiros anos do Espiritismo Cristão muitos acreditavam que os centros de força eram fruto de tradições orientais, mas tais conceitos estavam equivocados, uma vez que a codificação kardequiana traz numerosos elementos sobre o tema. Com André Luiz, o papel dos centros de força principais é abordado em detalhes, sem os aspectos esotéricos e místicos que as tradições asiáticas incorporaram. Os chacras ou vórtices energéticos são estruturas organizadas nos corpos espirituais, capazes de interconectar os diferentes corpos e harmonizar a distribuição das energias mais sutis, vindas do cosmo, e as energias vitais, oriundas do duplo etéreo ou corpo vital, bem como as energias adquiridas nos processos metabólicos naturais. Sete são os principais chacras: básico, esplênico, gástrico, cardíaco, faríngeo, frontal e coronário. Cada um deles vibra, nos corpos espirituais, em uma frequência diferente, sendo que a vibração mais elevada pode ser observada no centro coronário, que constitui o ponto de interconexão do homem com o universo e o seu Criador. Em função de nossos desvios nos campos da alimentação, sexualidade, emoções e ideias, acrescentamos desarmonias no funcionamento de nossos centros de força, que indiretamente afetam o funcionamento da máquina biológica da qual tanto dependemos, o corpo físico. O tratamento espiritual trabalha no realinhamento e energização dos centros de força, permitindo um retorno às condições de normalidade.

Nota dos Autores

- 1) Alguns relatos também sugerem que Allan Kardec era médium de efeitos físicos.

Mediunidade e Médiuns

Desde a mais tenra infância as crianças são educadas para reconhecer seus cinco sentidos, a visão, audição, paladar, tato e olfato, mas logo percebemos que algumas delas parecem escutar o que mais ninguém escuta, outras enxergam mais do que seria natural, onde seres invisíveis à maioria parecem saltar no meio de histórias de todos os tipos, quase sempre imaginativas, enquanto que a diversidade de fenômenos dessa natureza é praticamente inesgotável. Tive oportunidade de conhecer uma menina que, destituída da visão comum, diz ver as coisas através dos olhos de outra criança que a acompanha, mas originária de outro plano, um espírito desencarnado. Infelizmente, essa criança tem problema com os religiosos, que a consideram influenciada por demônios, uma vez que ela vê sendo “cega” e o que ela enxerga, ninguém vê. Isso me faz questionar o pior tipo de cegueira. Calemo-nos.

Algumas crianças descrevem viagens nítidas a outros locais de nosso mundo e dos contos de “fadas”. Muitas são chamadas de mentirosas, ou melhor, imaginativas, a maioria talvez, mas muitas descrevem, com extrema coerência, uma realidade além dos sentidos naturais. Algumas continuam apresentando essa sensibilidade, enquanto a maioria acaba por amordaçar esses sentidos com o maior envolvimento com a atual encarnação.

Essas que permanecem com essas habilidades são ou estão “médiuns”, ou seja, são intermediários com o mundo dos espíritos e mesmo com outros planos de vida “encarnada”, do nosso e de outros orbes. Como o processo reencarnatório ainda não se completou, muitas delas ainda possuem maior liberdade nessa dualidade mundo físico-mundos espirituais e esse detalhe é o grande responsável pelos sentidos adicionais que muitas de nossas pequenas possuem. Com os anos, a educação quase sempre castradora, o dogmatismo religioso e a falta de interesse acabam por condenar a capacidade de intermediar a ligação entre esses mundos que ainda permanecia em algumas delas. Poucas se tornam adultos com atributos mediúnicos capazes de produzir algo mais substancial. Por fim, muitas casas espíritas concluem o processo de “castração” psicológica do médium, confundindo disciplina com falta de diálogo e hierarquia com escravidão e falta de maleabilidade.

Como diz André Luiz, em “**Evolução em Dois Mundos**” (página 136):

A mediunidade, no entanto, é faculdade inerente à própria vida e, com todas as suas deficiências e grandezas, acertos e desacertos, é qual o dom da visão comum, peculiar a todas as criaturas, responsável por tantas glórias e tantos infortúnios na Terra.

Nos últimos anos, uma verdadeira enxurrada de livros espíritas tem mostrado que todos nós apresentamos alguma capacidade de interagir com o mundo dos espíritos, o que nos torna médiuns ou medianeiros, significando que somos “intermediários” entre esses planos, o que é natural, afinal somos espíritos encarnados e ainda guardamos uma parte substancial de nossa liberdade de ação, durante o sono e mesmo em vigília, quando nossos amigos (sem falar nos desafetos) do outro lado da vida entram em contato conosco, de forma consciente ou não.

Porém, em termos práticos, chamaremos de médiuns aqueles irmãos, encarnados ou não, que conseguem manter, de forma mais constante e produtiva, o intercâmbio com outros planos de vida. Como vocês podem perceber, não utilizamos as palavras “encarnado” ou “desencarnado” acima. Por que isso?

Porque a mediunidade não é atributo dos encarnados, mas de todas as formas pensantes, em todas as esferas de vida.

Um de nossos mentores, Ishmael, espírito desencarnado em 1942, é médium psicográfico e psicofônico (1), em sua esfera de vida, tendo nos transmitido mensagens que recebeu de companheiros de outros planos. Em uma ocasião, confessou ter psicografado uma mensagem desse autor encarnado. Sempre tive a impressão de ter ocorrido essa inversão, mas não tenho certeza do conteúdo do texto, mas sei que o mesmo teve relação com as questões suscitadas pela nossa discussão sobre renascimento em outros planos de vida, mas como o fenômeno se desenrolou durante o desdobramento do sono, acabamos por reter informações pouco precisas dessas ocasiões, em função da diferença vibratória que nos separa do plano em que se encontra o veículo da manifestação, o médium, desencarnado ou encarnado, e o nosso plano de vida. Com a evolução, todos nós seremos capazes de captar as correntes de pensamentos que nos envolvem, independentemente de onde procedem.

A capacidade de atuar como intermediário entre os planos vibratórios é uma característica do espírito e se mantém, em maior ou menor grau, mesmo após o reencarne, na maioria das pessoas. Em “**Evolução em Dois Mundos**”, fica evidente que a intuição é a forma pioneira dessa capacidade sensorial, além de constituir variante mais pura e disseminada desse conjunto de faculdades (página 131):

A intuição foi, por esse motivo, o sistema inicial de intercâmbio, facilitando a comunhão das criaturas, mesmo a distância, para transfundilas no trabalho sutil da telementação, nesse ou naquele domínio do sentimento e da ideia, por intermédio de remoinhos mensuráveis de força mental, assim como na atualidade o remoinho eletrônico infunde em aparelhos especiais a voz ou a figura de pessoas ausentes, em comunicação recíproca na radiotelefonía e na televisão.

Tendo em vista que vivemos imersos em torrentes e cascatas de pensamentos, alguns médiuns psicográficos, inspirados e intuitivos acabam se comportando como verdadeiras antenas humanas, captando e traduzindo as ideias daqueles com os quais apresentam sintonia. Em alguns casos mais agudos e raros, o médium chega a sentir as palavras sendo acrescentadas à sua ideia original, como se elas pairassem sobre sua mente, em uma condição que passamos a denominar de “mediunidade em nuvem” ou como Jacobson Sant’Ana Trovão coloca em seu ótimo “**Psicofonia na Obra de André Luiz**” (editora da Federação Espírita do Estado de Goiás-FEEGO, 2012), sintonia constante entre médium-espírito comunicante, que se conquista com o tempo e pela amizade que se fortalece, como entre Emmanuel e Chico Xavier.

O médium ficaria imerso nesse oceano mental e dele retiraria, por mérito próprio e com auxílio daqueles que o guiam, as informações necessárias para as atividades que desempenha, sempre baseado no processo de afinidade, como apresentado em “**Mecanismos da Mediunidade**”:

É o estado de permuta magnética aperfeiçoada, em que o passivo, na hipnose ou na vigília, transmite com facilidade as determinações e propósitos do mentor, na esfera das suas possibilidades de expressão.

A existência de espíritos que são médiuns de outros espíritos é fato corriqueiro nos livros de André Luiz, sendo clássicos os exemplos de mediunidade de efeitos físicos em que vários instrutores de nosso amigo participam de materializações ou cura de males nos diversos planos de vida (o próprio André participa de sessão de mediunidade curativa em “**Libertação**”), além de exemplos de clarividência, clariaudiência e outros. A ocorrência desse fenômeno parece tão natural que, em alguns casos, o nosso amigo deixa em aberto a localização do plano “espiritual” onde o médium e o espírito comunicante se encontram. Em teoria, como todos somos espíritos, todas as comunicações envolvendo planos diferentes são manifestações com base na mediunidade inerente a cada um dos envolvidos.

A mediunidade não é algo bom ou ruim; não é “dom” ligado inerentemente ao bem ou ao mal, mas sim instrumento de trabalho e a natureza das atividades irá determinar como ela deve ser classificada. Apenas isso. O médium nunca está só, mas escolhe, com suas atitudes e pensamentos, aqueles que o acompanham. Atitudes e pensamentos mais elevados atrairão parceiros com esse perfil fluídico, ao passo que a negligência e uma vida de desajustes deverão estabelecer sintonias com os planos astrais inferiores.

Existem médiuns que são acompanhados por verdadeiros fantasmas, mas esses não são espíritos, mas sim as características que ele imprime ao seu trabalho, como o pavor de errar, o personalismo, a arrogância, intelectualismo excessivo, indolência e falta de disciplina e outros, que o transformam em péssimo veículo de comunicação entre os planos. Esses amigos acabam fazendo um desserviço à Doutrina dos Espíritos, que tantas críticas recebe daqueles que nunca ganharam um tempo lendo os postulados da codificação de Kardec. Quem mais critica, geralmente, é quem não dedica um pouco do seu abundante tempo ao trabalho e auxílio fraternos. Como diz o ditado popular, quem tem tempo para criticar...

Cada médium tem um perfil e uma condição de afinidade vibratória e moral com uma comunidade de espíritos e raros são aqueles que se mostram polivalentes, fluindo a partir de diferentes tipos de mediunidade e servindo de intermediário para espíritos dos mais variados tipos. É perda de tempo dizer que Chico Xavier é um desses raros prelados do Cristo. Creio que os médiuns psicográficos capazes de transmitir mensagens de entes queridos já falecidos são os que apresentam maior plasticidade do instrumento mediúnico, mas as dificuldades são muitas e, em diversos momentos, o mediano apenas sente ou “escuta” os sentimentos do desencarnado, fazendo com que a família do “falecido” venha a acusá-lo de mistificação ou mesmo fraude. Contudo, o que ele ganha com aquilo? Mistificar para que? Para quem? Fraudar algo em benefício de quem?

Criticar é tão fácil, mas fazer algo de útil se torna difícil diante dessas barreiras.

Nós sabemos que alguns medianeiros acabam, na tentativa de auxiliar, escrevendo textos totalmente anímicos, baseados no conhecimento que tinham do falecido, mas esses casos são raros e, com o estudo, esse fenômeno desaparece, uma vez que o médium passa a reconhecer, mesmo que inconscientemente, o erro.

Existem algumas diferenças entre o estilo apresentado por um desencarnado e o modo de se expressar que ele possuía quando vivo, no plano em que habitamos. Essas diferenças são comparáveis àquelas que possuímos quando, aos 40 anos, somos comparados com as nossas ideias adolescentes. Em realidade, após a morte, para aqueles que conquistaram a serenidade, ocorre uma ampliação pronunciada de suas capacidades de compreensão e interação, que se manifestam nas comunicações. Nesse sentido, uma pessoa do tipo comportamental mais enérgico e vibrante, sanguíneo, pode se manifestar de uma forma mais calma, tranquila, e não se trata de mistificação ou fraude. As criaturas evoluem e se adaptam, nós também o fazemos.

Precisamos nos lembrar de que o indivíduo que está se manifestando na condição de desencarnado não é o nosso conhecido de tempos idos. Por vezes seus sentidos se dilataram e ele apresenta uma maior compreensão da realidade, mudando conceitos. Além desse fato, não podemos desconsiderar que a comunicação reflete, também, as características do médium, podendo ter 10, 20, 30% ou mais do medianeiro, o que não invalida o fenômeno ou os objetivos da comunicação, quase sempre destinada a transmitir à família a tranquilizante informação de que o amigo vive em outro plano e que a morte é uma criação da mente humana. No trecho a seguir, retirado de “**Missionários da Luz**” (página, 345) a incompreensão das pessoas diante de uma comunicação psicofônica verdadeira se descortina:

(...) Exigiam um Dionísio-homem pela boca de Otávia, mas nosso plano lhes impunha um Dionísio-espírito, pelas expressões da médium. A família humana aguardava o pai emocionado e ainda submetido a paixões menos construtivas, mas auxiliávamos o irmão para que sua alma se mantivesse calma e enobrecida, em benefício dos próprios familiares terrestres.

Em casos assim, o desgaste moral e energético do medianeiro é profundo, de forma que poucos se prestam a esse tipo de atendimento. Eu mesmo presenciei esse fenômeno. A primeira comunicação mediúnica que recebi de minha falecida mãe não tinha muitas semelhanças com a sua maneira meiga de falar quando encarnada e isso se deu em função do pequeno espaço de tempo entre seu falecimento e a comunicação, algo próximo a quatro meses. Contudo, a presença dela foi atestada por diversos médiuns presentes e narrada pelo medianeiro que recebeu a comunicação, que inclusive descreveu o meu avô, que estava ao lado dela intermediando o fenômeno, informação essa que foi confirmada por diversos outros médiuns presentes. Nas comunicações que se seguiram, ao longo de anos, o estilo de falar e escrever foi retornando ao que facilmente reconhecíamos como sendo dela e assim se manteve. A própria afinidade entre médium e espírito comunicante pode interferir no conteúdo da comunicação e isso é natural.

Como falamos anteriormente, as comunicações “mediúnicas” com evidências de animismo ou mistificação possuem algumas características comuns e geralmente estão recheadas de chavões e erros grosseiros. Abaixo listamos algumas das características mais frequentes desse tipo de mensagem, independentemente das razões que levaram o médium, consciente ou inconscientemente, a elaborá-las:

- 1) O espírito comunicante sempre vem de planos superiores;
- 2) O espírito vem em nome de grandes mestres do passado ou do imaginário popular;
- 3) O tom da mensagem é de natureza tola ou traz grandes alertas para “toda a humanidade”;
- 4) O “espírito” exalta as muitas qualidades do medianeiro, prevenindo-o para a incompreensão da humanidade;
- 5) O medianeiro “psicografou” o texto em casa ou isoladamente e não aceita críticas sobre o procedimento (2);
- 6) O medianeiro tem problemas de relacionamento com dirigentes da casa espírita onde trabalha e se usa de pseudocomunicações psicográficas ou psicofônicas para acertar as coisas (infelizmente mais comum do que se pensa);
- 7) O médium não se notabiliza pela vontade de estudar a Doutrina dos Espíritos;

- 8) O medianeiro somente aceita as recomendações de seu pretenso orientador espiritual, que o alerta sobre a importância de sua missão na Terra;
- 9) O medianeiro apresenta graves problemas ligados aos complexos de superioridade ou inferioridade;
- 10) A mensagem recebida, mesmo quando apresenta sintaxe e estrutura adequadas, nada transmite, repetindo-se chavões que não constroem um texto coerente.

A presença de alguns desses pontos não significa que estamos diante de um caso de fraude, mas a ocorrência de diversos preocupa. Todos esses elementos refletem a natureza das pessoas envolvidas e logo o caso é elucidado. Se existir mediunidade a ser trabalhada, devemos orientar o medianeiro e procurar minimizar os problemas que apresenta. Caso contrário, esclarecer o amigo que existem muitas atividades a serem exercidas, em uma casa espírita, e ele poderá ajudar muito mais se tiver conhecimento de suas potencialidades como criatura humana. **Em hipótese alguma devemos ter atitudes que levem ao constrangimento (3).** Contudo, quando esse amigo passa a prejudicar a casa espírita e a seriedade dos trabalhos, a espiritualidade acaba por afastá-lo das reuniões, uma vez que o bem comum deve se sobrepor aos egos e ao bem pessoal.

Deixaremos aqui a palavra animismo, do latim “*anima*” (alma), para designar as manifestações do espírito do médium, que se liberta parcialmente e por breves momentos, através de seu corpo físico, como ocorre com os sonâmbulos. Isso nada tem a ver com fraude ou mistificação. Para os casos em que a “comunicação mediúnica” se origina do espírito do médium, em estado consciente e dono de todas as suas faculdades, tendo ciência do que está fazendo, utilizaremos a palavra fraude. Não é fácil reconhece-las, tampouco caracterizá-las, e não devemos ser precipitados. Dói muito falar disso, mas temos.

No fundo, não acredito que esses casos constituem verdadeiras fraudes, uma vez que prejudicam o indivíduo e a sua fé, constituindo a melhor maneira de ridicularizar o trabalho de inúmeros e devotados servidores do bem que trabalham com médiuns sérios e disciplinados. No meu humilde entendimento, são exemplos de obsessão: auto-obsessão e obsessão por terceiros, quando outros encarnados e desencarnados estão envolvidos. Em função disso, sempre vejo os casos de fraude como tendo a interferência de entidades que desejam se aproveitar da situação, uma vez que estão por toda parte e refletem a condição moral e espiritual do planeta, que ainda é lastimável.

A mediunidade se divide em dois grandes grupos: os fenômenos associados a efeitos físicos e os fenômenos intelectuais. Os primeiros envolvem modificação na estrutura material das coisas, como a materialização, a desmaterialização, a mediunidade curativa (onde tumores e lesões podem até desaparecer, além de modificar a sintomatologia de doenças), voz direta (quando o espírito cria um aparelho fonador a partir de ectoplasma, o fluido vital humano, doado por médiuns), escrita direta, além da movimentação de objetos e transporte dos mesmos. A mediunidade de efeitos intelectuais é mais sutil em seus resultados, mas extremamente importante e temos a psicofonia, a psicografia, a mediunidade inspirada, a intuitiva e a psicopictografia (pintura mediúnica) como exemplos.

No início da codificação, em uma sociedade que ainda não admitia formalmente que todos os homens eram iguais e tampouco filhos do mesmo Deus, a mediunidade predominante era a de efeitos físicos, com copos e mesas girando e uma legião de curiosos tentando desmascarar fraudes por todos os lados. As bases do fenômeno mostravam um elemento inteligente e extracorpóreo, algo que fugia à compreensão, mas logo ficou claro que os mortos estavam mais vivos do que os encarnados e uma segunda fase da divulgação da mensagem dos espíritos teve início, com o predomínio dos efeitos intelectivos, com livros psicografados, palestras inspiradas e pinturas mediúnicas que desafiavam a incredulidade humana, tão comum nos primeiros anos da divulgação da nova filosofia espiritualista.

Certa feita, conversando com amiga anciã extremamente lúcida, com mais de 80 anos estudando a Doutrina dos Espíritos, perguntei sobre o que havia de melhor e o que persistia de pior dentro dos Centros Espíritas e ela deu uma resposta que não me sai da mente, principalmente porque o assunto é muito atual. Ela colocou “***O consolo e o entendimento das coisas são as melhores partes do Espiritismo; as coisas ruins vêm de pessoas ruins. Mediunidade é coisa linda, mas os médiuns são fogo***”.

Bingo ! Os médiuns!

Muitas das pretensas manifestações de mediunidade de efeitos físicos na primeira metade do século XX, no Brasil e no mundo, estão marcadas pela suspeita de fraude. Impossível não reparar na possibilidade de truques circenses, mas muitas outras são inquestionáveis e merecem todo crédito. Tudo depende dos médiuns, de sua honestidade, ou falta dela. Em função

disso, existem diversas comunicações psicofônicas e psicográficas advertindo sobre a egolatria, o egocentrismo de medianeiros, que passam a transformar seus livros e suas palestras em shows de consumo, perdendo, com isso, a credibilidade e a confiabilidade junto ao público espírita e leigo. Muitas vezes, a comercialização do fenômeno faz com que a equipe espiritual se afaste do medianeiro ou leve à cessação das faculdades mediúnicas do mesmo, mas o indivíduo continua tentando vender seu produto “circense” através de fraudes, comprometendo profundamente seu retorno ao mundo maior. O texto de “**Mecanismos da Mediunidade**” é bastante esclarecedor sobre o papel da fraude:

É por isso que, se o medianeiro tem o espírito parcialmente desviado da meta a ser atingida, sem dificuldade se rende, in vigilante, às solicitações dos acompanhantes encarnados, quase sempre imperfeitamente habilitados para os cometimentos em vista, surgindo, então, as fraudes inconscientes (...)

Por vezes, com a saída dos mentores originais do medianeiro, outros se aproximam, refletindo as atitudes pouco salutares do médium, todos sedentos daquilo que o próprio médium busca: evidência. Segundo Jacobson Sant’Ana Trovão (“**Psicofonia na Obra de André Luiz**”), esses irmãos médiuns que caíram vítimas de severo vampirismo espiritual, se não modificarem seu padrão de comportamento mental, em condições extremas, poderão acabar sofrendo processo de ovoidização, já discutido anteriormente.

André Luiz e seus instrutores, em numerosos livros, como “**Missionários da Luz**”, “**Os Mensageiros**”, “**Mecanismos da Mediunidade**”, “**Nos Domínios da Mediunidade**”, “**Obreiros da Vida Eterna**”, discorrem sobre os cuidados com a mediunidade e seu desenvolvimento natural. Normas do trabalho são sugeridas com doçura e firmeza, dada a importância do intercâmbio mediúnico. Nessa extensa obra, fica claro que o trabalho mediúnico sofre influências de três elementos diferentes: o médium, o espírito comunicante e o ambiente, que deve receber grande atenção para não comprometer o conteúdo do processo.

Destaca-se o papel que o médium exerce nas comunicações, influenciando inclusive no conteúdo, que forma um híbrido com o material de origem espiritual. Isso sempre ocorre, mas a composição final dependerá da afinidade demonstrada entre o medianeiro e o espírito comunicante, idoneidade das partes, grau de conhecimento do medianeiro e do espírito sobre o assunto em discussão. Dessa parceria, que se estabelece por sintonia fluídica e história comum, as afinidades vão ditando os rumos do trabalho, que raramente começa de forma muito tranquila.

Se o médium é tão relevante nos intercâmbios mediúnicos, seus valores morais e espirituais podem ser elementos decisivos na qualidade da comunicação?

Primeiramente, como André Luiz deixa claro, quase sempre a espiritualidade trabalha com o universo mental do medianeiro, reestruturando suas ideias e terminologia, o que deveria servir de estímulo para o estudo sério e sistemático da Doutrina dos Espíritos e das diferentes ramificações do saber, dilatando o que temos a oferecer, em termos de instrumento, aos amigos invisíveis. Digamos que, na maioria dos casos, o médium entra com as palavras, enquanto a entidade comunicante apresenta o conteúdo propriamente dito. Como intérprete de outra consciência, um medianeiro desprovido de maior preparo pode fazer soar medíocre um expoente desencarnado da literatura brasileira, ou fazer soar poética uma entidade que pouco domina os rudimentos da oratória ou da escrita.

Algo muito semelhante se dá com as traduções de um texto para idiomas diferentes. Nem sempre o melhor texto torna-se a melhor tradução, uma vez que muito vai depender do tradutor.

Até mesmo médiuns de inquestionável valor tiveram problemas com isso. Em “**Notáveis Reportagens com Chico Xavier**”, organizado a partir de dezenas de mensagens e conversas publicadas no jornal “O Globo”, em 1935, Chico relata que notável poeta desistiu de se expressar como desejava quando viu que o universo cultural do médium não comportava a terminologia que ele desejava imprimir; acabou simplificando o texto para que o medianeiro pudesse ser mais fiel ao sentido pretendido. Essas deficiências de Chico, também discutidas diversas vezes por Emmanuel, eram largamente superadas pela sua doçura, vontade de servir, dedicação à fé cristã e sensibilidade mediúnica pronunciada, fazendo com que até o estilo dos textos por ele recebidos se assemelhassem profundamente com aos que foram redigidos pelos diferentes autores quando encarnados.

Além dessa influência do intelecto do médium, as condições espirituais do mesmo interferem muito no processo. Abaixo

transcrevo fragmento de “**Missionários da Luz**” (páginas 71 a 73) que aborda com primor essa questão. Nele, uma jovem sem maiores dons mediúnicos traduz, com perfeição, as orientações benévolas de um espírito amigo:

– Conserva, ainda, o seu vaso orgânico na mesma pureza com que o recebeu dos benfeitores que lhe prepararam a presente reencarnação. Ainda não foi conduzida ao plano de emoções mais fortes, e as suas possibilidades de recepção, no domínio intuitivo, conservam-se claras e maleáveis. Suas células ainda se encontram absolutamente livres de influências tóxicas; seus órgãos vocais, por enquanto, não foram viciados pela maledicência, pela revolta, pela hipocrisia; seus centros de sensibilidade não sofreram desvios, até agora; seu sistema nervoso goza de harmonia invejável e o seu coração, envolvido em bons sentimentos, comunga com a beleza das verdades eternas, através da crença sincera e consoladora. E, além disso, não tendo débitos muito graves do pretérito, condição que a isenta do contato com as entidades perversas que se movimentam na sombra, pode refletir com exatidão os nossos pensamentos mais íntimos. Vivendo muito mais pelo espírito, nas atuais condições em que se encontra, basta a permuta magnética para que nos traduza as ideias essenciais.

– Isto significa – perguntei (André Luiz) – que esta jovem é bastante pura e que continuará com semelhantes facilidades, em toda a existência?

Alexandre sorriu e observou:

– Não tanto. Ela ainda conserva os benefícios que trouxe do plano espiritual e as cartas da felicidade ainda permanecem nas suas mãos para extrair as melhores vantagens no jogo da vida, mas dependerá dela o ganhar ou perder, futuramente. A consciência é livre.

– Então – continuei perguntando – não seria difícil prepararem-se todas as criaturas para receberem a influência superior?

– De modo algum – esclareceu ele – todas as almas retas, dentro do espírito de serviço e de equilíbrio, podem comungar perfeitamente com os mensageiros divinos e receber-lhes os programas de trabalho e iluminação, independentemente da técnica do mediumismo que, presentemente, se desenvolve no mundo. Não há privilegiado na Criação. Existem, sim, os trabalhadores fiéis, compensados com justiça, seja onde for.”

Creio que a mensagem foi clara no tocante à importância da vida do médium, independentemente do tipo de mediunidade que ele apresenta, na qualidade dos fenômenos que ganham o plano físico (ou espiritual) por seu intermédio. O bom médium é todo aquele que procura tornar-se um bom ser humano, como citado anteriormente.

A primeira vez que peguei um texto do amigo Joseph Gleber para ler (“**Além da Matéria**”, psicografado por Robson Pinheiro, editora Casa dos Espíritos), comentei com minha esposa que o texto traduzia exatamente os sonhos que eu vinha tendo e a minha maneira de pensar. Meses depois, vários amigos passaram a verificar a presença de um homem alto, loiro, fronte alta, sério, mas sereno e cujo nome era José, para os médiuns de origem brasileira e Joseph para um amigo que domina os rudimentos do alemão. Mesmo assim, foram necessárias diversas reuniões e muito desdobramento para que ele próprio me convencesse da sua identidade, sem contar as discussões mentais e durante os sonhos sobre o conteúdo dos textos que estavam sendo recebidos.

Tudo isso motivado por receio de deturpar sua obra e de corromper seus pensamentos. Os cuidados eram pronunciados e assim se mantêm. A segurança maior que hoje possuímos se deve, essencialmente, à presença desses companheiros, bem como às medidas de controle de conteúdo e a natureza do trabalho, uma vez que devemos dar de graça o que de graça recebemos. A amizade deles já basta. A sintonia que se estabelece previne problemas maiores, que são bastante minimizados colocando o fruto do trabalho em discussão.

A mediunidade é um sentido natural do espírito imortal, mas que sofre o peso do corpo físico, amortecendo as impressões e dificultando a captação de impulsos mentais. Contudo, como ela se expressa no corpo físico, obviamente que uma parte de seus intrincados mecanismos deve estar ligada às células e tecidos do mesmo. Nos casos em que a mediunidade é exercida quando o médium se encontra consciente, seu perispírito capta as imagens, sons e impulsos que se originaram das entidades comunicantes, ao passo que na mediunidade inconsciente, o espírito comunicante se assenhora em maior grau do aparelhamento físico do médium, como cordas vocais, membros superiores etc. Contudo, devemos ressaltar que os impulsos de todos os tipos também se projetam para o sistema neuroendócrino do médium a partir da glândula pineal.

Médiuns com faculdade mediúnica desenvolvida e praticantes do bem ao próximo têm a transmissão desses impulsos em direção à região do córtex frontal, onde são interpretados e traduzidos para a assistência, mesmo no caso dos médiuns inconscientes. Nesse último caso, é nítido que o espírito também se apropria do universo mental, cultural, e do aparelhamento físico do médium como forma de facilitar o seu trabalho de comunicação e ajuda a explicar a necessidade de estudo e a importância de preservar o instrumento mediúnico do efeito das drogas e agentes psicoativos.

Para os medianeiros mais apegados aos aspectos materiais da vida e pouco disciplinados, parte dos impulsos transmitidos à pineal acaba atingindo outras áreas do sistema nervoso que não a região do córtex frontal do cérebro, dispondo-se em direção aos núcleos da base e hipotálamo. Não raro, esses companheiros, em desarmonia com a própria mediunidade, acabam desenvolvendo problemas sérios de anorexia, obesidade, agressividade, sexualidade desregrada (exacerbada ou profundamente inibida), solidão e alterações bruscas de humor, tudo isso por vezes potencializado pela existência de quadros obsessivos graves.

As desarmonias do espírito acabam por comprometer a saúde como um todo e isso não é diferente com a mediunidade, que é apenas um canal de intercâmbio, que tem, no perispírito e corpos superiores, a sua matriz e, no corpo físico, as manifestações mais simples, tal qual a ponta de um “iceberg”, como nos coloca os instrutores espirituais em “**Missionários da Luz**” (página 130):

(...) Mediunidade não é disposição da carne transitória e sim expressão do Espírito imortal. Naturalmente, o intercâmbio aprimorado, entre os dois planos, requer sadias condições do vaso sagrado de possibilidades fisiológicas que o Senhor vos confiou para santificação; todavia, o corpo é instrumento elevado nas mãos do artista, que deve ser divino. Se aspirais ao desenvolvimento superior, abandonai os planos inferiores. Se pretendeis o intercâmbio com os sábios, crescei no conhecimento, valorizai as experiências, intensificai as luzes do raciocínio! (...)

Esse envolvimento do sistema nervoso do corpo físico e do perispírito é narrado em “**Missionários da Luz**” (página 21), vejam a beleza da descrição da glândula pineal...

(...) A glândula minúscula transformara-se em núcleo radiante e, em derredor, seus raios formavam um lótus de pétalas sublimes.

Examinei atentamente os demais encarnados. Em odos eles, a glândula apresentava notas de luminosidade, mas em nenhum brilhava como no intermediário em serviço (...)

Além dessas áreas, André Luiz relata que o fenômeno luminoso envolve todo o sistema nervoso central, principalmente o córtex cerebral, mas atinge cerebelo, medula espinhal e até o sistema simpático e parassimpático.

Temos observado que a mediunidade depende do grau de desprendimento ou liberdade que as células do corpo perispiritual possuem em relação ao corpo físico, de forma que o médium encarnado preservaria alguns atributos do seu “espírito livre”, a despeito da imersão no corpo denso. Dessa mesma forma, acreditamos que mecanismo análogo, mas muito mais amplo, impera quando o médium é um desencarnado, atuando de forma ainda mais “livre”. Essa relação entre mediunidade e liberdade funcional e fluídica do perispírito pode ser observada nesse trecho de “**Evolução em Dois Mundos**” (páginas 134 e 135):

Quanto menos densos os elos de ligação entre os implementos físicos e espirituais, nos órgãos da visão, mais amplas as possibilidades na clarividência, prevalecendo as mesmas normas para a clariaudiência e para modalidades outras, no intercâmbio entre as duas esferas, inclusive as peculiaridades da materialização, pelas quais os recursos periféricos do citoplasma, a se condensarem no ectoplasma da definição científica vulgar, se exteriorizam do corpo carnal do médium, na conjugação com as forças circulantes do ambiente, para a efêmera constituição de formas diversas.

Em função dessa maior liberdade do perispírito do médium, a sua imersão no mundo espiritual deve ser precedida de muito estudo, porque esse irá desenvolver o senso crítico do medianeiro e ajudará a definir os rumos que seu trabalho mediúnico irá tomar. Caso contrário...

(...) Sem a preparação necessária, a excursão dos que provocam o ingresso no reino invisível é, quase sempre, uma viagem nos círculos de sombra”, (destaque nosso)

Segundo o instrutor Alexandre (“**Missionários da Luz**”, páginas 39 e 40) ...

(...) Atender a santificada missão do sexo, no seu plano respeitável, usar um aperitivo comum, fazer a boa refeição, de modo algum significa desvios espirituais; no entanto, **os excessos representam desperdícios lamentáveis de força, os quais retêm a alma nos círculos inferiores**. Ora, para os que se trancafiam nos cárceres de sombra, não é fácil desenvolver percepções avançadas. **Não se pode cogitar de mediunidade construtiva sem o equilíbrio construtivo dos aprendizes, na sublime ciência do bem-viver**. (destaque nosso)

Ou seja, seguir a vida com equilíbrio e prezando pelos pensamentos mais elevados, focados no objetivo do crescimento espiritual ou, em suma, que nos esforcemos para superar o que fomos ontem.

Ajuda muito conhecer as reais intenções do nosso “eu” quando pensamos em desenvolver a mediunidade. Ela deve ser colocada para servir de apoio ao nosso crescimento espiritual e para auxílio dos demais irmãos, sem arrogância ou personalismo, que configuram, juntamente com a falta de vontade de estudar e trabalhar, **o quadrilátero do fracasso: médiuns arrogantes, egocêntricos, ignorantes e indolentes**. Normalmente muitos companheiros de ideal espírita que desenvolvem esse triste quadro padecem de fascinação, uma condição obsessiva particularmente difícil de ser tratada porque o doente não reconhece o seu estado.

Em “**Psicofonia na Obra de André Luiz**”...

a fascinação é considerada como um “processo obsessivo de natureza grave, em que o enfermo não percebe a influência negativa, pois a hipnose sofrida gera uma ilusão sobre o seu real estado”.

Bela descrição de uma triste condição.

Segundo o **Livro dos Médiuns**, tal fenômeno se estabelece de forma sutil, quando o medianeiro desenvolve um estado de completa alienação produzida por ilusões que lhes são plantadas pela ação de uma consciência não corpórea. Cabe lembrar que quadros de fascinação entre dois ou mais encarnados são reais e tão funestos quanto aqueles observados e descritos na codificação, pela ação de espíritos. Por vezes considero que líderes carismáticos acabam exercendo quadros de fascinação sobre seus subalternos, que por vezes praticam atos impensáveis em nome de seu líder.

O estabelecimento desses quadros é ocorrência que inviabiliza o exercício mediúnico produtivo e as esferas da penumbra frequentemente lançam mão do conhecimento que têm sobre o passado reencarnatório dos médiuns como forma de alcançar seus objetivos, impedindo a concretização das atividades de muitos medianeiros relevantes. O próprio André Luiz esclarece que esses ataques ocorrem apenas contra grupos produtivos, uma vez que os demais não oferecem risco. Porém, quando dificuldades de estabelecer um processo de fascinação se apresentam (4), outros métodos podem ser empregados pelas trevas. Alguns deles são apresentados no livro “**Médiuns, como estão? Para onde vão?**”, de autoria de José de Moares, Pai Jacó e José Lázaro, por intermédio da psicografia de Agnaldo Paviani (editora Sintonia). Destacando-se os assédios familiar e sexual, onde o medianeiro acaba cedendo às tendências nem sempre das mais nobres, que ainda carrega no seu coração. As consequências são bastante claras, indo de problemas familiares, que se avolumam, à execração pública em casas religiosas que não dão suporte adequado para os envolvidos.

No processo de fascinação, a dissolução das defesas do medianeiro pode ser obtida com auxílio de entidades que o conheceram no passado próximo, fazendo com que estados de culpa e remorso venham à tona, evidenciando seus erros pretéritos e fazendo com que ele encare as atitudes que levaram ao estabelecimento do quadro obsessivo. Esse estado de coisas, se não tratado, pode degenerar para o vampirismo aberto ou subjugação. Cultivar a caridade, o estudo, e manter-se em grupo, trabalhando em equipe, constituem as melhores posturas para evitar a implantação desses quadros nocivos. Sabendo dos riscos de fracasso, nos preparamos melhor. Para todos aqueles que procuram trabalhar a mediunidade com Jesus, as palavras de Alexandre são um petardo direto ao coração (“**Missionários da Luz**”, 123):

(...) Urge, porém, estimar o trabalho antes do repouso, aceitar o dever sem exigências, desenvolver as tarefas aparentemente pequenas, antes de vos inquietardes pelas grandes obras, e colocar os desígnios do Senhor acima de todas as preocupações individuais! Urge

fugir da apropriação indébita no comércio com as forças invisíveis, furtar-se ao encantamento temporário e à obsessão sutil e perversa! Coletivamente, não somos duas raças antagônicas ou dois grandes exércitos, rigorosamente separados através das linhas da vida e da morte, e, sim, a grande e infinita comunidade dos vivos, tão somente diferenciados uns dos outros pelos impositivos da vibração, mas quase sempre unidos para a mesma tarefa de redenção final! Não julgueis que a morte da forma santifique o ser que a habitou!

Essas palavras devem ser entendidas como um alerta, uma vacina contra o desânimo, a síndrome do missionário incompreendido e o orgulho pessoal, principalmente quando lembramos que o médium é um intermediário e não o detentor pleno do conhecimento e da luz que as mensagens, que vêm ao mundo por seu intermédio, traduzem.

Desenvolver a mediunidade por curiosidade é desvirtuar o propósito da mesma, mas pior do que isso é deixá-la se converter em veículo de desequilíbrio, porque o médium apresenta peculiaridades no seu campo bioplásmico que o identificam e muitos companheiros desencarnados costumam se aproximar deles, “desenvolvidos” ou não, para buscar auxílio, uma vez que a morte é, para os desencarnados, um evento tão complexo quanto para os encarnados. O consolo é mútuo, o entendimento deve ser recíproco.

Como agravante desses casos, muitos médiuns curiosos e entusiastas de última hora pouco se esforçam para adquirir um domínio sobre suas paixões terrenas e disciplinar a própria vida, ficando à espera dos céus na concessão de dons que, se tivessem, estariam sendo subutilizados ou empregados para confundir, de forma consciente ou inconsciente, aqueles que com eles têm contato. Vejamos o texto esclarecedor de Alexandre, ainda em “**Missionários da Luz**” (página 122):

Alexandre fez ligeira pausa, fixou atentamente a assembleia, como se estivesse a transmitir-lhe ondas vigorosas de magnetismo criador, e prosseguiu:

– Reúnem-se aqui muitos irmãos que pretendem desenvolver as percepções mediúnicas; entretanto, aguardam simples expressões fenomênicas, supondo erroneamente que as forças espirituais permanecem circunscritas a puro mecanismo de forças cegas e fatais, sem qualquer ascendente de preparação, disciplina e construtividade. Requerem a clarividência, a clariaudiência, o serviço completo de intercâmbio com os planos mais elevados; no entanto, terão aprendido a ver, a ouvir e, sobretudo, a servir, na esfera de trabalho cotidiano?

Complementando (“**Missionários da Luz**”, páginas 40 e 41) ...

– É verdade que sonham edificar maravilhosos castelos, sem base; alcançar imensas descobertas exteriores, sem estudarem a si próprios; mas, gradativamente, compreenderão que mediunidade elevada ou percepção edificante não constituem atividades mecânicas da personalidade e sim conquistas do Espírito, para cuja consecução não se pode prescindir das iniciações dolorosas, dos trabalhos necessários, com a autoeducação sistemática e perseverante. Excetuando-se, porém, essas ilusões infantis, são bons companheiros de luta, aos quais estimamos carinhosamente, não só como nossos irmãos mais jovens, mas também por serem credores de reconhecimento pela cooperação que nos prestam, muitas vezes inconscientemente. Os tenros embriões vegetais de hoje serão as árvores robustas de amanhã. As tribos ignorantes de ontem constituem a Humanidade de agora (...)

Em pessoas com mediunidade de expiação e provas, que recebem as possibilidades de trabalho como forma de resgate de um passado profundamente faltoso, associada à imaturidade dos sentimentos e letargia espiritual, quadros de perturbação comportamental e mesmo orgânicos podem advir do afloramento das faculdades mediúnicas, cuja solução passa primeiramente pela reeducação pessoal e não apenas pelo desenvolvimento dessas faculdades. De maneira geral, quanto mais comprometido for o passado do mediano, mais precocemente eclodem esses desequilíbrios. André Luiz é claro nesse aspecto: o transe mediúnic é uma porta. Para abri-la temos de estar preparados. Começar o desenvolvimento de faculdades mediúnicas em pessoas despreparadas e desequilibradas é sinônimo de entregá-las a seus obsessores. Temos de buscar o Cristo primeiro.

O médium iniciante deverá assistir palestras e cursos, participar de atividades de estudo e tratamento desobsessivo. Quando seu campo áurico manifestar sinais inequívocos de melhora, sob orientação da equipe espiritual da casa, poderá ser encaminhado para o desenvolvimento de suas faculdades. Com o tempo poderá e deverá ser incorporado aos trabalhos em curso na casa espírita, respeitando-se o seu conhecimento e o perfil de suas faculdades. Nessas atividades, completar-se-á o

tratamento iniciado nas sessões de desobsessão e dará maior entendimento aos diferentes aspectos da Doutrina dos Espíritos.

Em diversas ocasiões, nossos mentores deixaram claro que o bom médium é aquele que se esforça para ser uma pessoa boa, do bem. Com suas limitações ele trabalha, pedindo proteção à espiritualidade amiga, e, sem esperar agradecimentos, recompensas ou elogios, procura dar o melhor de si. Os dez mandamentos dos médiuns deveriam ser esses:

Decálogo do Médium

- 1) Rende culto ao dever;
- 2) Trabalha espontaneamente;
- 3) Não te creias maior ou menor;
- 4) Não esperes recompensas do mundo;
- 5) Não centralizes a ação;
- 6) Não te encarceres na dúvida;
- 7) Estuda sempre;
- 8) Não te irrites;
- 9) Desculpa incessantemente;
- 10) Não temas perseguidores.

Essas breves orientações foram retiradas do livro “**O Espírito da Verdade**”, psicografia de Francisco Cândido Xavier, autoria de espíritos diversos, e editado pela Federação Espírita Brasileira. Se 10% daqueles que iniciam a jornada acabarem completando-a satisfatoriamente, devemos ficar felizes. Até nobre instrutor de André Luiz comenta sobre esse ponto:

– Contamos, em nosso grupo de estudos, com número superior a trezentos associados; no entanto, apenas trinta e dois conseguem vencer as teias inferiores das mais baixas sensações fisiológicas para assimilarem nossas lições.

Tendo esse comentário em mente, não temos do que reclamar.

Esse “Decálogo” orienta o médium a se preparar para os desafios que o mandato mediúnico estabelece. Em “**Nos Domínios da Mediuniade**” (página 140), Aulus coloca que...

“– Um mandato mediúnico reclama ordem, segurança, eficiência. Uma delegação de autoridade humana envolve concessão de recursos da parte de quem a outorga. Não se pedirá cooperação sistemática do médium, sem oferecer-lhe as necessárias garantias”.

Isso tudo porque os “*orientadores da espiritualidade procuram companheiros, não escravos*” (“**Nos Domínios da Mediuniade**”, página 141).

Embora o estudo constitua alicerce do exercício mediúnico para todos os médiuns, ele é particularmente relevante para os médiuns esclarecedores, também chamados de doutrinadores ou dialogadores, e os médiuns inspirados. Aos primeiros,

intuitivos, cabe a organização e a fluidez dos trabalhos de desobsessão. Seu papel é de fundamental importância, onde firmeza e determinação devem estar amalgamados com a educação e o amor aos necessitados: médiuns, demais encarnados e desencarnados. A figura do doutrinador sempre conta não apenas com a intuição, mas geralmente alguma vidência e audiência estão presentes, além de importante equipe espiritual que provê as informações necessárias para o atendimento espiritual. O esclarecedor não pode confundir o seu papel na organização das atividades e no esclarecimento dos espíritos revoltados e sofredores com a autocracia na casa espírita, tampouco estabelecer sintonia com os sofredores ou revoltados nas reuniões e dar passividade a eles. A mistura dos papéis de médiuns psicofônicos e dialogadores/esclarecedores é nociva para a fluidez dos trabalhos e para a própria sintonia do médium.

Para o mediano esclarecedor, seus sentimentos são mais importantes, no trabalho espiritual, do que suas palavras e os amigos da vida maior, principalmente aqueles em condições de dor, sentem e podem perceber o que ele busca. Dessa feita, falsidades e falsos moralismos, quase sempre seguidos de citações evangélicas, que não são vivenciadas pelo interlocutor encarnado, prejudicam sobremaneira o despertar espiritual dos desencarnados atendidos nas reuniões de desobsessão.

Selecionamos algumas frases que podem ter enorme impacto nas atividades espirituais de esclarecimento, auxiliando o médium esclarecedor:

Os imperativos da evangelização preponderam aqui sobre os demais. (“**Obreiros da Vida Eterna**”);

Quantos pregam a verdade sem aderirem intimamente a ela? (“**Missionários da Luz**”);

O homem que apregoa o bem deve praticá-lo se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. (“**Missionários da Luz**”);

(...) que dizer dos companheiros, portadores de luzes verbais para os outros, que nunca iluminam a si mesmos. Catalogar valores não significa vive-los. (“**Missionários da Luz**”);

Somente são dignos da verdade plena os que se encontram libertados das paixões. (“**Missionários da Luz**”)

A “doutrinação” não é imprescindível no tratamento dos irmãos desencarnados. Aliás, grande parte do processo de esclarecimento já foi realizada antes da reunião mediúnica, ao longo de semanas, meses e anos de apoio espiritual, junto aos sofredores. Seríamos levianos se achássemos que poucos segundos ou minutos de conversa com um irmão egresso das regiões de penumbra espiritual bastariam para reconduzi-los à normalidade de raciocínio ou emocional. Contudo, todo auxílio nesse sentido é de suma importância e o contato com as energias mediúnicas também facilita o processo de despertar e o restabelecimento da normalidade fisiológica do psicossoma tomado de desarmonias. Por vezes, o atendimento na casa espírita tem o efeito de um salutar choque de realidade no irmão e isso não pode ser menosprezado.

A participação dos encarnados no processo também se destina a auxiliar-nos na solução de nossos próprios problemas, seguindo a natureza dos erros que cometemos de no passado e as lições que temos de aprender nessa existência. Isso fica claro no diálogo entre André Luiz e o instrutor Alexandre, em “**Missionários da Luz**” (páginas 355 e 356):

– Porque a doutrinação em ambiente dos encarnados? – indaguei. – Semelhante medida é uma imposição no trabalho desse teor?

– Não – explicou o instrutor –, **não é um recurso imprescindível**. Temos variados agrupamentos de servidores do nosso plano, dedicados exclusivamente a esse gênero de auxílio. As atividades de regeneração em nossa colônia estão repletas de institutos consagrados à caridade fraternal, no setor de iluminação dos transviados. Os postos de socorro e as organizações de emergência, nos diversos departamentos de nossas esferas de ação, contam com avançados núcleos de serviço da mesma ordem. **Em determinados casos, porém, a cooperação do magnetismo humano pode influir mais intensamente, em benefício dos necessitados que se encontrem cativos das zonas de sensação, na crosta do Mundo. Mesmo aí, contudo, a colaboração dos amigos terrenos, embora seja apreciável, não constitui fator absoluto e imprescindível**; mas, quando é possível e útil, valemo-nos do concurso de médiuns e doutrinadores humanos, não só para facilitar a solução desejada, senão também para proporcionar ensinamentos vivos aos companheiros envolvidos na carne, despertando-lhes o coração para a espiritualidade. (destaque é nosso).

O mentor fixou um sorriso e prosseguiu:

André Luiz e seus instrutores não poderiam ser mais claros e diretos. Calemo-nos e ponderemos sobre quem atendemos de fato em nossas reuniões de desobsessão. Uma vez que descobrimos a jornada para uma vida mais digna, trilhemos-la.

Há anos avaliamos a condição espiritual de médiuns e demais servidores da casa espírita, além das pessoas que a elas acorrem em busca da paz e do equilíbrio. Hoje concluímos que ninguém tem um passado mais comprometido com erros lastimáveis do que a equipe mediúnica de nossos Centros Espíritas e isso tem a ver com a própria missão da mediunidade.

Esse quadro está presente quando avaliamos a natureza das faculdades mediúnicas, que podem ser de dois tipos:

1) Aquisição do espírito que atingiu determinada condição de entendimento espiritual. É uma mediunidade natural, que quase sempre se manifesta de forma fluida, mansa e plena. Ela é fruto da perda da influência do corpo físico sobre os atributos sensoriais do perispírito. É a mediunidade das grandes almas, como Francisco de Assis, Chico Xavier e outros poucos;

2) Dívida da espiritualidade, para aqueles que manifestaram condições de atuar como medianeiros, mas não possuem condições morais ou espirituais para a aquisição natural de tais faculdades. Nessas situações, o médium desenvolve os “dons” mediúnicos de acordo com o ambiente vibratório que cria ao redor de si mesmo, onde suas imperfeições aproximam-no de seus desafetos do passado e sua capacidade de trabalho em prol do próximo auxilia na sua limpeza fluídica. Dentro desses grupos, teríamos dois tipos de médiuns, os que têm a missão de propagação da fraternidade espírita para os homens comuns, uma mediunidade de prova, de crescimento, e aqueles que ainda lutam consigo mesmos, travando batalhas atroztes em busca de paz e libertação, configurando a mediunidade de expiação, de dor e superação.

Como a segunda categoria concentra mais de 99% dos medianeiros, os problemas ligados ao uso e desenvolvimento da mediunidade são muito comuns. Os médiuns não precisam de mais dons mediúnicos, mas precisam de mais evangelho no coração, só isso; precisam aprender a escutar mais e falar menos. Digo essas palavras em tom de autocrítica.

O desenvolvimento mediúnico deve ser encarado como amadurecimento do próprio ser, consequência de mais uma etapa do planejamento reencarnatório em curso, mas o verdadeiro desenvolvimento dessas sensibilidades também requer amadurecimento espiritual, como traduzem as palavras abaixo (“**Missionários da Luz**”, página 55):

– Segundo observa, o legítimo desenvolvimento mediúnico é problema de ascensão espiritual dos candidatos às percepções sublimes. Entretanto, André, não importa que os nossos amigos, ansiosos pelos altos valores psíquicos, tenham vindo até aqui sem a devida preparação. Embora incipientes no assunto, lucraram muitíssimo, porque foram auxiliados contra o vampirismo venenoso e destruidor. Surpreendeu-se você com as larvas que lhes avassalam as energias espirituais; agora verá as entidades exploradoras que permanecem fora do recinto, esperando-lhes o regresso.

Esse é um processo de superação que não se encerra com a morte, que pouco ou nada representa além de uma metamorfose. A busca pelo aprimoramento e pela paz deve nortear o desenvolvimento mediúnico em todos os seus aspectos, para exercer as faculdades com Jesus, com paz e respeito.

O tumultuado processo de desenvolvimento orgânico traz profundas transformações da psique e o jovem necessita de tempo e auxílio no seu autoconhecimento. Para tanto, boa vontade e acompanhamento dos pais constituem salutar medicação para a alma. Um médium atormentado por dúvidas e perseguido pelos seus próprios medos e anseios poderá ser danoso para a compreensão da Doutrina dos Espíritos e para a família. Para aqueles que deverão trilhar os caminhos da mediunidade missionária e de prova, mas sem grandes tormentos no passado reencarnatório, os mentores espirituais sabem quando é o momento mais adequado para que o processo de afloramento das faculdades se acentue e tomam as rédeas dos mecanismos físico-perispirituais envolvidos. Alexandre exorta-nos a esse entendimento nas palavras abaixo (“**Missionários da Luz**”, página 132)):

Não provoquem o desenvolvimento prematuro de vossas faculdades psíquicas! Ver sem compreender ou ouvir sem discernir pode ocasionar desastres vultosos ao coração. Buscai, acima de tudo, progredir na virtude e aprimorar sentimentos. Acentuai o próprio equilíbrio e o Senhor vos abrirá a porta dos novos conhecimentos!

Por outro lado, a preparação para o exercício da mediunidade é de suma importância (“**Missionários da Luz**”, página 127) e deve ter em mente que...

(...) Se as máquinas mais simples da Terra pedem o curso preparatório do operário, para que o setor da produção não desmereça em qualidade e quantidade, como esperais que a mediunidade sublime se reduza a serviços automáticos, a puras manifestações de mecanismo fisiológico, indene de educação e responsabilidade?

Em diversas circunstâncias, os mentores acabam deixando que as tormentas da alma do médium se expressem, atraindo companheiros sofredores, para chamá-lo à redenção da autoeducação e da preparação espiritual, que pode se dar em diversos ambientes, e não apenas no Centro Espírita. Aliás, existem mais médiuns atuando dentro da Igreja Católica Romana e nos cultos evangélicos do que nas nossas reuniões espíritas, mas lá recebem nomes diferentes e os irmãos de outras crenças atribuem as mensagens ou “profecias”, como chamam as comunicações, ao Espírito Santo, que no fundo habita todos os filhos do Criador. São problemas de terminologia, apenas terminologia...

O desenvolvimento mediúnico expõe outro aspecto de profunda importância para o exercício da mediunidade cristã: **atraímos aqueles que se assemelham a nós mesmos**. Muitos medianeiros esperam receber mensagens de espíritos evoluídos, superiores, já total ou parcialmente libertos das amarras da reencarnação, mas nada fazem para elevar o seu próprio padrão de pensamentos e atitudes, que interferem profundamente na condição vibratória do seu aparelhamento mediúnico, dificultando ou impedindo o intercâmbio com o Alto. Por outro lado, os espíritos das sombras também detêm conhecimento e podem, facilmente, diga-se de passagem, iludir aqueles amigos que se acham missionários do bem, mas que nada fazem para a reforma pessoal de valores. O médium que se acha imune a enganos é o que se engana primeiro e com mais frequência, independentemente do número de livros produzidos e das atividades que executa, principalmente quando voltadas para exportação e não para consumo próprio.

Essa realidade é descortinada nas palavras de Alexandre (“**Missionários da Luz**”, páginas 70 e 71):

– Aqui, André, observa você o trabalho simples da transmissão mental e não pode esquecer que o intercâmbio do pensamento é movimento livre no Universo. Desencarnados e encarnados, em todos os setores de atividade terrestre, vivem na mais ampla permuta de ideias. Cada mente é um verdadeiro mundo de emissão e recepção e cada qual atrai os que se lhe assemelham. Os tristes agradam aos tristes, os ignorantes se reúnem, os criminosos comungam na mesma esfera, os bons estabelecem laços recíprocos de trabalho e realização. Aqui temos o fenômeno intuitivo, que, com maior ou menor intensidade, é comum a todas as criaturas, não só no plano construtivo, mas também no círculo de expressões menos elevadas (...)

Em “**Vida Além da Vida**”, os questionamentos a Joseph Gleber e Ishmael ben Gurion deixaram claro que a evolução espiritual do médium, seu crescimento como um todo, na existência presente, está muito mais associado ao seu crescimento como pessoa humana, vencendo os limites das amarras pessoais, do que o simples exercício de dons medianímicos. Pouco adianta dar passividade mediúnica aos sofredores, em nossas reuniões, se não aprendemos com as mensagens que são recebidas; pouco vale esclarecer os outros e permanecer na sombra. Mediunidade não é produto para exportação, mas essencialmente para uso doméstico.

Esse despertar nos é cobrado em diversas ocasiões e as dificuldades surgem para que venhamos a olhar ao redor, procurando uma razão e uma saída para esses quadros. Quem é bom aluno nessa escola da vida, geralmente não precisa de problemas maiores para deixar a letargia para trás. Para aqueles que acordam, as palavras de Alexandre traduzem claramente o caminho a seguir, uma vez que nunca fugiremos à lei (“**Missionários da Luz**”, página 25):

(...) Renúncia, abnegação, continência sexual e disciplina emotiva não representam meros preceitos de feição religiosa. São providências

de teor científico, para enriquecimento efetivo da personalidade. Nunca fugiremos à lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo. Ninguém enganará a Natureza. Centros vitais desequilibrados obrigarão a alma à permanência nas situações de desequilíbrio. Não adianta alcançar a morte física, exibindo gestos e palavras convencionais, se o homem não cogitou do burilamento próprio.

E esse estado de coisa interfere, inclusive, na receptividade mediúnica, podendo obliterar a sensibilidade ou desviar o conteúdo das mensagens intuídas, inspiradas e mesmo psicofônicas ou psicográficas, além de inviabilizar a participação do médium em sessões de mediunidade de efeitos físicos, como as reuniões de cirurgia espiritual e de materialização/desmaterialização.

As palavras de Alexandre mais uma vez nos auxiliam com um comentário que a maioria dos médiuns acaba por enjeitar (“**Missionários da Luz**”, páginas 16 e 17)...

– Acredita que o intermediário – perguntou – possa improvisar o estado receptivo? De nenhum modo. A sua preparação espiritual deve ser incessante. Qualquer incidente pode perturbar-lhe o aparelhamento sensível, como a pedrada que interrompe o trabalho da válvula receptora. Além disso, a nossa cooperação magnética é fundamental para a execução da tarefa. Examine atentamente. Estamos notando as singularidades do corpo perispiritual. Pode reconhecer, agora, que todo centro glandular é uma potência elétrica. No exercício mediúnico de qualquer modalidade, a epífise desempenha o papel mais importante. Através de suas forças equilibradas, a mente humana intensifica o poder de emissão e recepção de raios peculiares à nossa esfera (...)

No exercício da mediunidade necessitamos de equilíbrio, de bom senso, estudo e dedicação. Não nos tornamos monges, santos ou seres especiais, mas todo médium que se realiza no trabalho com a espiritualidade passa a valorizar sobremaneira a vida e os aspectos mais simples do dia a dia, traduzindo-se em uma sensação de plenitude ímpar. Os hábitos alimentares, a maneira de pensar, postura pessoal diante do desconhecido e dos problemas da vida sofrem profundas alterações, que fazem com que a irritabilidade e a agressividade percam espaço em nossa mente e sejam paulatinamente substituídas por uma capacidade de compreensão mais dilatada. Posso lhes confessar que um bom médium é um médium feliz, independentemente dos sacrifícios que ele faz para isso, que pouco ou nada são diante da sensação de satisfação ou de plenitude que o invade no momento do trabalho e após.

Esses cuidados ligados ao burilamento pessoal são indispensáveis para todos nós, uma vez que assimilamos verdadeiras correntes de pensamento que “transitam” acima de nossas cabeças, cada um estabelecendo as sintonias que cultiva com suas próprias atitudes e ideias ao longo da vida. Essa permuta incessante de pensamentos atinge uma magnitude muito maior do que se pode imaginar, como Alexandre relata a André Luiz (“**Missionários da Luz**”, página 84):

– E as emanações de natureza psíquica que envolve a Humanidade, provenientes das colônias de seres desencarnados que rodeiam a Terra? Em cada segundo, André, cada um de nós recebe trilhões de raios de vária ordem e emitimos forças que nos são peculiares e que vão atuar no plano da vida, por vezes em regiões muitíssimo afastadas de nós. Nesse círculo de permuta incessante, os raios divinos, expedidos pela oração santificadora, convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e iluminação da consciência. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda criatura que cultiva a oração, como devido equilíbrio do sentimento, transforma-se, gradativamente, em foco irradiante de energias da Divindade.

O médium, em função de seus comprometimentos passados, sua sensibilidade natural (5) e do discernimento que adquiriu sobre o universo espiritual, deve procurar seguir essas recomendações com especial esmero, sabendo que sua efetividade como mediano tem relação direta com o seu desempenho como criatura humana. Devemos colocar à espiritualidade amiga os problemas e dúvidas que nos assolam; o que não for respondido de imediato, através de nossos estudos, o será no momento mais adequado, nas próprias atividades que se descortinam na casa espírita. Esse questionamento deve ter caráter proativo e não comodista, quando nos portamos como seres especiais que merecem toda a atenção do Alto, esperando as respostas gratuitamente, principalmente porque, nessa última condição, não as reconheceremos quando elas chegarem.

Para encerrarmos essa parte da discussão, gostaríamos de lembrar que “*a mediunidade jaz adstrita à própria vida, não existindo, por isso mesmo, dois médiuns iguais, não obstante a semelhança no campo das impressões*” (“**Evolução em Dois**”).

Mundos”, página 136), de forma que o bom uso dessa faculdade dependerá do autoconhecimento que o mediano adquiriu e do uso que ele dará a esse cabedal de informações, lembrando, mais uma vez, que não é o simples exercício da mediunidade que irá coroar a existência do médium, mas sim sua reforma de valores, potencializada pelo intercâmbio com o “mais além”.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Frei Tomás; data: 30 de dezembro de 2012)

A todos os homens de coração brando, que o Cordeiro de Deus se faça presente.

A todos que despertaram do tenebroso sono espiritual, que a paz do Senhor ilumine seu regresso ao aprisco divino.

Mediunidade é convite. É escolha; é o retorno do filho pródigo à casa do Pai. Se ele escutar a voz interior, o retorno será por caminho seguro e familiar, caso contrário, as pedras irão ensinar o mediano a cuidar de sua jornada.

Todos nós, aí e mesmo aqui, devemos escutar as impressões e as palavras que nos são sopradas na alma, porque elas refletem quem somos e aqueles que nos acompanham. Se tais palavras traduzem dor e revolta, devemos escutá-las como um alerta de nossa natureza interior conturbada, gritando através de nossos irmãos desencarnados, clamando-nos o exercício das verdades evangélicas.

Quando essas palavras carregam luz, que passemos a escutá-las e cumpri-las com dedicação, sob pena de afastarmos aqueles que mais nos amam e que endossaram o nosso crescimento como filhos de Deus.

Não esperem homenagens e discursos em sua jornada. A incompreensão é a marca da humanidade atual, quase sempre irresponsável e zombeteira, mesclada com intolerância. O que fez Jesus, o Cristo, para merecer o madeiro? Ele pregou o amor e foi pregado na cruz por intransigência de pessoas que, verdadeiramente, não sabiam as implicações de seus atos.

O caminhar da mediunidade com Jesus é sentido todos os dias, na alegria sincera com as pequenas coisas da vida, no sorriso aberto para o mundo e, acima de tudo, na vontade e determinação de seguir em frente.

Problemas sempre surgirão e apontam o nosso aprimoramento, mas não se refugiem em fortalezas intransponíveis. Todo aquele que vive acastelado, morre para o mundo e expurga de sua existência as influências dos espíritos mais presentes em nossas vidas, os encarnados amigos.

Mediunidade, amor e fé...

Que o Cordeiro de Deus e Nossa Mãe Santíssima nos cubram com a luz da compreensão no exercício das faculdades que Deles recebemos por misericórdia e compaixão de nossa pequenez.

RESUMO DO CAPÍTULO: a mediunidade, antes de constituir privilégio de alguns, é instrumento de trabalho de muitos. A mediunidade pode ser dividida, segundo a natureza do fenômeno, em mediunidade de efeitos físicos, quando eventos “palpáveis”, envolvendo a natureza da matéria, podem ser observados, como o transporte de objetos e a “materialização” de espíritos, e mediunidade de efeitos intelectivos, como as comunicações espirituais, escritas, faladas ou através da arte. A mediunidade pode ser fruto de evolução espiritual do mediano, o que é raro, sendo aí considerada como algo natural, inerente a ele, ou ser atribuída a um irmão que ainda não possui a evolução necessária para tê-la naturalmente, mas que a recebe como parte do seu planejamento reencarnatório, parte dos seus desafios no mundo. Os médiuns devem estar cientes que são os intermediários da comunicação ou dos fenômenos observados, mas interferem com os mesmos, como bons instrumentos, independentemente do grau de consciência que mantêm durante o transe mediúnico. Assim, devem se preparar intelectualmente, moralmente e fisicamente para suas atividades. Médium que não estuda é médium que tem maior possibilidade de desenvolver quadros de fascinação ou de atrapalhar o grupo mediúnico onde trabalha. Mediunidade não está restrita aos meios espíritas e espiritualistas, mas a liberdade de estudo e diálogo facilita o intercâmbio, de forma que a maioria dos médiuns não sabe da influência que os espíritos exercem sobre eles. O bom mediano é aquele que procura ser um bom homem e procura a reforma íntima de valores, sem alarde. André Luiz e seus instrutores discorrem sobre a relação entre a mediunidade, o perispírito e a glândula pineal, sede da ligação do cordão de prata, que liga o psicossoma ao corpo etéreo e ao corpo físico. Assim, embora a mente e o intelecto tenham relação com o espírito, a transmissão das mensagens

também depende e uma interação entre esses corpos espirituais e o corpo denso, o que reforça a necessidade de preparo antes das reuniões. Em diversos momentos da obra, o autor espiritual esclarece que o trabalho do médium deve ser pautado nas palavras do Cristo, procurando a harmonia em todos os seus relacionamentos e buscando a paz interior, fruto do trabalho realizado com amor e carinho.

Nota dos Autores

1) Psicofonia é o fenômeno através do qual um espírito se comunica através do aparelho fonador do médium, enquanto o médium psicográfico é aquele que transmite a mensagem espiritual através da escrita. Poucos médiuns possuem essas duas faculdades plenamente desenvolvidas. Chico Xavier é um exemplo dessa condição ímpar.

2) Psicografar em casa não constitui erro para médiuns experimentados, mas deve ser evitado por principiantes. Contudo, mesmo os mais experientes devem submeter o produto do seu trabalho ao crivo do bom senso de terceiros. Aqueles que se negam a ver seu trabalho sendo avaliado por pessoas idôneas devem encarar a possibilidade de estarem em processo obsessivo, sendo a fascinação a forma mais comum desses tristes quadros.

3) Muitos medianeiros, detentores de excelentes dons mediúnicos, se afastam dos Centros Espíritas pela forma com que os quais são tratados pelos supostos “dirigentes” espíritas que, diante de uma falha, que pode ocorrer com qualquer médium, notadamente, em início de aprendizado, submetem a pessoa, em público, a condições vexatórias, em evidente demonstração de postura totalitária e pouco racional. Com isso, saem perdendo o médium que abandona sua programação reencarnatória no exercício do mediunato e tem de procurar outro local para trabalhar, além de perder importante oportunidade para disciplinar seus dons, além do suposto “dirigente” que, com sua postura egocêntrica, torna-se corresponsável pelo fracasso do médium. É muito importante que um dirigente, mais do que conhecimento, tenha sensibilidade ao gerir o Centro que está sob sua responsabilidade. Afinal, se está nessa condição é por misericórdia divina, uma vez que somos espíritos profundamente endividados para com a lei. Conscientizemo-nos disso. Todos somos, a um só tempo, alunos e professores. Devemos ensinar aprendendo. E devemos aprender, primeiramente, a humildade.

4) Geralmente porque o companheiro possui boa formação, senso crítico e dedicação aos trabalhos.

5) Que pode e deve estar em franco processo de desenvolvimento.

Doenças do corpo e da alma

Recentemente, tive o prazer de ler o livro intitulado “**Por que adoecemos? Princípios para a Medicina da Alma**” (autores diversos, Editora AME, Belo Horizonte, 2012) e me senti como um aluno de graduação de um curso da área de saúde. Pensei ter retornado 25 anos no tempo, quando isso ocorreu de fato comigo. O título do livro já diz tudo e tentar responder à pergunta nele contida é uma forma de entendermos os mecanismos envolvidos nas doenças humanas. No passado, o homem era visto apenas como uma associação de células e estruturas interdependentes, mas a mente ficava fora desse agregado por falta de elementos para caracterizá-la. Hoje, acreditamos que ela está no centro de tudo, mesmo que ainda nos faltem elementos para defini-la.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, OMS, a saúde é “*um estado de completo bem estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doenças e enfermidades*”. É uma definição bastante ampla, até porque utiliza a palavra “completo”, mas o mérito desse conceito é que aborda a necessidade de uma interação com aspectos que vão além do corpo físico, do soma. Se o conceito de saúde se amplia, é pelo fato de que a comunidade associada às ciências da saúde percebeu que um corpo saudável, pelo menos aparentemente, não garante uma condição de vida satisfatoriamente saudável. No dia a dia, poderíamos ter dificuldades para encontrar uma pessoa realmente sadia em nosso sofrido planeta. Por isso, saúde passa a ser um estado, com diferentes gradações.

A definição espírita é muito semelhante a essa, mas deixa claro que saúde é um estado vibracional da alma, do espírito imortal, que se apresenta em condições harmônicas e plenas. A saúde espiritual ou integral somente é atingida, em sua plenitude, para os espíritos que, em função de sua condição evolutiva, já se desligaram das amarras da matéria mais densa e dos intermináveis ciclos de reencarnação/renascimento. A liberdade plena é o principal e último atributo da saúde espiritual. Contudo, não podemos demonizar a matéria, uma vez que ela nos oferece as condições plenas para o crescimento e evolução. Para aqueles que, como nós, ainda precisam lutar contra suas próprias desarmonias, saúde é um estado a ser conquistado.

As belas palavras de Miguel Couto, em “**Falando a Terra**”, livro psicografado por Francisco Cândido Xavier, ilustra a realidade da saúde do corpo e do espírito:

A saúde é questão de equilíbrio vibracional, de conformação de frequências. Naturalmente, enquanto na Terra, esse problema implica uma equação de vários parâmetros, quais sejam a respiração e a atividade, o banho e o alimento. Forçoso é, todavia, convir que as raízes morais são sempre os fatores de maior importância, não somente na vida normal, senão também, e em particular, nas horas conturbadas.

Em “**Vinha de Luz**”, Emmanuel, mais uma vez através das mãos de Chico Xavier, mostra que...

A doença sempre constitui fantasma temível no campo humano, qual se a carne fosse tocada de maldição; entretanto, podemos afiançar que o número de enfermidades, essencialmente orgânicas, sem interferências psíquicas, é positivamente diminuto.

Em poucas palavras: as doenças começam e terminam na interação da alma, do espírito e suas vestimentas. Essa hipótese é o cerne das descrições de André Luiz sobre os mecanismos das enfermidades, como pode ser confirmado nas linhas abaixo, relativas a uma conversa entre nosso amigo e um dos assistentes espirituais de reunião de atendimento fraterno na crosta (“**Nos Domínios da Mediunidade**”, página 37).

Um dos assistentes conceitua “doença” para André Luiz:

– Nossos irmãos sofredores trazem consigo, individualmente, o estigma dos erros deliberados a que se entregaram. A doença, como resultante de desequilíbrio moral, sobrevive no perispírito, alimentada pelos pensamentos que a geraram, quando esses pensamentos persistem depois da morte do corpo físico.

Desenvolvendo essa ideia, Anacleto (página 412), nobre companheiro e personagem de “**Missionários da Luz**”, declara que...

– Assim como o corpo físico pode ingerir alimentos venenosos que lhe intoxicam os tecidos, também o organismo perispiritual pode absorver elementos de degradação que lhe corroem os centros de força, com reflexos sobre as células materiais (...)

Às vezes, semelhantes absorções constituem simples fenômenos sem maior importância; todavia, em muitos casos, são suscetíveis de ocasionar perigosos desastres orgânicos. Isto acontece, mormente quando os interessados não têm vida de oração, **cuja influência benéfica pode anular inúmeros males**.

Bastante elucidativo, mas Anacleto ainda dá mais orientações sobre esse tema (página 423):

(...) Há pessoas que procuram o sofrimento, a perturbação, o desequilíbrio, e é razoável que sejam punidas pelas consequências de seus próprios atos. Quando encontramos enfermos dessa condição, salvamo-los dos fluidos deletérios em que se envolvem por deliberação própria, por dez vezes consecutivas, a título de benemerência espiritual. Todavia, se as dez oportunidades voam sem proveito para os interessados, temos instruções superiores para entregá-los à sua própria obra, a fim de que aprendam consigo mesmos. Poderemos aliviá-los, mas nunca libertá-los.

Por essas palavras vemos que a cura das doenças da alma depende de uma modificação da postura que carregávamos, quando passamos à condição de médicos de nós mesmos, em busca da harmonia e do equilíbrio, como o instrutor Alexandre advoga (“**Missionários da Luz**”, página 410):

(...) Todos os enfermos podem procurar a saúde; todos os desviados, quando desejam, retornam ao equilíbrio. Se a prática do bem estivesse circunscrita aos Espíritos completamente bons, seria impossível a redenção humana. Qualquer cota de boa vontade e espírito de serviço recebe de nossa parte a melhor atenção.

Essas breves linhas constituem as bases do tratamento assistencial nas casas espíritas, onde os trabalhadores, mais do que auxiliando os desencarnados ou encarnados que para lá se deslocam, estão tratando de suas muitas mazelas espirituais e, por conseguinte, físicas, além do trabalho educativo, para prevenir males maiores.

Ao analisarmos o patrimônio espiritual de cada um, vemos que muitas das enfermidades psicossomáticas que hoje carregamos têm origem no passado reencarnatório, próximo ou remoto, no carma individual. Todavia, quando discutimos a Lei de Ação e Reação, é comum que as pessoas tomem as palavras ao pé da letra e isso deve ser evitado. Pela interpretação popular, quem matou pela espada, deverá morrer pela espada. Essa interpretação era valorizada, no início dos estudos relativos à Doutrina dos Espíritos, para prevenir um mal maior; por meio de dor e sofrimento tínhamos a prevenção de quedas espirituais maiores, mas sabemos hoje que a lei divina atua na forma de aprendizado, dulcificada pela misericórdia de Deus, de forma que poderíamos dizer que uma pessoa agressiva tem grandes chances de, em função desse comportamento, ser agredida. Esse é o carma negativo que reduz nossa frequência vibracional e permite que doenças variadas se manifestem, mesmo após milênios de purgação. O ministro Clarêncio mostra exatamente essa relação (“**Entre a Terra e o Céu**”, página 66):

– Cada qual de nós renasce na Terra – apreciou o Ministro – a exprimir na matéria densa o patrimônio de bens ou males que incorporamos aos tecidos sutis da alma. A patogenia, na essência, envolve estudos que remontam ao corpo espiritual, para que não seja um quadro de conclusões falhas ou de todo irreais. Voltando à Terra, atraímos os acontecimentos agradáveis ou desagradáveis, segundo os títulos de trabalho que já conquistamos ou conforme as nossas necessidades de redenção.

Alguma consideração sobre as palavras de Clarêncio? Sim... **Elas são PERFEITAS.**

Muitas doenças espirituais praticamente não aparecem no corpo físico, porque atingem principalmente os desencarnados e seus corpos espirituais. Dentre elas, destacamos a hibernação espiritual, produzindo verdadeiras múmias, que se ausentam do mundo, em um universo de pensamentos que se repetem e se alimentam. Acastelados, esses irmãos se recusam a reagir aos infortúnios que eles mesmos geraram. Sobre eles, que continuam dormindo, sem lembrar-se do próprio passado, sem demonstrarem qualquer sinal de vida interior, um tipo de morte após a morte, Aniceto, instrutor de André Luiz, descreve que (**“Os Mensageiros”**, páginas 142 e 143):

(...) Aqui permanecem, com a bênção do abrigo, alguns milhões dos nossos irmãos que ainda dormem. São as criaturas que nunca se entregaram ao bem ativo e renovador, em torno de si, e mormente os que acreditaram convictamente na morte, como sendo o nada, o fim de tudo, o sono eterno. A crença na vida superior é atividade incessante das almas. A ferrugem ataca a enxada ociosa. O entorpecimento invade o Espírito vazio de ideal criador (...)

(...) Dormem, porque estão magnetizados pelas próprias concepções negativistas; permanecem paralíticos, porque preferiram a rigidez ao entendimento; mas dia virá em que deverão levantar-se e pagar os débitos contraídos. Eis porque os considero sofredores. Primeiramente, demoram no sono em que acreditaram, mais tarde acordam; porém, a maioria não pode fugir à enfermidade e à perturbação, como acontece aos irmãos dementados, que vimos inda há pouco.

Em **“Os Mensageiros”**, discutindo sobre as infecções que assolam a humanidade e sua correlação com os bacilos psíquicos criados pelas mentes doentias, André Luiz questiona Aniceto (páginas 249 e 250):

— Mas a matéria mental emitida pelo homem inferior tem vida própria como o núcleo de corpúsculos microscópicos de que se originam as enfermidades corporais?

O mentor generoso sorriu singularmente e acentuou:

— Como não? Vocês, presentemente, não desconhecem que o homem terreno vive num aparelho psicofísico. Não podemos considerar somente, no capítulo das moléstias, a situação fisiológica propriamente dita, mas também o quadro psíquico da personalidade encarnada. Ora, se temos a nuvem de bactérias produzidas pelo corpo doente, temos a nuvem de larvas mentais produzidas pela mente enferma, em identidade de circunstâncias. Desse modo, na esfera das criaturas desprevenidas de recursos espirituais, tanto adoecem corpos, como almas. No futuro, por esse mesmo motivo, a medicina da alma absorverá a medicina do corpo. Poderemos, na atualidade da Terra, fornecer tratamento ao organismo de carne. Semelhante tarefa dignifica a missão do consolo, da instrução e do alívio. Mas, no que concerne à cura real, somos forçados a reconhecer que esta pertence exclusivamente ao homem-espírito.

Como professor de Microbiologia e Imunologia, além de procurar ser espírita, minha situação para discutir esses textos deveriam ser melhores do que são.

Como pesquisador, não posso ignorar o fato de que a ciência ainda desconhece tudo, por assim dizer, sobre a participação de aspectos espirituais no desenvolvimento dessas moléstias e seus agentes deletérios. Pouco podemos acrescentar de científico a essa discussão, que será norteadada apenas pelos aspectos espirituais. Sabemos, por outro lado, que a depressão e os males da mente podem interferir com a resposta imunológica, provocando quadros de imunossupressão, que, por sua vez, são portas de entrada para as enfermidades infecciosas, além de afetar a capacidade do indivíduo em reconhecer o que pertence ou não ao seu próprio organismo, abrindo oportunidades para as doenças autoimunes e alérgicas. Contudo, muita água passará sob essa ponte antes que venhamos a entender como tudo isso se desenvolve e as possíveis conexões com o lado espiritual, lembrando que a maioria dos pesquisadores sequer imagina (1) a possibilidade de que exista algo além do corpo físico.

No livro **“Vida Além da Vida”** (volume II) questionamos Joseph Gleber, nosso amigo e mentor, sobre o atendimento de tantos irmãos que procuram o Espiritismo para o alívio imediato dos seus dramas e dores, tanto de natureza física, quanto espiritual. A resposta que ele nos deu é bastante significativa e transcrevo a seguir.

“Pergunta: Muitos procuram o Espiritismo porque padecem de sofrimento e males do corpo físico e esperam receber alívio ou cura imediata para seus problemas. Como se processa o atendimento dessas solicitações no plano espiritual?”

Joseph. O que são doenças? A ciência materialista coloca que elas representam a perda do equilíbrio, da homeostasia, do funcionamento de órgãos físicos, da psique, levando a prejuízos que vão desde o padecimento pessoal, desajuste social e até mesmo o óbito. Essa perda de equilíbrio, exacerbando uma condição de desajuste que se instalou por motivos diversos, pode ter origem física ou espiritual, mas possivelmente uma associação de ambas.

Para a ciência terrena, a origem desses males é somática ou psíquica, nunca espiritual. Essa mesma academia atribui aos inúmeros mecanismos celulares e moleculares conhecidos a origem do fenômeno, por desconsiderar o mundo do espírito, que representa grande parte do universo, ignorando a real origem dos desequilíbrios que assolam o corpo físico. Não quero com isso dizer que não existem doenças eminentemente somáticas ou psíquicas, mas as de cunho espiritual são muito mais numerosas e desarmonias e perturbações mais duradouras e severas, capazes de afetar o psicossoma e, por extensão, o corpo físico. Obviamente que os problemas da alma se exteriorizam no corpo através de mecanismos celulares e moleculares citados acima, mas isso não quer dizer que os mesmos foram, de fato, os agentes que desencadearam o processo.

O ser humano é a interação de numerosos corpos ou planos dimensionais diferentes, que se sobrepõem como camadas. Essa terminologia não é exata, mas pode dar a ideia de que temos diferentes níveis corporais, desde o mais denso, o corpo físico, até as manifestações puramente conscienciais, não materiais, que residem nos corpos superiores, como os corpos mentais, búdico e átomico. As doenças surgem das interações desarmonicas desses corpos. O que hoje fazemos através dos nossos atos e pensamentos certamente irá se manifestar no futuro, mesmo que distante. O tempo não é elemento imutável no universo.

Por exemplo, as lesões celulares provocadas pelo tabaco e álcool não ficam restritas ao corpo físico, como, aliás, nada fica, atingindo a estrutura do psicossoma, ou perispírito, gerando desarmonias que se manifestam, ainda nessa mesma existência, na forma de doenças degenerativas ou neoplásicas. As primeiras lesões se manifestam inclusive no próprio perispírito para se disseminar ao corpo físico. Às vezes, tais condições, por misericórdia divina, se apresentam em encarnações futuras daquela pessoa, que renasce em uma família que possui severa predisposição hereditária para o câncer de pulmão, ou acaba tendo problemas vasculares ou hepáticos que farão com que o psicossoma daquele irmão se recupere dos danos a ele infringidos. Isso não é determinismo biológico, mas a simples consequência da lei de ação e reação, causa e efeito, carma. Nosso corpo nos trata da mesma forma com que o tratamos.

Em uma família com reconhecida tendência ao câncer de pulmão, ou hepatopatias, o irmão reencarnante vai pensar duas vezes antes de se expor ao álcool e o fumo, de forma que essa limitação ganha um caráter educativo que, quando estamos encarnados, negligenciamos.

Devo ressaltar ainda que a forma com que essas enfermidades se manifestam apresenta relação direta com o etilo de vida e o currículo cármico do espírito. Muitas doenças são evitáveis, mesmo quando os danos já atingiram o psicossoma, através do trabalho bendito e da reeducação interior, que auxiliam na natural depuração das energias densas e efeitos de viciações pretéritas. O objetivo da doença física é criar condições mais favoráveis para a reavaliação de nossos valores e prioridades, fazendo-nos esquecer, pelo menos um pouco, do lado materialista da vida e passarmos a valorizar mais o lado espiritual.

Quanto ao questionamento acima, quando o amigo procura o tratamento espiritual, todo o seu histórico de vidas anteriores acaba sendo avaliado, porque o que muitas vezes parece ser a moléstia a ser extirpada, a doença, constitui o melhor tratamento para a verdadeira enfermidade, na alma. As doenças físicas podem ser a melhor terapia para as imperfeições que trazemos no espírito, mas, mesmo nesses casos, a atenuação dos problemas pode ser providenciada em função da misericórdia divina e do uso que o encarnado faz do tempo que lhe foi concedido na Terra.

Não raro, o maior objetivo dos desconfortos orgânicos era levar o irmão para o caminho do bem, de forma que a cura é providenciada ou facilitada. Não se pode esquecer que somos os grandes responsáveis pelos caminhos que a nossa vida toma, nos mínimos detalhes.

Como o instrutor Alexandre nos apresenta (“**Missionários da Luz**”, página 45)...

Quase sempre o corpo doente assinala a mente enfermiça. A organização fisiológica, segundo conhecemos no campo de cogitações terrestres, não vai além do vaso de barro, dentro do molde preexistente do corpo espiritual. Atingido o molde em sua estrutura pelos golpes das vibrações inferiores, o vaso refletirá imediatamente.

Nessa mesma linha, ele ainda declara (páginas 47 e 48):

(...) As ações produzem efeitos, os sentimentos geram criações, os pensamentos dão origem a formas e consequências de infinitas expressões. E, em virtude de cada Espírito representar um universo por si, cada um de nós é responsável pela emissão das forças que lançamos em circulação nas correntes da vida. A cólera, a desesperação, o ódio e o vício oferecem campo a perigosos gergens psíquicos na esfera da alma. E, qual acontece no terreno das enfermidades do corpo, o contágio aqui é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleça ambiente propício, entre companheiros do mesmo nível. Naturalmente, no campo da matéria mais grosseira, essa lei funciona com violência, enquanto, entre nós, se desenvolve com as modificações naturais. **Aliás, não pode ser de outro modo, mesmo porque você não**

ignora que muita gente cultiva a vocação para o abismo. Cada viciação particular da personalidade produz as formas sombrias que lhe são consequentes e estas, como as plantas inferiores que se alastram no solo, por relaxamento do responsável, são extensivas às regiões próximas, onde não prevalece o espírito de vigilância e defesa. (destaque nosso)

A imunização contra esse tipo de influência depende da manutenção de uma condição vibratória elevada, através do pensamento construtivo, que gera, ao redor do psicossoma, uma atmosfera mental protetora, afetando, inclusive, as condições do corpo bioplásmico (duplo etéreo ou vital) e as condições eletromagnéticas dos demais corpos espirituais. Essa barreira psíquica funciona exatamente como muitos que dizem ter o “corpo fechado” descrevem, onde as influências deletérias não se fazem sentir em função da ausência de sintonia entre a fonte emissora dos fluídos deletérios (2).

Essas formas e energias deletérias, criadas por mentes enfermas, também podem, por ligação ao perispírito de seus alvos, encarnados ou desencarnados, imprimir-lhes uma relação parasitária que pode ser sentida na forma de desânimo, perda de interesse pela vida, dificuldade de respirar, dores que surgem do nada, arritmias e outras enfermidades físicas, quase sempre se originando a partir de um estado psíquico de momento, alterado, que induz a modificações junto ao sistema neuroendócrino, com todas as suas consequências. Vejamos as palavras de André Luiz e seu instrutor Alexandre, em “**Missionários da Luz**” (páginas 46 a 48):

Não sopitei a curiosidade. Recorrendo à admirável experiência de Alexandre, perguntei:

– Ouça, meu amigo. Como se verificam os processos mórbidos de ascendência psíquica? Não resulta a afecção do assédio de forças exteriores? Em nosso domínio, como explicar a questão? É a viciação da personalidade espiritual que produz as criações vampíricas ou estas que avassalam a alma, impondo-lhe certas enfermidades? Nesta última hipótese, poderíamos considerar a possibilidade do contágio?

O orientador ouviu-me, atencioso, e esclareceu:

– Primeiramente a sementeira, depois a colheita; e tanto as sementes de trigo como de escalracho, encontrando terra propícia, produzirão a seu modo e na mesma pauta de multiplicação. Nessa resposta da Natureza ao esforço do lavrador, temos simplesmente a lei. Você está observando o setor das larvas com justificável admiração. Não tenha dúvida. Nas moléstias da alma, como nas enfermidades do corpo físico, antes da afecção existe o ambiente. As ações produzem efeitos, os sentimentos geram criações, os pensamentos dão origem a formas e consequências de infinitas expressões. E, em virtude de cada Espírito representar um universo por si, cada um de nós é responsável pela emissão das forças que lançamos em circulação nas correntes da vida. A cólera, a desesperação, o ódio e o vício oferecem campo a perigosos germes psíquicos na esfera da alma. E, qual acontece no terreno das enfermidades do corpo, o contágio aqui é fato consumado, desde que a imprevidência ou a necessidade de luta estabeleça ambiente propício, entre companheiros do mesmo nível. Naturalmente, no campo da matéria mais grosseira, essa lei funciona com violência, enquanto, entre nós, se desenvolve com as modificações naturais. Aliás, não pode ser de outro modo, mesmo porque você não ignora que muita gente cultiva a vocação para o abismo. Cada viciação particular da personalidade produz as formas sombrias que lhe são consequentes e estas, como as plantas inferiores que se alastram no solo, por relaxamento do responsável, são extensivas às regiões próximas, onde não prevalece o espírito de vigilância e defesa.

Logo a seguir, o nobre instrutor conclui seu brilhante pensamento, mostrando que ...

(...) Entre abusos do sexo e da alimentação, desde os anos mais tenros, nada mais fazíamos que desenvolver as tendências inferiores, cristalizando hábitos malignos. Seria, pois, de admirar tantas moléstias do corpo e degenerescências psíquicas? O Plano Superior jamais nega recursos aos necessitados de toda ordem auxilia os irmãos de humanidade na restauração de seus patrimônios, seja cooperando com a Natureza ou inspirando a descoberta de novas fontes medicamentosas e reparadoras. Por nossa vez, em nos despojando dos fluidos mais grosseiros, através da morte física, à proporção que nos elevamos em compreensão e competência, transformamo-nos em auxiliares diretos das criaturas. Apesar disso, porém, o cipoal da ignorância é ainda muito espesso. E o vampirismo mantém considerável expressão, porque, se o Pai é sumamente misericordioso, é também infinitamente justo. Ninguém lhe confundirá os desígnios e a morte do corpo quase sempre surpreende a alma em terrível condição parasitária. Desse modo, a promiscuidade entre os encarnados indiferentes à Lei Divina e os desencarnados que a ela têm sido indiferentes é muito grande na crosta da Terra. Absolutamente sem preparo e tendo vivido muito mais de sensações animalizadas que de sentimentos e pensamentos puros, as criaturas humanas, além do túmulo, em muitíssimos casos prosseguem imantadas aos ambientes domésticos que lhes alimentavam o campo emocional. Dolorosa ignorância prende-lhes os corações, repletos de particularismos, encarceradas no magnetismo terrestre, enganando a si próprias e fortificando suas antigas ilusões. Aos infelizes que caíram em semelhante condição de parasitismo, as larvas que você observou servem de alimento habitual.

– Deus meu! – exclamei sob forte espanto. Alexandre, porém, acrescentou:

– Semelhantes larvas são portadoras de vigoroso magnetismo animal.

Observando talvez que muitas e torturantes indagações se me entrecrocavam no cérebro, o instrutor considerou:

– Naturalmente que a fauna microbiana, em análise, não será servida em pratos; bastará ao desencarnado agarrar-se aos companheiros de ignorância, ainda encarnados, qual erva daninha aos galhos das árvores, e sugar-lhes a substância vital. (“**Missionários da Luz**”, páginas 48

A relação entre mente e saúde física fica bastante clara ao longo de toda a extensa e rica obra de André Luiz, mas é em **“Evolução em Dois Mundos”** que a riqueza de detalhes se descortina plenamente aos nossos olhos. É de extrema relevância entender que as mentes de encarnados e desencarnados estão sempre em profunda interação e os casos obsessivos poderiam ser considerados como frutos de simbioses entre os seres envolvidos, que passariam a se comportar como uma única coletividade do ponto de vista funcional, um verdadeiro sincício mental (uma fusão de mentes) capaz de afetar a saúde de todos os envolvidos na relação parasitária. O estabelecimento desses vínculos obedece a requisitos de sintonia e podem ser esmiuçados nas linhas a seguir (**“Evolução em Dois Mundos”**, página 107):

E qual cogumelo que projeta para dentro dos tecidos da alga dominadores apêndices, com os quais lhe suga grande parte dos elementos orgânicos por ela própria assimilados, o Espírito desenfaixado da veste física lança habitualmente, para a intimidade dos tecidos fisiopsicossomáticos daqueles que o asilam, as emanações do seu corpo espiritual, como radículas alongadas ou sutis alavancas de força, subtraindo-lhes a vitalidade, elaborada por eles nos processos da biossíntese, sustentando-se, por vezes, largo tempo, nessa permuta viva de forças.

E, logo a seguir (**“Evolução em Dois Mundos”**, página 108):

Entretanto, as simbioses dessa espécie, em que tantas existências respiram em reciprocidade de furto psíquico, não se limitam aos fenômenos desse teor, nos quais Espíritos desencarnados, estanques em determinadas concepções religiosas, anestesiaram ou infantilizam temporariamente consciências menos aptas ao autocontrole, porquanto se expressam igualmente nas moléstias nervosas complexas, como a histero-epilepsia, em que o paciente sofre o espasmo tônico em opistótono, acompanhado de convulsões clônicas de feição múltipla, às vezes sem qualquer perda de consciência equivalendo a transe mediúnico autêntico, no qual a personalidade invisível se aproveita dos estados emotivos mais intensos para acentuar a própria influência.

Esses detalhes ganham cores nítidas nas linhas sobre vampirismo energético (página 108), consoante se verifica no texto abaixo:

Tais entidades imanizadas ao painel fisiológico e agregadas a ele sem o corpo de matéria mais densa, vivem, assim, quase sempre por tempo longo, entrosadas psiquicamente aos seus hospedadores, porquanto o espírito humano desencarnado, erguido a novo estado de consciência, começa a elaborar recursos magnéticos diferenciados, condizentes com os impositivos da própria sustentação, tanto quanto, no corpo terrestre, aprendeu a criar, por automatismo, as enzimas e os hormônios que lhe asseguravam o equilíbrio biológico, e, impressionando o paciente que explora, muita vez com a melhor intenção, subjuga-lhe o campo mental, impondo-lhe ao centro coronário a substância dos próprios pensamentos, que a vítima passa a acolher qual se fossem os seus próprios. Assim, em perfeita simbiose, refletem-se mutuamente, estacionários ambos no tempo, até que as leis da vida lhes reclamem, pela dificuldade ou pela dor, a alteração imprescindível.

Noutras circunstâncias, porém, efetua-se a simbiose em condições infelizes, nas quais o desencarnado permanece eivado de ódio ou perversidade enfermeira ao pé das próprias vítimas, inoculando-lhes fluidos letais, seja copiando a ação do cogumelo que se faz verdugo da orquídea, impulsionando-a a situações anormais, quando não lhe impõe lentamente a morte, seja reproduzindo a atitude das algas invasoras no corpo dos anelídeos, conduzindo-os a longas perturbações, fenômenos esses, no entanto, que capitularemos, com apontamentos breves, em torno do vampirismo, como responsável por vários distúrbios do corpo espiritual a se estamparem no corpo físico. (**“Evolução em Dois Mundos”**, página 109).

Pelas atividades desenvolvidas em parceria com a medicina terrena, quando praticada por profissionais de mente aberta, sabemos que muitos casos de psicoses e neuroses refletem a existência de problemas obsessivos, que exacerbam os desequilíbrios mentais e emocionais do indivíduo, afetando o corpo mental inferior e o psicossoma (o perispírito, em sentido mais estrito), respectivamente. Nessas circunstâncias, o irmão que padece dos males do vampirismo deve ser submetido a

intenso tratamento para modificar suas condições vibratórias e desfazer os muitos vínculos fluidicos que estabeleceu, por afinidade, com seus obsessores do passado, por vezes começando por tratar de problemas ligados à baixa autoestima, que se manifestam em função de remorso e culpa oriundos de existências pregressas. A imersão em novo modo de agir e pensar é procedimento imperativo nesses casos, para minimizar os danos profundos que esse estado de coisas pode produzir sobre o corpo perispiritual e físico, como mostrado por André Luiz, nas linhas abaixo (“**Evolução em Dois Mundos**”, páginas 119 e 120):

O hospedeiro de influências inquietantes que, por suas aflições na existência carnal, pode avaliar da qualidade e extensão das próprias dívidas, precisará do próprio exemplo, no serviço do amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar.

A ação do bem genuíno, com a quebra voluntária de nossos sentimentos inferiores, produz vigorosos fatores de transformação sobre aqueles que nos observam, notadamente naqueles que se nos agregam à existência, influenciando-nos a atmosfera espiritual, de vez que as nossas demonstrações de fraternidade inspiram, nos outros, pensamentos edificantes e amigos que, em circuitos sucessivos ou contínuas ondulações de energia renovados, modificam nos desafetos mais acirrados qualquer disposição hostil a nosso respeito.

Sem uma orientação espiritual ativa e um comprometimento do vampirizado com uma nova postura, retirar os obsessores é algo absolutamente inócuo, onde removemos alguns, mas as posturas do encarnado atraem outros tantos. Comparação entre o imã e a limalha de ferro é semelhante ao que vemos aqui, segundo as palavras de André Luiz.

Por fim, gostaríamos de lembrar aos amigos uma situação bastante frequente. É aquele amigo que se julga o preterido da criação, o fracassado. Atormentado psiquicamente, ele desenvolve todos os tipos de moléstias físicas e da alma, seguindo a síndrome de Hardy, a hiena do desenho animado da Hanna-Barbera, imortalizada pela frase “oh dia, oh azar!” Para ele, os deuses do Olimpo conspiram contra. Pobre amigo, a origem desses descaminhos não reside apenas no carma pretérito ou em obsessores vampirizantes, mas na forma com que eles aprenderam a pensar e a se portar. Obviamente que esse estado de coisas pode ser agravado pela obsessão e pelo carma negativo, mas por si só a maneira de encarar a vida é capaz de produzir efeitos severos. Vejamos a conversa de Apuleio (“**Missionários da Luz**”, páginas 301 e 302):

– Eles se alimentam, diariamente, de formas mentais, sem utilizarem a boca física, valendo-se da capacidade de absorção do organismo perispiritico, mas ainda não sentem a extensão desses fenômenos em suas experiências diárias. No lar, na via pública, no trabalho, nas diversões, cada criatura recebe o alimento mental que lhe é trazido por aqueles com quem convive, temperado com o magnetismo pessoal de cada um. Dessa alimentação dependem, na maioria das vezes, mormente para a imensa percentagem de encarnados que ainda não alcançaram o domínio das próprias emoções, os estados íntimos de felicidade ou desgosto, de prazer ou sofrimento. Segundo você pode observar, também o homem absorve matéria mental, em todas as horas do dia, ambientando, adentro de si mesmo, nos círculos mais íntimos da própria estrutura fisiológica.

O tratamento das doenças que atingem o corpo espiritual tem de levar em conta os processos de desenvolvimento das enfermidades, tanto ligadas a atitudes doentias, como também associadas aos desequilíbrios mentais e comportamentais, como descrito em “**Evolução em Dois Mundos**” (páginas 215 e 216):

– Quais os principais métodos usados na Espiritualidade para o tratamento das lesões do corpo espiritual?

– Na Espiritualidade, os servidores da medicina penetram, com mais segurança, na história do enfermo para estudar, com o êxito possível, os mecanismos da doença que lhe são particulares.

Aí, os exames nos tecidos psicossomáticos com aparelhos de precisão, correspondendo às inspeções instrumentais e laboratoriais em voga na Terra, podem ser enriquecidos com a ficha cármica do paciente, a qual determina quanto à reversibilidade ou irreversibilidade da moléstia, antes de nova reencarnação, motivo por que numerosos doentes são tratáveis, mas somente curáveis mediante longas ou curtas internações no campo físico, a fim de que as causas profundas do mal sejam extirpadas da mente pelo contato direto com as lutas em que se configuraram.

Curial, portanto, é que o médico espiritual se utilize ainda, de certa maneira, da medicação que vos é conhecida, no socorro aos desencarnados em sofrimento, porque, mesmo no mundo, todo remédio da farmacopeia humana, até certo ponto, é projeção de elementos quimio-elétricos sobre agregações celulares, estimulando-lhes as funções ou corrigindo-as, segundo as disposições do desequilíbrio em que a enfermidade

se expresse.

Contudo, é imperioso reconhecer que na Esfera Superior o médico não se ergue apenas com o pedestal da cultura acadêmica, qual ocorre frequentemente entre os homens, mas sim também com as qualidades morais que lhe conferem valor e ponderação, humildade e devotamento, visto que a psicoterapia e o magnetismo, largamente usados no plano extrafísico, exigem dele grandeza de caráter e pureza de coração.

Cabe acrescentar que a reforma íntima também deve corrigir esse estado de coisas, através de reeducação, uma vez que “*apenas o doente convertido voluntariamente em médico de si mesmo atinge a cura positiva*” e definitiva.

Precisamos também encarar o fato de que as doenças físicas podem diminuir a possibilidade de cairmos espiritualmente em erros graves, que já nos atingiram no passado. Um alcoólatra ou um fumante acabam impregnando seus corpos espirituais com os resíduos de sua dependência e, em encarnação futura, poderão nascer com problemas metabólicos que os impeçam de cair no erro novamente, além de possíveis efeitos sobre a mucosa respiratória e sistema hepático. Lembrem-se que o carma gera tendências e não impõe destinos. Tudo pode ser modificado se o amigo reagiu de forma a tirar as lições mais necessárias do evento em questão.

Aqueles que muito erraram, por vezes nascem em corpos que permitem a eles a contemplação da riqueza do universo e seu esplendor, ao mesmo tempo em que não podem dele ter participação plena. Essas limitações induzem a reformulação de pensamentos e escolhas, ao mesmo tempo em que as transformações no perispírito caminham para um estado de harmonização. Muitos tratamentos espirituais apenas atenuam a sintomatologia das doenças posto que elas próprias são o tratamento para os verdadeiros males que carregamos.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Pai João de Aruanda; data: 17 de dezembro de 2012).

Meus filhos queridos, quanta alegria no coração por estarmos aqui em nome de Jesus.

É tão bom encontrar paz no coração de todos, a paz do trabalho, do amor, da vitória sobre nós mesmos.

Filhos, filhos meus, o doente é aquele que não quer crescer. Luta contra o seu próprio progresso. Não aceita que, para evoluir, tem que trocar a casca que recobria e protegia o espírito; tem que mudar, mas vida é mudança.

Pai velho sabe que isso causa dor, mas é dor que educa e dirige; que transforma água em vinho. Jesus faz essa transformação com a gente todo dia. Meus filhos amados, não há sofrimento em Jesus; Ele é a fonte de todo o medicamento espiritual que é derramado sobre suas cabeças, em oração e prece.

Aceitem os dias com naturalidade. Sorriam diante dos problemas e abracem a oportunidade de ajudar os outros. Conhecemos quem somos e as nossas limitações quando olhamos ao redor, auxiliando os mais necessitados, que são muitos, tantos que não podemos contar.

As lágrimas são o remédio que derramamos quando a doença da alma, o orgulho, está indo embora para não mais voltar como antes. Elas lavam as coisas ruins que criamos com nossa falta de vontade e apego ao mundo material.

Precisamos orar a Deus, nosso Pai, Jesus, nosso mestre e amigo, por permitir a volta para a Terra, nossa escola e casa, no momento.

Para vencer, precisamos abrir nossos corações para sentimentos bons, dos evangelhos, deixar de lado as coisas que não trazem paz e procurar melhorar; crescer com amor, para não sentir dor.

Assim evitaremos que as coisas ruins apareçam na nossa vida, aí e aqui também. Podemos fazer isso? Sim, por que não?

A vida é dádiva divina e precisamos crescer com amor e no trabalho.

Desde o tempo do tronco, as chagas vêm sendo abertas no lombo dos homens; aquele que vive pela chibata, pela

chibata sofre e aprende. Não pedimos isso, mas chamamos para perto sem querer... Essa é a lei, meus filhos queridos. Também não é desejo do Verdadeiro Pai, mas, como filhos teimosos que somos, insistimos e recebemos o solicitado.

Aquele que estende a mão com amor aos filhos de Deus recebe, desses mesmos filhos, as flores e o perfume da amizade. Aquele que agride, planta a violência em torno de si e isso não vem de Deus. Nosso Criador manda luz, mas é o homem que procura se esconder Dele, criando as trevas.

Coitadinho de meu filho. Fugindo do Verdadeiro Pai, ele adocece, como a planta que foi colocada no escuro. Pode ficar assim?

Não, não, mas a dor empurra o filhinho para a luz, como vem fazendo com esse pai velho e com vocês.

Pai velho está muito feliz e abre os braços para vocês todos, em nome de Jesus e do Verdadeiro Pai, que nos ama a todos, pretos, brancos, novos e velhos...filhos, só filhos.

Que a paz e o perfume das flores saem as feridas de vocês.

Amanhã será novo dia e novos desafios virão. Eles sempre aparecem, mas feliz é o filho de Deus que já pode aprender novas lições porque já entendeu as antigas.

Jesus esteja com todos.

RESUMO DO CAPÍTULO: as doenças que se manifestam no corpo físico são o resultado de diversos fatores, remetendo-nos ao passado reencarnatório do enfermo, suas relações com os demais espíritos que o acompanham e sua maneira de encarar a vida e seus desafios. Os atos pretéritos se manifestam como “tendências” ou “riscos” de desenvolvimento de enfermidades, constituindo importante lembrete para que o encarnado se mantenha distante do comportamento que introduziu a desarmonia nos corpos espirituais. Muitas de nossas enfermidades físicas e desvios de normalidade são, em verdade, tratamentos das verdadeiras doenças que carregamos em nosso perispírito. Dentro dessa visão, as doenças representam um complexo sistema de interações entre os corpos espirituais superiores, que guardam os registros do passado reencarnatório, e os corpos inferiores, como o perispírito e o corpo físico. Muitas enfermidades ainda são agravadas pela postura derrotista ou pela exacerbação de desarmonias de toda natureza, por meio de comportamentos inadequados na área de hábitos e atitudes. Como todas as enfermidades do corpo e da “alma” são multifatoriais, o tratamento das mesmas deve requer a associação da medicina terrena e a medicina espiritual e a ninguém é lícito autorizar o doente a abandonar a medicina dos encarnados antes de concluir o tratamento prescrito. Na dúvida, em relação aos procedimentos do médico, devemos procurar outro profissional com essa qualificação para discutir o tratamento. A nenhum encarnado, sem qualificação técnica, é dado o direito de interferir no tratamento terreno ou suspende-lo. Mesmo os espíritos com alguma evolução respeitam essa posição. Os mentores espirituais, quando submetem o paciente a tratamento espiritual, solicitam que o médico terreno seja consultado para verificar ou atestar o resultado do tratamento e muitos são os profissionais da medicina terrena já aceitam a existência dessa modalidade de terapia.

Nota dos Autores

1) Aliás, a realidade é muito pior do que isso. No meio acadêmico mundial, não apenas brasileiro, qualquer um que admita a possibilidade de uma consciência que não resida apenas no cérebro físico o destino é o ostracismo científico. Um verdadeiro exílio se estabelece e ninguém mais escuta o indivíduo

2) Fontes como as criaturas espirituais andando a esmo pelas ruas ou em ambientes normalmente ligados ao delito e desvios de conduta, como ambientes sexualmente lascivos, casas de detenção, pontos de consumo e tráfico de entorpecentes, bares e muitas outras, além de inimigos e desafetos do presente e de outrora

Comprometimento com os Trabalhos do Cristo

A Doutrina dos Espíritos dá grande ênfase no trabalho e no estudo, apregoando que servir é uma benção e que precisamos acordar de nossa letargia espiritual, despertando os mais nobres sentimentos, que ainda estão “deitados eternamente” em berço esplêndido. Tudo isso é muito louvável e desejável.

Para aquele que quer trabalhar e servir basta a boa vontade ou, como coloca Aniceto, “*bastam o sincero propósito de cooperação e a noção de responsabilidade para que sejamos iniciados, com êxito, em qualquer trabalho novo*” (“**Os Mensageiros**”, página 271). Obviamente que o preparo é consequência do estudo e da vontade de servir. Como entre os encarnados, nos planos espirituais o estudo é etapa imprescindível ao trabalhador qualificado. Quem quer trabalhar com medicina espiritual deve se capacitar no estudo das radiações e na estrutura dos corpos espirituais e isso acontece com todas as áreas. Na ausência do conhecimento, o instrumento mediúnico perde em qualidade, como já discutimos.

A enfermeira Narcisa, de Nosso Lar, disse “*Anima, eleva, educa, desperta, sem ferir os que ainda dormem. Deus opera maravilhas por intermédio do trabalho de boa vontade sincera!*” (“**Os Mensageiros**”, página 272), estimulando André Luiz a se lançar ao trabalho fraterno de atendimento aos necessitados.

Como faltam exemplos como esse! Quantos médiuns se sentem santos e ignoram a humildade de abrir um livro e admitir que desconhecem o seu conteúdo!

Essa frase atribuída a Narcisa também traz um alerta contra os intelectualismos, que tanto colaboram para elitizar o movimento espírita. Nesse particular, o estudo e a cultura geral são muito desejáveis na seara dos trabalhadores do Cristo, o que não faz bem é a propensão ao ditatorialismo e arrogância que tantas vezes corroem esses trabalhadores com maior cultura formal, que, segundo André Luiz, são os pesquisadores de superfície. Algumas questões emergem desse quadro.

(...) Como recomendar humildade àqueles que a pregam para os outros; como ensinar a paciência aos que a aconselham aos semelhantes, e como indicar o bálsamo do trabalho aos que já sabem condenar a ociosidade alheia? Não seria contrassenso? (“**Os Mensageiros**”, página 285).

A resposta é difícil e depende do despertar verdadeiro de cada um de nós. Pelo amor ou pela dor; uma expressão que se tornou tão comum (e verdadeira) no meio espírita.

O instrutor de André Luiz, Aniceto, sente a dificuldade que encaramos quanto ao fator “comprometimento com o trabalho” e conclui (“**Os Mensageiros**”, página 285):

(...) Ler os regulamentos da vida para os cegos e para os ignorantes é obra meritória, mas, repeti-los aos que já se encontram plenamente informados, não será menosprezo ao valor do tempo? Alma alguma, nas diversas confissões religiosas do Cristianismo, recebe notícias de Jesus, sem razão de ser. Ora, se toda condição de trabalho edificante traduz compromisso da criatura, todo conhecimento do Cristo traduz responsabilidade. Cada aprendiz do Mestre, portanto, está no dever de observar a consciência, conferindo-lhe os alvites profundos com as disposições evangélicas.

No primeiro aniversário da Fundação Espírita-Cristã Adolpho Fritz, no município de Teresina, capital do Estado do Piauí, pudemos escutar as palavras de luz que brotavam da boca do médium Paulo James, amigo de todas as horas, trazidas pelo médico alemão que sempre cobra devotamento, comprometimento com o trabalho, dizendo que...

As vibrações chegam ao grupo e à equipe espiritual e no tornamos “gigantes”, destemidos e aptos a enfrentar qualquer mal, porque

Sempre falava alto, com voz firme e decidida, estimulando o estudo e cobrando dedicação. Minutos depois, ainda com forte sotaque alemão (inclusive tive a oportunidade de entender, com meu parco domínio da língua de Goethe, o bom médico orientando, em alemão padrão, uma médium que apresentou uma catarse (1)), ele concluiu:

Precisamos de médiuns que queiram trabalhar, que pensem “grande”, mas com humildade, com dedicação ao Evangelho. Médiuns que perseverem, capazes de tirar das pedras do caminho, das dificuldades, as lições de vida que cada um necessita para sua reforma pessoal, íntima, que deve ser perseguida o tempo todo.

Na mesma comunicação, o nobre amigo relata que a espiritualidade estuda os grupos mediúnicos como forma de auxiliá-los no trabalho, procurando perseverança e dedicação, que, quando são demonstradas pelos encarnados, acabam se convertendo em um depósito de grandes esperanças por parte do Invisível, para os trabalhos de evangelização e assistência. Nessa filosofia, cada um recebe as condições mais adequadas para as atividades que deverá desenvolver (a cada um será cobrado de acordo com o que lhes foi dado, segundo o **Evangelho de Lucas** 12: 47-48 (2)). Obviamente, encontrar pessoas realmente compromissadas com as atividades das casas espíritas não é difícil, mas mantê-las envolvidas com o trabalho, em função das dificuldades do dia-a-dia, constitui um objetivo bastante distante de ser alcançado ainda. A maioria das pessoas que diz ter vontade de trabalhar acaba desistindo diante da necessidade do estudo e das cobranças que todo trabalho suscita. A obra de André Luiz mostra que essa dificuldade é muito grande e generalizada (nos diversos planos), como podemos ver nos textos a seguir, retirados integralmente de “**Os Mensageiros** (página 179 e 180)”.

Discutindo sobre o comprometimento e a dedicação ao trabalho espiritual, o senhor Bacelar, um chefe de turmas de auxílio aos encarnados, comenta:

(...) A maioria dos irmãos que se propõem ao serviço, partem daqui prometendo, mas gostam de viver descansados, no planeta. Poucos fogem ao estalão comum. Raramente encontramos companheiros encarnados com bastante disposição para amar o trabalho pelo trabalho, sem ideia de recompensa. A maioria está procurando remuneração imediata. Nessas condições, não percebem que a mente lhes fica como aposento escuro, atulhado de elementos inúteis. À força de viciarem raciocínios, confundem igualmente a visão. Enxergam tormentas onde há paisagens celestes, montanhas de pedra onde o caminho é gloriosa elevação. De pequenos enganos a pequenos enganos, formam o continente das grandes fantasias. Daí por diante, a recapitulação das experiências terrenas inclina-os, mais fortemente, para a exigência animal e, chegados a esse ponto, raros voltam ao dever sagrado, para considerar a grandeza das divinas bênçãos.

Nosso interlocutor fez uma pausa e tornou:

— E o “desculpismo”? Nesse terreno de assistência espiritual, verão, um dia, quantos pretextos são inventados pelas criaturas terrestres por fugir ao testemunho da verdade divina, nas tarefas que lhes são próprias.

O desculpismo? Senhor, meu Pai, quanta imaginação...

Quase sempre as pessoas não querem estudar, querem se reunir e conversar; não querem aprender, mas exportar suas crenças pessoais, por mais descabidas que possam ser. Querem falar, mesmo sem ter em o que proferir. Não querem servir e auxiliar, mas mostrar ao mundo o quanto seus espíritos já evoluíram. Temos presenciado muita coisa desse tipo na seara cristã e ficamos profundamente decepcionados. Aquele que espera a admiração dos homens, já recebeu em vida o que lhe cabia; o evangelho é claro sobre isso.

Durante muito tempo, acreditei que alunos de primeiro ano de graduação em universidades fossem os seres mais criativos para justificar ausências ou desempenho precário em avaliações e provas, em atividades de laboratório ou coisas do tipo, mas estava errado. Os servidores da casa espírita são mais criativos e imaginativos, mas creio que o mesmo ocorre na maioria das crenças e religiões que permitem liberdade de pensamento. Vejamos algumas frases frequentes nas atividades de Centros Espíritas:

- 1) “Foi o desdobramento, durante a palestra, que me fez ficar como que dormindo”;
- 2) “Tive que ficar com o meu filho, que veio me visitar”..., mas o filho estava na sessão de estudos, na casa espírita, enquanto a autora dessas palavras assistia a reprise do último capítulo da novela;
- 3) “Esse horário de verão me atrapalha demais....” E os problemas de assiduidade e dedicação no inverno?
- 4) “Olhe, gosto do estudo, mas vocês têm que ler o livro pra mim porque em casa não tenho tempo para isso”... O que é pouco produtivo, tratando-se do estudo da obra de André Luiz, por exemplo, com milhares de páginas e pouco mais de uma hora por semana destinada a esse objetivo, o que nos obriga a ter aulas formais sobre cada tema ligado à obra citada;
- 5) “Meu (minha) marido (esposa) não me deixa vir mais do que um dia da semana no centro, isso quando permite...”, sendo que o (a) próprio (própria) estava em bela pescaria (ou outra atividade).
- 6) “É cedo demais, não consigo arrumar a casa até esse horário...”
- 7) “Saio correndo da empresa a semana toda e de domingo é muito cedo para o evangelho, preciso me refazer...”

Sabemos que os imprevistos acontecem, que problemas familiares podem interferir, mas nos questionamos as razões que levam algumas pessoas a terem tantos problemas para frequentar e trabalhar nas casas espíritas e essa é uma reclamação geral, da maioria dos centros. Tem gente que acha que polemizar com tudo é demonstrar conhecimento, mas o conhecimento verdadeiro é aquele que se converte em sabedoria, em prática de vida.

Sendo o Centro Espírita um ambiente livre, onde cada um deve ficar apenas quando se sente bem, a maior fonte de inconsistência na nossa participação, nas atividades das casas, tem na falta de comprometimento e crescimento espiritual a sua origem. Precisamos acordar para o fato de que seremos os maiores beneficiários com as nossas atividades de bom coração. Não fazemos favor a ninguém não, só a nós mesmos.

Em um livro psicografado por Carlos Baccelli, tendo como autor espiritual Inácio Ferreira, o nobre amigo coloca que ainda não saímos da letargia espiritual. Esse estado de coisas nos confina, limita e escraviza e temos de buscar a saída de alguma maneira. É aí que entra a obsessão e não me refiro aos danos que o estado obsessivo provoca no indivíduo, mas sim ao fato de que o obsessor irá empurrar, mesmo sem saber ou desejar, o indivíduo para o tratamento espiritual e quando o problema estiver equacionado, solucionado, os irmãos envolvidos, encarnados e desencarnados, terão se libertado do transe que o mundo e suas próprias condições evolutivas impunham sobre eles, o que é muito importante, uma vez que estamos adentrando, decididamente, a era do espírito, da interconexão das coisas e das filosofias.

Essas dificuldades de comprometimento são bastante exploradas na obra de André Luiz. As palavras de Aniceto, sobre as dificuldades relativas à execução de atividades espirituais são claras (“**Os Mensageiros**”, páginas 265 e 266):

— Realizar uma sessão de trabalhos espirituais eficientes não é coisa tão simples. Quando encontramos companheiros encarnados, entregues ao serviço com devotamento e bom ânimo, isentos de preocupação, de experiências mal sucedidas e inquietações injustificáveis, mobilizamos grandes recursos a favor do êxito necessário. Claro que não podemos auxiliar atividades infantis, nesse terreno. Quem não deseje cuidar de semelhantes obrigações, com a seriedade devida, poderá esperar fatalmente pelos espíritos menos sérios, porquanto a morte física não significa renovação para quem não procurou renovar-se. Onde se reúnam almas levianas, aí estará igualmente a leviandade... Em todos os setores evolutivos, é natural que o trabalhador sincero e eficiente receba recursos sempre mais vastos. Onde se encontre as atividades do bem, permanecerá a colaboração espiritual de ordem superior.

Para dar novas cores ao final dessa discussão, gostaria de lembrar que André Luiz sentiu profundo remorso pelo rendimento acanhado de sua última encarnação terrena, pelo menos no plano das atividades espirituais, e isso fica mais evidente quando o Dr Henrique de Luna, que o atendeu em Nossa Lar, declara que o bom amigo havia sido enviado para a Terra pelos Maiores da Espiritualidade Superior, para trabalho edificante que não se consumou. Cada um de nós é cobrado de acordo com as ferramentas e possibilidades de trabalho que tivemos nas mãos. Essa realidade é retratada desde os primórdios do cristianismo.

Então, abdicuemos dos direitos que ainda não conquistamos e sigamos a jornada em direção ao autoconhecimento e

concretização dos nossos ideais, sem titubear ou desviar do caminho mais correto. Sabemos que isso não é facilmente atingido, mas para aqueles que estão com o Cristo, as dificuldades são ótimas aulas para o crescimento e o amadurecimento pessoais.

Mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Eduardo; data: 25 de dezembro de 2012)

O tempo tem feito milagres na maneira de pensar de cada um.

Não devemos deixar para o amanhã todos os compromissos do presente, posto que cada um de nós, quando encarnado, representa uma coletividade fraterna, a nossa família espiritual, que também sofre com nossas frustrações e decepções.

O nosso retorno ao plano físico é fruto de planejamento e preparação de muitos e não temos o direito de ignorar isso. Eu não posso dizer que segui essas palavras quando estive entre vocês e logo entenderão os meus motivos.

Vocês não me conhecem, pelo menos acho isso, e agora vou me apresentar. Durante minha última existência aí, me chamavam de Eduardo e, embora vivendo em família humilde, de gente que tem que trabalhar para comer, sempre tive toda a atenção de meus pais.

Ele, meu velho, era e é uma pessoa boa, mas confundia direitos com deveres e se omitia de ambos. Quando dei os primeiros sinais de que me encontrava batendo nas portas do vício, ele deixou de me advertir de forma mais enfática porque o alcoolismo também vivia dentro dele.

Minha mãe era e é muito amorosa. Depois que vim para o outro lado da vida, ela passou a sentir a minha presença em diversos momentos, mas pensava que eram saudades e não percebia que eu estava ali, chorando e pedindo perdão pelo que fiz comigo mesmo, até que meu avô me levou para tratamento médico. Existe isso aqui também. Ela não tinha o pulso firme e achava que eu iria gostar menos dela se me proibisse de trilhar o caminho que eu estava percorrendo. Ledo engano mamãe, mas não se preocupe, isso também se converteu em aprendizado para a senhora e para mim.

Não culpo ninguém pelo que ocorreu e vejo no espelho, todos os dias, o responsável pelas minhas agruras. Vou mudar e sei que vencerei mais essa.

Não cometi loucuras não, não se iludam. Só tomei uns porres, que foram o suficiente para que minha vida encontrasse fim no para-choque de um caminhão parado na rua. Não pude culpar nem o outro motorista, uma vez que não tinha ninguém ali. Antecipei meu retorno, ao mundo dos espíritos, em 70 anos. Isso mesmo, nada fiz em vida porque vim para cá muito antes do planejado.

A espiritualidade foi a culpada?

Amigos meus, quem bebeu fui eu, quem dirigiu bêbado fui eu e na hora de dar o nome aos bois vou atribuir a coisa toda a algum companheiro invisível?

Claro que não, mas hoje sei que o meu carro estava cheio de gente que bebia comigo, sem que eu soubesse.

Mas a culpa foi desses companheiros espirituais ou de um jovem que brincou com a própria vida, confundindo liberdade com irresponsabilidade?

Aprendi a não culpar os outros e devo isso aos meus pais.

Quantos estão na mesma situação que eu me encontrava? Um monte de gente e o pior é que culpam os outros... Sempre os outros.

Tudo isso que narrei ocorreu há anos e o que mais me arrependo é que aqui conheci aquelas que seriam minhas maiores parceiras, minhas filhas amadas. Elas me receberam com um amor e carinho que fazia com que a dor aumentasse ainda mais no meu estado. Enquanto estamos cegos, tudo bem, mas quando passamos a entender as coisas, a dor bate com força.

Vocês acham que não dói ser amparado por aquelas que eu receberia como filhas? É difícil, mas superei.

No início, antes de ter consciência do desencarne, eu seguia minha mãe e meu pai até as atividades mediúnicas. Eles não eram verdadeiramente espírito, mas na hora que a coisa aperta, todos correm para algum lado. Eles procuravam conforto e eu não entendia o que ocorria. Lá eu me acalmava um pouco.

Vocês não sabem quantas vezes fui levado ao Centro Espírita em estado de choque.

Com os meses se passando, fui sendo preparado e encaminhado pelo meu avô para um hospital especializado no tratamento de jovens que sofreram morte abrupta e foi aí que descobri que não estava mais entre os “vivos”. Mais da metade daqueles que conheci no hospital tinha problemas com álcool e outras drogas. Era muito feio aquele estado de coisas.

Embora atenciosos comigo, quando o tratamento envolvia a participação de atividades junto dos encarnados logo percebia que o discurso acabava mudando.

Muita gente aí só vai para a casa espírita por obrigação, como se fosse ficar sem os dedos, mas sem vontade alguma também. Vai por que tem medo de não ir. Cara, é triste a coisa. Estão lá com a cabeça na festa, no sexo, no futebol, nas intrigas e nos desejos que são evidentes para aqueles que estão junto de nós, aqui desse lado.

Não é raro que nossos instrutores nos levem a outras igrejas ou templos, espíritas ou não, quando percebem que o sentido da vaidade fala mais alto no coração do médium do que a vontade de ajudar. Ficar perto dessas pessoas piora ainda mais a nossa fragilidade naquela hora. É muito ruim, por isso nos levam para outros lugares.

Mas o que posso eu falar? Nada. Não fiz eu pior com meu corpo?

Alguns dos amigos que estão trabalhando na casa espírita soltam da base da cabeça e das costas uma massa escurecida que meu instrutor, o padre Tomás (em realidade o amigo se refere ao frei Tomás), disse ser o ódio e a vaidade líquida. Sempre dou risada quando ele fala isso. Sei que aquilo não é líquido, mas parece escorrer e em alguns momentos se concentra na garganta do sujeito ou desce até as virilhas ou abdômen. O padre me disse que nos primeiros é fruto da maledicência, nos outros, do abuso do sexo ou da gula.

O bom padreco, muito bacana por sinal, diz sempre que aquele amigo fala muito mal dos outros, enquanto o outro parceiro trai a esposa com outra trabalhadora da casa cristã e estava pensando nos momentos de intimidade, mesmo sentado junto à mesa dos trabalhos. Os espíritos têm de isolar esses pobres coitados para que não atrapalhem tudo. Os dois acham que estão fazendo um favor à causa espírita, sentando à mesa e doando suas energias...

E que energias...

Tem muita gente boa também trabalhando e o bom padreco fala sempre que Deus só quer que tenhamos boa vontade, o resto vem por acréscimo.

Dói muito saber que eu reencarnei da última vez, mas continuei dormindo. Só peço a vocês que não me julguem um coitado, por que seria injusto atribuir os meus erros ao destino. Tem gente que vence sofrendo uma barbaridade e eu sempre tive tudo que precisei.

Talvez eu tenha plantado esse destino na minha frente, mas de qualquer forma, pude acordar desse lado da vida. Não passei anos e anos mumificado, em estado de zumbi, como acontece com tantos que desencarnam sem muita noção da morte e do espírito.

E aqueles que estão vivos no corpo e perdem todas as oportunidades que a vida dá? Não estão eles em situação pior?

Não quero com isso estimular a irresponsabilidade que me levou a perder o corpo físico, mas apenas colocar que a maioria dos verdadeiros mortos ainda respira e se alimenta entre vocês, no plano de vocês. Eles não são obsessores ou espíritos presos aí, mas sim encarnados que vivem como mortos. Inertes e entregues à correnteza.

Ignoram tudo que acontece em suas vidas, todos os avisos, todas as súplicas de seus amigos e amados, como eu mesmo fiz. Para eles, “sempre há tempo”, “deixa disso” e “eu chego lá, mais cedo ou mais tarde”, mas o futuro pode ser

abreviado em décadas por um para-choque de caminhão, poste de concreto ou uma bala perdida.

Por muito tempo senti as dores de minha mãezinha, mas foi meu pai, que por falta de alguma fé, se entregou primeiro. Seguindo suas tendências, a bebida não larga mais de suas mãos e está fazendo um estrago danado. O padre disse que está ajudando-o, mas não pode fazer o que cabe ao meu pai e que cada um tem que fazer tudo que pode para seguir em frente, mas sinto que parte dessa loucura que o velho tem passado é remorso. Sei que o padre tem razão.

Já conversamos muitas vezes, eu e meu pai, mas não estou em condições de ajudá-lo. Mostrei a ele que a culpa pelo que ocorreu é toda minha, mas coração de pai não sabe onde termina a sua responsabilidade e começa a do filho. É mais difícil para ele do que para mim. As enfermeiras daqui estão tratando dele quando ele adormece, por pedido nosso.

Não posso ficar muito tempo perto dele, porque ainda não tenho paz no coração, mas Deus é misericórdia, justiça e compaixão e sei que poderemos ajudá-lo mais, em breve.

Temos obrigações sim. Aqueles que não gostam de se ver diante de um mundo de deveres de todos os tipos, que aproveitem a estada que essa vida oferece aí, mas acho que deveriam trabalhar mais para superar essa preguiça danada, porque aqui, no retorno, a coisa pega e a turma acaba sempre colocando todos os pontos sobre a mesa, com toda educação por sinal, e é melhor que seja assim mesmo, para impedir que continuemos iludidos sobre o que somos.

Para encerrar, eu gostaria de dizer que a “vida na morte” é a continuação do que vivíamos aí, mas aqui ninguém irá endossar os sonhos tolos que criamos ou as desculpas que criamos. Aquele que apenas bate nas nossas costas e diz “sim” merece atenção redobrada. Alertar é mais difícil e só quem se importa com a gente faz isso.

A dedicação é a mãe do comprometimento, como diz o padre, e a dor é a órfã de ambos.

Não deixem morrer os sonhos que vocês nutriam aí, trabalhem para concretizá-los.

Segunda mensagem psicográfica sobre o tema (Autoria: Frei Tomás; data: 26 de dezembro de 2012)

“O tempo tem feito milagres na maneira de pensar de cada um”, disse nosso querido irmão. Essas palavras não jazem desconexas no fundo de algum baú, para serem analisadas tal qual uma cápsula do tempo, mas constituem um resumo do que observamos na psique humana e sua interação com a vida, presente sublime de Deus.

No presente, após séculos da pressão esmagadora de crenças que criminalizavam nossos deslizes e fraquezas na ascensão evolutiva, tudo passou a ser interpretado como natural e aceitável, passível de considerações. O lícito foi flexibilizado, misturando-se, de forma promíscua, com os desejos não declarados de todos nós. O sentimento de culpa, que maculava a consciência, de forma opressiva, foi substituído pela noção equivocada e distorcida do “tudo me é permitido”. Um erro grave substituiu outro, gerando doenças de todos os tipos.

Quando estamos na crosta, essas ideias de que tudo podemos desde que com parcimônia, traz algumas vantagens, pois permite o crescimento e o amadurecimento de nossas faculdades e pontos de vista, mas representa uma concessão do tempo, que há de cobrar o que nos foi dado. Temos um prazo para concretizar nosso planejamento reencarnatório e essa postura de “deixar vir” ou “deixar a correnteza levar” tem o inconveniente de que, em mentes frágeis, leva a uma postura de comodismo, de total indiferença com a vida. Na ausência do cabresto religioso, tão lesivo, somos lesados pela nossa falta de coragem em realizar o que nós mesmos propusemos aos que nos afiançaram a reencarnação. Estancamos, imóveis, diante dos desafios que urgem.

Muitos jovens abraçam alguns princípios da Doutrina dos Espíritos, exatamente em função da modernidade desses princípios, mas se esquecem de todos os outros elementos que os chamam do sono letárgico em que se encontram. Lutamos contra a culpa que oprime, e isso é justo, mas lembremo-nos da responsabilidade individual e intransferível na construção de nossas vidas.

O equilíbrio em nossas atitudes não é e jamais será motivo para coroar a inércia de tantos.

Quando o desencarne liberta-nos das amarras mais densas, olhamos ao nosso redor e não entendemos a tristeza que se esboça no espelho de nossa alma.

Vencemos, não vencemos? Fui uma pessoa boa, não fui?

Sempre somos tratados com todo carinho, uma vez que os já libertos sabem das dificuldades que as ilusões terrenas produzem naqueles que se mantêm no sono espiritual. Eles nos apoiam e estimulam o aprendizado. Retornamos aos estudos; nossas famílias nos envolvem com amor e reiniciamos o trabalho e novos afazeres se apresentam. Com os dias, meses e anos, as saudades terrenas se transformam e a compreensão passa a ditar novas sensações e ideias, que se dilatam exponencialmente.

Nesse ponto descobrimos que, dentro de cada um de nós, existe outro ser, amordaçado e que quer falar. Ele precisa falar; desobstruir a garganta, gritar que está vivo, porque nós o ignoramos por muito tempo. A voz da consciência brada em nosso íntimo.

Dia a dia, o auxílio que recebemos de nossos amigos, dos dois lados da vida, se revela. Os padrões de nossos atos e pensamentos, que poderiam ser considerados caóticos, agora evidenciam todo o comprometimento da espiritualidade em prover o suporte que necessitávamos no plano físico e que negligenciamos em prol de uma pseudoliberalidade. Começam a aparecer lembranças de coisas que deveríamos ter feito, de amigos e companheiros que pretendíamos auxiliar e nada fizemos. De tudo que foi investido em nós, pouco ou nada se concretizou. Lágrimas brotam e nossos amados sabem o que elas significam. Naquele momento nos reencontramos com o “eu” e as máscaras caem.

A tristeza pelo desperdício de tantas oportunidades úteis se impõe e pouco podemos fazer por aqueles que sofrem, além de palavras amigas e apresentar a filosofia do Cristo Senhor, que consola e explica os infortúnios que nós mesmos colocamos em nossa jornada.

A vida que já envergamos na Terra deve ser compreendida como uma oportunidade santa que nos foi confiada por misericórdia divina. Somos espíritos profundamente endividados perante a nossa própria consciência, de forma que os pouquíssimos missionários se perdem, numericamente falando, em um oceano de companheiros que padecem da necessidade premente de se fazerem úteis à humanidade que eles mesmos lesaram, com seus atos ou com sua indiferença e inércia, com a finalidade de justificar a própria existência em um corpo material.

Buscam o ventre materno como tentativa derradeira de se perdoarem pela inoperância e inobservância das leis divinas em sua última existência. As boas intenções são sempre endossadas por aqueles que nos amam e esses são muitos, como também numerosos são aqueles que, tendo sido prejudicados por nosso modo de ser, não nos olham com os olhos da compaixão e clamam vingança.

A esses pobres “ricos” irmãos, que desperdiçam o tempo precioso tentando atribuir aos outros a miséria que os mantêm presos aos vales de dor e sofrimento, devo confessar que, para se libertarem dali, terão de encarar a realidade, do contrário, sofrerão e a corrigenda fará o seu serviço de prepará-los para o retorno. O homem novo surgirá da nossa vontade em crescer e da renúncia das nossas más tendências. Trabalhem nisso sem gerar culpa ou remorso.

Meus queridos, a vida, principalmente na juventude do corpo físico, apresenta condições plenas para o amadurecimento de todas as nossas potencialidades. O conhecimento nos é fornecido durante o período de vigília e a sabedoria nos é apresentada por todos aqueles que dividem os nossos anseios, nos momentos de emancipação da alma, nos desdobramentos do sono.

Porém, o homem encarnado não é escravo dessas forças que o amparam na jornada no plano físico, mas deve se lembrar do papel que pretendia executar no retorno à Terra. Nada substitui a boa vontade e o comprometimento com o trabalho e ninguém pode forçar o trabalhador a executar suas atividades com esmero, embora ele tenha de reconhecer que seu pagamento será dado segundo a doutrina cristã, onde a cobrança será proporcional ao que lhe foi investido. É o peso da responsabilidade.

O chamado do Cordeiro de Deus para o trabalho é intransferível e direto. Você é o escolhido. Jesus falou ao seu coração.

Como Deus, nosso Criador, solicitou ao Cristo que viesse aos homens para nos trazer Suas palavras de redenção, hoje é o Ungido que solicita a você que faça a sua parte e o faça com amor. Trabalhando você vai crescer e será o maior beneficiário de tudo.

Jesus não nos desampara e sempre renova seu chamado amoroso e firme ao trabalho. Ao abraçarmos esse

chamamento vibrante, devemos deixar de lado as mazelas e os impedimentos de toda ordem, como Ele já havia demonstrado no evangelho, libertando-nos de nossa natureza ainda tão imperfeita.

Entreguemo-nos ao Senhor de coração aberto e alma limpa. Façamos de nossos atos e palavras o antídoto para as dores do mundo e de nossa consciência faltosa.

O jovem Eduardo, que utilizou o medianeiro antes dessas palavras, é um menino muito querido por todos nós. Espírito de grande sensatez, morreu para a carne em acidente automobilístico após alguns copos de bebida alcoólica e o que mais o perturbou, no seu retorno ao mundo espiritual, foi contemplar o que ele deixara de concretizar em vida, em função do seu desencarne precoce. Deveria constituir família, com três belas meninas esperando a oportunidade de tê-lo como pai amado, onde iriam apoiá-lo em sua longa jornada de médium profundamente inspirado e que deveria divulgar a Doutrina dos Espíritos no seio de outras igrejas cristãs. Nada fez quanto a isso e muita dor sente por isso. Hoje ele tem consciência do quanto recebeu e do pouco que pôde retribuir aos que tanto o ajudaram.

Esses amigos invisíveis somente pediam para que ele não viesse a beber e deixasse para trás o passado de dependência ao álcool. Ele não escutou as muitas advertências. Foi levado inúmeras vezes, em desdobramento, para Alvorada Nova, sua casa maior, onde seus amigos espirituais mostravam os caminhos mais dignos a seguir e, mesmo assim, não foi capaz de vencer a imprevidência que assalta a vida de tantos jovens. E no presente essa problemática é ainda mais grave do que quando ele retornou ao mundo espiritual.

Essa falta de comprometimento com a própria vida não se limita aos jovens e tampouco aos que não conseguem se manter distantes da sedução da vida mais fácil e do prazer a qualquer preço. Os trabalhadores de nossa seara cristã também sofrem desses males.

As considerações que o jovem Eduardo fez sobre o atendimento em nossas casas de oração são reais. Dirigentes espíritas que se tornam escravos do seu ego ou instrumentos de discórdia, além de padres, pastores e outros sacerdotes que têm a palavra divina na ponta da língua, mas distantes do coração. Pregam, mas não praticam.

É essa falta de comprometimento com o próprio ser que cria as maiores dificuldades e dramas após o desencarne. Dormitam e desorientam os filhos de Deus e esperam o regresso cheio de glórias de uma vida destinada a saciar as suas fantasias, vítimas de obsessores que em tudo se assemelham a eles mesmos e que, por afinidade fluidica, não se separam em hipótese alguma.

Sim meus amigos, a maioria dos médiuns padece de obsessões tenebrosas, movidas pelo seu passado faltoso e alimentadas pelo orgulho e falta de modéstia.

Nós encaminhamos os espíritos sofredores e revoltados para as casas de reeducação espiritual não apenas para auxiliá-los, mas também para permitir que médiuns psicofônicos, psicográficos, esclarecedores e de suporte despertem para sua realidade pessoal. Quem sabe se, escutando as palavras e gemidos de dor alheios, eles despertam para a vida que ainda possuem aí... Esse é o nosso desejo.

Os braços abertos do Cristo nos esperam. Levantem-se de suas poltronas confortáveis e deem um pouco de seu tempo e do conhecimento que lhes foi transferido. Usem-no em prol de vocês mesmos, auxiliando com sorriso nos lábios aqueles que procuram seu apoio no trabalho, na Igreja ou no Centro Espírita. Não podem existir “personagens” diferentes dentro de vocês, onde o bom pai reside também deve se existir alguém se esperando em ser um bom companheiro, patrão ou empregado. Tudo é obra de Deus e Ele quer que cuidemos de Seus filhos menores.

Assim, sejamos amigos, pais, filhos, mestres e aprendizes cientes de nossa relação com o Criador, traduzindo boa vontade, uma vez que ainda temos tão pouco de nós mesmos a oferecer e a doar.

A mente aberta para aprender mais e mais e o coração limpo para auxiliar. Esse é o segredo da felicidade. Só isso basta para que trabalhemos com o Cordeiro de Deus nesse mundo tão conturbado.

Jesus é amor e esperança, que abrem as portas e nos conclamam à mudança.

Que o manto sagrado de Maria, nossa mãe, cubra a todos com sua luz.

Esqueçamos as dores da ociosidade e passemos à ação.

RESUMO DO CAPÍTULO: os espíritos nos advertem que a vida é uma escola que cobra segundo as oportunidades que nos foram concedidas e os méritos alcançados. O objetivo maior da existência em curso, que, aliás, é a mais importante de todas as que envergamos, é o aprimoramento pessoal. Assim, não basta ser bom, é necessário tornar-se melhor. Esse princípio exige dedicação e aderência a uma nova maneira de encarar os desafios; exige autoconhecimento e vontade de crescer. É muito comum que as primeiras vitórias nesse campo estejam ligadas a uma sensação de euforia, mas como toda transformação depende de tempo para consolidação das novas aquisições, por vezes caímos em desânimo. Muitos cristãos, espíritos inclusive, acreditam que basta o comparecimento em reuniões religiosas para imprimir a verdadeira modificação de perspectivas em nossas existências e isso é uma ilusão. Apenas o trabalho frequente e incansável poderá prover o suporte para o crescimento espiritual que todos aspiramos. Pela obra de André Luiz verifica-se que iremos nos deparar com nossos sonhos e compromissos pré-reencarnatórios após o retorno para os planos espirituais e é nesse momento que a cobrança será feita segundo os elementos que estiveram à nossa disposição para o trabalho.

Nota dos Autores

1) É um processo de limpeza, de autodepuração fluídica, muito comum em médiuns iniciantes. A jovem chorava e descrevia os horrores de tantos que pereceram nas mãos das armas e líderes insanos, sendo que o bom espírito pediu, em tom imperioso, que ela se controlasse e falasse em português, para que todos pudessem compreender. Solicitou ainda que a jovem se libertasse das dores e amarras do passado.

2) O servo que soube a vontade do seu senhor, e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites; mas o que não a soube, e fez coisas que mereciam castigo, com poucos açoites será castigado. Daquele a quem muito é dado, muito se lhe requererá; e a quem muito é confiado, mais ainda se lhe pedirá.

Para meditação

A vida não cessa. A vida é fonte eterna, e a morte é o jogo escuro das ilusões. “Nosso Lar”

O ministério mediúnico, o serviço incessante em benefício dos enfermos, o amparo materno aos órfãos nesta casa de paz, aliados aos profundos desgostos e duras pedradas que constituem abençoado ônus das missões do bem, prepararam-lhe a alma para esta hora... “Obreiros da Vida Eterna”

Os imperativos da evangelização preponderam aqui sobre os demais. “Obreiros da Vida Eterna”

Quantos pregam a verdade sem aderirem intimamente a ela? “Missionários da Luz”

O homem que apregoa o bem deve pratica-lo se não deseja que as suas palavras sejam carregadas pelo vento, como simples eco dum tambor vazio. “Missionários da Luz”

...que dizer dos companheiros, portadores de luzes verbais para os outros, que nunca iluminam a si mesmos. Catalogar valores não significa vive-los. “Missionários da Luz”

Somente são dignos da verdade plena os que se encontram libertados das paixões. “Missionários da Luz”

...Como vemos, não é a rotulagem externa que socorre o crente nas supremas horas evolutivas. É justamente a sementeira do esforço próprio, nos serviços da sabedoria e do amor... “Obreiros da Vida Eterna”

– Ninguém corte, onde possa desatar... “Obreiros da Vida Eterna”

... recolhemos da vida exatamente o que lhe damos de nós. “E a Vida Continua”

...sexo é faculdade criativa, nos domínios do corpo e da alma. “E a Vida Continua”

Não adianta retirar a sucata que perturba um imã, quando o próprio imã continua atraindo a sucata. “Libertação”

Literatura citada e/ou recomendada

- Andrade, Hernani Guimarães. **Espírito, Perispírito e Alma**. 1ª ed. Votuporanga, SP. Editora Didier, 2006.
- Arantes, Hércio Marcos Cintra. **Notáveis Reportagens com Chico Xavier**. 1ª ed. Araras, SP: editora IDE, 2002.
- Argollo, Djalma. **Possibilidades Evolutivas**. 1ª ed. São Paulo, SP: editora Mnêmio Túlio, 1994.
- Baccelli, Carlos A. **Entre a Sombra e a Luz**. Pelo espírito Paulino Garcia. 3ª ed. Uberaba, MG. Ed. LEEP, 2001.
- Baccelli, Carlos A. **Na Próxima Dimensão**. Pelo espírito Inácio Ferreira. 5ª ed. Uberaba, MG: Ed. LEEP, 2003.
- Baccelli, Carlos A. **Reencarnação no Plano Espiritual**. Pelo espírito Inácio Ferreira. 3ª ed. Uberaba, MG: Ed. LEEP, 2009.
- Cunha, Heigorina. **Imagens do Além**. Pelo espírito Lucius. 2ª ed. Araras, SP: Editora IDE, 1996.
- Gaetti-Jardim Júnior, Elerson. **A Longa Jornada do Homem**. Pelo espírito Joseph Gleber. 1ª ed. São Paulo, SP: Digital books editora, 2012. Livro Digital.
- Gaetti-Jardim Júnior, Elerson. **Vida além da Vida**. Vol I. Pelos espíritos Joseph Gleber e Ishmael. 1ª ed. São Paulo, SP: Digital books editora, 2012. Livro Digital
- Gaetti-Jardim Júnior, Elerson. **Vida além da Vida**. Vol II. Pelos epíritos Joseph Gleber e Ishmael. 1ª ed. São Paulo, SP: Digital books editora, 2012. Livro Digital
- Gaetti-Jardim Júnior, Elerson; Chérci Júnior, Sérgio; Schweitzer, Christiane Marie. **Jesus: homem e espírito**. 1ª ed. São Paulo, SP: Digital books editora, 2012. Livro Digital
- Glaser, Abel. **Guerra no Além**. Pelo espírito Caibar Schutel. 1ª ed. Matão, SP: Casa Editora o Clarim, 2010.
- Jacobson Sant'Ana Trovão. **Psicofonia na Obra de André Luiz**. Editora da Federação Espírita do Estado de Goiás-FEEGO, 2012.
- Kardec, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. 51ª ed., Araras, SP: editora IDE, 1986.
- Kardec, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 91ª ed., Araras, SP: editora IDE 1994.
- Kardec, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 85ª ed. Araras, SP: editora IDE, 2008.
- Paviani, Agnaldo. **A Batalha final**. Pelo espírito José Lázaro. 2ª ed. Votuporanga, SP: editora Sintonia, 2009.
- Paviani, Agnaldo. **Médiuns, como estão? Para onde vão?** Pelos espíritos José de Moares, Pai Jacó e José Lázaro. 1ª ed. Votuporanga, SP: editora Sintonia, 2009.
- Pinheiro, Luiz Gonzaga. **Vinte Temas Espíritas Empolgantes**. 1ª ed.. editora EME, 1997.
- Pinheiro, Robson. **Além da Matéria**. Pelo espírito Joseph Gleber. 10ª ed. Contagem, MG. Editora Casa dos Espíritos, 2011.
- Ranieri, R. A. **Sexo Além da Morte**. Sob orientação de André Luiz. 15ª ed. Guaratinguetá, SP. Editora da Fraternidade, 1996.
- Roustaing, Jean-Baptiste. **Os Quatro Evangelhos. Revelação da revelação**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1920.
- Souza, Roberto Lucio Vieira de; Paulo, Jaider Rodrigues de; Dutra, Ligia Maria Pompeu; Moreira, Osvaldo Hely; Alves, Lenice Aparecida de Souza; Albuquerque, Alcione Reis; Diniz, Wellington Moreira. **Por que adoecemos? Princípios para a**

Medicina da Alma. 1ª ed. Belo Horizonte, MG: editora AME, 2012.

Trovão, Jacobson Sant'Ana. **Psicofonia na Obra de André Luiz.** 1ª ed. Goiânia, GO: editora FEEGO, 2012.

Xavier, Francisco Cândido. **Roteiro.** Espíritos diversos. 12ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2007.

Xavier, Francisco Cândido. **Ação e Reação.** Pelo espírito André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1957.

Xavier, Francisco Cândido. **Brasil - Coração do Mundo Pátria do Evangelho.** Pelo espírito Humberto de Campos. 17ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1988.

Xavier, Francisco Cândido. **E a Vida Continua.** Pelo espírito André Luiz. 33ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2009.

Xavier, Francisco Cândido. **Entre a terra e o céu.** Pelo espírito de André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ : Federação Espírita Brasileira, 1954.

Xavier, Francisco Cândido. **Falando a Terra.** Espíritos diversos. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ : Federação Espírita Brasileira, 1951.

Xavier, Francisco Cândido. **Libertação** – Pelo espírito André Luiz. 31ª. ed. Rio de Janeiro, RJ : Federação Espírita Brasileira, 2009.

Xavier, Francisco Cândido. **Missionários da Luz.** Pelo espírito André Luiz. , 5ª. Edição, Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1954.

Xavier, Francisco Cândido. **No mundo Maior.** Pelo espírito André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1947.

Xavier, Francisco Cândido. **Nos Domínios da Mediunidade.** Pelo espírito André Luiz. 2ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1955.

Xavier, Francisco Cândido. **Nos Domínios da Mediunidade.** Pelo espírito André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1955.

Xavier, Francisco Cândido. **Nosso Lar.** Pelo espírito de André Luiz. 61ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2010.

Xavier, Francisco Cândido. **Obreiros da vida eterna** – Pelo espírito de André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1946.

Xavier, Francisco Cândido. **Os mensageiros.** Pelo espírito de André Luiz. 45ª. ed. Rio de Janeiro, RJ : Federação Espírita Brasileira, 2011.

Xavier, Francisco Cândido. **Vinha de Luz.** Pelo espírito Emmanuel. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ : Federação Espírita Brasileira, 1952.

Xavier, Francisco Cândido; Arantes, Hércio Marcos C. **Estamos no Além.** Autores espirituais diversos. 2ª. ed. Araras, SP: editora IDE, 1983.

Xavier, Francisco Cândido; Cunha, Heigorina. **Cidade no Além.** Pelos espíritos André Luiz e Lucius. 1ª ed. Araras, SP: editora IDE, 1983.

Xavier, Francisco Cândido; Ramacciotti, Caio. **Crianças no Além.** Autores espirituais diversos 1ª. ed. São Bernardo do Campo, SP: Grupo Espírita Emmanuel S/C Editora, 1976.

Xavier, Francisco Cândido; Ramacciotti, Caio. **Jovens no além** – Autores espirituais diversos. 30ª. ed. São Bernardo do

Campo, SP: Grupo Espírita Emmanuel S/C Editora, 2011.

Xavier, Francisco Cândido; Ramacciotti, Caio. **Somos Seis**. Autores espirituais diversos. 9ª. ed. São Bernardo do Campo, SP: Grupo Espírita Emmanuel S/C Editora, 1979.

Xavier, Francisco Cândido; Ramacciotti, Paulo de Tarso. **Assuntos da vida e da morte**. Autores espirituais diversos. 1ª. ed. São Bernardo do Campo, SP: Grupo Espírita Emmanuel S/C Editora, 1991.

Xavier, Francisco Cândido; Vieira, Waldo. **Evolução em Dois Mundos**. Pelo espírito André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1958.

Xavier, Francisco Cândido; Vieira, Waldo. **Mecanismos da Mediunidade**. Pelo espírito André Luiz. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1960.

Xavier, Francisco Cândido; Vieira, Waldo. **O Espírito da Verdade**. Autores espirituais diversos. 10ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 1997.

Xavier, Francisco Cândido; Vieira, Waldo. **Sexo e destino** – Pelo Espírito de André Luiz. 32ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Federação Espírita Brasileira, 2008.

Yogananga, Paramahansa. **Karma e Reencarnação**. 2ª. ed. São Paulo, SP: editora Pensamento, 2012.